FOGO SANTO

UMA VISÃO EQUILIBRADA E BÍBLICA DA OBRA DO ESPÍRITO SANTO EM NOSSAS VIDAS



R.T. KENDALL

FAZ CHOVER PUBLICAÇÕES

Campos, RJ
2015

Table of Contents

FOGO SANTO
FOGO SANTO-1
FOGO SANTO-2
FOGO SANTO-3
FOGO SANTO-4
FOGO SANTO-5
FOGO SANTO-6
FOGO SANTO-7
FOGO SANTO-8
FOGO SANTO-9
FOGO SANTO-10
FOGO SANTO-11
FOGO SANTO-12
FOGO SANTO-13
FOGO SANTO-14
FOGO SANTO-15
FOGO SANTO-16
FOGO SANTO-17
FOGO SANTO-18
FOGO SANTO-19
FOGO SANTO-20
FOGO SANTO-21
FOGO SANTO-22
FOGO SANTO-23
FOGO SANTO-24

FOGO SANTO-25

TESTEMUNHOS DE RENOMADOS LÍDERES MUNDIAIS

O Dr. R. T. Kendall é um teólogo maravilhoso, um homem com anos de experiência, cujo equilíbrio e integridade me impressionam constantemente. Ele é autor de muitos livros inspiradores que ensinam, mas que também alimentam o espírito e a alma. *Fogo Santo* não é exceção. O Corpo de Cristo espalhado pelo mundo inteiro precisa ler e meditar nesta épica obra sobre o Espírito Santo. Precisa e transparente, ela o preparará para o maior avivamento que já está a caminho.

— JOHN ARNOTT
Catch the Fire Ministries, Toronto

Este é um livro escrito tanto para evangélicos carismáticos quanto para os conservadores. Ele foi feito não apenas para torná-lo sedento por Jesus e pela obra do Espírito Santo, mas também para expor uma teologia equilibrada sobre o assunto. Em tempos em que há uma polarização entre os excessos do movimento carismático — o fogo estranho — e a perspectiva pessimista daqueles que não creem que Deus manifesta o Seu poder — o fogo zero —, o livro de R. T., *Fogo Santo*, nos ajudará a manter a cabeça no lugar e, ao mesmo tempo, aumentar a nossa paixão por Deus. Ele tem um ministério legítimo como teólogo brilhante e homem do Espírito. Este livro é um presente para o Corpo de Cristo.

— MIKE BICKLE
Fundador e diretor da International House of Prayer

A Igreja dos nossos dias precisa do *Fogo Santo*. A religiosidade não preparará os crentes para crise do final dos tempos. R. T. oferece, de maneira bastante corajosa e sistemática, verdades bíblicas para nos preparar para esse desafio. Este livro ajudará a derrubar a ideia de que Deus retirou o poder do Seu Espírito da Igreja, mas que Ele permite que o diabo e seus demônios circulem livremente por ela.

— CHARLES CARRIN
www.CharlesCarrinMinistries.com

Este homem tem a capacidade incrível de abordar questões polêmicas e fazer com que seus leitores reavaliem suas próprias opiniões à luz das Escrituras. R. T. Kendall é uma ameaça à complacência individual. Esta é uma leitura obrigatória. R. T. e eu somos amigos há trinta anos e estou bem familiarizado com muitos de seus livros. Este, porém, é um dos mais importantes que ele já escreveu. Ele é informativo, claro e edificante. Eu oro para que esta obra tenha grande circulação. Estou certo de que ela será uma bênção para todos que a lerem.

— DR. CLIVE CALVER
Pastor titular, Walnut Hill Community Church, Bethel, Connecticut

Por mais de uma década, R. T. Kendall tem participado de nossa conferência anual **Word**, **Spirit** and **Power** (*Palavra, Espírito e Poder*). A mesma vida divina, equilíbrio espiritual e integridade bíblica demonstrados nessas conferências permeiam as páginas de *Fogo Santo*. Para os pastores "não há alegria maior do que

saber que suas ovelhas andam na verdade". Este livro será uma ajuda inestimável ao nosso processo de discipulado!

— STEPHEN CHITTY

Pastor titular, Christian Life Church, Columbia, South Carolina

Por ter me convertido a Cristo em uma cadeia e ter sido enchido pelo Espírito dentro de uma prisão estadual, eu achava que já havia tido todas as experiências possíveis. Quase quarenta anos mais tarde eu percebi que minha jornada estava apenas começando e que Deus estava usando vozes incríveis para guiar o meu caminho. R. T. Kendall escreveu diversos livros profundamente esclarecedores sobre o Espírito Santo e eu li todos eles com uma sede cada vez maior pela **unção**, pelo **poder** e pelo **testemunho**. Tive o privilégio de ler o manuscrito deste livro e posso lhe dizer que ele traz uma nova visão sobre verdades esquecidas. Eu, mais uma vez, fui cativado pelos preceitos, ideias e, em alguns casos para mim, pelas revelações que ainda não havia compreendido. Eu o incentivo a ler este livro com a Bíblia em uma mão, um caderno na mesa e um espírito pronto para um vinho novo.

— MAURY DAVIS

Pastor titular, Cornerstone Church, Madison Tennessee

Teologicamente preciso, delicadamente equilibrado e, ao mesmo tempo, biblicamente cativante, adequado tanto para alunos quanto para especialistas, *Fogo Santo* colocará a Noiva de Cristo no caminho certo, relembrando coisas muito importantes que estavam presentes no início da Igreja, em Atos 2. Ele é perfeito

para os tempos que estamos vivendo. As palavras de R. T. têm o que o apóstolo Tiago chama de "mansidão de sabedoria", o que consegue tornar este livro agradável para leitores de todas as denominações. Aqueles que questionam os dons do Espírito DEVEM LER *Fogo Santo*. Os que possuem uma inclinação denominacional PRECISAM LER *Fogo Santo*. E aqueles que estão simplesmente famintos por tudo o que Deus tem para suas vidas IRÃO LER *Fogo Santo*, de R. T. Kendall.

— TIM DILENA
The Brooklyn Tabernacle

Sou pastor de uma igreja carismática e achei o livro de R. T. Kendall esclarecedor, objetivo e, acima de tudo, equilibrado. Um excelente livro sobre o "Amigo" de todo crente — o Espírito Santo.

— JEFF DOLLAR
Pastor titular, Grace Center, Franklin, Tennessee

Meu amigo de longa data, R. T. Kendall tentou cumprir o conselho do Dr. R. T. Williams (o homem que inspirou o seu nome) para "honrar o sangue... honrar o Espírito Santo" levando a sério o testemunho bíblico holístico (em sua totalidade). Ele mantém um pé na tradição carismática e o outro na reformada com alguns sinais de sua herança wesleyana, buscando elaborar o que John Wesley chamava de *via media*.

— H. RAY DUNNING
Professor emérito de teologia, Trevecca Nazarene University

Em *Fogo Santo*, R. T. Kendall expõe de maneira brilhante e corrige uma perigosa divisão presente no cristianismo contemporâneo. Relatos específicos de testemunhos do Espírito não devem ser aceitos sem críticas e nem ser descartados automaticamente. Porém, o objetivo principal de R. T. é promover o desejo pelo verdadeiro *Fogo Santo* que iluminou e capacitou gerações de crentes, desde o livro de Atos até os dias de hoje. Um desafio tanto para cessacionistas reformados quanto para carismáticos de carteirinha.

— COLIN DYE
Ministro Presidente, Kensington Temple, London, England

Muitos ainda estão confusos a respeito do Espírito Santo, apesar de meio século de bênçãos ao redor do mundo. O livro de R. T. ajudará a abrir nossas mentes para as possibilidades e nos impedirá de limitar o poder de Deus.

— DR. MICHAEL EATON
Nairobi, Kenya

Eu amo a maneira agradável como R. T. aborda assuntos delicados e como ele não tem medo de dar advertência contra os excessos. Trata-se de um livro revigorante sobre o ministério do Espírito Santo. Que o Senhor espalhe esta mensagem por toda a parte. Não importa quem você seja, ou há quanto tempo já caminha com Jesus, você será desafiado a buscá-Lo mais ao ler as palavras deste respeitado e **reconhecido teólogo reformado**, a quem tenho a honra de chamar de amigo.

— DON FINTO

Caleb Ministries, Nashville, Tennessee

Eu esperei durante anos por um livro tão teologicamente fundamentado, que contempla as manifestações do Espírito Santo nos dias de hoje. Você segura em suas mãos um clássico dos dias modernos. R. T. Kendall é um homem de verdade inabalável e um mestre apostólico de caráter firme. Seus ensinamentos são fruto de muitos anos de amor pelo avivamento histórico e honra pela Palavra de Deus e pela história da igreja. Eu sou grato por esta obra. Que ela seja usada pelas mãos do Pai para instruir, desafiar e incentivar muitas pessoas a desejar mais do Espírito Santo.

— DR. JAMES W. GOLL

Encounters Network, Prayer Storm, God Encounters Training, autor de The Seer, The Lost Art of Intercession e A Radical Faith

Vivemos tempos estranhos, quando muitos — em nome de Cristo — têm banalizado, pervertido, diluído, falsificado e vendido o Espírito Santo. Pessoas ingênuas têm sido enganadas, já que não há um conhecimento sólido acerca da natureza do Espírito. É por esta razão que sou tão grato por meu amigo R. T. Kendall ter soado o alarme e escrito este livro tão importante. Em tempos em que grande parte da Igreja se encontra desviada, nós precisamos ser lembrados de que o Espírito Santo é, de fato, **santo** — e de que Ele deseja nos despertar, purificar e renovar.

— J. LEE GRADY

Ex-editor, revista Charisma e autor de The Holy Spirit Is Not for Sale

O Dr. R. T. Kendall foi pastor de um dos púlpitos mais célebres da história da Igreja, a Westminster Chapel of London, na Inglaterra. Seu último lançamento, *Fogo Santo*, é um livro incrível, que traz uma nova unção e perspectivas perceptíveis para a ousada jornada da vida cristã e da guerra espiritual correspondente. Você tem em mãos um livro que irá inspirar e mudar a sua vida. Leia-o!

— JOHN C. HAGEE

Pastor e autor best-seller

O maior desafio para os líderes de Igrejas é manter as congregações focadas na premissa das Escrituras e não ser influenciados por extremismos. R. T. fez um grande trabalho ao nos ajudar a encontrar o radical "meio-termo" das Escrituras. Não podemos nos dar ao luxo de ignorar o Espírito Santo, pois Ele foi dado à Igreja para nos preparar para o retorno de Cristo, que se aproxima. Este livro é uma ferramenta útil tanto para as ovelhas, quanto para os líderes.

— MARCUS HERBERT

Pastor, Cornerstone Church, Johannesburg, South Africa

Fogo Santo nos incendeia com um desejo por uma experiência verdadeira com o Espírito Santo. Para mim, *Fogo Santo* proclama que Jesus é o Verbo transformado em carne; nós, porém, tomamos o verbo e tentamos transformá-lo em carne. Eu amei o livro! Ele é simples e mostra com clareza o verdadeiro fogo de Deus, o Seu propósito e o Seu poder. *Fogo Santo* não é apenas um alerta, mas também um convite para que o fogo de Deus caia sobre nós.

— DRA. MARILYN HICKEY

Presidente, Marilyn Hickey Ministries

Ele fez de novo! R. T. Kendall apresenta um caminho seguro que nos permite buscar a Deus de todo o coração, sem destruir os antigos símbolos da nossa fé. *Fogo Santo* o tirará da sua zona de conforto no que diz respeito ao ministério do Espírito Santo, sem tirá-lo da zona segura da doutrina, sabedoria e caráter santo.

— DAVID D. IRELAND, PHD
Pastor titular, Christ Church, Montclair e Rockaway,
Nova Jersey e autor de The Kneeling Warrior.
www.DavidIreland.org

O propósito do Espírito Santo na vida de todos os cristãos é capacitar pessoas comuns para realizarem coisas extraordinárias sob a Sua influência. Infelizmente, muitos não conseguem discernir entre seus próprios apetites, preferências e capacidades naturais e o agir do poder infinito de Deus em nosso espaço finito. R. T. Kendall nos ajuda a dissecar a verdade a respeito das obras do Espírito Santo. Em *Fogo Santo*, este mestre nos ajuda a entender como cooperar com os propósitos de Deus. Trata-se de um assunto oportuno em tempos tão turbulentos.

— HARRY R. JACKSON JR.
Pastor titular, Hope Christian Church, Beltsville, Maryland;
Presidente, High Impact Leadership Coalition e Bispo presidente,
International Communion of Evangelical Churches

Se você deseja realmente aprender a conhecer a Deus e a Sua forma de agir e não quer perder um só segundo do que o Espírito

Santo está fazendo, este é um livro que você deve não apenas ler, mas digerir. R. T. equilibra, com maestria, a Palavra de Deus e as manifestações do Espírito de tal forma, que nos deixa desafiados para buscar tudo o que Deus tem a nos oferecer. Que possamos ver acontecer hoje tudo o que o apóstolo Paulo escreveu: "Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam" (I Coríntios 2.9).

— JOHN PAUL JACKSON
www.streamsministries.com

Fogo Santo é atual e urgente. O autor R. T. Kendall escreve com sabedoria e paixão, mostrando como este pode ser o momento mais importante da Igreja. Embora muitos considerem todo fogo um *fogo estranho*, ele fala com muita clareza, o que nos permite reconhecer a verdadeira mão e o coração de Deus movendo no Seu povo e através dEle. Eu amo ler livros de grande erudição quando eles são vinculados à paixão e à experiência. Assim é *Fogo Santo*, já que R. T. Kendall é um homem realmente brilhante e segundo o coração de Deus.

— BILL JOHNSON
Bethel Church, Redding, California. Autor de *When Heaven Invades Earth e Hosting the Presence*

R. T. escreveu o que se tornará um clássico sobre o Espírito Santo! *Fogo Santo* é estimulante teológica e intelectualmente; biblicamente fundamentado e equilibrado, instigante e firme. Ele deveria ser usado como livro texto sobre o tema da

Pneumatologia em todos os Seminários e Faculdades bíblicos. Uma leitura obrigatória!

— DR. DWAIN KITCHENS
Pastor, The Tabernacle, Sarasota, Florida

Esta geração está se tornando rapidamente analfabeta em relação às Escrituras. A prova disso está na aceitação de qualquer "manifestação sobrenatural" como verdadeira, independentemente de ter fundamento bíblico. R. T. Kendall, um dos autores mais prolíficos e equilibrados do nosso tempo, fala honestamente a respeito de muitos excessos que geralmente vemos circulando pela cristandade. Seu livro, *Fogo Santo*, iluminará o seu entendimento para discernir a verdade do engano e aprofundar a sua fome pela verdade do Espírito Santo.

— HANK E BRENDA KUNNEMAN
Lord of Hosts Church, One Voice Ministries, Omaha, Nebraska

Fogo Santo, de R. T. Kendall, é um grande livro... o melhor que já li sobre o Espírito Santo. Se eu fosse preso e me dissessem que só poderia levar um livro sobre o Espírito Santo, sem ser a Bíblia, eu escolheria este. Ele aborda todas as questões essenciais sobre o tema. E, o mais importante, ele é biblicamente correto e equilibrado. A única pauta que o livro parece querer avançar é uma ampla compreensão biblicamente fundamentada sobre o Espírito Santo e um relacionamento íntimo com Ele. Se este é o desejo do seu coração, este livro é para você. Eu pretendo recomendá-lo à nossa Igreja, para todos aqueles que desejarem conhecer o Espírito Santo, não apenas como doutrina, mas também como Pessoa.

— WILLIAN DWIGHT MCKISSIC SR.
Pastor titular, Cornerstone Baptist Church, Arlington, Texas

Conhecendo R. T. como eu conheço, comecei a ler *Fogo Santo* seguro de que seria uma mensagem que a Igreja precisa ouvir. Eu, no entanto, não suspeitei de que Deus o usaria tanto para tratar a minha própria vida. Mais uma vez R. T. fez um trabalho maravilhoso com um assunto difícil e polêmico, mantendo-se fiel aos ensinamentos bíblicos acerca do Espírito Santo e nos convidando a fazer o mesmo. Este livro é um recurso muito necessário para toda a Igreja Evangélica, tanto para carismáticos quanto para **não** carismáticos.

— DAVID MCQUEEN
Pastor titular, Beltway Park Baptist Church, Abilene, Texas

Fogo Santo, de R. T. Kendall, é um livro importante, pois ele une comunidades que muitas vezes discordam — ou, pior, ignoram a existência umas das outras. Se foram os dons do Espírito que construíram a Igreja, nenhuma parte da igreja pode ignorar a forma como as outras estimulam esses dons. E, como uma pessoa unificadora, Kendall também consegue falar a verdade de maneira amorosa sobre como algumas pessoas distorcem os dons espirituais. Leais são as feridas feitas pelo amigo.

— DAVID NEFF
Ex-editor-chefe da Christianity Today

Em seu último trabalho, *Fogo Santo*, em que ele descreve o ministério do Espírito Santo, o Dr. Kendall, ao mesmo tempo em

que se baseia naqueles que vieram antes dele, produz, com fidelidade bíblica, argumentos convincentes para compreendermos a operação do Espírito Santo nos dias de hoje. Evitando a armadilha da contínua revelação, ele produziu um trabalho sensível do ponto de vista pastoral e teologicamente preciso. Por causa disso, todos nós lhe devemos.

— DR. ROB NORRIS

Pastor titular, Fourth Presbyterian Church, Bethesda, Maryland

Ler *Fogo Santo* é como olhar através de óculos bifocais: meus olhos se voltam para baixo, nas páginas, enquanto minha alma ansiosamente concentra seu olhar no alto, em direção ao Espírito. Surge uma oração do fundo do meu ser: "Pai, desejo um encontro direto e imediato com o Teu Espírito."

— KENT REDFEARN

Pastor titular, Muldoon Community Global Church Network, Anchorage, Alaska

Uma das coisas mais difíceis de serem obtidas na vida é o equilíbrio. Isso é especialmente verdadeiro quando se trata de teologia. R. T. Kendall atingiu o ponto certo. *Fogo Santo* ilumina o caminho para todos nós, em direção a um ministério de aprovação e credibilidade. Kendall é conhecido pelo discernimento, equilíbrio e legibilidade que ele traz para este trabalho tão necessário sobre o Espírito Santo.

— MARK RUTLAND

Presidente, Global Servants

Muitos livros já foram escritos sobre o Espírito Santo, mas nenhum como este! Este livro pode, se as pessoas acreditarem, mudar o cenário do Cristianismo no mundo todo. Nenhum livro foi escrito de forma tão sucinta, direta e de maneira mais clara do que este. Ele será considerado polêmico, confrontante e, acima de tudo, transformador para a vida dos leitores que o levarem a sério.

— JACK TAYLOR
Presidente, Dimensions Ministries, Melbourne, Florida

O equilíbrio é parte da beleza do reino de Deus. Em seu último livro, *Fogo Santo*, o Dr. Kendall compartilha, com maestria, como acender o respeito necessário pelo poder do Espírito de Deus em cada um de nós. Ele também deixa claro que só podemos nos tornar um fogo santo de influência para Deus se formos capacitados pelo Seu Espírito.

— FRANCOIS VAN NIEKERK
Pastor titular, Hatfield Christian Church, South Africa

Eu sempre amei e respeitei a franqueza de R. T. Kendall ao lidar de maneira sincera, porém elegante, com o tema "fogo estranho" dentro do movimento carismático e pentecostal. Eu também sempre admirei sua perspectiva única de **carismático Reformado** que está bem familiarizado com os dois lados das duas linhas doutrinárias acerca do agir do Espírito Santo em nossas vidas hoje. Em *Fogo Santo*, R. T. reúne a **Palavra** e o **Espírito**, não apenas para corrigir equívocos, mas também, e

principalmente, para atrair os leitores a um relacionamento mais profundo com o Espírito Santo.

— MARCUS YOARS
Editor, Revista Charisma

FOGO SANTO

FOGO SANTO

R. T. Kendall



Campos, RJ

2015

Título em Português: FOGO SANTO

Copyright © 2014 por R. T. Kendall
Publicado originalmente por: Charisma House
600 Rinehart Road
Lake Mary, Florida 32746
www.charismahouse.com

Primeira edição brasileira: Agosto de 2015

Supervisão Editorial:
Fernando Jerônimo dos Santos Júnior
Silas Quirino de Carvalho
Carlos Elias Alexandrino Bernardo

Tradução:
Júlia Ramalho

Revisão:
João Rodrigues Ferreira
Nataniel Gomes

Capa:
Wellington Carvalho

Diagramação:
Clara Simas

Exceto em caso de indicação contrária, todas as citações foram extraídas da
Bíblia Nova Versão Internacional (NVI).
Por razoes teológicas e não linguísticas, os termos “satanás” e “diabo” são escritos com minúsculas.
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida, sob qualquer forma ou meio, ou armazenada em base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia por escrito da Editora Faz Chover.
Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
DPM Portugal/FAZ CHOVER PRODUÇÕES

ÍNDICE

_

Apresentação: Dr. Jack Hayford 1

Recomendação especial dada diretamente do Reino Unido 11

Prólogo 15

Prefácio 17

Introdução 19

1. Discernindo os Tempos 23

2. O que todo cristão deve saber sobre o Espírito Santo 33
3. O testemunho imediato e direto do Espírito Santo 63
4. O juramento e o estigma 83
5. Fogo Estranho 93
6. A Pomba 123
7. Meu testemunho pessoal 145
8. Cessacionismo 161
9. As consequências do cessacionismo 175
10. O batismo com o Espírito Santo 189
11. Dons do Espírito Santo 203
12. A incontestável prova do Espírito Santo 221
13. Isaque 245
Apêndice: Fogo 255
Notas 275

Para

Melissa e Rex

APRESENTAÇÃO

–

Tenho o privilégio de convidá-lo a abrir seu coração e suas mãos para receber um presente. Mesmo que você tenha comprado este livro, acredite – ainda é um presente, pois ele presenteia a você, leitor, com um **discernimento** que pode ajudá-lo a receber presentes e mais presentes que vêm do amor de Deus, apenas à espera de que você os receba com os braços abertos.

Fogo Santo é dirigido a todos os crentes sérios e foi especialmente pensado e coberto com palavras para aumentar a chama do seu desejo de **seguir** a Jesus, **obedecer** ao Seu chamado e **crescer** em Sua graça e bondade pelo poder do Espírito Santo. Além disso, *Fogo Santo* identifica os passos que conduzirão qualquer *crente* em Jesus Cristo a se transformar em *receptor* do poder que vem do alto – se revestindo literalmente do abraço eterno e caloroso do amor e do poder de Deus. O próprio Jesus nos chama a permitirmos que Ele acenda nossos corações com a beleza e a perseverança de uma vida cheia e transbordante do Espírito Santo, inflamada pelo constante brilho da Sua presença, que nos permite viver como luz no mundo, resplandecendo com um fogo santo.

Em meu entendimento, não poderia haver melhores palavras para o título deste livro. O título *FOGO SANTO* não foi concebido de maneira superficial, tampouco arrogante. Pelo contrário, assim

como o *conteúdo* que você encontrará neste livro, o *conceito* de **fogo santo** é derivado das Escrituras. O seu propósito é representado pela coluna de fogo que guiou Israel de sua situação de pós-escravidão até à Terra Prometida. Sua proteção e provisão no transcorrer da viagem são evidenciadas mais tarde, quando Deus revela a Sua presença e poder em acontecimentos reais, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento da Bíblia Sagrada. Portanto, as palavras *fogo santo* representam esse tipo e qualidade do indiscutível agir de Deus que, não só descreve a Sua presença com poder, mas também indica a Sua natureza santa – a Sua perfeição e pureza imaculadas. Assim sendo, o título *Fogo Santo* é totalmente adequado para este livro atual e incrivelmente prático. Ele revela um relacionamento com Deus que envolve tudo o que a Santíssima Trindade concede a nós – o dom do amor do Pai, o dom da vida do Filho e o dom do poder do Espírito!

Eu quero afirmar, desde o início, que cada momento que você gastar com este livro valerá a pena. Você será guiado e alimentado por um caminho de verdades enriquecedoras pelo meu amigo, R. T. Kendall, um pastor e autor conhecido e amado, dono de uma erudição considerável. Ainda assim, eu o asseguro, por mais estudioso e erudito que R. T. seja, sua profundidade "na Palavra e na doutrina" servirá apenas para auxiliar o seu discernimento, nunca para intimidá-lo. No fundo, ele é um perfeito pastor – uma palavra e estilo de vida, adequadamente definidos na descrição do Senhor no Salmo 23 e na pessoa e natureza de Jesus Cristo, "O grande pastor das ovelhas" (Hb 13.20). O Dr. Kendall escreve com o coração de um homem testado e aprovado como pastor fiel, tendo servido congregações no Reino Unido e nos EUA. E, o mais

importante, ele é também um servo fiel e amoroso, de infinita confiança e fidelidade, tanto de sua noiva (esposa), Louise, quanto da Noiva de Cristo: a Igreja.

ALEGRE POR TRÊS MOTIVOS

Tenho três motivos para estar feliz por escrever esta apresentação, uma breve "palavra antes de tudo", para você. O meu desejo é ajudar a aumentar o seu apetite e enchê-lo de expectativa, agindo como um amigo que apresenta outro amigo e acredita que esse encontro será útil e produtivo. Com esse objetivo em mente, comecei a ler este livro quando ele estava ainda em forma de manuscrito. Como pastor e professor por quase sessenta anos, eu já li inúmeros livros sobre vida e verdade cristãs, e tenho a impressão de que este livro explica o primeiro motivo para eu estar contente por escrever esta apresentação para você.

(1) Em minha opinião, **este é um livro referencial**. O que quero dizer com isso é que creio que *Fogo Santo*, com o tempo, não será reconhecido como um livro simplesmente bom, útil e proveitoso (o que ele certamente é). Porém, muito mais do que isso. Em minha opinião, *Fogo Santo* será um *ponto de referência* para muitos e, com o passar dos anos, será de uso duradouro para uma geração ou mais. Assim como um ponto de referência oferece um guia certo e seguro, que ajuda a levar as pessoas ao destino correto, o caminho da verdade baseada na Bíblia, ensinado nestas

páginas, oferece mais do que direção: ele o guiará até o seu destino.

Eu o incentivo a ler este livro e a receber o chamado de Jesus para alcançar a plenitude do Espírito Santo. Entre com fé, abra o seu coração com confiança e receba tudo o que Ele oferece, convidando-O a batizá-lo com o Seu Espírito. Assim como Ele o perdoou quando você O convidou para ser seu Salvador, Ele o encherá quando você se abrir para o poder que Ele prometeu enviar, o Espírito Santo, para realizarmos as Suas obras.

Porém, ouça-me com atenção, por favor. Este livro é um manual para ser relido e pensado, indo muito além de uma leitura rápida. Ele guia a uma realidade mais profunda: além de ativar um crescente brilho que se estabelecerá permanentemente em você, o levará a estabelecer valores e pontos de vista para toda a sua vida. Os elementos básicos de discipulado estão aqui e seguem apontando o caminho para um compromisso contínuo de viver uma vida cheia do poder de Jesus Cristo, amando com pureza, sob o senhorio de Cristo, em obediência à Sua vontade e rendido como servo para todos aqueles a quem Ele enviar e em tudo o que Ele chamar e guiar.

(2) A segunda razão pela qual me alegro pelo privilégio de escrever para você é a minha gratidão pelo **tom e o estilo do autor**. É um livro absolutamente verdadeiro em seu conteúdo e afetuoso em sua expressão – uma rara combinação quando muitos autores que lidam com essas questões escolhem mais o confronto, o combate, em vez do encanto. O Dr. Kendall trouxe, de maneira clara e amável, a preciosa mensagem da plenitude do Espírito Santo em um tom e estilo *conciliador*. Isto reflete a derivação da

palavra grega para “paz”, *EIRENE.* Devido à decisão do autor de escrever com esse espírito, *Fogo Santo* reflete a intenção da Palavra de Deus em Tiago 3.17-18:

> Mas a sabedoria que do alto vem é, primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, e sem hipocrisia. Ora, o fruto da justiça semeia-se na paz, para os que exercitam a paz.

Certamente é esse o espírito desejado por todos quando se discute acerca do ministério do Espírito Santo. Portanto, mesmo quando o Dr. Kendall se dirige àqueles que rejeitam a verdade do ministério atual dos sinais, maravilhas e dons do Espírito Santo, ele afirma, repetidamente, que são “pessoas boas que amam a Cristo”, e elas realmente são. As diferenças de escolha em relação a essas questões, apesar de bastante significativas para ambas as partes – e, de fato, tem muita importância para as nossas expectativas no que diz respeito à presença do ministério do Espírito Santo na vida do crente, e globalmente, através da Igreja – *não são* motivos suficientes para separatismo sem amor e comunhão fraternal. Embora algumas pessoas dos dois lados da questão *falhem* em viver como pacificadores, há um modelo santo para a grandeza de espírito demonstrado pelo autor, bem aqui, em *Fogo Santo*.

Dessa forma, você descobrirá a verdade sobre o batismo no Espírito Santo – a graça transbordante e o poder do Espírito Santo – uma experiência clara e biblicamente diferente e separada daquela experimentada pelos crentes no novo nascimento. Esteja

certo, no entanto, de que a beleza dessa verdade não será danificada por um tom de desrespeito ou ironia em relação àqueles que a negam ou àqueles que "têm fome e sede" dessa plenitude ou abundância, porém ainda não a receberam.

A plenitude do Espírito Santo, prometida e cumprida por Jesus, é a essência da mensagem deste livro. Talvez você, e muitos na busca por esta plenitude, desejem encontrar um manual completo e minucioso para guiá-lo, passo-a-passo, respondendo às suas perguntas e abrindo as portas para a sua própria experiência com a presença e o poder do Espírito Santo. Essa verdade é revelada aqui e o convida a conhecer e experimentar o mesmo derramamento, enchimento e resultados encontrados em Atos 2, quando a promessa do "Consolador", feita pelo nosso Senhor foi cumprida pela primeira vez em Pentecostes. Naquele mesmo dia, ocorreu o derramamento do poder do Espírito Santo com poder, e foi, também, categoricamente feita a promessa de que essa era uma bênção e um recurso que estariam continuamente disponíveis para todos aqueles que, em oração, pedissem, buscassem e batessem (Lucas 11.9-13; Atos 2.38-39).

O propósito deste livro é ensinar, alimentar os famintos e suprir ao cansado, nutrindo a fé e a esperança com o equilíbrio da verdade e do amor. Ao fazer isso, o tom de *Fogo Santo* convida, de maneira calorosa e apaixonada, todos os leitores a esperar que o Espírito Santo de Pentecostes aja da mesma maneira hoje – *"Porque a promessa vos diz respeito a vós..."* (Atos 2.39). Abra a sua Bíblia e leia isso em voz alta. Leia novamente! Deixe a "promessa da Promessa" encher o seu coração de louvor e cante em voz alta

agradecendo ao Senhor Jesus pela Sua presença, Seu grande afeto e desejo de enchê-lo.

3) O terceiro motivo da minha alegria em convidá-lo para a leitura deste livro se dá devido ao seu **rigor e frescor teológico**. O Dr. Kendall tem uma abordagem atenta aos detalhes, sem tornar-se tedioso. Ele também apresenta a Palavra com uma consciência teológica da história e define, cuidadosamente, as *linhas* dentro da revelação da Palavra de Deus neste livro.

No entanto, embora tenha citado a teologia, deixe-me dizer que você não precisa ter medo de ficar preso em um método chato, erudito, cansativo e inútil de aprendizado. Você não encontrará nenhum labirinto confuso de jargões incompreensíveis ou teorias elaboradas por aqui. Ao contrário, *Fogo Santo* oferece um exemplo de como a teologia pode nos servir de forma adequada. Não importa quais diferentes aplicações ela possa ter, a teologia bíblica tem por objetivo ajudar as pessoas a conhecer e entender a Deus e a Sua vontade. Será essa definição de teologia que você encontrará nestas páginas, enquanto estiver lendo.

Embora não haja nada que possa inundar um buscador sedento, este livro oferece uma janela pela qual o seu coração e a sua mente podem ser inundados pela doce e frutífera obra do Espírito em sua vida. O propósito do ensino deste livro é revelar como você pode abrir essa janela e receber as chuvas de bênçãos e rios de graça que o Senhor Jesus Cristo está pronto para derramar em sua vida quando você receber a plenitude do batismo no Espírito Santo.

Já que mencionei a teologia, permita-me observar uma surpresa revigorante que será especialmente relevante para líderes que,

como eu, podem achar improvável a existência de um livro que enriqueça todos os melhores e mais importantes princípios da *charismata* do Novo Testamento, escrito por alguém que abraça a Teologia Reformada.[1] Acrescente-se a isto que a improbabilidade de um teólogo reformado escrever um livro inteiramente dedicado a trazer aos crentes a experiência de um batismo no Espírito Santo baseado no livro de Atos, provavelmente levaria a maioria dos líderes eclesiásticos aos seus limites.

Todavia, Deus está Se movendo de maneira extraordinária na Sua Igreja atualmente, e nos últimos vinte e cinco anos, um dos meus parceiros de oração mais próximos tem sido outro pastor-mestre e professor da tradição teológica reformada. Esse alcance, além dos limites da fronteira teológico-humana, une mãos e corações em torno da pessoa de Cristo, não de uma simples conciliação, mas de líderes convencidos pela Palavra de Deus, de que a Sua sabedoria excede qualquer tradição. Portanto, a terceira razão (o frescor teológico que encontro neste livro), *não* é o resultado de uma renúncia ou de uma *denúncia* da tradição teológica de um líder piedoso, mas uma evidência da capacidade que um coração honesto e uma mente humilde têm de se curvarem ao altar do céu e dizer: "Venha o teu reino, seja feita a tua vontade – *em mim*!" Isso não mostra em nada uma redução de convicção, mas sim o lindo compromisso com o óbvio: "Porque, em parte, conhecemos, e em parte profetizamos", o que significa dizer: "Deus Pai, eu entrego a minha mente, com meus olhos em Jesus e meu coração aberto para o Teu Santo Espírito."

Sem dúvida, surgirão aqueles que dirão: "Mas a Palavra deve prevalecer!" Também concordo com esta autoridade e a ela me

submeto. No entanto, quando líderes piedosos diferem, embora estejam comprometidos com a autoridade da Palavra de Deus, podem dar um basta nos pontos de discórdia irrelevantes e abrirem-se ao Espírito Santo da reconciliação em torno da verdadeira fonte da nossa fé – a pessoa de Jesus, nosso Senhor e Salvador! Ele, o responsável pela nossa perfeita justificação e aceitação pelo Todo-Poderoso, onisciente, sábio e santo Deus, pode estar nos chamando a ser um pouco mais pacientes em relação às diferenças intelectuais que tem havido entre as mentes que, apesar de santificadas pela graça, não foram ainda glorificadas e levadas à sala do trono de Deus.

Portanto, o frescor teológico no qual me alegro em ressaltar se dá pelo fato de *Fogo Santo* ter sido escrito por um pastor e mestre que foi formado e ordenado em um ambiente teológico que o ensinou a resistir àqueles que receberam o ensino e a experiência carismática ou pentecostal. Essa, claro, é uma terminologia que rebaixa a base bíblica e a prática das Escrituras de receber a promessa e o ministério de Jesus como aquele que batiza com o Espírito Santo como uma experiência distinta, disponível aos crentes *depois* do novo nascimento através da fé em Cristo como Senhor e Salvador. Ainda, ao abrir *Fogo Santo*, você será guiado no estudo por um notável mestre e autor. Ao ler o seu testemunho, você descobrirá uma mente humilhada por um Deus santo; um homem que recebeu um batismo no santo fogo do Espírito Santo, e você será abençoado.

É-me é muito gratificante e digno de destaques o fato de o autor dedicar tempo para explicar com clareza bíblica e precisão teológica, revelando as Escrituras de uma maneira madura e

paciente, com uma sinceridade comovente. Você se emocionará quando ele contar sobre a sua própria descoberta da verdade libertadora revelada a ele, algo muito parecido com o que Áquila e Priscila fizeram com Apolo: "Eles o levaram consigo e lhe declararam mais precisamente o caminho de Deus" (Atos 18.24-26).

Ao se dedicar a contar sobre sua própria jornada, o Dr. Kendall demonstra a cada leitor a necessidade de uma teologia bíblica e íntegra – *não* com a finalidade de manter um debate teológico, mas para ajudar aqueles que buscam honestamente, mostrando-lhes o poder libertador da verdade.[2] A Bíblia diz: "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." (Jo 8.32), e: "onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade" (2 Co 3.17). Tal cuidado com a exatidão e a fidelidade para assegurar o embasamento bíblico de cada questão discutida neste livro serviu para solidificar a mensagem de *Fogo Santo*. O livro também faz com que o leitor olhe além da opinião humana acerca da Palavra de Deus que é a rocha da revelação divina. Outros autores poderiam se beneficiar ao imitar esse traço presente na escrita de R. T. Kendall.

CONCLUINDO

À medida que a igreja global nestes dias se dirige ao fim dos tempos, cada vez mais, antigos críticos dos ensinos carismáticos estão reconhecendo que, onde o estilo de vida bíblico e uma abertura bíblica em relação ao Espírito Santo andam de mãos

dadas, a Igreja prospera. Este fato, atualmente, está fazendo com que cada vez mais crentes se tornem receptivos às obras, maravilhas e dons carismáticos do Espírito Santo, reconhecendo tudo isso como algo disponível atemporalmente para toda a Igreja, desde Pentecostes até o Arrebatamento.[3] Embora surjam rejeições e a oposição persista entre aqueles que são reticentes ou resistentes, a evidência da verdade prevalece: o ministério imediato e direto do Espírito Santo – dando testemunho da promessa contínua de Pentecostes0000000000000, – está disponível para sempre até a volta de Jesus!

Então, aqui está um manual oportuno – uma explanação e um convite detalhado, cuidadosamente elaborado e biblicamente respaldado. A promessa é para você. A plenitude do Espírito, Seu poder capacitador e a presença que glorifica a Cristo estão disponíveis!

Embora este livro tenha sido escrito principalmente para ajudar os crentes mais novos – oferecendo o "puro leite da Palavra", como o apóstolo Pedro lhes recomendou para o seu crescimento (1 Pe 2.2), eu acredito que a sua substância merece ser estudada também por crentes maduros. Ela é tanto carne quanto leite, a "carne da Palavra de Deus" fatiada de maneira que todos possam digeri-la. Eu creio que até mesmo crentes consolidados serão enriquecidos e edificados.

Minha oração é para que *Fogo Santo* seja lido por multidões. Ele merece uma leitura imediata, tranquila e receptiva por parte do leitor fervoroso que busca a verdade e cujo verdadeiro desejo do coração busca conhecer, caminhar e seguir ao próprio Jesus – para receber d'Ele a promessa do Espírito Santo como Aquele cuja

plenitude em nossas vidas faz Cristo brilhar ainda mais em nós com o resplendor do fogo bíblico! E, finalmente, ele merece transformar-se em uma fonte de respostas esclarecedoras, facilitadoras e elucidativas baseadas na Bíblia para todo indagador sério quanto aos fundamentos bíblicos e à consistência espiritual dos dois ministérios que João Batista disse que Jesus nos traria, ao declarar: (1) "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29); e (2) "Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Lc 3.16).

Que a paz, o poder, o propósito e a presença de Jesus, Senhor da Igreja, sejam abundantes para a realização desses propósitos em todos nós e através de nós – segundo a Sua Palavra, pelo poder do Seu Santo Espírito e para a glória de Deus, nosso Pai e do Seu Filho, nosso Salvador e Messias! Amém!

— PASTOR JACK W. HAYFORD
Chanceler fundador, The King's University, Dallas/Los Angeles

Nota do editor: Recomendamos e solicitamos *a leitura das notas explicativas ampliadas*, como parte desta apresentação, que estão no final do livro, nas "NOTAS". Elas contêm informações adicionais valiosas do pastor JACK HAYFORD.

Cada momento que você gastar com este livro valerá a pena. Em minha opinião,* Fogo Santo *será um* ponto de referência *para muitos e, com o passar dos anos, será de uso duradouro para uma geração ou mais.

A plenitude do Espírito Santo, prometida e cumprida por Jesus, é a essência da mensagem deste livro.

RECOMENDAÇÃO ESPECIAL DADA DIRETAMENTE DO REINO UNIDO

–

Desde, pelo menos metade da década de 1960, Deus tem mostrado, graciosamente, o Seu favor a inúmeras pessoas e igrejas, ao redor do mundo, com visitações constantes do Seu Espírito Santo, para trazer vida, renovação, restauração de congregações decadentes e manifestações incontestáveis do Seu poder para capacitar membros e líderes cristãos a reproduzir em nossos dias os fenômenos que vemos nos Evangelhos e no Livro de Atos. É exatamente isso que tem acontecido em todos os continentes e em inúmeros países ao redor do mundo.

Esses acontecimentos emocionantes sempre incluem genuínas curas milagrosas, libertação de forças demoníacas, ministério profético preciso em relação a eventos futuros e passados, assim como uma prática reavivada e firmada das disciplinas espirituais, como a leitura da Palavra, a oração intercessória, o jejum, o evangelismo, a comunhão, o avanço missionário e a implantação de igrejas – tudo isso com a grande contribuição do surgimento dos maduros e antes ignorados "ministérios de Efésios 4": dos dons apostólicos, proféticos, evangelísticos, didáticos e pastorais, para ajudar a edificar e equipar o Corpo de Cristo para o seu ministério em servir a Ele e ao mundo.

Muitos períodos de genuína restauração da Igreja trouxeram nova saúde vital, paixão avivada, adoração fervorosa, vidas

centradas em Deus, juntamente a uma orientação vocacional vinda de Deus em relação ao destino pessoal de milhões de pessoas. O que se segue normalmente é uma linda compreensão e a fecundidade do ministério. O resultado tem sido avanços, sem precedentes, nas missões ao redor do mundo, no crescimento das igrejas, na maturidade pessoal, na lealdade integral às Escrituras em sua totalidade, na presença manifesta de Deus, novamente, entre o Seu povo – algo que está sempre ausente nos períodos de declínio da Igreja, quando geralmente dominam a incredulidade e o liberalismo cético.

Contudo, muitos outros evangélicos fortes e bíblicos, em outras questões, têm resistido a todos esses acontecimentos de maneira prejudicial e antibíblica. Eles optam por uma forma de "*cessacionismo*", que considera os dons de "sinais" na atualidade, como redundantes e obsoletos, e, geralmente, por razões muito pouco bíblicas. Existem, entre outros, fatores como a pouca experiência própria da gama completa de poder do Espírito, rejeição das "ramificações lunáticas" dos movimentos de avivamento, o medo de correr riscos em seus próprios ministérios ou prejudicar as suas reputações ou posições. Atitudes preconceituosas e não aceitáveis, a recusa a ler ou levar em consideração grandes obras teológicas e os registros narrativos históricos que testificam a autenticidade desse agir de Deus, também têm deixado muitos líderes em um estado de indiferença ou de hostilidade inflexível contra a maior dádiva de Deus ao Seu povo: Seu Espírito Santo em toda a Sua plenitude e poder carismático.

Meu querido amigo e antecessor na Capela de Westminster, o Dr. R. T. Kendall, nos fez um grande serviço ao escrever *Fogo Santo*. Este excelente livro aborda com clareza e acessibilidade muitas dúvidas, falsos argumentos, interpretações enganosas e perigos de se ignorarem os mandamentos bíblicos dados para o nosso próprio bem.

R. T. serviu-se de uma vida inteira de ministério com seus registros pessoais sobre a sua própria jornada, ao finalmente distanciar-se de todos os posicionamentos cessacionistas sobre essa questão. Em seguida, ele abriu seu coração e sua mente a tudo o que a Bíblia ensina sobre o legado, deixado por Cristo, do Espírito Santo como o Seu substituto e para continuar Suas obras em e através dos crentes cheios do Espírito Santo em todo lugar. O resultado disso é a pertinente união da Palavra com o Espírito na espiritualidade cristã, à medida que R. T. aborda cada questão que aflige os críticos do "cristianismo carismático" e as responde minuciosamente, a partir das suas experiências pessoais, da teologia bíblica, das perspectivas históricas e da exegese precisa dos textos relevantes.

O resultado é um panorama valioso, acessível, envolvente e informativo da pessoa e da obra do Espírito Santo que, assim como Cristo que O enviou, é *"O mesmo, ontem, e hoje, e eternamente"*. Alegra-me dizer que este pequeno livro é, de fato, um representante da "teologia em chamas". Ele acelerará a morte e o sepultamento das tentativas antibíblicas de extinguir a preciosa dádiva de Deus, o Seu *Fogo Santo*.

— GREG HASLAM

Pastor, Capela de Westminster, *London*, *United Kingdom*

PRÓLOGO

_

Tem ocorrido um silencioso divórcio na Igreja, de maneira geral, entre a Palavra e o Espírito. Quando há um divórcio, às vezes os filhos ficam com a mãe, outras vezes com o pai. Neste divórcio, temos aqueles que estão do lado da Palavra e aqueles que estão do lado do Espírito.

Qual é a diferença? Aqueles que estão do lado da Palavra enfatizam fervorosamente que estão combatendo pela fé uma vez entregue aos santos, a pregação expositiva, a teologia consistente, as redescobertas das doutrinas da Reforma: a justificação pela fé e a soberania de Deus. Eles acreditam que se não voltarmos à Palavra, a honra do nome de Deus não será restaurada.

O que há de errado com essa ênfase? Nada. Ela está perfeitamente correta em minha opinião.

Os que estão do lado do Espírito enfatizam o retorno ao livro de Atos, aos sinais, às maravilhas e milagres, aos dons do Espírito Santo. Com os lugares sendo sacudidos em reuniões de oração, creem em curas tal como se deram através da sombra de Pedro e em morte decorrente do mentir ao Espírito Santo. Se não recuperarmos o poder do Espírito, a honra do nome de Deus não será restaurada.

O que há de errado com essa ênfase? Nada. Ela está perfeitamente correta em minha opinião.

O problema é que nenhuma das duas aprende com a outra. Porém, se elas se unissem, a combinação simultânea resultaria em uma combustão espontânea. E, se a profecia de Smith Wigglesworth estiver certa, o mundo será virado de cabeça para baixo.

R. T. KENDALL

PREFÁCIO

–

Sempre desejei escrever um livro sobre o Espírito Santo, mas nunca pensei que de fato o faria. A razão principal é esta: Meu primeiro Editor e Publisher, Edward England, da Hodder & Stoughton em Londres, disse-me há mais de trinta anos: "Nós temos cinquenta livros sobre o Espírito Santo". Eu interpretei aquilo como uma indicação de que livros sobre o Espírito Santo não eram necessários! No entanto, atualmente eles parecem necessários. Os meus amigos Steve e Joy Strang, da Charisma House, honraram-me com o pedido para que eu escrevesse um livro sobre o Espírito. Então, aqui está ele. Joy, porém, tinha um desejo especial: "Escreva um livro que deixe as pessoas sedentas pelo Espírito".

O meu maior desejo é ser capaz de cumprir tão nobre pedido.

Embora tenha dedicado dois capítulos ao relacionamento com meu mentor, o **Dr. Martyn Lloyd-Jones** (1899–1981), no meu livro *In Pursuit of His Glory* (Em Busca da Sua Glória) — que é um relato dos meus vinte e cinco anos na Capela de Westminster, parece apropriado fazer referência aos seus ensinamentos, na medida em que eles tocam no assunto deste livro.

Médico de formação, que desistiu da medicina para dedicar-se ao ministério evangélico pastoral, ele tornou-se o maior pregador do século vinte. Possuía uma das mentes mais brilhantes do nosso tempo. Se Martinho Lutero e João Calvino sentiam a necessidade

de citar Agostinho e Crisóstomo como base para apoiar seus ensinos, eu tenho o dever de apresentar *o Doutor* (como ele é conhecido por todos), àqueles que talvez não o conheçam, e citá-lo, para que todos vejam o que era mais apreciado ao seu coração. Foi ele o responsável por eu ter sido escolhido pela Capela de Westminster, precisamente *devido ao entendimento* que eu expresso neste livro.

Sinto-me muito honrado pelo Dr. Jack Hayford ter escrito a apresentação deste livro. Ele é, sem dúvida, o líder mais estimado no movimento carismático-pentecostal. O reverendo Greg Haslam, meu sucessor na Capela de Westminster, também fez gentilmente uma recomendação especial, diretamente do Reino Unido. Eu não posso deixar de mencionar Bob Parsons e Lyndon Bowring — meus amigos mais íntimos e críticos mais severos — que, mais uma vez, ajudaram-me imensamente. Agradeço também a Mike Briggs, consultor da Charisma House. Este é meu primeiro livro com Debbie Marrie, desde que ela se tornou diretora executiva de desenvolvimento de produtos da Charisma House. A sua sabedoria foi extremamente importante na preparação deste livro. Ter, também, de volta a minha antiga editora, Barbara Dycus, para ajudar neste livro foi uma alegria incrível. Meus agradecimentos também a Leigh DeVore, que realizou a cansativa tarefa de edição de texto e foi a responsável pelo tão necessário índice para este livro.

O meu mais profundo agradecimento vai para a minha esposa, Louise, especialmente pela sua paciência durante o processo de escrita deste livro, privando-me de passar tempo com ela. A sua

sabedoria foi incrivelmente útil. Além disso, foi ideia dela o título do livro, *Fogo Santo*.

Esta obra é carinhosamente dedicada à minha filha e ao meu genro.

— R. T. KENDALL

ELE ASSOPRA ONDE QUER

–

O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.

— JOÃO 3.8

Quando a igreja é reavivada, o diabo também é.

— JONATHAN EDWARDS (1703–1758)

O Espírito Santo não pertence a você. Você é carismático? Ele é maior do que seus eventos com sinais e maravilhas. Você é reformado? Ele não estará limitado pela sua teologia. O Senhor Jesus disse a respeito do Espírito Santo: "Ele assopra onde quer".

C. S. Lewis (1898–1963) descreveu o leão Aslam, personagem principal de "As Crônicas de Nárnia", com as seguintes palavras: "Ele não é previsível, mas ele é bom".[1] Uma vez que Aslam representa Jesus na história, acredita-se que essa descrição refere-se a Jesus. Eu, pessoalmente, acredito que essas palavras aplicam-se a todas as pessoas da Trindade e, especialmente, ao Espírito Santo. Ele não é *previsível*, porém você pode confiar n'Ele, porque Ele é *bom*.

O meu posicionamento é claro. Eu me descrevo como um teólogo reformado — não apenas no conteúdo do que creio, mas também na minha prática. Preciso admitir que, por alguma razão, eu sempre me senti o último da fila no que diz respeito a sinais e maravilhas. Enquanto muitos à minha volta *têm caído no Espírito,* o meu corpo tem permanecido imóvel e ereto — como a Estátua da Liberdade. Embora alguns membros da minha família tenham experimentado pessoalmente a cura física, eu nunca tive uma experiência parecida. É verdade que eu já falei em línguas, isso, porém, nunca aconteceu em público. Resumindo: Se eu sou carismático, então sou o menor carismático entre todos os irmãos.

Porém, há algo mais do que isso. Durante meio século de ministério, tenho visto os piores excessos do movimento carismático — falsas profecias, curas simuladas e pessoas falando em línguas carnalmente. Devo dizer-lhe que sou um "reformado", com "*r*" minúsculo. Eu não ponho todos os pingos nos "is", nem coloco o traço em todos os "is", como alguns fazem, embora eu creia na soberania de Deus, tanto quanto qualquer um que eu conheça. Também creio que é possível que algumas das pessoas que somos reformadas, nos levamos a sério demais — inclusive nos tornando no novo Sinédrio, fantasiando que somente nós falamos pela boca do Santíssimo Deus. Eu também sou carismático, mas talvez com "***c***" minúsculo. Nem sempre posso adotar a linha do grupo, contudo creio nos dons do Espírito tanto quanto qualquer outro que conheça. Eu creio, teologicamente, que o Espírito Santo age tão ativamente hoje quanto sempre agiu, porque já testemunhei provas extraordinárias do Seu poder e de Sua obra no mundo atual. Mas, acima de tudo, creio na inspiração

infalível das Sagradas Escrituras e, por mais que tente, não posso, por minha própria conta, torcer o texto bíblico para provar que o poder de Deus através dos dons sobrenaturais do Espírito Santo estava limitado aos tempos da Igreja primitiva. No entanto, para mim não se trata apenas de uma questão de exegese, mas de experiência pessoal, como mostrarei mais adiante. E, nesse caso, as coisas podem ficar um pouco embaraçosas para um teólogo reformado.

Eu fui criado no Kentucky, a aproximadamente 160k de Bourbon County, a sede do Avivamento de Cane Ridge, que teve início em 1801. Os historiadores da Igreja dos Estados Unidos o chamam de "O Segundo Grande Avivamento da América" (o primeiro foi o "Grande Avivamento", que contou, em grande parte, com o ministério de Jonathan Edwards, por volta de 1735–1750). Minha própria igreja, em Ashland, nasceu no final do fervor que surgiu no Avivamento de Cane Ridge. Vi todo tipo de coisas na minha antiga igreja — coisas boas, ruins e feias. Também vi os dois tipos de fogo — o fogo santo que vem do alto e o fogo estranho que vem de baixo. Chame-o de fogo estranho, selvagem ou descontrolado. Eu costumava ouvir a expressão: "É melhor ter fogo selvagem, do que não ter fogo algum." Em outras palavras, se Deus não envia o fogo genuíno do Espírito Santo, é melhor ter algum incêndio — e ver algo acontecendo — do que ter uma ortodoxia ou formalismos mortos. Errado. É melhor não ter fogo algum do que ter um incêndio. Eu também costumava ouvir muitas pessoas dizerem: "As pessoas sairão para ver um fogo", como se o fato de se juntar multidões provasse alguma coisa. As multidões não provam nada.

O fogo santo é o que necessitamos. E fogo santo não é o elemento principal; é a única coisa que importa.

Os meus heróis são João Calvino (1509–1564), Jonathan Edwards (1703–1758) e o falecido Dr. Martyn Lloyd-Jones. E, se você me dissesse que o movimento pentecostal histórico ou o movimento carismático mais recente têm sido contaminados pelo fogo estranho, sei exatamente o que você quer dizer. Afinal de contas, como Jonathan Edwards costumava dizer: "Quando a igreja é reavivada, o diabo também é". Satanás se levanta com a falsificação para intimidar aqueles que buscam sinceramente a Deus — para afastá-los e fazê-los correr para a direção oposta. O fogo estranho quase sempre aparece durante verdadeiros avivamentos ou movimentos verdadeiros inspirados por Deus. Eu, no entanto, tenho muito conhecimento sobre o assunto para não permitir que o movimento pentecostal histórico e o movimento carismático histórico sejam pintados com um grande pincel, dando a entender que se caracterizam principalmente pela manifestação do fogo estranho, sendo assim facilmente rejeitado.

Se você busca a Deus, Satanás fica profundamente incomodado. Ele fará de tudo para acabar com a sua fome de Deus. É importante conhecer uma característica da sua maneira de agir. Paulo disse a respeito de satanás: "Porque não ignoramos os seus ardis" (2 Co 2.11). Porém, ainda mais importante do que discernir as falsificações, é ser capaz de reconhecer a genuína presença do Espírito Santo. É infinitamente melhor saber discernir o falso do verdadeiro; e mais, até ao nível em que você for capaz de reconhecer e aceitar o que é real e verdadeiro; ao chegar a esse nível você será capaz de detectar e rejeitar o que é espúrio e falso.

Eu não acredito que alguém esteja qualificado para falar sobre o que é falso, a menos que esteja bem familiarizado com o que é verdadeiro, real.

Se você está faminto pelo Espírito Santo, este livro é para você. Se está faminto por mais do Espírito Santo, este livro é para você. E, se a própria ideia de estar faminto pelo Espírito Santo é algo que nunca lhe chamou a atenção até agora, a minha oração é para que, à medida que for lendo estas páginas, seu coração comece a arder por tal ideia. Jesus disse que aqueles que têm fome e sede de justiça serão fartos (Mt 5.6).

Acompanhe-me em uma viagem que foi planejada para satisfazer o seu apetite de um ensino profundo e correto, e por mais do Espírito Santo. Nós provaremos tanto do leite da Palavra, quanto do alimento sólido — uma dieta que nos capacitará para "discernir tanto o bem como o mal" (Hb 5.14).

O meu posicionamento é claro. Eu me descrevo como um teólogo reformado — não apenas no conteúdo do que creio, mas também na minha prática.
Os meus heróis são João Calvino (1509–1564), Jonathan Edwards (1703–1758) e o falecido Dr. Martyn Lloyd-Jones.

Capítulo 1

DISCERNINDO OS TEMPOS

_

Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios... Porque virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas. Mas tu, sê sóbrio em tudo.

— I TIMÓTEO 4.1; II TIMÓTEO 4.3–5 (SBB)

A pior coisa que pode acontecer a um homem é ter sucesso antes de estar preparado.

— D. MARTYN LLOYD-JONES

Eu escrevo este livro para os jovens cristãos, os novos cristãos, os estudantes de teologia e os novos pastores, mas também o escrevi para os leigos ou ministros experientes que desejam, mais do que nunca, zelar pela honra e pela glória de Deus. Também o escrevo para aqueles que estão em cima do muro e se encontram sinceramente perplexos e inseguros sobre o que crer a respeito do Espírito Santo. Jonathan Edwards disse que a única coisa que satanás não pode produzir em nós é o amor pela glória

de Deus. Portanto, se a leitura deste livro produzir em você um amor maior pela honra do Senhor e uma reverência mais profunda pelo Espírito Santo, você pode ter certeza de que não foi o diabo que colocou esse desejo e esse respeito em seu coração. É esse também o motivo por que Edwards afirmou que quando a Igreja é reavivada o diabo também é! Então, você pode ter certeza de que o diabo colocará todos os obstáculos possíveis em seu caminho na tentativa de roubá-lo da alegria que vem da intimidade com o Espírito Santo. De fato, satanás fará absolutamente tudo o que puder para seduzi-lo e afastá-lo do genuíno poder do Deus vivo.

Quero antecipar algumas situações que você pode enfrentar em sua estrada. Quer a sua formação seja evangélica conservadora, reformada, carismática ou pentecostal, há certas armadilhas das quais você deve estar consciente. Em cada uma dessas correntes, você precisa estar armado para resistir às pressões que vêm de um satanás vingativo que não quer que você cresça na graça e no conhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo. "O meu povo perece por falta de conhecimento" (Oséias 4.6). Neste contexto, eu destacaria: (1) a falta de conhecimento da Palavra de Deus e (2) a falta de conhecimento dos caminhos de Deus.

Primeiro: a leitura da Bíblia. O diabo não quer que você leia a sua Bíblia, e muito menos que você passe *muito* tempo fazendo isso. Você conhece bem a sua Bíblia? Para entender a Bíblia, você precisa ter um relacionamento amigável com o Espírito Santo. Foi Ele quem a escreveu (2 Tm 3.15; 2 Pe 1.21). Só Ele pode abrir a sua mente para entender a Sua própria Palavra. Quando entristecemos o Espírito Santo por meio da nossa amargura ou O

apagamos através do medo, o resultado inevitável é uma incapacidade de nos concentrarmos em Sua Palavra. E também, dizendo ao contrário, para ter um bom relacionamento amigável com o Espírito Santo, você precisa conhecer a Sua Bíblia — e conhecê-La bem. Eu temo que haja muitos pastores por aí, que nunca leem a Bíblia seriamente, mas, em vez disso, apenas a consultam quando precisam preparar uma pregação.

Você necessita ter um plano de leitura da Bíblia. Durante anos, tenho recomendado o plano elaborado por Robert Murray M'Cheyne (1813–1843), apresentado a mim pelo Dr. Martyn Lloyd-Jones em minha primeira semana como ministro da Capela de Westminster, em 1977.[1] O plano o conduz por toda a Bíblia, durante um ano, tendo duas vezes a leitura do Novo Testamento e dos Salmos. Isso o mantém firme na Palavra. Eu não me canso de recomendar esse plano. Você nunca se arrependerá de segui-lo. Seja um cristão que conhece a sua Bíblia. Isso agrada muito a Deus.

Segundo: para conhecer a forma de *agir* de uma pessoa, é preciso passar tempo com ela. Você mostra a sua estima por uma pessoa pela quantidade de tempo que lhe dedica. Portanto, eu irei direto ao ponto: Q*uanto você ora?* O diabo não quer que você ore, muito menos que *invista muito* tempo orando.

Satanás treme quando vê o mais fraco dos santos de joelhos.[2]

— Wiiliam Cowper (1731–1800)

Eu insisto que você invista pelo menos trinta minutos por dia a sós com Deus — incluindo a leitura da Bíblia e a oração. Para

aqueles que trabalham no ministério em tempo integral, eu sugiro o mínimo de uma hora diária (duas é ainda melhor) e isso para devocionais particulares, sem se utilizar desse tempo para a preparação de sermões. Martinho Lutero investia duas horas por dia em oração. John Wesley também. De acordo com uma recente pesquisa feita nos dois lados do Atlântico, a média que os líderes da Igreja (pastores, párocos, evangelistas, mestres) investem em oração, nos dias atuais, é de quatro minutos por dia[3] E você se pergunta sobre o porquê da falta de poder na Igreja? Onde estão os Luteros de hoje? E os Wesleys? Quem está realmente virando o mundo de cabeça para baixo?

Se você não sabe como usar bem o seu tempo de oração, faça uma lista de oração. Ore pelas pessoas que nunca saberão que você orou por elas. Ore pelos seus amigos. Ore pelos seus inimigos. Não haverá oração no céu. Eu rogaria a você amorosamente: invista muito tempo em oração agora. Conheça a Deus e os Seus caminhos investindo tempo com Ele.

O DEUS DA BÍBLIA VERSUS OS ENSINOS PERIGOSOS

Não posso predizer exatamente os obstáculos com os quais você irá se deparar, mas mencionarei brevemente alguns bastante comuns. Se você, por exemplo, pertence a uma igreja carismática ou pentecostal, provavelmente enfrentará alguns ensinos estranhos. Eles se resumem, basicamente, a uma coisa: sua perspectiva de Deus. O Deus da Bíblia é Soberano, Onipotente, Onipresente, Onisciente e Santo. Nos meus livros *The God of the*

Bible (O Deus da Bíblia) [CrossBooks] e *Totally Forgiving God* ("O Deus que perdoa totalmente") [Charisma House], eu compartilho mais detalhadamente sobre esses atributos do Senhor:

1. A soberania de Deus se refere ao Seu direito divino de fazer o que Ele quiser. "Eu terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia, e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão" — Ex 33.19; Rm 9.15. "Conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o propósito da Sua vontade" — Ef 1.11;
2. O Deus da Bíblia é onipotente — todo poderoso. Não há nada que Ele não possa fazer (Lc 1.37);
3. O Deus da Bíblia é onipresente. Ele está em todos os lugares; não existe lugar onde Ele não esteja presente. Busque sempre Sua presença manifesta. Pedro chama esses momentos de "tempos de refrigério" (At 3.19);
4. Ele é onisciente: conhece tudo do passado, presente e futuro. Sim, Ele conhece o futuro tão bem quanto conhece o passado e anuncia o fim desde o princípio (Is 46.10);
5. O Deus da Bíblia é o Deus santo. Ele exige santidade de nós em nossa vida pessoal (1 Pe 1.16). Nunca se esqueça de que eu e você compareceremos ante o tribunal de Cristo no dia do juízo para recebermos o que é "devido" "por meio do corpo, ou bem, ou mal" (2 Co 5.10).

Uma visão defeituosa do Deus da Bíblia tem resultado em perigosos ensinos, nos últimos anos, em determinados círculos carismáticos ou pentecostais. Por pentecostal, refiro-me,

sobretudo, a uma denominação — tais como a Assembleia de Deus; Santidade (Holiness); o Evangelho Quadrangular; Igreja de Deus; Elim, e outras. Por carismático, refiro-me a um movimento que surgiu espontaneamente nos anos de 1960, ressaltando os dons do Espírito Santo (especialmente o dom de falar em línguas) e que cruzou linhas denominacionais — por exemplo — Episcopais, Reformados, Batistas, Luteranos e Presbiterianos. Receio que haja muitos ensinos estranhos infiltrados nessas igrejas ou movimentos carismáticos.

Um desses ensinos é o que trata da chamada *hipergraça*. Eu mencionarei essa heresia novamente no capítulo 5 — "Fogo Estranho". A ideia se resume no seguinte: uma vez que Jesus se ocupou de todo o nosso pecado na cruz, não há necessidade de confessá-lo — ele já foi vencido. Segundo essas pessoas, na vida cristã, não há mais necessidade de arrependimento. Isso é equivalente ao antinomianismo (anti-lei) e pode facilmente levar as pessoas a viver uma vida ímpia. Aqueles que defendem esse tipo de pensamento tiveram que eliminar determinados livros da Bíblia como, por exemplo, Hebreus e 1 João. Imagine só! Para defender uma doutrina eles precisam cortar uma parte do cânon das Sagradas Escrituras! Advirto: esse ensino entristece o Espírito Santo. Trata-se, porém, de um modismo que não durará. Pode, no entanto, causar um dano incalculável nesse meio tempo.

A segunda doutrina que menciono aqui, e também no capítulo 5, é chamada *teísmo aberto*. Essa visão de Deus O rebaixa ao mesmo nível do homem, de tal forma que um Deus assim não conhece a Sua própria mente sem a nossa contribuição. A ideia por trás disso é de que nós ajudamos Deus a saber o que fazer e continuar

fazendo. Sem nós, Ele não pode avançar. Essa *não é* uma doutrina cristã e se infiltrou de forma espantosa em determinados meios carismáticos. Quando a um líder dessa teologia foi perguntado publicamente em Londres: "Com essa visão de Deus, não seria possível que Ele fosse derrotado no final?", a sua resposta foi: "*Sim*". Imagine um Deus como esse. O Deus da Bíblia é um vencedor! Uma visão de Deus tão fraca como essa é a principal consequência da negação da Sua soberania eterna.

Por trás do *teísmo aberto* está a noção de que nós podemos fazer Deus executar praticamente qualquer coisa que quisermos. Nós podemos *decretar* algo, e será realizado. Isso torna o homem um ser soberano e, às vezes, é uma parte dos ensinos sobre *cura, riqueza e prosperidade*. Embora seja totalmente verdadeiro o fato de que Deus promete abençoar aquele que dizima (Malaquias 3.10) — porque nunca podemos dar demais ao Senhor (2 Coríntios 9.8) — tenha cuidado com aqueles que usam esse ensino principalmente para promover seus próprios ministérios (obter lucro financeiro pessoal). Alguns líderes chegam ao ponto de afirmar que as suas *palavras de conhecimento* são superiores às Sagradas Escrituras. Alguns negam a Bíblia como a revelação completa e final da verdade eterna. Um líder disse: "Se o apóstolo Paulo tivesse a minha fé, ele não teria tido o espinho na carne". Sinto muito, mas esse tipo de doutrina surgiu em ambientes carismáticos e pentecostais. Seja sábio e prudente diante de doutrinas, de ensinos que exaltam qualquer homem ou mulher e que até mesmo apelam ao egoísmo e ganância das pessoas. Elas brotam a partir do *fogo estranho* e são contrárias às Sagradas Escrituras.

Entretanto, não permita que a sua visão da infalibilidade bíblica o impeça de crer que Deus nos fala diretamente hoje. Sim, Ele fala. Não acredite, nem por um momento, que o Deus da Bíblia não faz milagres atualmente. Sim, Ele faz. Também não abandone a visão de que a Bíblia é a revelação completa e final de Deus quanto à verdade eterna. Ela é. Minha oração é que você defenda as Sagradas Escrituras como a Palavra infalível do Senhor e creia, ao mesmo tempo, que Deus é imutável em Sua disposição de manifestar o Seu poder (Ml 3.6; Hb 13.8). Seria, portanto, uma grande pena — e vitória para Satanás — se você permitisse que falsas doutrinas, doutrinas estranhas, o decepcionassem, levando você a deixar de crer na Palavra, na Graça e no Caráter de Deus. Eu escrevi este livro para encorajá-lo a esperar com expectativa pela presença manifesta e consciente da terceira Pessoa da Deidade: O Espírito Santo.

TEOLOGIA E ADORAÇÃO

Ter um pé no campo Reformado e o outro no Carismático-Pentecostal vem me alarmando cada vez mais com a tendência na adoração em alguns dos cultos no âmbito carismático-pentescostal. Os primeiros metodistas obtiveram a maior parte da sua teologia através dos seus hinos. Isto os fez teologicamente orientados — característica que você e eu não devemos perder nunca. De quem eram os hinos que os primeiros metodistas cantavam? Cantavam os hinos escritos por pessoas como Isaac

Watts (1674–1748), Charles Wesley (1707–1788), William Cowper e John Newton (1725–1807). Leia-os. Cante-os. Você já deu uma olhada, ultimamente, nas palavras de hinos como: "*And can it be that I should gain an int'rest in my Savior's blood?*"[4] (E posso ter descanso no sangue de meu Salvador?), "*When I survey the wondrous cross on which the Prince of glory died*"[5] (Quando eu vir a maravilhosa cruz na qual o Príncipe da Glória morreu), "*God moves in a mysterious way His wonders to perform*"[6] (Deus Se move por caminhos misteriosos para executar Suas maravilhas), "*How sweet the name of Jesus sounds*"[7] (Como são doces os sons do Nome de Jesus), ou "*O for a heart to praise my God, a heart from sin set free*"[8] (Um coração para o louvor do meu Deus, um Coração Liberto do Pecado)? Rogo e apelo que a presente geração, de todos os cristãos, cante tanto o novo quanto o antigo. Jesus contou uma parábola sobre um "pai de família que tira do seu tesouro coisas novas e velhas" (Mt 13.52), uma verdade que poderia ser aplicada aos hinos novos e antigos.

O que mais me preocupa acerca de parte da adoração (cânticos) contemporânea é a falta de boa teologia. Alguns parecem quase não ter teologia alguma! Isso não é bom. Eu receio estarmos produzindo uma geração de pessoas vulneráveis a movimentos heréticos, em parte devido à falta de uns bons fundamentos na verdade. Dito isso, agradeço a Deus por hinos como os de Chris Bowater "*Jesus shall take the highest honour*" (Jesus tomará a mais alta Honra),"*Restore, o Lord*" (Restaura, Oh, Senhor), "*Knowing You, Jesus*" (Conhecendo-Te, Jesus) e "*Such love*" (Tal amor); de Graham Kendrick: "*How deep the Father's love for us*" (Quão profundo o amor do Pai para conosco); de Stuart Townnend: "*In*

Christ alone" (Somente em Cristo); de Matt Redman: "*Blessed be Your name*" (Bendito Nome de Jesus) e "*10,000 Reasons*" (Dez Mil Razões); de Stephen Fry: "*Oh! the glory of His presence*"(Oh! A Glória de Sua Presença); de Darlene Zschech: "*Shout to the Lord*",(Aclame ao Senhor); e outros.

Existem, no entanto, armadilhas no meio evangélico conservador também. Uma doutrina comum na teologia reformada se chama *cessacionismo*. A ideia por trás disso é a de que os milagres *cessaram* pouco depois da morte do último apóstolo ou quando o cânon das Escrituras foi terminado. Este conceito é tão importante que eu dedicarei os capítulos 8 e 9 a ele. O cessacionismo não é algo passageiro, não é um modismo. Ele está presente em nosso meio há muito tempo. As pessoas que defendem essa doutrina não são, necessariamente, hereges. São pessoas boas. Mas o cessacionismo apaga o fogo do Espírito Santo tanto quanto as outras doutrinas mencionadas anteriormente. Isso O entristece. É muito **improvável** alguém conseguir convencer um cessacionista a crer que o Deus vivo faz curas sobrenaturais nos dias de hoje. Uma pessoa convencida contra a sua vontade continua pensando da mesma forma. Portanto, *não permita* que aqueles que defendem essas ideias, de que Deus não manifestará o Seu poder hoje, convençam você e o impeçam de ver o Deus da glória Se manifestar a Si mesmo em nossa geração. É por isso que eu escrevo este livro.

Como disse, minha própria base teológica é Reformada. Porém, eu não **cheguei a essa conclusão** lendo teologia Reformada. Mas o meu propósito ao escrever este livro não é fazê-lo mudar de posição teológica, e sim fazê-lo faminto pelo Espírito Santo. Se

você anda no Espírito, estuda a sua Bíblia e passa tempo a sós com Deus, a sua teologia cuidará de si mesma. Meu maior mentor foi o Dr. Martyn Lloyd-Jones. Ao longo deste livro, eu desejo torná-lo mais conhecido e fazer com que você seja tão abençoado por ele quanto eu fui. Uma das melhores coisas que ele me disse foi: "A pior coisa que pode acontecer a um homem é ter êxito antes de estar preparado." Essa afirmação tem me ajudado a *manter a minha cabeça* quando Deus não manifestou o Seu poder em meu próprio ministério tão rapidamente quanto eu esperava. Mas eu nunca desisti e não quero que você desista!

Martinho Lutero investia duas horas por dia em oração.
John Wesley também.
Entretanto, não permita que a sua visão da infalibilidade bíblica o impeça de crer que Deus nos fala diretamente hoje.
O que mais me preocupa acerca de parte da adoração (cânticos) contemporânea é a falta de boa teologia.

Capítulo 2

O QUE TODO CRISTÃO DEVERIA SABER SOBRE O ESPÍRITO SANTO

_

E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro, para estar com vocês para sempre, O Espírito da verdade... pois Ele vive com vocês e estará em vocês.

— João 14.16–17

Se o Espírito Santo fosse retirado da igreja hoje, noventa e cinco por cento de tudo que fazemos continuariam iguais e ninguém notaria a diferença.

— A. W. Tozer (1897–1963)

Os discípulos de Jesus não se alegravam em ouvir sobre o Espírito Santo. Isso os deixava desconfortáveis, como veremos adiante. Hoje, alguns cristãos se sentem da mesma maneira. A simples menção do Espírito Santo os deixa incomodados. Isso pode acontecer por diversas razões. No caso dos evangélicos conservadores, às vezes pensam que os carismáticos falam mais sobre o Espírito do que sobre Jesus ou o Evangelho. Em minha própria experiência, tenho observado que há um número

surpreendente de carismáticos que possuem muito pouca ou nenhuma certeza por que são salvos.

A prova disso é quando eu prego o Evangelho em algumas de suas igrejas. Muitas vezes faço estas perguntas, tomadas emprestadas do *Evangelism Explosion*[1] (Evangelismo Explosivo), do falecido D. James Kennedy (o melhor programa para ganhar almas que eu conheço):

1. Você sabe, com certeza, que se morrer hoje irá para o céu?
2. Se você estivesse diante de Deus (um dia estará) e Ele lhe perguntasse (e pode ser que pergunte): "Por que Eu deveria deixá-lo entrar no meu céu?", o que você responderia?

Fico chocado com a quantidade de pessoas (em todo o mundo) que admitem que a sua esperança de entrar no Céu não está no sangue de Jesus, mas em seus próprios esforços e méritos. Isso é preocupante, e me faz pensar que muitos deles nunca ouviram o Evangelho de fato! E, no entanto, essa falta de segurança também é vista em algumas igrejas evangélicas conservadoras, quando ensinam que não é olhar somente para Cristo, mas, também para as nossas boas obras, como a única maneira de se ter certeza de que, verdadeiramente, se converteram, como veremos no capítulo 3.

Há, também, evangélicos conservadores que, às vezes, sentem que estão sendo julgados como pessoas não espirituais por pessoas que se julgam superespirituais por falarem em línguas, especialmente. Com ou sem razão, alguns os fazem sentir que não são sequer cristãos, ou são — na melhor das hipóteses — cristãos

de segunda classe. Seja como for, qualquer referência ao Espírito Santo, em determinadas situações, pode ser contraproducente.

A razão pela qual os doze discípulos não gostaram da ideia do Espírito — pelo menos no começo — era porque Ele era um sinal da partida de Jesus. Para eles, o Espírito Santo significava perder Jesus. A referência inicial ao Espírito Santo foi feita junto com o anúncio da partida de Cristo. Isso lhes causou tristeza, afinal, os discípulos sentiam que estavam, finalmente, começando a conhecer o próprio Jesus. Eles começavam lentamente a conhecer alguns de Seus caminhos. Estavam seguindo-O durante três anos. Sabiam como era a Sua aparência. Sabiam qual era a Sua altura, a cor dos Seus olhos, cabelos e pele. Conheciam o som da Sua voz. Eles ouviam os Seus sermões, as Suas parábolas e os Seus diálogos com os fariseus e saduceus. Eles viram os milagres, as curas. Eles O viram andar sobre as águas. Estavam convencidos de que Jesus era o tão esperado Messias que viria. Eles aguardavam com expectativa que Ele estabelecesse o Seu reino e derrubasse Roma a qualquer momento.

Jesus, porém, começou a falar sobre a Sua partida. A ideia de Cristo indo embora era misteriosa. Eu me pergunto se eles ouviam sobre esse assunto com atenção. Eu digo isso porque, mesmo depois de ressuscitar dos mortos — e ficar com eles por quarenta dias —, a única coisa que havia em suas mentes era: Quando Jesus restaurará o reino? (At 1.6). Se eles tivessem realmente assimilado o que Jesus havia ensinado, não teriam feito essa pergunta. De qualquer forma, Jesus fez tudo o que podia para explicar e fazer-lhes entender, da forma mais gentilmente possível, que Ele teria que partir, que ir. A tarefa de Jesus era

ajudá-los a fazer a transição do nível natural para o âmbito do Espírito. Não seria fácil. Nenhuma ideia acerca de uma transição sequer passava pela cabeça deles.

O Espírito Santo tomaria o lugar de Jesus

Jesus apresentou-lhes o Espírito Santo, dizendo para eles cuidadosamente que a Sua partida era para o próprio bem deles. "Mas eu lhes afirmo que é para o bem de vocês que eu vou" (João 16.7). Ele falou sobre o "outro" Consolador ou Conselheiro que viria (Jo 14.16). Porém, a própria ideia de "outra" pessoa não lhes interessava nem um pouco. A palavra grega é *parákletos* — um termo impossível de ser traduzido em uma única palavra de modo a manter o seu significado total — quer usemos consolador, advogado, ajudador ou conselheiro. A palavra literalmente significa "alguém que se coloca ao nosso lado" — o que Jesus de fato fazia com eles no plano natural. Não há dúvida de que Jesus tinha vindo para estar ao lado deles durante aqueles três anos. Eles estavam muito contentes com Jesus, o Jesus em carne. O pensamento de que Ele os deixaria era muito confuso, entristecedor e doloroso. Portanto, a noção de "outro" Parácleto não lhes agradou naquele momento. Todo o conceito do Espírito Santo era ameaçador para eles.

Você se sente ameaçado pelo Espírito Santo? Os discípulos de Jesus sentiram-se ameaçados pela ideia do Espírito Santo porque eles gostavam das coisas tal como estavam — exceto em relação a

Roma, a qual eles esperavam que Jesus derrubasse. Eles estavam confortáveis com a ideia de Jesus estabelecer o Seu reino. A palavra *reino,* com relação a Jesus, soava-lhes bem. Ao final do período de três anos com Jesus, esses discípulos estavam bem acomodados em sua zona de conforto. Afinal de contas, eles estavam bastante convencidos de que estavam dentro do novo regime. Tiago e João esperavam até mesmo sentar-se à direita e à esquerda de Jesus nesse Reino. De qualquer forma, eles estavam ansiosos pela chegada do Seu Reino. Eles, no entanto, só conseguiam pensar em nível natural, mesmo que Jesus tenha dito claramente que o Seu reino não podia ser visto com os olhos físicos (Lc 17.20–21).

Portanto, se você se sente ameaçado pelo Espírito Santo, seria porque você está contente em sua zona de conforto? Você tem medo daquilo que o Espírito pode lhe fazer? Ou do que Ele pode requerer de você? Você tem medo do que Ele pode dizer para você fazer? Você acha que tem algo a perder se tornar-se vulnerável e totalmente aberto a Ele, à Sua ação? Você tem medo de ser envergonhado por Ele? Você acha que perderá a sua identidade? Pensa que teria que mudar?

Não sabemos se os discípulos ouviram atentamente o que Jesus lhes dizia, apenas sabemos que Ele continuou falando. Uma das coisas que Jesus disse foi que o Espírito Santo os faria *lembrar* daquilo que Ele lhes havia ensinado. E foi realmente o Espírito Santo quem os capacitou para lembrarem-se daqueles sermões e ensinamentos. E não somente as palavras em si, mas também seu próprio significado.

VINTE E UM FATOS SOBRE O ESPÍRITO SANTO

Há vinte e um fatos que todo cristão deve saber sobre o Espírito Santo. Esses vinte e um princípios, construídos a partir do que foi compartilhado até agora, resumem o que a Bíblia diz acerca do Espírito Santo, em geral, e o que Jesus disse acerca do Espírito particularmente.

O Espírito Santo é Deus.

Quando Ananias mentiu ao Espírito, ele mentiu a Deus (At 5.4). "O Senhor é o Espírito" (2 Co 3.17). Nós podemos falar sobre a divindade de Jesus Cristo — que Ele é Deus — porque Ele é. Contudo, não sentimos necessidade de falar sobre a divindade do Pai — seria redundante. Eu, às vezes, penso que gostaria de pregar sobre a divindade de Deus Pai! O membro mais negligenciado da Trindade atualmente é Deus, o Pai. Dito isso, eu gostaria de falar sobre a divindade do Espírito Santo. O Espírito Santo é Deus — tanto quanto Jesus e o próprio Pai o são.

Alguns cristãos não se importam em cantar as duas primeiras estrofes deste cântico:

Pai, nós Te amamos
Te louvamos e Te adoramos
Glorificamos Teu nome em toda a Terra...

Jesus, nós Te amamos
Te louvamos e Te adoramos

Glorificamos Teu nome em toda a Terra...
Quando, porém, chegam à terceira estrofe, as coisas mudam:

Espírito, nós Te amamos
Te louvamos e Te adoramos
Glorificamos Teu nome em toda a Terra...[2]

Alguns cristãos se sentem desconfortáveis ao cantar essa última estrofe. Por quê? Porque alguma versão da Bíblia traduziu João 16.13 (A versão autorizada da Bíblia King James, em inglês), dizendo que *Ele não falará de Si mesmo* — referindo-se ao Espírito Santo — "Ele não falará de si mesmo", um versículo que deveria ter sido traduzido assim: "Porque não falará *por si mesmo*", como mostrarei mais adiante. Eu sou, na realidade, solidário a eles. Sei de onde vêm. Eu tinha o mesmo problema até que vi o significado literal no grego. Mesmo assim, os hinários tradicionais da Igreja, durante muitos anos, têm incluído letras como: "Santo Espírito, Verdade divina, desce em minha alma"[3]; "Espírito Santo, apague as nossas tristezas"[4]; "Senhor Deus, Espírito Santo, desça com todo o poder, como no dia de Pentecostes"[5]; ou "Espírito de Deus, invada o meu coração"[6]. Não poderíamos nos dirigir ao Espírito Santo dessa forma, se Ele não fosse Deus. Não tenha medo de falar diretamente com o Espírito Santo. Não existe ciúme ou rivalidade na Trindade. O Pai e o Filho Se alegram quando nos dirigimos ao Espírito Santo em oração. Afinal, o Espírito de Deus é Deus, o Espírito. Além disso, a Trindade não é composta de Deus, o Pai; Deus, o Filho; e Deus, a Bíblia Sagrada!

Lembre tão somente: O Espírito Santo é Deus.

O Espírito Santo é uma pessoa.

Jesus se referiu ao Espírito como "ele" (João 14.16; 16.8) e O apresentou como sendo "outro" PARÁCLETO (Jesus também o era). Jamais pense no Espírito como uma "coisa", ou como uma "atitude", ou uma "influência". Ele é uma *pessoa* e possui formas próprias de agir, que podem ser consideradas peculiares, excêntricas ou singulares, como se queira. Ele tem Seus caminhos. Você pode gostar delas ou não; mas supere isso! Ele é o único Espírito Santo que você tem! Ele não Se ajustará a você, é você quem deve se ajustar a Ele.

O próprio Espírito falou sobre como o antigo Israel não conheceu os "caminhos" ou maneiras de Deus (Hb 3.7–10). Deus Se entristeceu porque o próprio povo da Sua aliança não conheceu os Seus caminhos, quando deveriam tê-lo feito, mas não o fizeram. Deus tem a Sua própria forma de agir, os Seus próprios "caminhos" e quer que os conheçamos. O mesmo pode ser dito em relação à pessoa do Espírito Santo. Ele deseja que conheçamos os Seus caminhos. Como veremos adiante, o Espírito pode ser entristecido, extinguido e blasfemado.

O Espírito Santo também pode ter *alegria*. Em Romanos 14.17, Paulo falou sobre "alegria *no* Espírito Santo" (ênfase acrescentada), ao passo que, em 1 Tessalonicenses 1.6, ele fala em "alegria *do* Espírito Santo" (ênfase acrescentada). Trata-se da Sua própria alegria. Essa alegria não é necessariamente o que *nós* sentimos; é o que *Ele* sente. E, às vezes, Ele nos convida a sentir o mesmo que Ele! Em Atos 2.28, esse sentimento é chamado de

"júbilo". Foi exatamente isso que eu experimentei, anos atrás, quando dirigia meu carro, mas contarei essa história mais adiante.

Precisamos, portanto, aprender a diferenciar entre a alegria que sentimos por causa das circunstâncias, da "alegria do Senhor" (Ne 8.10). É claro que não há nada de errado em nos alegramos quando as coisas vão bem. Na verdade, houve grande alegria naquela cidade, quando muitos paralíticos foram curados (At 8.7–8). As boas notícias de que os gentios haviam se convertido trouxeram "grande alegria" aos discípulos. (At 15.3). Entretanto, o maior nível de alegria deste planeta, se manifesta quando nos é permitido experimentar a verdadeira alegria *do* Espírito — quando sentimos o que Ele sente, pois quando o Espírito permite que sintamos a Sua alegria, ela é verdadeiramente "inexprimível" (1 Pe 1.8).

O Espírito Santo é eterno.

"Quanto mais o sangue de Cristo, que *pelo Espírito eterno* se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?" (Hb 9.14, ênfase acrescentada). O Pai, o Filho e o Verbo existiam na eternidade antes de Deus decidir criar os céus e a terra (Gn 1.1). "Antes de nascerem os montes e de criares a terra e o mundo, de eternidade a eternidade tu és Deus" (Sl 90.2). Deus, o Pai, é eterno e o Espírito Santo, também. Quando Paulo disse que na plenitude dos tempos, Deus "enviou seu Filho" (Gl 4.4), é porque o Pai já tinha um Filho. Jesus é o Filho eterno. Ele era o Verbo até o momento em que se tornou "carne" (Jo 1.14). Isso não ocorreu em

Belém, mas em Nazaré, em Sua concepção, quando o Verbo entrou no útero da virgem Maria.

O Espírito Santo é igualmente eterno com o Pai e o Verbo. Ele é o mesmo Espírito acerca do qual Jesus falou e que apresentou aos Seus discípulos. Também é fácil encontrar menções ao Espírito Santo no Antigo Testamento. Ele estava, de fato, presente durante todo o tempo. Faraó discerniu que o Espírito de Deus estava em José (Gn 41.38). Bezelael era cheio "do Espírito de Deus" (Êx 31.3). O "Espírito do Senhor" estava sobre Otniel (Jz 3.9–10), Gideão (Jz 6.34), Jefté (Jz 11.29), Saul (1 Sm 10.10) e Davi (1 Sm 16.13). O Espírito Santo estava por trás do ministério de Elias (1 Rs 18.12; 2 Rs 2.16). O Espírito de Deus veio sobre Azarias (2 Cr 15.1) e Zacarias (2 Cr 24.20). As referências ao Espírito não param por aí. Uma das maiores de todas é esta: "Não por força, nem por violência, mas sim pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (Zc 4.6).

Como veremos mais uma vez adiante, Jesus disse que o Espírito Santo falou através de Davi, no Salmo 110.1 (Mt 22.43). A Igreja primitiva deu testemunho de que Deus falou por meio do Espírito Santo: "*Tu falaste pelo Espírito Santo por boca do teu servo, nosso pai Davi: 'Por que se enfurecem as nações, e os povos conspiram em vão?"* (At 4.25). De fato, como veremos a seguir, o Espírito Santo desempenhou um papel importante na Criação e foi o autor de toda a Escritura.

O Espírito Santo é o Espírito da verdade (Jo 14.17; 16.13).

Jesus disse de Si mesmo que Ele é "o caminho, a *verdade* e a vida" (Jo 14.6, ênfase acrescentada), e, portanto, o Espírito é, igualmente, verdade. Como é impossível que Deus minta (Hb 6.18), nunca se esqueça de que o Espírito Santo é, também, *incapaz* de mentir para você. Ele jamais o enganará.

O próprio Jesus estava cheio de graça e *verdade* (Jo 1.14). A verdade significa um fato. O que é confiável. O que Jesus faz pode ser provado e não permitirá que você seja envergonhado. Quando um milagre foi realizado, o inimigo da verdade foi forçado a dizer: "Não o podemos negar" (At 4.16). Jesus é integridade transparente. Hoje, às vezes, usamos a expressão "o autêntico". É isso o que as pessoas querem ver nos líderes e anelam em seus relacionamentos — não o engano e infidelidade, mas honestidade e confiabilidade. É o que queremos em um amigo: ouro puro, o autêntico.

Jesus é isso. O Deus da Bíblia é isso — as Suas Palavras são "confiáveis" (2 Sm 7.28), são "verdadeiras; e justas" (Sl 19.9). Então, praticamente, a primeira coisa que Jesus falou a respeito do Espírito Santo foi que Ele é "o Espírito da verdade" (Jo 14.17). Isso significa autenticidade, confiabilidade, fidelidade e integridade. Também significa verdade teológica. O Espírito Santo jamais o conduzirá a erros. Você pode acreditar e apostar a sua vida naquilo que Ele revela.

Em outras palavras, o Espírito Santo é o oposto do diabo. Jesus disse sobre Satanás: "Não há verdade nele... porque é mentiroso, e pai da mentira" (Jo 8.44). Ele é incapaz de dizer a verdade, pois vive para enganar. Você conhece a sensação de ser enganado? De acolher uma pessoa, recomendá-la, arriscar o seu ministério por

ela e então descobrir que foi enganado? Isso pode ser muito doloroso.

O Espírito Santo, porém, nunca o enganará. Você não precisa ter medo d'Ele. Ele pode não ser "previsível", mas é "bom".

O Espírito Santo estava envolvido na criação.

"O Espírito de Deus se movia sobre a face das águas" (Gn 1.2). Nós sabemos que Jesus é descrito como Criador. "Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.3). "Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele" (Cl 1.16–17). Algumas destas afirmações também podem descrever o Espírito Santo — por exemplo, que *Ele é antes de todas as coisas*. O Espírito Santo participou na Criação, assim como Jesus.

O Espírito Santo, usando as pessoas, escreveu a Bíblia.

"*Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça*" (2 Tm 3.16). "*Pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo*" (2 Pe 1.21).

Jesus tinha a mesma visão das Escrituras que tiveram Paulo e Pedro, ou seja, de que o Espírito Santo escreveu o Antigo Testamento. Jesus perguntou aos fariseus (uma pergunta que eles

não puderam responder): "Ele lhes disse: 'Então, como é que Davi, falando pelo Espírito, o chama 'Senhor'? Pois ele afirma:'O Senhor disse ao meu Senhor: 'Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo de teus pés'. Se, pois, Davi o chama 'Senhor', como pode ser ele seu filho?" (Mt 22.43–45). O que quero mostrar é que Jesus disse que Davi escreveu daquela maneira porque o *Espírito Santo* — no ano 1.000 a.C. — o capacitou a fazê-lo. E, como também vimos anteriormente, este foi o testemunho da Igreja primitiva. Quando estavam sendo perseguidos, eles voltaram-se ao Senhor e disseram: "*Tu falaste pelo Espírito Santo por boca do teu servo, nosso pai Davi: 'Por que se enfurecem as nações, e os povos conspiram em vão?"* (At 4.25).

Há mais uma coisa em conexão a isso. O cânon das Sagradas Escrituras está fechado. É final. É definitivo. Absoluto. Incontestável. É a revelação completa e definitiva de Deus. Nenhuma palavra que venha no futuro será semelhante à Bíblia em termos de inspiração. Isso significa que qualquer *voz de liderança*, palavra de *profecia*, *palavra de conhecimento* ou *visão* que qualquer um tenha hoje *devem ser coerentes com as Sagradas Escrituras*. Se não forem, devem ser rejeitadas. O motivo principal pelo qual o rei Saul tornou-se o homem de ontem e rejeitado por Deus foi por ele pensar estar acima da Palavra de Deus. Quando ofereceu os holocaustos, ele sabia que estava indo contra a ordem de Moisés, de que somente a pessoa chamada por Deus poderia oferecer sacrifícios. E, ainda assim, ele afirmou ter se sentido "obrigado" a fazê-los. (1 Sm13.12). Sempre que uma pessoa afirma falar em nome de Deus, dizendo: "O Senhor me disse" — e o que diz em seguida é algo que vai contra as Escrituras, você

pode rejeitar a palavra dessa pessoa, tranquila, confortável e piamente, o que quer que seja dito, sem se importar o quanto confiável e importante a pessoa possa parecer.

O Espírito Santo assume a responsabilidade pela autoria da Bíblia. Ele usou as pessoas, é claro, para escrevê-la, porém a responsabilidade é do Espírito Santo. O mesmo Espírito pode falar hoje, em vários níveis, mas nenhum nível de inspiração será comparável à inspiração da Bíblia — jamais.

O Espírito Santo é nosso mestre.

"Ele vos ensinará todas as coisas" (Jo 14.26). "Não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina todas as coisas, e é verdadeira, e não é mentira... assim nele permanecereis" (1Jo 2.27).

O Espírito Santo é nosso mestre basicamente de duas maneiras: direta e indiretamente — um conceito muito importante que descreverei em mais detalhes adiante. Se Ele nos ensina diretamente, então, "não tendes necessidade de que alguém vos ensine". O Espírito Santo é muito capaz de nos ensinar dessa forma, e é algo maravilhoso quando acontece. As coisas que Ele me ensinou diretamente haviam passado despercebidas por mim, por exemplo, que eu havia sido escolhido e salvo desde a fundação do mundo. Eu não poderia ter pensado isso com minha própria mente. O que me ensinaram foi justamente o oposto — que tal ensinamento era "nascido no inferno" (eu não estou brincando). Como, então, eu cheguei a tal conclusão? Através do ensinamento direto do Espírito Santo.

O ensinamento indireto refere-se à maneira como o Espírito *aplica* aquilo que lemos ou ouvimos. É quando o Espírito usa a Palavra de Deus quando a lemos. É quando Ele aplica uma pregação, um ensinamento, uma leitura, um poema, uma bela palavra de encorajamento de um amigo, ou quando cantamos um hino ou cântico. Nesta manhã mesmo, durante meu tempo a sós com Deus, cantei o hino "Be Still, My Soul" (Acalma minh'alma), com a melodia da "Finlândia". Só Deus e Louise (que estava comigo) sabiam o que aquelas palavras significavam para mim naquele dia em especial. Parecia que elas haviam sido escritas para mim! O Espírito Santo estava operando ao aplicar este grande hino.

O Espírito Santo é nosso melhor e único confiável Mestre. Na verdade, Ele é o único mestre que importa. Qualquer ensinamento que você ouvir ou ler (inclusive este livro) — sem importar quem quer que seja o pregador ou mestre, se o Espírito Santo não aplicar e testificar em seu coração (o que Ele é perfeitamente capaz de fazer), você deveria aprender a ser cauteloso quanto ao tal ensino e até mesmo rejeitá-lo.

Atenção: o Espírito Santo só testifica da *verdade*. Lembre-se, também, de que até os melhores mestres cometem erros; eles não são infalíveis. Você deve ser como o povo de Bereia, que examinava as Escrituras (o Antigo Testamento, no caso) todos os dias para ver se o que Paulo dizia era verdade (At 17.11). Naqueles dias, Paulo não era "*ninguém*", ele não tinha a estatura que tem hoje. Qualquer pessoa que lhe diga: "Acredite, porque eu estou dizendo", não está lhe fazendo nenhum favor e,

provavelmente, está apenas demonstrando sua própria insegurança em relação a si mesmo.

O Espírito Santo pode ser entristecido.

"Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção" (Ef 4.30). Lembre-se de que o Espírito é uma pessoa. Ele pode ser *entristecido*. A palavra grega *lupeo* pode significar ter os seus sentimentos feridos. O que fere os sentimentos do Espírito Santo? Principalmente a amargura. O que Paulo diz em seguida é:

> Livrem-se de toda amargura, indignação e ira, gritaria e calúnia, bem como de toda maldade. Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoando-se mutuamente, assim como Deus perdoou vocês em Cristo (Ef 4.31–32).

Escrevi um livro inteiro sobre este assunto, chamado The *Sensitivity of the Spirit* ("A sensibilidade *do* Espírito"), não sensibilidade *ao* ou *para com* o Espírito, por mais importante que isso também seja. A questão é quão sensível a *pessoa* do próprio Espírito Santo é, como é fácil entristecê-Lo e ferir Seus sentimentos. Quando sentimos raiva, perdemos o controle, gritamos quando somos frustrados, falamos de maneira impaciente e grosseira com alguém, guardamos rancor ou acusamos as pessoas — estas coisas entristecem o Espírito Santo! Isso, no entanto, não parece nos incomodar! Mas deveria. Quando nos tornamos conscientes da sensibilidade *do* Espírito Santo, desenvolvemos uma profunda sensibilidade *para com Ele*, nos

tornando cada vez mais capazes de ouvir a Sua voz. Isso nasce de uma vida de amor — afastada de tudo o que é mau (I Co 13.5).

Em 1974, eu e minha família fomos à Holanda visitar Corrie ten Boom (1892–1983). Eu lhe fiz a seguinte pergunta: "É verdade que você é carismática?" Sem dizer sim ou não, ela respondeu prontamente: "Primeira Coríntios 12 e 1 Coríntios 14. Mas não se esqueça de 1 Coríntios 13." Foi uma maneira inteligente de dizer que nós necessitamos tanto dos DONS quanto do FRUTO do Espírito Santo.

O Espírito Santo pode ser apagado.

"Não extingais o Espírito" (1Ts 5.19). "Não apague o fogo do Espírito". Qual é a diferença entre entristecer e extinguir o Espírito? Essas duas ações quase se sobrepõem. Se há, no entanto, uma diferença, é provavelmente esta: nós entristecemos o Espírito através das nossas relações uns com os outros — como quando julgamos as pessoas ou nos recusamos a perdoá-las; nós extinguimos o Espírito quando somos preconceituosos quanto à forma como Ele se manifesta e quando não respeitamos a Sua presença. Normalmente é o medo que está por trás das atitudes e ações que apagam, extinguem o Espírito Santo.

Aqueles que acreditam que o Espírito Santo não Se manifesta, ou que não pode Se manifestar hoje através dos dons miraculosos, aderindo ao cessacionismo, estão colocando o Espírito Santo à margem, antes que Ele tenha a oportunidade de revelar o Seu poder.

Não se sinta ameaçado pelo Espírito Santo. Algumas pessoas dizem: "O Espírito é um cavalheiro". Eu não sei se concordo com essa afirmação! Embora tenha certeza de que eu não preciso me sentir ameaçado por Ele, eu tenho consciência de que Ele pode não ser tão "gentil" quanto alguns poderiam esperar. O Dr. Lloyd-Jones sempre dizia que o problema do ministério atualmente é que "há muitos homens gentis nele". O Espírito Santo pode exigir de você algo que não estava em seus planos. Em 1982, tomei a decisão de abandonar minha aspiração de tornar-me um grande teólogo. Em vez disso, me dispus a ir para as ruas entregar folhetos — não que eu esteja sugerindo que uma coisa impede a outra! Eu comecei a falar com pessoas totalmente desconhecidas e transeuntes sobre o Senhor. Era algo bastante embaraçoso, mas eu nunca olhei para trás.

Então, não posso dizer que Deus não exigirá de você algo que possa tirá-lo da sua zona de conforto. Pode ser que você precise abandoná-la. Eu posso, no entanto, prometer uma coisa: se você seguir o Espírito Santo estando totalmente aberto a Ele, você será eternamente grato.

É o Espírito Santo Quem convencerá.

"E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo" (Jo 16.8). Só o Espírito Santo pode nos fazer enxergar o nosso pecado, nos mostrar a nossa necessidade de justiça e revelar a urgência do Evangelho — pois haverá um julgamento, um juízo. Ninguém pode sentir-se convencido dessas coisas por si mesmo. Nós precisamos que o Espírito nos mova a isso.

Essa é uma verdade antes e depois da nossa conversão. Não somos capazes de enxergar nosso pecado ou a seriedade da nossa incredulidade antes da nossa conversão — já que todos nos consideramos muito justos. É necessário que o Espírito Santo nos ajude a ver a dolorosa verdade — que nós O entristecemos com nossa justiça própria e incredulidade e que teremos que prestar contas de nossas vidas no tribunal de Cristo. Mesmo após nossa conversão, devemos tomar cuidado para não sermos presunçosos. Foi por esse motivo que João disse, ao escrever aos cristãos: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós" (1 Jo 1.8). É também por isso que devemos orar diariamente a Oração do Senhor, lembrando-nos, principalmente, da parte que diz: "Perdoa-nos os nossos pecados, pois também nós perdoamos a qualquer que nos deve" (Lc 11.4).

O Espírito nos mostra os nossos pecados, mas também nos leva a perceber a nossa necessidade de justiça — os dois tipos dela:

1. A justiça concedida a nós quando cremos no Evangelho (chamada de fé salvadora).
2. A justiça concedida a nós quando continuamos a "andar nele" (chamada de fé persistente — Cl 2.6).

A justiça está conectada à ascensão de Jesus ("Porque vou para meu Pai, e não me vereis mais" — João 16.10), em parte porque a pregação do Evangelho só começou depois que Jesus morreu, ressuscitou dos mortos e ascendeu à destra do Pai.

Porém, qual é o "juízo" de que o Espírito Santo promete nos convencer? É uma referência ao último dia — quando o Juiz de toda a terra fará justiça (Gn 18.25). Satanás é a causa de todo o

mal e injustiça nesse mundo. A morte de Jesus tomou satanás de surpresa (1 Co 2.8) e revelou não só a sua queda, mas também prenunciou o dia do seu juízo. A morte foi vencida pela morte de Jesus (Hb 2.14), razão pela qual Ele disse: "O príncipe deste mundo já está julgado" (Jo 16.11). As pessoas muitas vezes perguntam: "Não existe justiça neste mundo?" Resposta: Às vezes, existe. Mas não conte com isso. "A vida não é justa", disse John F. Kennedy. Um dia, porém, Deus executará o Seu juízo final e proclamará o fracasso, a derrota de satanás publicamente. Deus explicará por que o mal e o sofrimento existem. Tudo será colocado sob os pés de Jesus. O próprio satanás será "lançado no lago de fogo e enxofre" (Ap 20.10). O Espírito Santo nos convence dessa verdade, testificando não só que satanás já está condenado, mas também que o juízo se aproxima.

Por esta razão, *todos* nós devemos comparecer ante o tribunal de Cristo para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal (2 Co 5.10). O Espírito Santo, portanto, convence a respeito do juízo final. O efeito que isso deveria ter sobre nós é um temor bom, saudável. Assim que Paulo falou que todos compareceremos perante o tribunal de Cristo, ele mencionou o "temor" do Senhor ("conhecendo, pois, o temor do Senhor" — 2 Co 5.11). A referência ao juízo também aponta para a negligenciada doutrina do castigo eterno. Quando Paulo testemunhou perante Félix, ele falou do "juízo vindouro" (At 24.25). Félix temeu e tremeu. Em tempos de grande avivamento, geralmente há, também, um despertar das doutrinas do juízo e do castigo eterno. Ainda assim, somente o Espírito Santo pode tornar

essa verdade aterrorizante. Se, ao se pregar tal mensagem Ele não se colocar ao seu lado, aqueles que ouvem não serão afetados.

O Espírito Santo é nosso guia.

"Ele vos guiará a toda a verdade" (Jo 16.13). A menos que seja guiado à verdade pelo Espírito Santo, você nunca a enxergará. "Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vêm do Espírito de Deus, pois lhe são loucura; e não é capaz de entendê-las, porque elas são discernidas espiritualmente" (1 Co 2.14). Sem o Espírito, provavelmente, pensaremos que é nosso grande cérebro o que nos impede de vermos o que está lá. Somente com a ajuda do Espírito Santo, guiando-nos, é que somos capazes de entender a Bíblia e experimentar a alegria do Espírito.

O meu hobby durante muitos anos era pescar em Flórida Keys [Arquipélago composto de 170 ilhas na Flórida — USA]. Eu pescava ubarana, um peixe cheio de espinhas e praticamente impossível de comer. É um peixe, astuto, de água rasa, rápido como um raio e difícil de ver. É muito divertido tentar pescá-lo. Ele pesa de três a quatro quilos. Mas se você nunca tentou pescá-lo é muito pouco recomendável fazê-lo, pela primeira vez, sem ajuda de um guia profissional. Quando primeiramente ouvi isso, me recusei a contratar um guia. Primeiro, porque eu não queria pagá-lo. Segundo, eu também não queria admitir que *necessitava* de um guia. Mas, após repetidos fracassos, rendi-me e contratei o guia. O engraçado foi que ele me levou aos mesmos locais do Largo Sound, onde eu havia pescado durante meses — sem conseguir ver nenhum desses peixes! Nesse tipo de pescaria, você

precisa aproximar-se e vê-los antes que eles vejam você — é imperativo que os veja antes de lançar a linha. Mas sozinho, não consegui ver nenhum! Já com a ajuda do guia, eu fui capaz de vê-los! Jamais esquecerei essa experiência. Finalmente fui capaz de vê-los. Entretanto, nunca havia conseguido ver um sequer, sem o guia.

O Espírito Santo nos "guia" a toda à verdade — mostrando-nos o que *está* ali, mas que não podemos ver sem que Ele abra os nossos olhos. É humilhante para as pessoas orgulhosas admitirem que precisam do Espírito Santo. O custo de tal confissão? Despedaçar o nosso orgulho. Mas, uma vez que somos esmigalhados e capacitados a enxergar a nossa teimosia, o Espírito nos mostrará coisas maravilhosas — nas Escrituras.

A propósito, eu estive, recentemente, em Bimini, nas Bahamas, para pescar ubaranas. Contratei um ótimo guia: Tommy Ubarana — um famoso guia para essa pesca. Apesar de já tê-los pescado no passado, eu me dei conta do quanto havia esquecido sobre a arte de localizá-los, mesmo em águas rasas e cristalinas. Para falar a verdade, a maioria dos peixes que pesquei eu não havia visto; Tommy me dizia onde lançar o anzol — e, então, eu os pescava. Eu me senti tão tolo!

Muitas vezes nós, cristãos maduros — que conhecemos a sã teologia — precisamos nos humilhar e admitir que necessitamos maior iluminação do Espírito Santo. Eu preciso do Espírito Santo mais do que nunca. Tenho lido a Bíblia por cerca de setenta anos. Eu já a li do início ao fim umas quarenta vezes. Algumas vezes, no entanto, eu sinto como se mal tivesse começado a conhecer a Deus e a Sua Palavra. Nós nunca superamos nossa necessidade da ajuda

de um guia celestial para nos conduzir a verdades que nunca havíamos ouvido — mas que sempre estavam ali.

O Espírito Santo fala somente o que o Pai Lhe diz.

"Ele não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido" (Jo 16.13). A versão autorizada da Bíblia em inglês, KING JAMES, é tristemente famosa por ter traduzido esse versículo como "não falará de si mesmo", uma das traduções mais infelizes na história da tradução bíblica. Como vimos antes, isso tem levado boas pessoas a deduzir que deveriam mencionar o Espírito Santo muito pouco (ou nada), para não correrem o risco de dizer algo que o próprio Espírito jamais permitiria. Isso é um erro. Afinal de contas, o Espírito Santo escreveu o Novo Testamento! É assim que sabemos sobre Ele! A tradução correta *não* é "que Ele não falará de si mesmo", mas que "não falará *por si mesmo"*, ou "por Sua própria conta". Isso significa que Ele Se limita a transmitir somente aquilo que o Pai falar. É esse o significado desse versículo. Nunca tenha medo de falar sobre o Espírito. É exatamente isso que o Pai e o Filho desejam que você faça.

O Espírito Santo, na verdade, deu continuidade ao mesmo padrão seguido por Jesus, que disse: "Eu lhes digo verdadeiramente que o Filho não pode fazer nada de si mesmo; só pode fazer o que vê o Pai fazer, porque o que o Pai faz o Filho também faz" (Jo 5.19). Isso mostra que Jesus se movia de acordo com o Pai — o que dizer, para onde ir, quando curar, quando responder. Jesus não fazia *nada* sem antes receber um sinal verde do Pai. Tudo o que

Ele fazia havia sido orquestrado pelo Pai no céu. Tudo. O Filho não fazia nada por conta própria. Era sempre assim!

É exatamente isso que o Espírito Santo está dizendo acerca de Si mesmo. Ele não faz nada sem o sinal verde do trono da graça — o que dizer, para onde ir, quando curar, quando responder. Por falar em "para onde ir", certa vez os discípulos foram proibidos pelo Espírito Santo de irem até a Ásia — ou Bitínia (At 16.7). O Espírito estava fazendo o que o Pai havia ordenado; não era da vontade do Pai que eles fossem àquele lugar. Deus, o Pai, orquestrou do céu, tudo o que o Espírito diria e faria no planeta Terra. Jesus nunca disse que o Espírito Santo não falaria de Si mesmo. De fato, Ele fala sim.

O Espírito Santo predirá o futuro.

"*Ele vos anunciará o que há de vir*" (Jo 16.13, ênfase acrescentada). Essa é a base da profecia. Vimos, anteriormente, algumas referências ao Espírito Santo no Antigo Testamento. *Todas* as profecias no Antigo Testamento — de Moisés a Elias, de Samuel a Malaquias — nasceram do Espírito Santo. Eu escrevi um livro sobre Isaías 53 chamado *Why Jesus Died* [7] ("Por que Jesus morreu"). Isaías 53 foi escrito de tal forma, que é surpreendente que judeus possam ler esse capítulo, nos dias de hoje, e não perceber como Jesus e a Sua morte foram perfeitamente profetizados e tudo cumprido. "Eu anuncio o fim desde o princípio, e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade" (Is 46.10).

Foi dessa forma que Ágabo soube que haveria uma grande fome em todo o mundo (At 11.28). Foi também como Paulo soube que o barco, em que estava, naufragaria (At 27.23–26).

Nunca se esqueça: Deus conhece o fim desde o começo. Ele conhece o futuro tão bem quanto conhece o passado.

O Espírito Santo glorificará a Jesus Cristo.

"Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar" (Jo 16.14). Uma das características interessantes da Trindade é que as pessoas da divindade louvam umas às outras. Como disse, não existe ciúme ou rivalidade na Deidade. Isso é algo difícil para algumas pessoas compreenderem. O Pai não Se importa se você orar a Jesus ou ao Espírito Santo. O Pai honra o Espírito e o Filho. O Filho honra o Pai e ao Espírito. O Espírito glorifica a Cristo e fala apenas aquilo que ouve do Pai.

Glorificar a Cristo é honrá-Lo por:

1. Quem Ele é;
2. O que Ele disse;
3. O que Ele fez por nós;
4. O que Ele continua fazendo por nós;
5. O que Ele ainda fará.

É dar a Ele *agora*, a honra que Ele receberá publicamente no último dia — quando todo joelho se dobrar e toda língua confessar que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai. (Fp 2.9–11). *Não há como louvarmos demais a Jesus. É impossível*

louvar ao Senhor Jesus Cristo o bastante. O Espírito Santo nos leva a louvarmos ao Senhor Jesus como Ele merece, embora gostássemos de poder fazê-lo ainda melhor. Foi por esse motivo que Charles Wesley escreveu: "Oh, que mil línguas cantem louvores ao meu grande Redentor".[8]

Jesus disse que o Espírito Santo "receberá do que é meu". O que é d'Ele e que nos é dado a conhecer? Resposta: (1) a Sua obra como Redentor e (2) a glória e o louvor que Jesus Cristo merece — que pertencem a Ele. Jesus é o foco. Ele é quem tinha que ser glorificado — e *foi* glorificado. Jesus orou: "Pai, é chegada a hora... glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse." (Jo 17.1–5). A glória de Cristo é o foco. Ele é o nosso Redentor. Ele é o Deus-homem. Quanto se trata de glória, não é no Espírito Santo onde devemos colocar o foco. Você pode perguntar: Mas o Espírito não é Deus? Sim, porém não foi o Espírito Santo quem morreu. Não é ao Espírito Santo que todo joelho se dobrará um dia. Portanto, quando Jesus disse que o Espírito *"receberá do que é meu"*, Ele estava dizendo que o foco seria direcionado ao Redentor e Salvador do mundo, que seria glorificado e nos seria dado a conhecer.

O Espírito Santo pode ser blasfemado.

"A blasfêmia contra o Espírito não será perdoada aos homens" (Mat 12.31). Esta é, indiscutivelmente, a passagem mais assustadora do Novo Testamento. Esse é o chamado pecado imperdoável porque não há perdão se alguém blasfemar contra o

Espírito Santo. Muitos pastores têm pessoas em suas igrejas que temem terem cometido tal pecado. Que pecado é esse? Em primeiro lugar, não é nenhum pecado contra a lei moral (os Dez Mandamentos). Não se trata de cometer assassinato ou adultério. O rei Davi cometeu esses dois pecados e foi perdoado. O pecado imperdoável é cometido quando o *veredito final* de uma pessoa em relação ao Evangelho é o desprezo pelo testemunho do Espírito — que é glorificar a Cristo — revelando a Sua divindade. Ou seja, uma pessoa blasfema contra o Espírito negando finalmente que Jesus é Deus em carne — ou dizendo que Jesus tem um espírito maligno (Mc 3.29–30). Como você pode saber que não cometeu o pecado imperdoável? Se você pode testificar em seu coração que Jesus é Deus, não se preocupe mais.

Em minha antiga igreja, em Ashland, Kentucky, nós recebíamos evangelistas duas ou três vezes ao ano para realizar *avivamentos* — missões que duravam, geralmente, duas semanas. Era comum que o ministro pregasse sobre a blasfêmia contra o Espírito Santo pelo menos uma vez — normalmente na última noite — quase matando a todos de tanto medo. No entanto, não me lembro de ter ouvido sequer um pregador explicar do que se trata, exatamente, o pecado imperdoável — ou como ele poderia ser cometido. Ele era muitas vezes usado como uma manobra para fazer com que as pessoas corressem até o altar a fim de não cometerem tal pecado, indo, inevitavelmente, para o inferno.

Mesmo em Londres, algumas pessoas me procuraram preocupadas de terem blasfemado contra o Espírito Santo. Um homem muito querido — bastante firme em sua fé — lembrou-se de uma ocasião em que, antes de se converter, disse: “Maldito,

você, Espírito Santo". Após sua conversão, ele ouviu um ensino sobre a blasfêmia contra o Espírito. Mesmo estando servindo ao Senhor fielmente, este incidente o aterrorizava. Quando eu lhe mostrei que a blasfêmia contra o Espírito é o desprezo pelo Seu testemunho, que aponta para a pessoa de Jesus, ele se libertou e nunca mais se preocupou com isso. Eu repito: se você pode afirmar de *coração* que Jesus Cristo é Deus, você não cometeu esse pecado. Paulo disse que ninguém pode dizer que "Jesus é o Senhor", a não ser pelo Espírito Santo (1 Co 12.3).

O Espírito Santo é nosso lembrador.

"Ele vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito" (Jo 14.26). Se você tem medo de esquecer o que ouviu, não se preocupe! O Espírito Santo o fará lembrar-se de tudo o que você aprendeu.

Visualize isto: os discípulos haviam acabado de ouvir as Bem-aventuranças. Enquanto ouviam as parábolas de Jesus, enquanto viam o seu confronto com os fariseus e saduceus, eles devem ter dito uns aos outros: "Como vamos nos lembrar de tudo isso?" Em João 14.26, Jesus está praticamente dizendo: "Não se preocupem se vocês não conseguirem se lembrar do que eu disse: O Espírito Santo os fará lembrar-se de tudo o que eu ensinei".

Isso ainda é muito importante hoje. As pessoas perguntam: "Por que eu deveria ler a minha Bíblia? Eu não entendo nada. Por que memorizar versículos? Por que deveria ouvir ensinos bíblicos? — às vezes são tão chatos".

Eu respondo: Mesmo que você não entenda ou pense que não será capaz de lembrar o que aprendeu, você está recebendo mais

do que conscientemente consegue perceber naquele instante. No momento oportuno — provavelmente quando menos esperar — o Espírito Santo fará você lembrar aquilo que ouviu.

Talvez você diga: "Eu preciso que o Espírito Santo caia sobre mim. Necessito do poder de Deus para cair prostrado".

Eu respondo: Se você estiver com a cabeça vazia quando cair, ela estará vazia quando você se levantar! O Espírito Santo promete que nos fará lembrar do que está dentro de *nossa mente*. Se não houver nada lá para nos lembrarmos, o que você espera que Ele faça?

O Espírito Santo dá poder.

"Mas recebereis poder do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra" (At 1.8). Penso que esta promessa de Jesus acerca do Espírito não interessou tanto os discípulos quanto deveria. Eles tinham outra coisa em suas mentes. O que eles realmente queriam saber era se Jesus finalmente restauraria o reino a Israel (At 1.6). Jesus Se esquivou dessa pergunta e prometeu que receberiam poder quando o Espírito Santo viesse sobre eles. Esta promessa cumpriu-se no dia de Pentecostes.

O poder do Espírito Santo foi experimentado em basicamente três áreas. Primeiro, houve uma demonstração de um poder sobrenatural — que desafiava qualquer explicação natural. Lembre-se de que não era necessário um alto nível de fé para o que eles ouviram, viram e sentiram. Seus ouvidos ouviram, seus olhos viram e sentiram em seus corpos. Mesmo que Jesus tenha

dito que o Reino de Deus não seria visível (referindo-se a um governo terreno), ironicamente, as primeiras manifestações do Espírito Santo foram físicas! A primeira sensação foi ouvir. De repente, veio do céu um *som*, como de "um vento impetuoso". Os 120 discípulos assentados (não em pé, não ajoelhados) dentro da casa receberam poder para ouvir, ver e sentir algo sem precedentes em toda a história de Israel. Eles olharam uns para os outros e viram "línguas de fogo" sobre suas cabeças! Foi uma demonstração visível do fogo santo. Isso aconteceu e todos eles foram "cheios do Espírito Santo". Começaram a falar "em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (At 2.1–4). Embora Marcos 16.17 (um versículo em disputa entre eruditos, já que não estaria, aparentemente, nos primeiros manuscritos a que temos acesso) indique que os seguidores de Jesus falariam em "novas línguas", eu não acredito que eles estavam preparados para fazer tal coisa. Eles foram capacitados para fazer isso, conforme o Espírito "lhes concedia que falassem". Eles não fizeram aquilo por vontade própria. As línguas faladas, no Dia de Pentecostes, eram línguas identificáveis. A multidão que se ajuntou os ouvia falar "na sua própria língua" (At 2.6).

Em segundo lugar, eles receberam um poder interior para compreender o que antes lhes era obscuro ou um mistério. Somente quando o Espírito Santo desceu sobre eles é que os discípulos começaram enxergar qual era o verdadeiro propósito da vinda de Jesus à Terra. Eles, então, entenderam que (1) a vinda do Espírito era o cumprimento de Joel 2.28–32; (2) a morte de Jesus não foi um acidente, mas com o propósito da nossa salvação; (3) a Sua ressurreição demonstrava quem era Jesus — o Filho de

Deus; (4) Jesus estava agora à direita de Deus; (5) a ascensão de Jesus aconteceu para preparar o caminho para o Espírito Santo; (6) as pessoas necessitavam do perdão dos seus pecados; (7) todos que ouviram o sermão de Pedro podiam ser perdoados e receber o Espírito Santo se se arrependessem e fossem batizados (At 2.14–39). Agora tudo passou a fazer sentido para Pedro.

Em terceiro lugar, este poder significa poder *para testemunhar*. Atos 1.8 une duas coisas, tornando-as praticamente inseparáveis — **poder e testemunho**. O poder não era meramente para desfrute deles — embora provavelmente tenha sido algo emocionante para eles. Foi o poder que capacitou Pedro a confrontar milhares de judeus com tanta coragem. O mesmo Pedro que, covardemente, negou conhecer Jesus diante de uma serva galileia sete semanas antes; estava, agora, dizendo a judeus poderosos daquele tempo o que *eles precisavam* fazer. A pregação de Pedro foi tão eficaz que aqueles que ouviam "ficaram aflitos em seu coração" — algo que apenas o Espírito Santo pode fazer — e perguntaram: "Que faremos?" (At 2.37). No início, eles zombaram, ignorando as 120 pessoas que foram cheias do Espírito, dizendo que estavam "embriagados" (At 2.13). Eu, pessoalmente, duvido que eles estivessem zombando deles por causa das línguas — pois ouvir o que havia sido dito e entender em seus próprios idiomas os teria deixado sérios. Quando chegarmos ao céu e virmos uma gravação (DVD) de todo esse acontecimento, eu creio que veremos que muitos desses discípulos cheios do Espírito estavam rindo exageradamente de tanta alegria. Porém, depois de ouvirem Pedro, os zombadores passaram a implorar para saber o que fazer

em seguida! A explicação: poder, uma energia sobrenatural que desafia qualquer explicação natural.

Paulo disse que o reino de Deus não consiste em palavras, mas em "poder" (1 Co 4.20). Eu não tenho dúvida de que o poder do Espírito Santo é importante e está disponível, não apenas para entender e dar testemunho, mas também para uma vida santa e outras demonstrações do sobrenatural.

O Espírito Santo Se manifesta através de diversos dons espirituais.

"Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil. Porque a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; E a outro, a operação de maravilhas; e a outro a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas" (1 Co 12.7–10). Uma questão indefinida entre alguns cristãos — incluindo os pentecostais e carismáticos — é se a evidência do batismo no Espírito Santo é sempre, e necessariamente, falar em línguas. O dom de falar ou orar em línguas (1 Co 14.2, 14) é o mesmo fenômeno que aqueles 120 receberam no Dia de Pentecostes? (At 2.4). Possivelmente não. Pode ter sido algo diferente. Os melhores eruditos pentecostais e carismáticos diferem nisto e eu não vejo necessidade para criar caso em relação a esse assunto.

O Espírito Santo guia, mostra Jesus às pessoas e O torna real.

“Ele testificará de mim” (Jo 15.26). O que ou *quem* faz as pessoas desejarem se voltar para Jesus? O Espírito Santo. O que ou *quem* faz com que Jesus seja real? O Espírito Santo. O que ou *quem* torna o que Ele fez por nós — morrer na cruz e ressuscitar dos mortos — real? O Espírito Santo.

Foi por esse motivo que Jesus disse: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer” (Jo 6.44). Todos nós nascemos “mortos” — “mortos em ofensas e pecados” (Ef 2.1). Pode um homem morto falar? Pode ouvir? Pode se mover? Pode um homem morto fazer alguma escolha? A afirmação de Jesus em João 6.44 foi feita em meio ao que os mestres chamam de “*os difíceis ensinamentos de Jesus*”. No início desse discurso, Jesus tinha uma multidão de seguidores (Jo 6.10). No final, “muitos dos seus discípulos tornaram para trás, e já não andavam com ele” (v.66). Jesus disse: “O Espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita... Por isso eu vos disse que ninguém pode vir a mim, se por meu Pai não lhe for concedido” (v.63, 65).

Qual é o objetivo do testemunho do Espírito Santo? Jesus Cristo. O Espírito Santo dirige, conduz, guia as pessoas a Jesus. “Ele testificará de mim”. É o Espírito que faz com que as pessoas vejam *por que* Jesus morreu e ressuscitou. Lembre-se de que os onze (Judas não estava mais entre os discípulos) não sabiam *por que* Jesus morreu ou ressuscitou da morte mesmo depois de verem o Seu corpo ressuscitado. Eles só compreenderam tudo de verdade quando o Espírito Santo desceu sobre eles no Dia de Pentecostes.

O Espírito Se manifesta através de vários frutos.

"O fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança" (Gl 5.22). Eu penso que é possível uma pessoa ter dons do Espírito sem ter o fruto do Espírito. Também penso que é possível alguém ter o fruto do Espírito, sem ter os dons do Espírito. Carismáticos e Pentecostais tendem a enfatizar os dons; Evangélicos Conservadores e Cristãos Reformados tendem a enfatizar os frutos.

Não quero cometer injustiça, mas há muito tempo que, se não fosse pelo dom de línguas, muitos evangélicos (muitos dos quais *não* são cessacionistas) não teriam objeção alguma aos dons do Espírito. O estigma (a ofensa) não é com respeito à Palavra de Sabedoria; quem não quer ou não precisa de sabedoria? Também não estão contra as palavras conhecimento, o dom da fé, o da profecia, o do discernimento de espíritos, dom das curas ou dos milagres. A hostilidade é, invariavelmente, direcionada ao falar em línguas. Por quê? Como disse o meu amigo Charles Carrin, o falar em línguas é o único dom do Espírito que desafia o nosso *orgulho*. Não existe estigma associado a *nenhum* dos demais dons, somente ao dom de línguas.

Dito isso, eu pergunto: Quando se trata dos dons e do fruto do Espírito Santo, por que não ter os dois?

O Espírito Santo dá poder renovado.

"E, tendo orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com ousadia a palavra de Deus" (At 4.31). Isso aconteceu algum tempo depois do

Dia de Pentecostes, provavelmente semanas após. Esse acontecimento mostra que as mesmas pessoas que foram cheias do Espírito no Dia de Pentecostes, foram cheias novamente — e foram, então, capacitadas a falar com um poder renovado.

O que aconteceu foi isto: Um homem de quarenta anos de idade que nunca havia andado foi curado repentina e milagrosamente através de Pedro e João. Todos em Jerusalém sabiam quem era aquele homem paralítico. Depois que milhares o viram "saltando e louvando a Deus", Pedro (novamente) aproveitou essa oportunidade para pregar o evangelho. Perto de cinco mil pessoas se converteram como resultado disso (At 3.1– 4.4). Em vez dos anciãos e os mestres da lei se comoverem, eles ficaram indignados. Eles advertiram a Pedro e aos outros discípulos que não falassem mais "nesse nome a homem algum" (At 4.17). Pedro e João contaram o que aconteceu aos discípulos, que se colocaram a orar. Uma oração incrível. (Veja Atos 4.24–30). Foi aí, então, que aquele lugar tremeu e todos foram cheios do Espírito Santo.

Meu ponto é este: O que já aconteceu uma vez pode acontecer duas vezes. Ou três. E muitas outras. Por isso Paulo escreveu: "Enchei-vos do Espírito" (Ef 5.18). Nós precisamos ser cheios d'Ele — repetidamente.

O Pai e o Filho Se alegram quando nos dirigimos ao Espírito Santo em oração. Afinal, o Espírito de Deus é Deus, o Espírito.

Entretanto, o maior nível de alegria deste planeta, se manifesta quando nos é permitido experimentar a verdadeira alegria* do *Espírito

O Espírito Santo, porém, nunca o enganará. Você não precisa ter medo d'Ele. Ele pode não ser "previsível", mas é "bom".

O Espírito Santo é nosso melhor e único confiável Mestre. Na verdade, Ele é o único mestre que importa.

A questão é quão sensível a* pessoa *do próprio Espírito Santo é, como é fácil entristecê-Lo e ferir Seus sentimentos.

Aqueles que acreditam que o Espírito Santo não Se manifesta, ou que não pode Se manifestar hoje através dos dons miraculosos, aderindo ao cessacionismo, estão colocando o Espírito Santo à margem, antes que Ele tenha a oportunidade de revelar o Seu poder.

O Dr. Lloyd-Jones sempre dizia que o problema do ministério atualmente é que "há muitos homens gentis nele". O Espírito Santo pode exigir de você algo que não estava em seus planos. Somente com a ajuda do Espírito Santo, guiando-nos, é que somos capazes de entender a Bíblia e experimentar a alegria do Espírito.

Eu preciso do Espírito Santo mais do que nunca. Tenho lido a Bíblia por cerca de setenta anos. Eu já a li do início ao fim umas quarenta vezes. Algumas vezes, no entanto, eu sinto como se mal tivesse começado a conhecer a Deus e a Sua Palavra.

Eu não tenho dúvida de que o poder do Espírito Santo é importante e está disponível, não apenas para entender e dar testemunho, mas também para uma vida santa e outras demonstrações do sobrenatural.

Capítulo 3

O TESTEMUNHO IMEDIATO E DIRETO DO ESPÍRITO SANTO

–

E nós somos testemunhas acerca destas palavras, nós e também o Espírito Santo, que Deus deu àqueles que lhe obedecem.

— ATOS 5.32

A Trindade de alguns evangélicos hoje é: Deus, o Pai; Deus, o Filho e Deus, a Bíblia Sagrada.[1]

— JACK TAYLOR

Um dos últimos sermões que o Dr. Martyn Lloyd-Jones pregou antes de adoecer e encerrar seu ministério foi no navio Doulos, da Operation Mobilization (OM), quando ele ficou ancorado em Londres durante dias. O Dr. Lloyd-Jones foi convidado para falar àqueles jovens (a maioria na faixa dos vinte anos), que sentiam o chamado para juntarem-se à OM. Usou o texto de Atos 5.32: "Nós somos testemunhas destas coisas, bem como o Espírito Santo, que Deus concedeu aos que lhe obedecem". Ele se concentrou nas palavras "bem como o Espírito Santo", usando a Versão Autorizada (King James), como sempre fazia. A gravação desse sermão está disponível ainda hoje. Ele estava incomodado, já há

algum tempo, com o fato de que a geração seguinte deveria, não apenas compreender, mas também experimentar o Espírito Santo de maneira direta e pessoal. Durante a pregação, ele enfatizou que o testemunho do Espírito em Atos 5.32 foi o *testemunho direto do próprio* Espírito Santo — não somente de forma indireta, mas vindo de maneira *imediata e direta* aos discípulos. A pessoa do Espírito Santo estava, portanto, *neles*, tornando a ressurreição e a ascensão de Jesus Cristo reais à medida que Pedro pregava. O Dr. Lloyd-Jones cria que essa era tanto a compreensão teológica dos discípulos, como também a experiência deles. A frase "bem como o Espírito Santo" pode parecer, para alguns, algo acidental ou um comentário desnecessário, mas não para o Doutor.

O que Atos 5.32 também significava para ele era isto: Os discípulos haviam visto a crucificação e o Senhor ressuscitado, mas *também* o próprio *Espírito Santo* estava dando testemunho desses acontecimentos. Você pode pensar: "É claro que o Espírito viu essas coisas, mas e daí? Além do mais, isso não significou absolutamente nada para os judeus." Mas significou tudo para Pedro. O Espírito Santo estava testificando a Pedro naquele exato momento, enquanto ele falava! O testemunho do Espírito foi tão real que os discípulos teriam crido na ressurreição de Jesus mesmo se não O tivessem visto vivo! Além disso, Pedro e João afirmaram que Jesus estava à destra de Deus (At 5.31) — algo que ninguém poderia ter visto. Quando o Espírito Santo contou a eles que Cristo havia subido à destra de Deus, eles souberam que isso havia acontecido literalmente!

Você pode perguntar: "Por que desperdiçar essa informação com os judeus que não acreditavam no testemunho dos discípulos ou

no do Espírito Santo?" Em primeiro lugar, Pedro sabia que o Espírito poderia convencer aqueles judeus naquele mesmo instante — dizendo a eles que poderiam se arrepender e receber perdão por seus pecados. Porém há mais! Deus dá o Seu Espírito Santo *a todos aqueles que Lhe obedecem!* Eles poderiam *também* ter o Espírito Santo. Inclusive isto foi parte do sermão que Pedro pregou a esse respeito no Dia de Pentecostes. Os seus ouvintes naquele dia desejavam o que Pedro e os outros 120 discípulos tinham. Pedro, então, disse-lhes: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado... e *recebereis* o dom do Espírito Santo" (At 2.38, ênfase acrescentada).

Todos os judeus sabiam que Pedro tinha algo que eles não tinham, mas queriam ter! Pedro, então, fala novamente aos judeus afirmando que o Espírito seria dado àqueles que Lhe obedecem (At 5.32). O que tornou as palavras de Pedro atraentes foi a ideia de ter o que Pedro tinha — de ter o Espírito que fazia com que tudo fosse tão real, assim como o era para os discípulos; para que eles tivessem poder, coragem e autoridade, assim como Pedro diante dos judeus de alto escalão. Como Pedro conseguia falar daquele jeito? A resposta é que ele tinha o próprio Espírito Santo dentro de si — de forma imediata e direta. Voltarei a esse assunto mais adiante. Agora, porém, necessito contar um episódio que viabilizará a compreensão deste capítulo.

Durante os três anos em que estudei na Universidade de Oxford, tornei-me o pastor da Calvary Southern Baptist Church, em Lower Heyford, Oxfordshire. Ela era formada em grande parte por militares americanos e suas famílias, embora alguns moradores ingleses locais também a frequentassem. Eu, Louise e nossos

filhos morávamos em Headington, Oxford. O Dr. e a Sra. Lloyd-Jones nos visitavam frequentemente e ele pregava para mim inúmeras vezes. Ele também estava muito interessado na tese que eu estava escrevendo para obter o doutorado em filosofia (Phd)[2], mantendo-se atualizado sobre o desenvolvimento de meu trabalho do início até o final. Em uma de suas visitas, compartilhei com ele uma Confissão de Fé (no formato de Catecismo) que eu havia preparado para a nossa igreja. Uma jovem de uns quatorze anos havia memorizado as respostas. Em um dos dias em que o Doutor ia pregar, eu fiz todas as perguntas a ela diante da congregação inteira, que era composta de cerca de cem pessoas. Uma das perguntas era: Como você sabe que a Bíblia é a Palavra de Deus? A resposta: Através do testemunho interior do Espírito Santo. A minha resposta era exatamente a mesma de João Calvino, palavra por palavra, eu as tirei do seu *Institutes of the Christian Religion* (Institutas da Religião Cristã)[3]. Foi uma grande honra para aquela menina responder as perguntas do roteiro diante do Dr. e da Sra. Lloyd-Jones. Os dois ouviram com atenção.

Depois do culto, no caminho de volta a Headington, o Doutor disse: "Preciso falar com você sobre aquela sua Confissão de Fé. Você deveria acrescentar as palavras *imediato* e *direto* à resposta sobre como sabemos que a Bíblia é a Palavra de Deus." Esse foi um momento chave durante meu tempo em Oxford. "Imediato e direto", palavras de que nunca me esquecerei em toda a minha vida. Elas me ajudaram, mais do que qualquer outra coisa, a entender os puritanos ingleses que eu estava estudando e me esforçando para compreender. Ele disse mais uma vez: "Não é suficiente apenas dizer 'testemunho do Espírito Santo'. Você

precisa acrescentar também as palavras 'imediato e direto'", levando-me direto ao ponto. Eu sabia exatamente o que ele queria dizer com isso. Foi o que havia acontecido comigo em outubro de 1955, um episódio ao qual retornarei mais tarde. Foi algo que, infelizmente, *não* havia acontecido, aparentemente, com a maioria dos puritanos.

Na seção destacada a seguir, logo depois deste parágrafo, eu oferecerei ferramentas extras que lançam um olhar mais atento à posição teológica de uma maioria de puritanos ingleses que criam que uma pessoa podia ter certeza de sua predestinação para a salvação somente através de um *exame de suas consciências.* Isso passou a ser conhecido como o *silogismo prático do Espírito Santo* ou como o *autoexame*. Como resultado dessa crença e das doutrinas que se seguiram a ela para tentar definir a sua posição, quase todos esses puritanos morreram sem ter nenhuma segurança de salvação. Se você entender e aprofundar mais quanto a esse ensino e entender o seu conceito de certeza da salvação, vale a pena o esforço. Conforme veremos mais detalhadamente, o Dr. Lloyd-Jones empregava frequentemente a palavra "selo" quando falava sobre segurança da salvação.

Os puritanos ingleses e o "Autoexame" ou "Silogismo Prático"

Quase sem exceção, os puritanos ingleses que estudei não conseguiam conceber a certeza da salvação, a não ser através da consciência — e isso mediante o "exame". Eles não sabiam nada acerca de um testemunho imediato e direto do Espírito, mas somente aquilo que podia ser entendido racionalmente. Desde William Perkins (1558–1602) à formação da Confissão de Fé de Westminster (1648), estes homens criam que uma pessoa podia ter certeza de sua predestinação para a salvação, mas apenas através do exame de sua consciência. A sua garantia era, portanto, "indireta". Usando a lógica aristotélica, eles elaboraram um silogismo — um tipo de raciocínio que conduz a uma conclusão. Perkins o chamou de "o silogismo prático do Espírito Santo" — que ele aplicou de duas maneiras: (1) segurança através do raciocínio e (2) segurança através de boas obras. Funciona assim: uma premissa maior, seguida por uma premissa menor leva a uma conclusão. Assim a premissa maior era a seguinte: Todo aquele que crê em Jesus Cristo é salvo. A premissa menor: Eu creio em Jesus Cristo. Conclusão: Eu sou salvo. E era isso. Essa era a forma principal através da qual eles buscavam saber se eram verdadeiramente salvos.

Não há nada de errado nisso — não mesmo. É uma maneira perfeitamente válida de saber se se é salvo. O que quero ressaltar é que o "exame" era a única forma que eles conseguiam imaginar para terem segurança da salvação. Perkins e seus seguidores a chamavam de "autoexame" — um exercício mental através do qual a pessoa reflete sobre o conhecimento ou a natureza de sua fé. Para eles, não havia nenhuma garantia na *fé em si*. A pessoa

teria segurança ao refletir no fato de ter crido. A partir disso, ela seria capaz de deduzir se foi salva.

Eles também a chamavam de ato "indireto" de fé. A pessoa, portanto, se assegura da sua salvação de forma indireta, e não direta. Ela é mediada, ou aplicada, através da Palavra. Eles não falavam sobre uma vinda imediata do Espírito Santo. Em outras palavras, a pessoa "reflete" no fato de ter confiado em Jesus Cristo. Você podia dizer: *Eu sei que sou salvo porque cri*. Foi um exercício mental e intelectual, porém subjetivo. Perkins inclusive chamava isso de "segurança total". Para ele, tratava-se do mais alto nível de fé que uma pessoa poderia alcançar. A razão pela qual chamavam de "silogismo prático do Espírito Santo" era porque se tratava da maneira como Deus concedia a segurança da salvação ao Seu povo eleito.

Eu repito: Não há nada de errado em uma pessoa chegar à conclusão de que é salva através deste ato indireto de fé. O problema estava em que, para eles, essa era a única maneira que eles concebiam. Foi por esse motivo que o Dr. Lloyd-Jones quis que eu inserisse as palavras testemunho "imediato" e "direto" do Espírito Santo quando se tratava de como saber que a Bíblia é verdade.

UMA TRISTE REVIRAVOLTA

Embora o silogismo prático, como eu acabei de descrever, seja uma maneira válida de saber se a pessoa é salva, Perkins não parou por aí. É neste ponto que podemos ver (na minha opinião) um dos aspectos mais melancólicos do pensamento puritano. Não foi suficiente saber que a pessoa é salva porque *crê*. Então eles perguntavam: *Como você sabe que creu de verdade?* Os puritanos estavam sempre preocupados com a possibilidade de uma fé falsa.

Foi nesse ponto que a sua doutrina de certeza da salvação foi prejudicada pelo puro legalismo. Foi o motivo pelo qual praticamente nenhum deles (incluindo seus ouvintes) teve a certeza do que eles mesmos ensinavam. Eles, então, ensinavam uma doutrina que prega que a pessoa só sabe que é real e verdadeiramente salva se vive uma vida piedosa. Santificação. Boas obras. Então, Perkins e seus seguidores mostraram outra forma de aplicar esse silogismo. A pessoa saberia que é uma eleita de Deus através da sua santidade pessoal. Isso também significava autoexame através da consciência. Enquanto o silogismo anteriormente mencionado era o exame sobre se a pessoa havia crido verdadeiramente ou não nessa doutrina, a forma definitiva de *saber* que ela verdadeiramente havia crido é mediante suas boas obras ou santificação. Eles chamavam isso de "obediência universal" (guardar todos os Dez Mandamentos, e não apenas alguns). A santificação, o processo de ser feito santo — ou a "obediência universal" — significava esforçar-se para guardar os Dez Mandamentos, *todos eles*, fazendo o seu melhor esforço para cumprir *toda* a lei moral de Deus. Portanto, se você cumprisse os Dez Mandamentos, se amasse os ministros de Deus e a sã doutrina

cristã, e, fosse fiel na adoração no dia de descanso (domingo), você poderia concluir que era salvo.

Resumindo: *Todos os que estão vivendo uma vida piedosa são salvos. Eu vivo uma vida piedosa. Portanto, eu sou salvo*.

Essa, então, era outra forma de aplicar o "autoexame", isto é, esse "ato indireto" de fé. A "segurança" — da salvação — só era alcançada de maneira indireta, mediante o conhecimento experimental de que você verdadeiramente havia crido. Em minha tese de doutorado em filosofia — "The Nature of Saving Faith From William Perkins (1558–1602) to the Westminster Assembly (1648)" (A Natureza da Fé Salvadora de William Perkins (1558–1602) até a Assembleia de Westminster (1648) — eu chamei os puritanos de "predestinadores experimentais". Eles sabiam que eram salvos através desses experimentos, ou seja, refletindo se haviam crido verdadeiramente ou não. Se concluíssem que *sim*, eles estavam seguros de que não eram reprovados, mas eleitos de Deus. O mais triste disso tudo é que quase todos os puritanos morreram sem nenhuma garantia ou certeza de sua salvação. O próprio Perkins morreu em grande agonia — sem saber se era realmente salvo. Para aqueles que queiram estudar esse assunto com mais detalhes, vejam o meu livro *Calvin and English Calvinism to 1648 (Calvino e Calvinismo Inglês até 1648)*.

JOHN COTTON E THOMAS GOODWIN

Eu disse anteriormente que aqueles puritanos concordavam quase de maneira unânime sobre a forma de se obter a segurança da salvação. Havia, porém, duas exceções: John Cotton (1584–1652) e Thomas Goodwin (1600–1680). O Dr. Lloyd-Jones não conhecia as ideias de Cotton, mas a perspectiva de Goodwin sabia de trás para frente. Quando expliquei para ele, pela primeira vez, sobre o que cria Cotton, ele pensou que era bom demais para ser verdade. Eu jamais esquecerei. Enquanto Louise e a Sra. Lloyd-Jones passavam um tempo juntas, o Doutor e eu fomos até à sala de jantar de nossa casa em Headington. Foi quando eu li que Cotton ***rejeitava*** a visão de: "Não temos nenhuma revelação além da Palavra", que o Dr. Lloyd-Jones ficou intrigado. Era como se Cotton, naquela época, tivesse se confrontado com um cessacionista do século 21 — como se um cessacionista tivesse dito a ele: "Não temos nenhuma outra revelação além da Bíblia". No início do século 17, Cotton estava, com isso, rejeitando o ensino de que Deus não fala diretamente conosco hoje. O Doutor, então, me disse: "Leia isso novamente. Cotton disse isso mesmo?" Eu entreguei a ele uma cópia do meu livro *A Treatise of the Covenant of Grace* (Um Tratado do Pacto de Graça)[4]. Ele próprio teve que ler! "Isto é maravilhoso", ele disse e me perguntou como poderíamos tornar aquilo conhecido. Pouco tempo depois disso, ele me pediu que escrevesse um artigo sobre John Cotton para a Conferência de Westminster, em dezembro de 1976.

Em suma: Cotton cria que uma pessoa chegava à segurança de sua salvação, *não* pelo caminho indireto (como ele próprio já havia crido, antes de mudar-se de Boston, na Inglaterra, para Boston em Massachusetts), mas sim através do testemunho direto

do Espírito Santo. Cotton argumentava que ter garantia da salvação mediante as boas obras era uma posição "papista". Você sabe que é justificado *somente pela fé*, insistia, Cotton. A santificação não é prova de justificação. A certeza está *somente na* fé. Não há nada a acrescentar a isso. Ele considerava um grande erro buscar a garantia da salvação pelo Autoexame. Ele até mesmo *desprezava a ideia* de que "não temos revelação além da Palavra", mas, ao contrário, afirmava que o testemunho do Espírito é *imediato* — a frase presente no livro dele que mais emocionou o Dr. Lloyd-Jones. Cotton rejeitou a ideia do autoexame e cria que o testemunho imediato do Espírito Santo dá a certeza da nossa salvação. Além disso, essa é uma realidade para "todos os cristãos comuns", não meramente para os "homens de renome". E mais, ninguém precisa, também, ter medo da palavra *revelação*, a qual vem pelo testemunho "imediato" do Espírito Santo. Quando o Espírito vem, Ele traz "paz para a alma". Através do testemunho imediato do Espírito, nós temos "plena segurança/certeza" de nossa condição espiritual. Quando John Cotton estava morrendo, em 1652, o seu pastor, John Wilson (1591–1667), orou para que Deus levantasse a Sua face sobre Cotton e derramasse o Seu amor em sua alma. As últimas palavras de Cotton foram: "Ele já fez isso, meu irmão".[5]

A verdade é que, quando se trata de garantia de salvação, as boas obras de uma pessoa ou santificação são fundamentos muito instáveis quando se trata de morrer. Já a obra imediata do Espírito Santo remove todas as dúvidas.

Devo acrescentar uma palavra acerca de Cotton sobre não aceitar a perspectiva de que "não temos outra revelação que a

Palavra". Ele, com certeza, *não* estava apoiando a ideia da revelação contínua, de que Deus continua revelando novas verdades à parte da Bíblia. Isso teria sido algo totalmente estranho para a sua mente. O Dr. Lloyd-Jones teria abominado tal ideia, que, infelizmente, parece ser defendida por alguns carismáticos. O que John Cotton rejeitava era a visão predominante de que o Espírito Santo só poderia falar através da Palavra. Ele acreditava que o Espírito poderia Se revelar como desejasse, inclusive fora da Palavra. Quando o Espírito Santo falou com Filipe, foi de forma imediata e direta (At 8.29). Foi à parte da Palavra escrita. Mas isso não foi contra as Escrituras — já que o Espírito Santo estava, também, guiando Felipe a conduzir um homem a Cristo!

SELO DO ESPÍRITO

A palavra *selo/selar* tem, basicamente, cinco significados. Primeiro, ela se refere à autenticação de algo ou transmite autoridade. Estabelece a validade ou autenticidade de um documento ou declaração. Indica se um documento ou uma assinatura são verdadeiros ou falsos. Em segundo lugar, selo é uma marca de posse, de propriedade. Indica que algo pertence a outrem. O selo possui uma imagem particular, mostrando que pertence só a essa pessoa. No Velho Oeste Norte Americano, os fazendeiros costumavam fazer seus próprios selos para marcar seu gado. Terceiro, um selo também é utilizado para propósitos de

segurança. Pode ser colocado em uma encomenda, por exemplo. Se esse selo estiver danificado, você saberá que a mercadoria foi violada. Quarto, o selo pode indicar aprovação. Nós falamos em "selo de aprovação", que significa que aprovamos alguém ou alguma coisa. E, quinto lugar, às vezes, nos referimos ao destino de alguém como estando "selado". Às vezes, dizemos que uma pessoa "selou o seu destino" através de algum comentário feito. Trata-se da possibilidade de um destino inalterável — uma vez que o selo tenha sido colocado sobre ele.

Todos os filhos de Deus possuem um selo. Em suma: *Todos aqueles que têm a fé salvadora estão selados com o Espírito Santo*. "*Entretanto, o firme fundamento de Deus permanece inabalável e selado com esta inscrição: 'O Senhor conhece quem lhe pertence' e 'afaste-se da iniquidade todo aquele que confessa o nome do Senhor'*" (2 Tm 2.19). *Primeiro*, Ele nos autentica. Foi-nos dado o poder de sermos feitos filhos de Deus (Jo 1.12). *Segundo*, Ele nos possui. Nós não somos de nós mesmos; fomos comprados por bom preço (1Co 6.20). De fato, Deus "nos selou como Sua propriedade" (2 Co 1.22). *Terceiro*, o selo de Deus sobre nós garante a nossa segurança. "*Porque a seus anjos ele dará ordens a seu respeito, para que o protejam em todos os seus caminhos*" (Sl 91.11). *Quarto*, não há nada maior do que ter a aprovação d'Aquele cujo poder, autoridade e integridade são os mais importantes. Timóteo tinha a aprovação de Paulo. "Porque a ninguém tenho de igual sentimento" (Fp 2.20). Por fim, o nosso destino eterno está selado. Paulo disse: "Não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção" (Ef 4.30).

UMA DISTINÇÃO CRUCIAL

Entretanto, há, aqui, uma distinção crucial. Não perca isso: ainda que todos os que são salvos sejam objetivamente selados com o Espírito Santo, nem todos os que são salvos experimentaram o *selo consciente* do Espírito Santo. Esta distinção é igualmente relevante quando se trata do batismo com o Espírito Santo.

Um versículo muito importante em relação a esse fato é Efésios 1.13: *"Nele, quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados com o Espírito Santo da promessa"*. Ainda que a versão autorizada King James, como veremos abaixo, diga que o selo do Espírito veio a eles "*depois*" de terem crido, indicando que o selo é posterior à fé, a maioria das versões dizem que todos os cristãos têm o selo do Espírito Santo *quando* creem.

Há, portanto, duas maneiras de ver esse selo: objetiva e subjetivamente. Objetivamente, todos os cristãos são selados com o Espírito. Porém, nem todos os cristãos estão subjetiva e conscientemente — selados com o Espírito Santo. A mesma pergunta pode ser feita em relação ao batismo: Todos os cristãos são batizados com o Espírito Santo? Objetivamente, sim. (Veja 1 Coríntios 12.13). Mas todos os cristãos experimentam automaticamente o batismo com o Espírito descrito por Lucas em Atos?

Imediatamente após me tornar o ministro da Capela de Westminster, o Doutor e eu concordamos que eu o encontraria todas as quintas-feiras entre 11 e 13h. Esses encontros estavam

anotados em nossas agendas. A Sra. Lloyd-Jones nos servia café e chocolates. Ela conversava conosco durante um cinco minutos e depois nos deixava a sós. Em um de nossos encontros, o Dr. Lloyd-Jones pediu que eu lesse cinquenta páginas do comentário do Dr. Thomas Goodwin sobre Efésios1.13 para a próxima semana. Eu disse a ele que já havia lido e que conhecia muito bem a posição de Goodwin. "Você poderia ler novamente?", ele perguntou. É claro que concordei. Eu tinha as obras completas de Thomas Goodwin. Eu passei mais de uma hora relendo o comentário dele sobre Efésios 1.13. "Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa" (RC — SBB). Thomas Goodwin e seu contemporâneo, o Dr. John Owen (1616–1683), não estavam totalmente de acordo em relação a como essa passagem deveria ser interpretada — assim como ocorre com muitos intérpretes hoje. John Owen pertencia à tradição de William Perkins e daqueles que formaram a Confissão de Fé de Westminster, que defendia a ideia de que o Espírito aplica a Palavra *indiretamente* à consciência de cada pessoa. A visão de Thomas Goodwin era muito parecida com a de John Cotton. O entendimento de Goodwin é que o selo do Espírito é o *próprio* testemunho do Espírito — e que ocorre *depois* da conversão. Era real — quer dizer, consciente e imediato. Não requereria nenhum acompanhamento (como as boas obras) para garantir a uma pessoa a sua salvação.

Quando fui estar com o Dr. Lloyd-Jones na semana seguinte, ele, por alguma razão, parecia muito interessado em discutir sobre o assunto. Ele queria saber o que eu pensava da visão de Thomas

Goodwin sobre Efésios 1.13, inclusive quando ainda estávamos tomando o nosso café, antes mesmo que eu compartilhasse do preparo do meu sermão para o fim de semana seguinte. “Bem, o que você achou?”

Eu respondi: “É exatamente o que eu creio, Doutor.”

Seus olhos encheram-se de lágrimas. Eu jamais esquecerei a sua resposta: “Essa é a maior coisa que já o ouvi dizer!”

Minha intenção ao incluir o Dr. Lloyd-Jones neste livro é muito óbvia e simples. Eu sei o quanto os evangélicos conservadores o respeitam. Se você é reformado ou se considera um evangélico conservador, eu tenho certeza de que você admira o Dr. Martyn Lloyd-Jones. Você, no entanto, conhece a sua visão acerca do Espírito Santo? Eu espero que, ao conhecer exatamente o que ele cria sobre esse assunto, o ajude a estar mais aberto ao testemunho imediato e direto do Espírito. Eu sei que muitas pessoas reformadas não estão contentes com essa visão do Espírito Santo. Algumas delas prefeririam que você não soubesse disso. Quero expressar melhor e mais honestamente, que sei o que o Doutor cria verdadeiramente acerca do Espírito Santo. Eu não estou dizendo que ele era “Carismático”, mas, sem dúvida alguma, sei que ele o era com “c” minúsculo. Ele, Martyn Lloyd-Jones, cria que os dons do Espírito estão disponíveis na atualidade e estava, categoricamente, do lado daqueles que eram abertos ao testemunho direto e imediato do Espírito Santo. Era por esse motivo que a sua editora habitual se recusava a publicar seus livros sobre o Espírito Santo — fato bastante conhecido por aqueles que moram na Grã-Bretanha.

Inúmeros líderes pentecostais e carismáticos da Grã-Bretanha foram testemunhas de como o Doutor fazia de tudo para encorajá-los e apoiá-los. Doía muito, em seu coração, o fato de tantas pessoas reformadas — que criam em sua teologia em geral — não terem recebido o que ele cria acerca do Espírito Santo. Ele afirmou pública e privadamente, repetidas vezes: "Sou um homem do século 18 (o século de Whitefield e Wesley), não um homem do século 17 (o século dos puritanos)". Se alguém perguntasse como ele se definia, ele dizia "calvinista metodista" (que é o que Whitefield era). Se do céu o Doutor pudesse falar hoje, ele não apenas testemunharia que eu tenho sido totalmente preciso e fiel aos seus ensinos, como ele também ficaria muito contente por saber que defendo a sua visão acerca do Espírito Santo.

Muitos evangélicos conservadores sustentam somente uma doutrina soteriológica do Espírito Santo (soteriologia é o estudo da salvação). Isso significa que o Espírito Santo somente pode falar através da Bíblia e *aplicá-la* quando o evangelho é pregado. E, ainda assim, eles acreditam, corretamente, que o Espírito Santo vivifica a Palavra e torna Jesus Cristo real. Isso é o que todos cremos! Mas, de acordo com eles, o Espírito Santo não fala diretamente conosco hoje, como Ele falou com Filipe: "Chega-te, e ajunta-te a esse carro." (At 8.29-SBB). Em outras palavras, a maioria dos evangélicos conservadores tem em sua tela de radar somente a ideia de que a ação do Espírito Santo consiste apenas em *aplicar* a Palavra quando ela é pregada. Eles não conseguem imaginar um testemunho imediato e direto do próprio Espírito Santo. O Espírito "aplica" o evangelho à mente e ao coração quando ele é pregado. O que há de errado nisso? Nada! Esse é o

testemunho normal, necessário e requerido do Espírito Santo quando a Bíblia é pregada. Alcançar os corações e mentes de homens e mulheres *através* da Palavra pelo Espírito Santo é absolutamente essencial para a preservação da verdade histórica. É exatamente nisso que eu mesmo me apoio quando prego.

Porém, há mais coisas do que somente isso. Ou creio que Deus o Espírito Santo está vivo hoje e bem atualmente — ou a nossa Trindade é simplesmente Deus, o Pai; Deus, o Filho e Deus, a Bíblia Sagrada. É desta unção inegável do Espírito Santo operando de maneira direta e imediata que necessitamos hoje! Foi o que aconteceu quando Pedro estava pregando no Dia de Pentecostes (At 2.37). Foi o que aconteceu com os discípulos em Atos 4.31. Foi o que Pedro pregou e experimentou, como vimos em Atos 5.31. Foi o que aconteceu quando Pedro pregou na casa de Cornélio. Enquanto ele falava, o Espírito Santo "caiu sobre todos os que ouviam a palavra" (At 10.44). Foi o testemunho imediato e direto do Espírito Santo que "desceu" sobre eles. Casualmente, esse acontecimento em Atos 10 levou o Dr. Lloyd-Jones a aceitar que o testemunho imediato e direto do Espírito pode vir a uma pessoa na sua conversão, sugerindo que aquela foi uma exceção. Ele, porém, cria que como Efésios 1.13 — o selo do Espírito que vem ***depois*** que a pessoa crê — era o normal.

Se eu tivesse como ter certeza de que todos os leitores iriam ler a visão do Dr. Martyn Lloyd-Jones de Efésios 1.13, em sua exposição (O Propósito Supremo de Deus — Exposição de Efésios 1.1–23 — publicado em português pela editora PES-Publicações Evangélicas Selecionadas), eu os pouparia de muito do que vem a seguir.[6] Você, talvez, pode não conseguir acesso a tal obra. Precisamente

da mesma forma como o Dr. Lloyd-Jones sentiu que estava praticamente só no mundo reformado, quando pregou sobre Efésios 1.13 na Capela de Westminster, hoje o cenário pouco mudou. As pessoas reformadas amam a sua doutrina da eleição. Encantam-se com seu ensino sobre a soberania de Deus. Amam a sua oratória e maneira de exposição do Novo Testamento. Porém, quando se trata dos ensinos do Doutor quanto ao testemunho direto e imediato do Espírito Santo, todos parecem se calar. Às vezes, penso que o mundo reformado não quer conhecer o seu entendimento e nem seu *coração*. Será que eles sentem embaraçados por isso? Ele mesmo citou Thomas Goodwin, Charles Hodge, Charles Simeon, John Wesley e George Whitefield porque ele queria que as pessoas soubessem o que havia registrado na história da Igreja a respeito da sua visão acerca do Espírito.[7] É por isso que eu cito o Doutor em meu livro, desta vez para dar uma ligeira amostra da sua exposição sobre Efésios 1.13. Muitas pessoas podem não saber que ele empregou três manhãs de domingo neste versículo. Eu começarei com uma referência que ele fez a John Wesley:

> Agora, ouça o que John Wesley disse: "É algo imediato e direto, não o resultado de reflexão ou argumentação". Observem que Wesley dá ênfase ao mesmo fato de que se trata de algo imediato e direto salientado por Thomas Goodwin. A bênção não é resultante de reflexão ou argumentação... Segundo ensino de Wesley, você pode ser um bom cristão e ter experimentado as operações do Espírito de muitas maneiras, incluindo até o antegozo de alegria, paz e do amor do próprio Deus, muito antes

de você ter recebido este testemunho direto do Espírito, esta experiência irresistível.8

O Dr. Lloyd-Jones dedicou várias páginas para rechaçar a ideia de que o selo ou o batismo do Espírito é inconsciente. Ele afirma, repetidamente, que o selo do Espírito é uma "experiência consciente". Enfatizou isso porque "a maioria dos livros que foram escritos sobre o Espírito Santo, durante este presente século (o século vinte), fizeram de tudo para ressaltar que o selo do Espírito Santo não é algo experiencial e que, na verdade, não tem nada a ver com a experiência como tal".[9] E, entretanto, "se é correto afirmar que este selo do Espírito é algo fora do âmbito da nossa consciência, e que ele é totalmente não experiencial, então, em certo sentido, é algo com o qual não deveríamos nos preocupar muito".[10]

O Doutor não só acentuou que o selo do Espírito Santo (que ele chamava intercambiavelmente de batismo no Espírito) é uma experiência consciente, mas também que ele vem *depois* da conversão. "O selo do Espírito e o batismo no Espírito são a mesma coisa", sendo estes subsequentes à regeneração.[11] Ele sempre acentuava, no entanto, que o batismo no

Espírito Santo não é uma experiência de santificação, e nem está conectado, necessariamente, ao falar em línguas. Embora ele preferisse, para si, o rótulo de "calvinista metodista", acrescentava que tal experiência se referia principalmente à alegria, segurança e intimidade com Deus. Ele considerava um erro da tradição wesleyana unir essa experiência à doutrina da santificação. O selo do Espírito "não é santificação, mas tem um efeito inevitável sobre

ela". A santificação não é "uma experiência a ser recebida", mas ainda assim, o selo do Espírito Santo produz santificação.

De qualquer modo, esta experiência não se dava normalmente quando uma pessoa recebe a fé salvadora. Ela vem "*depois"* que a pessoa tenha crido. Citarei, novamente, na tradução King James de Efésios 1.13:

> Em quem também vós estais, *depois que ouvistes* [depois de terem ouvido] a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, *tendo nele também crido* [depois de terem crido], fostes selados com o Espírito Santo da promessa (ênfases acrescentadas).

A palavra "*depois*" é encontrada 2 (duas) vezes. O Dr. Lloyd-Jones enfocava a segunda aparição no uso da palavra ("depois"), na versão autorizada da Bíblia em inglês King James. O selo do Espírito é algo que segue o crer, insistia o Dr. Lloyd-Jones. É "diferente de, separado de, distinto de crer, e não é uma parte do crer". E não apenas isso, como ele também rejeitava, categoricamente, o ensino comum entre os evangélicos conservadores de que o selo do Espírito "é algo que ocorre inevitável e inexoravelmente a todos os que creem".[12] Isso não é correto. Tais homens têm "tanto medo de excessos", ele continuava, tanto medo de serem rotulados de determinada maneira, que eles afirmam ser o batismo com o Espírito "algo inconsciente e não experiencial, um acontecimento que não afeta os sentimentos do homem. Tal argumento é completamente antibíblico. Inconsistente!... (Os apóstolos estavam, de fato) em

estado de êxtase", ele destacava.[13] Eles foram acusados de estarem "cheios de vinho", embriagados. Além disso, "devido ao nosso medo de sermos acusados de excessos, o que, na verdade, alguns dos que afirmam terem tido essa experiência tornaram culpáveis mesmo, muitas vezes somos culpáveis de 'extinguir o Espírito' e nos roubamos de nós mesmos as mais preciosas bênçãos".[14]

O Dr. Lloyd-Jones cria que os gálatas haviam experimentado esta vinda do Espírito posteriormente à sua conversão. Ele interpreta Gálatas 3.2 dessa forma. Paulo disse: "*Gostaria de saber apenas uma coisa: foi pela prática da lei que vocês receberam o Espírito, ou pela fé naquilo que ouviram?"* O Doutor fazia a seguinte observação: "Como pode alguém responder esta pergunta se isto é algo fora do âmbito da experiência? Como eu poderia saber se recebi ou não o Espírito, se isso não é algo experiencial?"[15]

Para concluir: O Dr. Lloyd-Jones considerava o "selo" ou o "batismo no Espírito" como "a mais alta forma de segurança da salvação". Para ele, trata-se de uma experiência consciente e que segue à fé salvadora. Ele ficaria muito *triste* se ouvisse alguém chamar isso de uma segunda obra da graça — ou seja, unir essa experiência à santificação. Esse testemunho imediato e direto do Espírito Santo é excelente nível de segurança da salvação. E, quanto àqueles que ainda não experimentaram tal testemunho — mas o desejam ardentemente — o Dr. Lloyd-Jones dizia o seguinte (citando Thomas Goodwin): "Reivindique". Esta palavra no século XVII significava: ***Não desista! Lembre Deus daquilo que a Sua própria Palavra diz***. As pessoas devem lembrar a Deus de Sua própria promessa: Não desista "até ter certeza de que possui a

vida de Deus em sua alma", diria o Dr. Lloyd-Jones. Ou, nas palavras em que eu mesmo explicarei no próximo capítulo, não desista até que Deus cumpra o juramento.

O selo possui uma imagem particular, mostrando que pertence só a essa pessoa.
Entretanto, há, aqui, uma distinção crucial. Não perca isso: ainda que todos os que são salvos sejam objetivamente selados com o Espírito Santo, nem todos os que são salvos experimentaram o selo consciente do Espírito Santo. Esta distinção é igualmente relevante quando se trata do batismo com o Espírito Santo.

Minha intenção ao incluir o Dr. Lloyd-Jones neste livro é muito óbvia e simples. Eu sei o quanto os evangélicos conservadores o respeitam. Se você é reformado ou se considera um evangélico conservador, eu tenho certeza de que você admira o Dr. Martyn Lloyd-Jones.
Ele, Martyn Lloyd-Jones, cria que os dons do Espírito estão disponíveis na atualidade
Doía muito, em seu coração, o fato de tantas pessoas reformadas — que criam em sua teologia em geral — não terem recebido o que ele cria acerca do Espírito Santo

Capítulo 4

O JURAMENTO E O ESTIGMA

–

O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.

— JOÃO 3.8

Quando a igreja é reavivada, o diabo também é.

— JONATHAN EDWARDS (1703–1758)

Há outra maneira de descrever o testemunho imediato e direto do Espírito Santo e a forma como podemos experimentá-Lo. É quando Deus faz um juramento a nós. Quando Deus faz, graciosamente, um juramento a nós, ele é derivado da obra imediata e direta do Espírito Santo.

O juramento é um testemunho consciente do Espírito Santo que nos tira praticamente toda a dúvida que poderíamos ter. Ainda que nada do que Deus possa fazer por nós nesta vida substitua a fé, o juramento se aproxima muito! O juramento nos ajuda a exercitar a fé!

Um juramento de Deus a nós, na maioria das vezes, vem depois de um período de adversidade e sofrimento. Gostem ou não, algum tipo de *estigma* é quase sempre ligado a essa maneira

extraordinária que Deus usa para falar conosco. Muito provavelmente significará sair da nossa zona de conforto. Abraão precisou abandonar a sua zona de conforto antes de experimentar o juramento de Deus para ele:

> Por mim mesmo jurei, diz o Senhor; Porquanto fizeste esta ação, e não me negaste o teu filho, o teu único filho — afirma o Senhor — , que deveras te abençoarei, e grandissimamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus, e como a areia que está na praia do mar... — Gênesis 22.16–17 (RC —SBB)

Deus havia pedido que Abraão fizesse algo completamente irracional: oferecer o seu filho Isaque como sacrifício (Gn 22.2). Há um padrão previsível ao longo da história quanto ao procedimento de Deus com os Seus. *Ele geralmente nos pede algo para fazer que não faz o menor sentido naquele momento*.

Neste capítulo, explicarei uma das experiências mais maravilhosas do Espírito Santo que uma pessoa pode receber. Se o *selo* do Espírito é a maior forma de garantia, o *juramento* de Deus é a maior forma de *saber que você realmente ouviu a voz do Senhor*. O juramento, no entanto, normalmente está ligado ao sofrimento — possivelmente perseguição e, quase com certeza, a um estigma.

Alguma vez Deus já fez um juramento a você?

Como identificar ou discernir quando Deus faz um juramento a você? Eu respondo: Você já se perguntou como Pedro pôde ter tanto poder e autoridade no Dia de Pentecostes quando — apenas seis semanas antes — ele foi vergonhosamente fraco e covarde ao

negar que conhecia Jesus de Nazaré àquela menina galileia (Lc 22.54–62)? Você já se perguntou como Elias pôde ter dito ao rei Acabe: "Não haverá chuva senão segundo a minha palavra" (1 Rs 17.1)? Elias passou os três anos seguintes roendo as unhas, se preocupando dia e noite se choveria? Você já se perguntou como Elias pôde ter ficado tão tranquilo e até mesmo espirituoso, zombando dos profetas de Baal no monte Carmelo? "*Ao meio-dia Elias começou a zombar deles. 'Gritem mais alto!', dizia, 'já que ele é um deus. Quem sabe está meditando, ou ocupado, ou viajando. Talvez esteja dormindo e precise ser despertado'*" (1 Rs 18.27). Pouco tempo depois disso, Elias orou calmamente e "caiu o fogo do Senhor" (v. 38). Elias sabia que o fogo cairia.

Como ele sabia? Deus havia feito um juramento a ele. Eu explico isso em mais detalhes em meu livro *These Are the Days of Elijah (Estes São os Dias de Elias)*.[1]

Como Moisés soube que ordens dar àqueles que se recusaram a seguir Coré? "Desviai-vos, peço-vos, das tendas destes homens ímpios... Nisto conhecereis que o Senhor me enviou... Se estes morrerem como morrem todos os homens, e se forem visitados como são visitados todos os homens, então o Senhor não me enviou". Logo depois disso, "a terra abriu a sua boca, e os tragou com as suas casas, como também a todos os homens que pertenciam a Coré, e a todos os seus bens" — Nm 16.26; 28; 32 (RC — SBB).

Como Moisés pôde ter tanta certeza de que isso aconteceria imediatamente? Resposta: Deus havia feito um juramento a ele.

Esta, então, é a explicação de como a ressurreição de Jesus foi tão real para a Igreja primitiva. Foi algo tão claro para eles, como se eles estivessem fisicamente presentes dentro do túmulo de Jesus na manhã da ressurreição e tivessem visto, com seus próprios olhos, tudo acontecer.

Estou dizendo, neste capítulo, que o Espírito Santo é capaz de tornar a verdade tão clara e real para a nossa mente, que não é necessário que nenhum fato seja provado a você. Foi assim que Moisés, Elias e Pedro tiveram tanta certeza daquilo em que criam e que diziam.

DOIS NÍVEIS

Há, portanto, dois níveis através dos quais, geralmente, Deus Se comunica conosco: o nível da promessa e o nível do juramento. Ambos são igualmente verdadeiros. Uma promessa, porém, às vezes implica uma condição; implica um *se*. Tomemos João 3.16, por exemplo — a mensagem da Bíblia em poucas palavras. É uma promessa. A passagem diz: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna". Há um *se* subentendido em João 3.16 — *se você crê terá a vida eterna*. Se, porém, não crer, irá perecer.

Entretanto, em nível do juramento, não há nenhum *se*; quando Deus faz um juramento, considere-o cumprido.

Da mesma forma, existem basicamente duas maneiras de convencer alguém de que você está dizendo a verdade: (1) você simplesmente promete; (2) você faz um juramento. Normalmente você não faz um juramento, a menos que seja necessário. Quando uma pessoa preocupa-se em dizer: "Eu juro que farei isso", você terá, inclusive, *mais certeza* de que ela cumprirá a sua palavra. Porém, no fim das contas — quando se trata de relacionamentos humanos — "não é o juramento que nos faz acreditar no homem, mas o homem que nos faz acreditar no juramento", dizia Ésquilo (456 a.C.).

Mas quando é o *próprio Deus quem faz o juramento*, nós podemos apostar a nossa alma mil vezes que Ele o cumprirá! Em relação às promessas do Senhor, nós podemos acreditar, pois é impossível que Ele minta. E, se Deus nos faz um juramento, é muito mais fácil crer!

Deus tratou com Abraão nos dois níveis. Inicialmente, Ele começou a Se comunicar com Abraão fazendo uma promessa: *"E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção"* (Gn 12.2). Depois, Ele fez outra promessa: *"Olha agora para os céus, e conta as estrelas... Assim será a tua descendência"* (Gn 15.5). E mais outra — dizendo, basicamente, a mesma coisa: *"E te farei frutificar grandissimamente, e de ti farei nações, e reis sairão de ti"* (Gn 17.6 — RC SBB).

Porém, um dia, Deus fez um *juramento* a Abraão: *"Por mim mesmo jurei... Que deveras te abençoarei, e grandissimamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus, e como a areia que está na praia do mar"* (Gn 22.16–17 — RC SBB). A

promessa e o juramento continham a mesma verdade! O juramento, no entanto, foi feito para que Abraão nunca mais duvidasse novamente.

O escritor da Carta aos Hebreus se refere a "duas coisas imutáveis": a promessa e o juramento. O juramento, porém, é *mais convincente* e muito mais fácil de crer. Por quê? Porque Deus Se agrada em derramar *uma porção maior do Seu Espírito em nós* quando nos faz um juramento. Ele desce ao nosso nível. Trata-se do maior grau de encorajamento que o Espírito Santo pode nos dar.

O JURAMENTO DE DEUS EM IRA

Um fato preocupante é que Deus pode fazer um juramento em ira. E, quando Ele fez isso, nada pôde deter seu cumprimento. Quando Ele jurou que aquela geração não entraria em Seu descanso, ela não entrou — por mais que tenha tentado. (Veja Números 14.21–45 e Hebreus 3.10–11). *Antes* de Deus fazer um juramento, no entanto, você possa, talvez — através do arrependimento e de intercessões — torcer o braço de Deus e fazer com que Ele mude de ideia. O rei de Nínive descobriu que isso é verdade. Apesar de o profeta Jonas ter dito*: "Daqui a quarenta dias Nínive será destruída"* (Jn 3.4), o rei disse: *"Quem sabe se se voltará Deus, e se arrependerá, e se apartará do furor da sua ira, de sorte que não pereçamos?"* (Jonas 3.9 — SBB). E o que aconteceu? "*Deus viu o que eles fizeram e como abandonaram os seus maus caminhos.*

Então Deus se arrependeu e não os destruiu como tinha ameaçado" (v. 9–10).

Isso mostra que a profecia e a pregação de Jonas haviam sido comunicadas no nível de promessa. O rei, então, se rendeu e Deus mudou de ideia. Quando, porém, Deus faz um juramento, nada — jamais — O fará mudar de ideia. Você pode tentar aplicar uma chave de braço em Deus, procurando torcer ou mover o Seu braço, mas, se Ele fez um juramento, não há nada que O fará voltar. Yogi Berra costumava dizer: "Só acaba quando termina". No entanto, quando o Senhor faz um juramento — seja em misericórdia ou ira — está acabado.

O juramento pode ser feito em relação a diversas situações, como por exemplo:

- Segurança de salvação (Hb 4.10; 10.22).
- Conhecimento antecipado da resposta de oração (Mc 11.24; 1Jo 5.15).
- Saber que você entendeu teologicamente (Cl 2.2).
- A "oração de fé" para curar (Tg 5.15).
- Uma palavra profética.

CARREGANDO O ESTIGMA

Certa vez Josif Tson me perguntou, do nada: "R.T., até onde você está disposto a chegar em seu compromisso com Jesus Cristo?" Boa pergunta. Eu pensei nessa pergunta durante dias... e meses. Eu me perguntava: "Até onde eu estou verdadeiramente

preparado para ir em meu compromisso com Cristo? Será que eu ainda não fiz o suficiente?"

Eu, então, pergunto a você: Até onde *você* está preparado para ir com o seu compromisso com Jesus Cristo? Você está disposto a sofrer? Você carregaria um estigma que Ele provavelmente pedirá a você para suportar algo desagradável?

O juramento está normalmente ligado a algum tipo de estigma. Paulo e Barnabé concluíram que *"por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus"* (At 14.22. ênfase acrescentada). Paulo não está dizendo que nascemos de novo através das tribulações. Ele não está dizendo que somos justificados mediante as tribulações ou salvos por carregar um estigma. Ele está se referindo a conhecer a Cristo em um nível mais profundo de intimidade. Alguns fazem isso; outros, não. Trata-se de conhecer a Cristo de uma forma que poucos, infelizmente, experimentam. Essa era a maior ambição do apóstolo Paulo: *"Para conhecê-lo"* (Fl 3.10). Estaria Paulo dizendo que não conhecia o Senhor? É claro que não. Ele estava dizendo que *desejava* conhecer a Cristo e o poder da Sua ressurreição e comunhão dos Seus sofrimentos de uma forma que ele ainda não havia experimentado. Aqueles que de fato buscam um relacionamento assim com Jesus Cristo, sempre enfrentam tribulações. Trata-se, em parte, de uma maneira de Deus nos testar para ver o quanto realmente nos importamos. Era sobre isso que Paulo e Barnabé estavam falando em Atos 14.22. Tribulação. Dificuldade. Estigma. Sair da zona de conforto. Como disse C. S. Lewis: "As dificuldades muitas vezes preparam pessoas comuns para destinos extraordinários". Você pode argumentar: "Mas Paulo era extraordinário". Sem dúvida. Foi

assim também com Moisés e Elias. Porém o tipo de relacionamento que ele desejava ter com Cristo está disponível a *todos* os cristãos.

Isso inclui você e eu. Porém, se queremos ter o mesmo relacionamento com Deus que tiveram os famosos homens das Escrituras, devemos estar dispostos, também, a sofrer o que eles sofreram. Deus também oferece essa experiência extraordinária a pessoas comuns, mas devemos estar dispostos a carregar o estigma que ela traz.

A palavra *estigma* significa algo de "ofensivo, desonroso, humilhante e constrangedor". Estigma é uma palavra puramente grega. Na literatura helenística, ela se referia a uma marca no corpo — como uma tatuagem — geralmente aplicada em escravos fugitivos. Paulo disse que carregava em seu corpo as "marcas" (*stigmata*) de Jesus. Ele não se envergonhava do estigma.

Em certa ocasião, Pedro fugiu de um estigma — quando ele negou conhecer o Senhor. Mas chegou o dia em que ele o *abraçou*. Pouco tempo depois, Pedro e João mal podiam acreditar em como eram abençoados por terem o *privilégio* de carregar o estigma de Jesus. Depois de terem sido advertidos pelo sinédrio, eles saíram "regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta ["vergonha", "desonra"] pelo nome de Jesus" (At 5.41). Vergonha. Desonra. "Tribulações" (At 14.22).

Você se considera uma pessoa comum? E se Deus estiver usando as tribulações e dificuldades para lhe dar um destino extraordinário?

Você tem fugido de estigmas? Evitado perseguições? Constrangimentos?

Paulo disse que fomos "destinados" a tribulações (1Ts 3.3). *"Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele"* (Fl 1.29–SBB). Em outras palavras, isso parte do nosso chamado. É parte do nosso destino como crentes. Além disso, quando considerarmos essas experiências "motivo de grande alegria", como Tiago exortou (Tg 1.2), passaremos a dignificar as dificuldades que Deus colocar em nosso caminho. Dignificar a prova, a tribulação, demonstra que somos confiáveis para receber uma unção maior. Quanto maior o sofrimento, maior a unção.

Parte do sofrimento é aceitar de Deus aquilo que, às vezes, parece completamente irracional. Considere o que Abraão enfrentou quando Deus disse a ele para sacrificar o próprio filho Isaque — que era o único vínculo com a própria promessa feita de que a sua descendência seria tão numerosa quanto as estrelas do céu. Não fazia nenhum sentido. Mas, como eu disse, às vezes, Deus nos chama para fazer coisas que não fazem sentido no momento. Que estigma Abraão teve que aceitar! Deus se alegrou muito. *"Agora sei que temes a Deus"*, disse o Senhor a Abraão (Gn 22.12).

O juramento veio em seguida.

Será que Deus está chamando-o para carregar um estigma — a fim de que você possa receber uma grande medida do Seu Espírito Santo? Até onde você está disposto a ir em seu compromisso com Jesus Cristo? Sim, Deus muitas vezes usa as dificuldades para preparar cristãos comuns para um destino extraordinário.

Você pode se lembrar de que mencionei, no capítulo anterior, que o puritano John Cotton disse que o testemunho do Espírito Santo não é simplesmente para as pessoas de "renome" das

Escrituras e da história da Igreja — referindo-se a tipos de pessoas de alto perfil; é também, para os cristãos comuns. Isso porque Deus ofereceu o testemunho imediato e direto do Espírito Santo a todos os que creem. O Espírito não apenas nos convence de que a Bíblia é a Palavra infalível de Deus, mas também nos convence de que Deus está assentado em Seu trono! Deus está disposto a ser tão real hoje, quanto o foi para os patriarcas, para Moisés, Davi e os profetas. Ele é tão real hoje quanto era nos tempos da Igreja primitiva. Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente (Hb 13.8). Não deixe de descobrir o quanto Deus é real por causa de pessoas que, mesmo bem intencionadas, dizem que um relacionamento pessoal com Deus não é possível nos dias atuais. Porque é possível, sim.

Randy Wall, um amigo íntimo meu, conta como o seu próprio pai, em seu leito de morte, lamentava como o ensino cessacionista havia governado a sua vida e lhe roubado algo que ele poderia ter vivido todo o tempo. Porém, nos dias de sua enfermidade, ele derramou o seu coração aos pés do Senhor. E eis que o Espírito Santo o encheu do topo de sua cabeça até a planta dos seus pés. Deus tornou-se completamente real para ele. Ele disse a seu filho, Randy: “Nós fomos ensinados de forma errada”. Randy jamais se esqueceu disso e, anos mais tarde, ele experimentou exatamente o mesmo relacionamento que seu pai havia tido com o Senhor pouco antes de morrer.

Algumas pessoas podem chamar essa experiência de “graça da morte”, afirmando que não adiantava buscar esse tipo de experiência ou experimentá-la próximo da hora de morrer. O único problema dessa visão é que muitas pessoas viveram tal

experiência e não morreram logo em seguida! Elas viveram para contar como Deus é real. Chame de descanso de Deus. Chame de juramento. Chame de testemunho imediato e direto do Espírito Santo. Chame de "selo do Espírito Santo". Não importa como você chama isto, mas o obtenha. Espere diante do Senhor. Não desista. Você não terá que trabalhar para receber isto. Apenas espere.

Há, portanto, dois níveis através dos quais, geralmente, Deus Se comunica conosco: o nível da promessa e o nível do juramento.

Parte do sofrimento é aceitar de Deus aquilo que, às vezes, parece completamente irracional. Considere o que Abraão enfrentou quando Deus disse a ele para sacrificar o próprio filho Isaque

Capítulo 5

FOGO ESTRANHO

–

E estes são os nomes dos filhos de Arão: o primogênito Nadabe; depois Abiú, Eleazar e Itamar. Estes são os nomes dos filhos de Arão, dos sacerdotes ungidos, cujas mãos foram consagradas para administrar o sacerdócio. Mas Nadabe e Abiú morreram perante o Senhor, quando ofereceram fogo estranho perante o Senhor no deserto de Sinai, e não tiveram filhos; porém Eleazar e Itamar administraram o sacerdócio diante de Arão, seu pai.

— NÚMEROS 3.2-4 (RC SBB)

O simples significado é que eles estavam "fazendo as coisas do jeito deles"

– RABINO SR. DAVID ROSEN

Há alguns anos, fui a um encontro, em uma tenda, em Fort Lauderdale. Muitos de meus amigos contaram-me a respeito de um homem que realizava curas milagrosas, um ostentoso curador pela fé, que também dizia às pessoas detalhes incríveis acerca da vida delas, como se as conhecesse. Um velho amigo meu havia jogado fora o seu aparelho auditivo, pois havia sido *completamente curado* de sua surdez. Eu, então, concordei em ir à

reunião. Ao entrar na tenda onde aconteceria o evento, observei um livro à venda, que negava a divindade de Jesus Cristo. Isso foi o suficiente para eu saber tudo o que precisava sobre aquele pregador. Nós sentamos no fundo da tenda. Depois dos louvores, o pregador começou a falar. Ele logo desceu da plataforma, para dirigir-se ao auditório, juntando-se às pessoas.

"Você e eu já nos encontramos antes?"

"Não."

"Você acredita que eu sou profeta de Deus?"

"Sim", sempre respondiam as pessoas.

"Você acredita que Deus me disse alguma coisa a seu respeito?"

"Sim."

Ele, então, contava algo que (supostamente) ninguém mais sabia, a não ser as próprias pessoas com quem ele estava falando. Passada meia hora, eu sussurrei para Louise: "Ele virá até mim". Como eu sabia? Simplesmente sabia. Segundos depois, ele caminhou até o final da tenda e dirigiu-se a mim. Ele pediu que eu me levantasse. Eu assim o fiz. Segurando o microfone em minha boca, ele perguntou:

"Você e eu já nos encontramos antes?"

"Não."

"Você acredita que eu sou um profeta de Deus?"

"Não."

"Você acredita que Deus me mostrou algo a seu respeito?"

"Não, senhor."

"Você e eu já nos encontramos antes?"

"Não, senhor."

"Você acredita que eu sou um profeta de Deus?"

“Não, senhor!”

“Você acredita que Deus me mostrou algo a seu respeito?”

“Não, senhor.”

Eu tentei pegar o microfone e dizer mais coisas, mas ele se afastou, gritando para a multidão: “Este, senhoras e senhores, é um homem a caminho do inferno”. As pessoas nos vaiaram quando saímos ao encerrar a reunião.

Esse homem continua realizando reuniões por todo o país. Ele pode ser assistido pela televisão, e já enfrentou os tribunais diversas vezes, ao longo dos anos, por fraudes financeiras. E há pessoas que o seguem. A propósito, após batalhar com sua surdez, o meu amigo precisou voltar a usar seu aparelho duas semanas depois. No fim das contas, ele não havia sido curado.

Um evento mais recente ocorreu durante uma de nossas conferências “Palavra, Espírito e Poder”, em um estado do Oeste. O gentil motorista que levou Louise e eu do aeroporto ao hotel começou a nos contar sobre um pó de ouro que caía em sua igreja; havia até um pouco incrustado no carpete, disse ele. Inclusive eles pegaram um pouco do ouro do carpete quando retiraram o carpete para reformar o templo, emolduraram-no e o penduraram na parede do auditório. Como prova, eles me mostraram o ouro emoldurado assim que cheguei ao templo, mais tarde. O pastor e as pessoas estavam obcecados com o ouro. Ouro, ouro, ouro. Esse assunto dominou o encontro. Entretanto, eles não viam ouro já havia um bom tempo. O acontecimento do tal pó de ouro, supostamente havia ocorrido anos antes. No entanto, eles ainda estavam focados nele e esperavam que retornasse a qualquer dia,

inclusive, estavam esperando que ocorresse, enquanto estávamos ali.

Na segunda noite, momentos antes da minha hora de falar, eu vi um pedaço de ouro no carpete, bem na minha frente. Eu o peguei. Era um pedaço de uma pulseira de ouro. O meu espírito se agitou dentro de mim como não fazia há anos. Eu *não* diria que ouvi uma voz audível. Não. Pode ter sido a minha própria voz. Essa voz, no entanto, me disse: "R. T., se você possui alguma integridade e realmente crê naquilo que faz com respeito ao Evangelho e à Palavra de Deus, você falará a esta igreja o que você sabe que é verdade". Eu me virei para meus colegas, Jack Taylor e Charles Carrin, e disse que estava mudando o conteúdo do sermão sobre o qual havíamos acordado anteriormente. "Vá em frente", eles me disseram.

Eu subi ao púlpito e, em seguida, mostrei a todos o pedaço de ouro que havia acabado de pegar do carpete. Perguntei: "Quantos aqui acreditam que este é ouro que Deus colocou ali sobrenaturalmente? Muitas pessoas levantaram as mãos. Eu mostrei que se tratava apenas de um pedaço de uma pulseira. Prossegui, então, a derramar a minha alma. Eu não tenho a gravação daqueles dezoito minutos de pregação, então só posso compartilhar o que tenho na memória, da essência do que disse. Meu texto-base foi Salmos 138.2, na versão King James, a qual traduz corretamente o original hebraico, que diz: "Thou hast magnified thy word above all thy name" ("*Engrandeceste a tua palavra acima de todo o teu nome*"). E prossegui:

Deus Se importa mais com a Sua Palavra do que até mesmo com o Seu próprio nome. A Palavra é Sua integridade em jogo. Ele considera a Sua integridade mais importante do que a Sua reputação, ou até mesmo do que o Seu poder. As pessoas não são salvas pelo ato de ver milagres. Elas são salvas ouvindo o Evangelho. Permitam-me dizer-lhes porque, em minha opinião, vocês, meus queridos amigos, não estão vendo o miraculoso em sua igreja. O sobrenatural e o extraordinário parecem ser tudo o que está ocupando o pensamento de vocês. Vocês estão obcecadas com o ouro e o sobrenatural. O meu conselho para vocês é este: comecem a enfatizar o Evangelho e a Palavra e, talvez, Deus manifeste a Sua presença. O grande Charles Spurgeon disse: "Olhei para Cristo, e a Pomba veio voando; olhei para a Pomba, e Ele desapareceu".

Eu me sentei. A recepção à minha palavra foi um misto de reações, mas soube que essa igreja não voltaria a nos convidar.

NADABE E ABIÚ

A única ocasião de menção de fogo estranho na Escritura não deve ser esquecida, é descrita da seguinte forma: "E os filhos de Arão, Nadabe e Abiú, tomaram cada um o seu incensário e puseram neles fogo, e colocaram incenso sobre ele, e ofereceram fogo estranho perante o Senhor, o que não lhes ordenara. Então, saiu fogo diante do Senhor e os consumiu; e morreram perante o Senhor" — (Lv 10.1–2 SBB). Eles não seguiram as instruções divinamente ordenadas. Eles foram e "fizeram as coisas do jeito

deles", como disse o rabino David Rosen. Deus disse explicitamente a Israel, na lei cerimonial, como Ele queria ser adorado. Deus escreveu a cerimônia, prescreveu a ordem do culto. Tentar melhorar a Sua Palavra não O agradou. Não há recompensa para uma obra que Ele não ordenou; Deus Se agrada apenas quando fazemos somente aquilo que Ele nos ordena.

Deus é Espírito; aqueles que O adoram devem adorá-Lo "em espírito e em verdade" (Jo 4.24). Alguns querem adorar a Deus apenas em *espírito* — e esquecem-se da verdade. Deus é Espírito; Ele, também, é verdade (Sl 31.5).

"Fogo estranho" é, na versão King James (KJV) e na NVI (em inglês), uma tradução para "fogo não autorizado". A palavra hebraica significa fogo "estrangeiro" ou "profano". O fogo não só não havia sido ordenado por Deus, mas era contrário ao Seu mandamento (Lv 10.1).

Pode parecer, para alguns, que a lei moral — os Dez Mandamentos — era a única coisa que importava naqueles dias. Deus, porém, escreveu a lei moral, a lei civil e, também, a lei cerimonial (embora essas sejam distinções feitas por teólogos a fim de esclarecer as suas aplicações). Era a lei cerimonial que estava sendo violada naquele acontecimento de Lv 10.1–2.

REI SAUL

O rei Saul, mais adiante, tornou-se o "homem de ontem" porque não respeitou a ordem explícita sobre quem era qualificado para

oferecer holocaustos (parte da lei cerimonial). Ele tinha que esperar Samuel, mas não o fez. "Trazei-me aqui um holocausto", disse Saul. Alguém deveria tê-lo impedido ou, ao menos, o advertido. Ninguém fez isso. Ele, então, ofereceu o holocausto. Quando Samuel chegou, Saul explicou que havia se sentido "compelido" a fazê-lo (1 Sm 13.8–12).

Imagine só. Ir contra o claro ensino da Palavra de Deus porque se sentiu "compelido" a fazer isso! Isso é igual àquelas pessoas que dizem: "Eu sei que não está na Bíblia, mas Deus me mandou fazer isso", ou "Eu me senti guiado a fazer isso" — indo *totalmente* contra as Escrituras. Uma das maneiras mais rápidas de tornar-se irrelevante — e tornar-se homem ou a mulher do passado — é se colocar acima das Sagradas Escrituras. Saul fez isso. Samuel lhe disse que ele havia procedido "estupidamente" e que seu reino e seu legado seriam revogados (1 Sm 13.13–14). E foi exatamente isso que aconteceu — tudo porque ele não levou a sério o mandamento do Senhor com respeito ao modo como Deus queria que O adorassem. Mesmo tendo se tornado o "homem de ontem", naquele momento, ele ainda usou a coroa por mais vinte anos. Vinte anos sem o favor de Deus, mas o povo, no entanto, não tinha nem ideia disso. Somente Samuel (1 Sm 16.1).

Foi algo muito triste isso que os próprios filhos de Arão, Nadabe e Abiú, fizeram. O acontecimento deste incidente do fogo estranho, sem dúvida, teria sido registrado nas Sagradas Escrituras mesmo se esses dois homens não fossem tão importantes, pelo perfil da função que exerciam. O fato, porém, de serem filhos de ninguém menos que Arão — o número dois de Deus naqueles tempos — agravou o seu pecado. Nadabe era o

primogênito de Arão — uma posição de muito prestígio em Israel naquela época. O primogênito tinha o dobro de direitos em relação à herança. Você deve se lembrar de que Esaú era o filho primogênito de Isaque, mas por causa da sua loucura, perdeu tudo para Jacó (Gn 25.31–34).

Às vezes, aqueles que são criados em um ambiente santo se tornam tão familiarizados com Deus e com as coisas sagradas, que não dão valor ao privilégio que possuem. Crescer em um bom lar é um privilégio inestimável. Eu tive pais dedicados a Deus. O meu pai foi leigo (não um ministro ordenado), mas tinha um compromisso com o Senhor que (em minha opinião) excedia o de muitos homens do ministério. Eu, portanto, tive uma grande vantagem e não teria nenhuma desculpa se mostrasse o mínimo de ingratidão em relação ao meu passado. Crianças que vêm de lares de ministros evangélicos também são, muitas vezes, culpáveis de tomar as coisas santas levianamente. Elas, às vezes, são propensas a tornarem-se presunçosas e agirem como se fossem especiais. Às vezes, os próprios pastores são culpáveis disso. Começam a sentir que possuem algum tipo de *direito* com relação a Deus, à sua herança ou chamado. Grande engano.

Aprendemos, através desse antigo episódio, que Deus não faz acepção de pessoas. Portanto, Nadabe e Abiú não foram a exceção, por serem filhos de Arão. Certamente, esses dois irmãos conheciam bem a história de idolatria do pai, quando ele participou de forma ativa na fabricação do bezerro de ouro (Êx 32.2–35). Os filhos imitam os pais. É possível que esses dois filhos nunca tenham percebido verdadeiramente a seriedade do grave

pecado de seu pai. Mas, pode ser até que eles tenham desenvolvido uma falta de reverência devido à rebelião de Arão.

OS TIPOS DE PECADOS QUE ESTÃO POR TRÁS DO FOGO ESTRANHO

O que podemos aprender com esse episódio de fogo não autorizado? Primeiro, devemos recordar que o uso do fogo em si, no antigo sistema sacrificial, foi ideia de Deus. Portanto, quer fosse fogo natural usado no sistema sacrificial ou fogo sobrenatural quando o Senhor manifestava a Sua glória, Deus tinha uma razão para o uso do fogo. O uso do fogo, portanto, nunca foi ideia do homem. Além disso, tudo na lei mosaica era "uma sombra dos benefícios que hão de vir" (Hb 10.1). O fogo do Antigo Testamento apontava para as línguas de fogo repartidas no Dia de Pentecostes. Ele apontava para o batismo no Espírito Santo e no fogo. O próprio Deus seria sempre um fogo consumidor. O fogo em si, portanto, era sagrado quando se tratava da prescrição de Deus sobre como Ele deveria ser adorado. Apenas o fogo santo era aceitável. Mas, ainda assim, o homem tem suas maneiras de imitar o ideal de Deus. O que Nadabe e Abiú fizeram, ao oferecer um fogo estranho, estabeleceu um padrão para que as gerações seguintes os seguissem. Muitos se tornam rebeldes, orgulhosos, impacientes ou infiéis — e tomando a própria Palavra de Deus de forma leviana.

Rebelião

Se o legado de Arão foi plantar parcialmente a semente da rebelião em dois de seus filhos, então, o exemplo de Nadabe e

Abiú preparou o terreno para a rebelião das gerações seguintes. Ao se referir ao bezerro de ouro, Moisés disse: "Desde o dia em que saístes do Egito, até que chegastes a este lugar, rebeldes fostes contra o Senhor" (Dt 9.7–SBB). A rebeldia tornou-se um dos principais pecados na antiga Israel. "Eis que, vivendo eu ainda hoje convosco, rebeldes fostes contra o Senhor; e quanto mais depois da minha morte?" (Dt 31.27). "Porque a rebelião é como o pecado da feitiçaria" (1 Sm 15.23). O falso profeta Hananias disse que Jeremias havia falado "em rebeldia contra o Senhor" (Jr 28.16). O Senhor disse a Ezequiel: "Filho do homem, eu te envio aos filhos de Israel, às nações rebeldes que se rebelaram contra mim; eles e seus pais transgrediram contra mim até este mesmo dia" (Ez 2.3–SBB). O que Nadabe e Abiú fizeram ao oferecer fogo não autorizado, "fogo estranho", foi rebelar-se contra prescrição de adoração estabelecida por Deus.

A oferta de fogo estranho, portanto, não foi meramente um pecado de fraqueza ou ignorância: era um pecado de alta gravidade. Não amoldar-se às Escrituras é rebelião.

Rivalidade

Outra maneira de entender as mentes desses dois homens e ver o que está por trás desse fogo estranho é verificar que um espírito de rivalidade se instalou em seus corações. Um espírito de competição. Era o fogo *deles* versus o fogo de Deus.

Porém, havia, ainda, algo mais aqui. Eles não mostraram nenhum respeito pelos seus anciãos e por aqueles que Deus havia designado. Nadabe e Abiú foram insubordinados. No Novo

Testamento nós somos ordenados a nunca repreender a um ancião, mas a admoestá-lo como a pais (1 Tm 5.1). Quer ancião signifique alguém mais velho ou em alguma posição oficial, devemos demonstrar respeito em ambas as situações. Às vezes, os jovens — ou aqueles que são novos no ministério — ficam impacientes por ter de esperar que o seu dia chegue e acabam tornando-se suas próprias autoridades. Como o Dr. Lloyd-Jones costumava dizer: "A pior coisa que pode acontecer a um homem é alcançar o sucesso antes de estar preparado". Nadabe e Abiú não conseguiram esperar que chegasse o momento deles, eles queriam mostrar-se iguais aos seus anciãos.

O espírito de rivalidade é, também, o que motiva as pessoas a rejeitarem o caminho de Deus para a salvação. Deus diz: A salvação é pela graça mediante a fé — não pelas obras (Ef 2.8–9). Um espírito de rivalidade diz: eu posso me salvar por meio do que faço. Em outras palavras, as pessoas querem, através de sua própria natureza, competir com aquilo que Jesus realizou na cruz. Elas não conseguem suportar a ideia de dar toda a glória a Deus pela sua salvação; elas querem sentir que deram uma "mãozinha" a Ele. Em relação ao fogo estranho de Nadabe e Abiú, eles queriam fazer as coisas de seus próprios jeitos; de suas próprias maneiras.

Orgulho

Esse é um sentimento de prazer pelas suas próprias conquistas. O orgulho também estava na base daquele fogo não autorizado. Eles queriam mostrar que eram capazes de fazer as coisas sem obedecer à maneira prescrita por Deus. Os seus egos se

envolveram na situação. Eles queriam provar algo. Sabiam exatamente o que estavam fazendo e não estavam tentando esconder nada de ninguém. Pelo contrário, queriam se certificar de que *todos* testemunhassem o que eles estavam fazendo. Queriam ser os primeiros a fazer aquilo. Talvez as pessoas de menos proeminência não tivessem pensado nisso. Eles, porém, queriam dar o exemplo, queriam estabelecer um precedente para entrar para a história. Certamente entraram para a história, mas não da maneira que previram. Estavam bastante certos de que conseguiriam sair, de algum jeito, isentos daquele episódio.

O MOVIMENTO DE CURA PELA FÉ

Eu comecei a seguir o movimento de cura pela fé desde a adolescência. Mas, inclusive, mesmo naquela época, eu ficava surpreso, e também me decepcionava muito, quando os evangelistas de curas eram apresentados como se estivessem no mundo do espetáculo: "E, agora, senhoras e senhores, deem as boas-vindas ao homem de Deus, de fé e poder!" As pessoas aplaudiam entusiasticamente. Tal comportamento devia ter a aprovação do evangelista, caso contrário ele não continuaria com aquilo. Eu não consigo imaginar os primeiros apóstolos permitindo esse tipo de coisa. "Por que olhais tanto para nós", perguntou Pedro quando o homem coxo foi curado, "como se por nossa própria virtude ou santidade fizéssemos andar este homem?" (At 3.12). Poucos parecem notar como muitos

curadores e evangelistas de hoje nos incentivam, quase abertamente, a focar neles próprios. Eles são estrelas. A coincidência mais estranha que já testemunhei em relação a isso, foi, quando, em um grande auditório, em uma grande cidade, após um longo tempo de cânticos, o famoso pregador vestido de branco entrou enquanto cantavam "Quão grande és Tu". Se isso não foi uma coincidência, deve ao menos ter feito os anjos corarem de vergonha.

SINAIS E MARAVILHAS SUBSTITUÍDOS PELO ENSINO DA PROSPERIDADE

Indiscutivelmente, a pior exploração em nossa geração, no entanto, é a forma como a mensagem da prosperidade tomou tanta proporção. Apelando tanto aos ricos quanto aos pobres, a mensagem do "nomeie e reivindique" e do "creia e receberás", tem sido a razão principal da bênção econômica de muitos ministérios. Em vez de ensinar as pessoas a orarem e a descobrirem por elas mesmas como Deus responde à oração, eles dizem: "Mande os seus pedidos e eu orarei por você" — como se as orações do pregador fossem mais eficazes do que as das pessoas comuns. Mas é o dinheiro o que eles querem.

O antigo movimento Pentecostal nasceu mediante o crer no poder e na presença manifesta de Deus. Eles viram coisas maravilhosas. Aqueles primeiros pentecostais, como faziam parte, em sua maioria, das classes econômicas mais baixas, eram

zombados pelos cristãos tradicionais, desprezados, e até mesmo rejeitados pelo cristianismo americano da classe média. Eles estavam real e verdadeiramente fora do arraial! Os cristãos não são chamados a irem para "fora do arraial", levando o vitupério de Cristo (Hb 13.13)? Sim. Alguns podem até dizer: "Quanto mais fora, melhor." Eu não sei se concordo com isso, mas sei que os primeiros pentecostais estavam *muito* fora do arraial. E eles continuaram assim, à medida que Deus os abençoava mais e mais. Eles começaram a crescer — mais rápido do que todos os outros. Eles viam curas, sinais e maravilhas. Dons do Espírito operando.

Na década de 1960, aos pentecostais foram unidas pessoas de outras denominações — episcopais, católicos, luteranos, reformados, presbiterianos e batistas. Como sabemos, os batistas foram chamados de carismáticos. Eles também presenciavam milagres e também tiveram que ir para "fora do arraial" de suas denominações. Estes, "carismáticos", ainda são vistos pela maioria dos evangélicos conservadores como "a ala lunática" do cristianismo americano. Mas eles também cresceram. A bênção da presença manifesta do Espírito Santo era incontestavelmente denominador comum — o fio que uniu esses movimentos.

Isso, porém, não é mais assim. De acordo com uma recente pesquisa, esse denominador comum mudou. Seria por causa da diminuição repentina dos verdadeiros milagres? Ou por que a economia americana melhorou? Seria por que as pessoas não querem mais sair de suas zonas de conforto? Seria por causa do surgimento da televisão cristã? Eu só sei que o denominador comum desses movimentos hoje não é mais o poder manifesto de Deus; mas, sim, a clara promessa de bênçãos econômico-

financeiras se você oferta generosamente para determinados ministérios — o ministério dele ou dela. Eu questiono sinceramente se algumas redes de televisão cristãs sobreviveriam se a apelação ao dinheiro com base na promessa de bênçãos de Deus de repente cessasse. Eu me pergunto se algumas delas faliriam da noite para o dia.

TUDO SE TRATA DE DINHEIRO

Um proeminente líder do movimento carismático da Grã-Bretanha disse-me, com toda a sinceridade que, quando ele assiste à televisão cristã atualmente — como se ouvisse através de ouvidos daqueles que não são crentes — indubitavelmente tem a impressão de que no cristianismo "tudo é sobre o dinheiro". Se Jesus aparecesse hoje, você se surpreenderia se Ele se dirigisse, imediatamente, ao equivalente atualmente aos cambistas do templo e os expulsasse? A nossa própria família tinha esperança em participar de uma determinada igreja quando nos mudamos para os Estados Unidos da América, até percebermos ser impossível suportar o pastor falando, por uma hora ou mais todo domingo, só para levantar ofertas.

Porém, ao mesmo tempo, vergonha maior é a maneira como alguns pregadores de televisão conseguem usar determinadas passagens bíblicas para, supostamente, explicar o *verdadeiro* significado do motivo por que Deus enviou o Seu Filho ao mundo para derramar o Seu precioso sangue: sua bênção econômico-

financeira e cura. Alguns realmente transformam a essência do excelente Evangelho de Jesus Cristo na teologia da prosperidade. Não há, portanto, necessidade de doenças e sofrimentos. Nenhuma. Paulo pode ter tido o seu "espinho na carne" (2 Co 12.7), mas isso porque ele não era tão espiritual quanto nós podemos ser hoje! Se tivéssemos que dar crédito a algumas dessas pessoas, nos convenceriam de que a razão por que Jesus morreu naquela cruz foi principalmente para que tenhamos uma vida próspera e saudável aqui na terra. Algumas dessas pessoas nunca mencionam o fato de que Cristo morreu na cruz para que possamos ir para o céu, e não para o inferno quando morrermos. Essa mensagem não vende muito. Tudo o que importa, então, é o aqui e agora. Existencialismo. Dinheiro. Fogo estranho.

Nem todos os pentecostais e carismáticos concordam com isso. A maioria deles é composta de pessoas boas e sensatas, tementes a Deus e íntegras, que amam suas Bíblias e querem vê-la sendo pregada. Eles dão boas-vindas à liderança que tem o seu foco nas Escrituras, no ensino bíblico sólido e na adoração que exalta a Jesus Cristo. Eu escrevo este livro justamente para preservar essas coisas e, se possível, para ajudar a deter esta tendência atual. O dia chegou em que o falso ensino tem sido abundante. Verdade. Mas você não tem por que abraçar isso.

Arrogância

Ela pode ser definida como o excesso de orgulho, indicado por um comportamento de superioridade demonstrado em relação a pessoas supostamente inferiores. Nadabe e Abiú, sabendo que

eram filhos de Arão, sentiam como se estivessem “acima” dos outros sacerdotes de sua época. Eles queriam mostrar que poderiam livrar-se da punição mesmo com sua revolta contra a maneira prescrita por Deus.

O rei Davi concebeu a nobre ideia de levar a arca da aliança para Jerusalém. Ele pensou que era a coisa correta a fazer. E era. Ele achou, também, que Deus o recompensaria. Talvez. Porém, em Davi houve também, tristemente, uma arrogância inconsciente, um sentimento de que ele estava fazendo a coisa mais maravilhosa para Deus, algo que nunca havia sido feito antes. Aparentemente nem passou pela sua cabeça consultar as Escrituras ou os sacerdotes antes de fazer isso. Quando, então, ele se organizou para levar a arca para Jerusalém, Uzá estendeu a mão e a segurou para impedir que a arca caísse, porque o boi que a transportava tropeçou. A ira do Senhor se acendeu contra Uzá “por causa do seu ato de irreverência”, e ele morreu de forma fulminante.

Davi “ficou contrariado” por causa da ira do Senhor; parecia algo tão injusto (2 Sm 6.6–8). Depois, porém, ele se humilhou diante do Senhor e reconheceu que Deus foi perfeitamente justo ao agir daquela maneira. “Pelo fato de vocês não terem carregado a arca na primeira vez, a ira do Senhor nosso Deus causou destruição entre nós. Nós não o tínhamos consultado sobre como proceder. Então os sacerdotes e os levitas se consagraram para transportar a arca do Senhor, o Deus de Israel. E os levitas carregaram a arca de Deus apoiando as varas da arca sobre os ombros, conforme Moisés tinha ordenado, de acordo com a palavra do Senhor” (1 Cr 15.13–15). Isso mostra como Deus toma seriamente a Sua própria

Palavra e não mudará as regras por ninguém — nem pelo homem segundo o coração Dele mesmo!

Impaciência

Vimos que Nadabe e Abiú não quiseram esperar que a sua hora chegasse. Os filhos de Arão estavam impacientes com o Senhor. Em vez de esperar diante de Deus e em Deus — que lhes daria a oportunidade de derramar o Seu fogo santo como Ele havia acabado de fazer, os dois homens se adiantaram e agiram antes do Senhor, oferecendo o seu próprio fogo. Nunca se esqueça do contexto desse hediondo pecado registrado em Levítico. Imediatamente antes desse evento trágico, quando Moisés e Arão entraram na tenda da congregação, a glória do Senhor apareceu a todo o povo. "Saiu fogo da presença do Senhor, e consumiu o holocausto". Quando o povo viu isso, "gritou de alegria e prostrou-se rosto em terra" (Lv 9.23–24). Logo depois desse momento glorioso, Nadabe e Abiú trouxeram o seu próprio fogo. Eles não esperaram para que Deus fizesse descer o Seu.

Como mostrei anteriormente, foi esse tipo de impaciência que levou o rei Saul à ruína. Saul poderia ter esperado por Samuel. "Mas agora seu reinado não permanecerá", disse Samuel a Saul, "o Senhor procurou um homem segundo o seu coração... pois você não obedeceu ao mandamento do Senhor" (1 Sm 13.14).

Incredulidade

Todas as representações de pecado mencionadas anteriormente podem ter sua origem encontrada na incredulidade. A

incredulidade é a principal causa da rebelião, da rivalidade, do orgulho, da arrogância e da impaciência. A incredulidade é a dúvida que se transforma em um ato consciente da vontade. Uma coisa é ser tentado à incredulidade. Todos nós passamos por isso. A incredulidade era a essência do apelo feito por Satanás a Eva no Jardim do Éden, quando ele incutiu a dúvida em sua mente, fazendo-lhe a pergunta: "Foi isto mesmo que Deus disse: Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim?" (Gn 3.1). Satanás disse a Jesus: "Se você é o Filho de Deus, mande que estas pedras se transformem em pães" (Mt 4.3), dando a entender que Jesus não era o Filho de Deus. Todos nós enfrentamos a tentação para duvidar.

Quando, no entanto, *decidimos* conscientemente que Deus não disse o que disse — e que nós podemos fazer melhor, ou quando achamos que Ele não cumprirá a Sua Palavra — ou que Ele não vai manifestar-Se, nós nos colocamos acima da Sua Palavra, e cruzamos uma linha. Isso é algo perigoso.

Nadabe e Abiú não acreditavam realmente nas regras prescritas. Eles não fizeram aquilo com temor e tremor, mas com uma convicção presunçosa de que estavam agindo corretamente. A incredulidade deles os levou à arrogante rebeldia. Eles optaram por sua própria maneira de adorar a Deus — oferecendo o próprio fogo deles perante Moisés e Arão e todos os sacerdotes. Eles criam que o fogo deles mesmos era tão bom quanto qualquer outro.

Pouco tempo depois de Louise e eu nos mudarmos para Nashville, após morarmos em Florida Keys, eu comecei a receber e-mails sobre um avivamento que estava acontecendo na Flórida. Ele estava sendo considerado como o "ministério dos últimos dias", o grande avivamento antes da Segunda Vinda. Ele estava sendo transmitido "ao vivo" em todo o mundo pela GOD TV todas as noites. Nós começamos a assistir imediatamente. Pessoas do mundo inteiro estavam indo até à Flórida, principalmente da Inglaterra, para ver o que estava acontecendo. Eles até lotaram o estádio local em uma noite. Um profeta bastante conhecido afirmou, ao vivo na televisão, que aquilo era um cumprimento de suas próprias visões de estádios lotados no ministério nos últimos dias, que aconteceria antes do fim.

Nunca em minha vida tive o conhecimento de tamanha oportunidade como aquela para alcançar o mundo com o Evangelho. Era incrível. Aquele movimento estava sendo levado até países onde o Evangelho nunca havia penetrado de fato, como algumas nações do Oriente Médio. Que oportunidade maravilhosa para que os perdidos ouvissem o Evangelho de Jesus Cristo.

Mas eu estava confuso. Eu assistia e ouvia cuidadosamente aos programas todas as noites e estava esperando só por uma coisa: a pregação do Evangelho. Eu pergunto: Quantas vezes você acha que o evangelista que era o pregador principal pregou o Evangelho? Resposta: Nem uma vez. Era o tempo todo "palavras de conhecimento" e testemunhos de pessoas sendo curadas. Eu não estou dizendo que as palavras de conhecimento eram imprecisas. Elas podem ter sido verdadeiras. Eu só sei de uma coisa: o Evangelho não estava sendo pregado — nem uma vez.

Não havia uma sensação de convicção do pecado. O verdadeiro avivamento inclui a convicção do pecado. Em vez disso, essas reuniões da Flórida, porém, eram repletas de gente caindo de costas quando o evangelista dava uma palavra de conhecimento e gritava "Bam!". Essas pessoas eram, supostamente, curadas. Talvez tenham realmente sido. Havia, porém, uma coisa em meu coração: se aquele fenômeno era verdadeiramente um movimento de Deus. "Devo acreditar", perguntei a mim mesmo, "que, se esse é o grande avivamento antes do fim — e essas reuniões estavam sendo assistidas no mundo todo — Deus não levantaria alguém para pregar o Evangelho do Seu Filho?" O evangelista não disse *uma vez sequer* que Jesus Cristo morreu na cruz pelos nossos pecados para que pudéssemos ir para o céu quando morrêssemos.

Líderes carismáticos de destaque de todo o país iam para lá, colocavam as mãos sobre aquele homem e proclamavam as profecias mais extraordinárias sobre ele. Eu tive a oportunidade de ser convidado para me juntar a eles, mas recusei o convite.

Eu disse que aquele "avivamento" não era de Deus. "Não diga que não é de Deus", algumas pessoas me advertiram amorosamente. Eu me recusei a negar minhas convicções — até escrevi sobre isto para a revista *Ministry Today*. Alguns meses depois, quando descobriram que aquele evangelista estava vivendo em imoralidade durante o período exato do "avivamento", algumas pessoas mudaram de opinião. Eu perguntei a elas: "Por que foi necessária a descoberta sobre a imoralidade deste homem para vocês se convencerem? Mesmo que ele fosse uma referência de extrema limpeza moral, vocês deveriam ter sido capazes de perceber que aquilo não era de Deus." Por quê? *Porque o*

Evangelho não estava sendo pregado. Não havia convicção de pecado. Ele também inseriu: "Bam!", para o Espírito Santo quando batizava as pessoas — em nome de Deus Pai, Deus Filho e "Bam!". E, ainda assim, ninguém se indignou. Quantos desses líderes carismáticos arrependeram-se publicamente e declararam que estavam equivocados? Jesus disse que pregadores como esse enganariam até mesmo aos eleitos (Mt 24.24). Afinal, Satanás se disfarça até de "anjo de luz" (2 Co 11.14).

Há, porém, outra interpretação do motivo pelo qual Nadabe e Abiú fizeram o que fizeram. Como a passagem em Levítico que se segue a esse evento proíbe a ingestão de vinho antes da entrada à tenda da congregação — para que não morressem (Lv 10.9) — alguns intérpretes, inclusive alguns sábios rabinos, acreditam que os dois filhos de Arão estavam bêbados. Se eles estavam intoxicados — e essa foi a causa da irreverência deles — , vale a pena considerarmos duas outras explicações para a sua conduta. Em primeiro lugar, o que eles fizeram foi tão grave que poderia realmente provar que eles estavam embriagados — caso contrário, não teriam sido tão insensatos. Em outras palavras, em são juízo, eles não teriam tentado ao Senhor daquela forma. Em segundo lugar, se a premissa é verdadeira, *in vino veritas* ("no vinho está a verdade"), o vinho pode ter tirado as suas inibições e trazido à tona o que estava em seus corações, ou seja, a rebeldia, o orgulho e a arrogância diante de Deus.

Por isso, Deus interveio quando Nadabe e Abiú ofereceram o seu fogo não autorizado. Depois do fogo estranho, veio o fogo santo. "Então saiu fogo da presença do Senhor e os consumiu; e morreram perante o Senhor. Moisés então disse a Arão: Foi isto

que o Senhor disse: Aos que de mim se aproximam santo me mostrarei; à vista de todo o povo glorificado serei" (Lv 10.2–3). Foi um momento muito horrível para Arão. "Arão, porém, ficou em silêncio" (v.3). Os filhos mortos foram carregados por seus primos — "eles foram e os puxaram pelas túnicas, para fora do acampamento, conforme Moisés havia ordenado." (v.4–5). Depois, eles receberam mais instruções com respeito à adoração ao Senhor. Moisés se certificou de que a tenda da congregação fosse respeitada sempre. Ele queria ter certeza de que o temor do Senhor estivesse sempre presente. "O óleo da unção do Senhor está sobre vocês", disse Moisés àqueles que conduziriam a adoração a Deus (v.7).

Cerca de mil e trezentos anos depois, Ananias e Safira mentiram ao Espírito Santo. Isso aconteceu quando o Espírito do Senhor estava presente na Igreja primitiva em um nível elevado. Eles também caíram mortos na mesma hora. O resultado desse acontecimento foi um "grande temor em toda a igreja" (At 5.1–11).

Eis o que é preocupante: os filhos de Arão não foram os últimos a fazer "o que queriam" na obra do Senhor. Mas, ainda assim, por alguma razão, nem sempre Deus manda fogo sobrenatural para mostrar o Seu descontentamento. Além disso, muitas outras pessoas depois de Ananias e Safira têm mentido ao Espírito Santo. Elas, no entanto, não caíram mortas fulminantemente. Por quê? Talvez porque isso só aconteça no que eu chamaria de uma "situação de avivamento" — quando um nível máximo do poder do Espírito Santo está presente.

ENSINOS ESTRANHOS HOJE

Como eu disse na Introdução, eu não acredito que o movimento pentecostal histórico ou o movimento carismático mais recente devam ser pintados com um grande pincel, a fim de serem acusados como exemplos modernos de fogo estranho. Há algum fogo estranho, como já vimos. O que, porém, preocupa-me da mesma maneira, é o ensino estranho em alguns grupos. Eu oro para que esses ensinos sejam rejeitados sem demora. Espero que meu livro ajude. Eu, no entanto, o alerto: tome cuidado com eles. Eu destacarei dois desses ensinos novamente em mais detalhes. Detesto ter que admitir isso, mas alguns líderes carismáticos respeitados tristemente têm abraçado doutrinas estranhas. Eu deixaria de ser íntegro e honesto se não dissesse algo sobre o assunto. Gostaria, porém, que isso não fosse necessário.

O apóstolo Paulo nos avisou de antemão, que nos últimos dias alguns apostatariam da fé e seguiriam espíritos enganadores e "doutrinas de demônios" (1 Tm 4.1). De fato, "virá tempo em que não suportarão a sã doutrina" (2 Tm 4.3). Junto a isso, está o fato melancólico de que muitos membros de igrejas não sabem ao certo no que crer!

A ADORAÇÃO CENTRADA EM DEUS PODE AJUDAR A PREVENIR HERESIAS

Heresia não é uma palavra muito mencionada em alguns círculos atualmente. *Heresia* significa "doutrina falsa". Algumas pessoas acham que defender a sã doutrina e evitar heresias não é tão importante. Errado. Grande engano. Isso é crucial. O povo de Deus está sempre sendo destruído por "falta de conhecimento" (Os 14.6). Alguém poderia dizer que o povo de Deus é destruído por falta de conhecimento tanto ontem quanto hoje. Esperamos que isso não aconteça para sempre. Mas o conhecimento da *Palavra* de Deus e dos Seus *caminhos* é essencial para termos o Seu favor sobre nós. Se perdermos o Seu favor, estaremos arruinados — e Deus levantará outra pessoa para defender Sua honra.

Todos nós amamos o versículo: "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e para sempre" (Hb 13.8). Os carismáticos usam esse versículo para provar que o *poder* de Deus hoje é o mesmo que nos dias de Jesus, e eles estão absolutamente corretos. Mas evangélicos conservadores, no entanto, também podem usar esse versículo — para preservação da sã doutrina. Afinal, você conhece o contexto de Hebreus 13.8? Os versículos 7 e 9 apontam para uma coisa: a sã doutrina. Hebreus 13.7 diz: "Lembrem-se dos seus líderes, que *vos falaram a palavra de Deus*. *Observem bem o resultado da vida que tiveram e* ***imitem a sua fé***" (ênfase acrescentada). Então, veio a bela verdade de que Jesus é o mesmo — por essa afirmação, no entanto, o autor também se referiu defender a *Palavra de Deus*, para que não mude o Seu ensino, pois Hebreus 13.9 diz: "Não se deixem levar pelos diversos ensinos estranhos"! Apesar de podermos usar perfeitamente Hebreus 13.8 contra o ensino cessacionista, o contexto *imediato* desse versículo se refere à doutrina. À teologia sã. O escritor desejava que os

ensinamentos de Jesus permanecessem os mesmos ontem, hoje e eternamente. Ele queria que nós conhecêssemos a Sua Palavra e os Seus caminhos.

Como manter um ensinamento sólido? Em primeiro lugar, os líderes devem ensinar a verdade que encontramos somente nas Escrituras. A Palavra de Deus não muda. O nosso mandato é defender o ensino dos apóstolos — que enfatizaram de fato a Palavra *e* o Espírito (1 Ts 1.5); as Escrituras *e* o poder de Deus (Mt 22.29). A última carta de Paulo a Timóteo incluiu a ordem: "Pregue a palavra" (2 Tm 4.2). É esse o nosso trabalho. Nós devemos, portanto, batalhar continuamente pela fé que "uma vez por todas" foi confiada aos santos (Jd 1–3). É imperativo que os ministros ensinem a sã doutrina. Ela começa no púlpito. Esse tipo de pregação não somente edifica as pessoas, mas também as capacita a reconhecer a heresia quando ela aparecer.

Porém há mais. Com a adoração-louvor sendo cada vez mais popular em nossos dias — sendo, muitas vezes, a parte central dos cultos das Igrejas — alguém precisa soar uma trombeta que seja ouvida em todo o mundo! Gostem ou não, concordem ou não, muitas vezes o louvor dura mais tempo do que a pregação. E, além disso, o que é muitas vezes mais perturbador são *as letras cantadas*. Nunca tivemos tanto talento nesse meio. Os melhores vocalistas. Os melhores músicos. Os melhores acordes e melodias. Fantásticos. Mas, e as letras? Se os primeiros metodistas aprenderam sua teologia a partir das letras dos seus hinos, que tipo de teologia muitos carismáticos estão assimilando hoje? A geração "O que ganho com isso?" se infiltrou em muito do que há nas canções evangélicas modernas. A falta de centralidade em

Deus deixa o caminho aberto para que a heresia entre sorrateiramente nas igrejas. E isso é o que mais me preocupa.

O avivamento Galês (1904–1905) foi incomum, em parte, porque ele foi caracterizado, principalmente, pelos cânticos congregacionais. Mas os que estavam no meio deles eram teologicamente saudáveis. Eles haviam se convertido em igrejas que pregavam o Evangelho. Além disso, aquele fenômeno esvaziou bares e prisões durante um tempo, porque muitas pessoas se converteram. E, no entanto, ele foi rejeitado por algumas pessoas, como se não fosse um avivamento autêntico, devido à sua falta de pregação. Eu não tenho nenhuma dúvida de que o avivamento Galês foi um movimento soberano do Espírito Santo. Porém, quando, se trata do tipo de louvor e adoração que vemos atualmente, as pessoas às vezes suspeitam de que seja mais um espetáculo do que a pura adoração a Deus. Eu entendo que nós devemos orar para que Deus levante homens e mulheres que sejam cantores e músicos talentosos, mas, que, também tenham uma mente teologicamente saudável para restaurar a preservação da Palavra nas igrejas. Como pregador tenho que renunciar às "palavras eloquentes de sabedoria humana" para que a cruz de Cristo não seja esvaziada (1 Co 1.17). Da mesma forma, os líderes de louvor também necessitam se guardar da tentação de fazer com que o momento da adoração se pareça mais com um concerto. Obviamente, não podemos ir de um extremo ao outro. É claro que não queremos líderes de louvor que não saibam cantar, nem músicos que não saibam tocar bem os seus instrumentos.

Se, porém, a honra de Deus for o supremo foco nas palavras cantadas e no cantar, será mais difícil que as falsas doutrinas se

infiltrem em nosso meio. As pessoas serão capazes de reconhecer aquilo que é falso, pois terão se tornado familiarizadas com aquilo que é verdadeiro. Devemos agradecer a Deus pelos compositores daqueles hinos, que demonstram grande discernimento e profundidade teológicos. Nós temos acesso a esses hinos ainda hoje, e eu até indiquei alguns no começo do livro. Com hinos e cânticos centrados em Deus e líderes de louvor cheios do Espírito Santo, as pessoas não irão de um lado para o outro, levadas ao redor por qualquer vento de doutrina (Efésios 4.14). Elas não serão tão ingênuas. Se elas ouvirem uma figura de autoridade dizer coisas — e às vezes coisas heréticas — aprenderão a não aceitá-las e não se deixarão seduzir pela personalidade e pelo status do pregador.

O fogo estranho traz consigo as doutrinas estranhas. É por esse motivo que a Palavra é supremamente importante. Teologia importa, sim. O Dr. Lloyd-Jones sempre se referia a esses evangélicos que eram "perfeitamente ortodoxos e perfeitamente inúteis". Eu, porém, continuo querendo ser perfeitamente ortodoxo. Há, sem dúvida, muito fogo estranho ao nosso redor hoje em dia. Eu lamento isso. E não há suficiente de fogo santo em minha própria vida e ministério, e nos lugares aonde vou. Eu ainda não sou o que desejo ser, mas não desistirei.

Seria a relativa ausência de fogo santo, de maneira geral, a razão para tantos ensinos estranhos, hoje? Quase com toda certeza. Eu escrevi este livro (1) para apresentar o Espírito Santo como se você não soubesse muito sobre ele, (2) para mostrar a inconsistência de alguns ensinos evangélicos, mas também (3) para alertá-lo sobre o fogo estranho existente. Portanto, eu não

enterrarei a minha cabeça na areia, como um avestruz, encobrindo as coisas estranhas e bizarras que, às vezes, ouvimos de vários líderes carismáticos.

Não há necessidade de darmos credibilidade à ideia defendida em termos gerais pelos evangélicos conservadores de que o movimento carismático é "o lado lunático" do cristianismo americano. Na Grã-Bretanha, o movimento carismático é predominante. Se um número suficiente de nós despejar a água pura do Espírito Santo sobre fogo estranho, ele não apenas será extinto, mas também nós veremos pessoas de todo o mundo, com fome e sede pelo fogo santo!

ENSINOS FALSOS

Em linhas gerais, os movimentos pentecostal e carismático têm sido teologicamente saudáveis ao longo dos anos. A doutrina antitrinitária ("somente Jesus") é bastante remota atualmente. As pessoas para quem escrevo e prego são ortodoxas. Nem todas são Reformadas em sua teologia, como eu; mas, no entanto, são sólidas quanto aos assuntos essenciais da fé cristã. Se o Dr. Martyn Lloyd-Jones pôde abraçar os John Wesleys desse mundo, eu também posso fazê-lo. Entretanto, nos últimos anos, eu tenho me entristecido pela forma como certos ensinos têm sido aceitos em determinados ambientes. Mencionei duas dessas doutrinas na introdução deste livro, mas quero agora falar mais detalhadamente sobre cada uma e acrescentar mais duas que você deve conhecer.

Teísmo aberto

Trata-se da Teologia do Processo vestida de roupagem evangélica. A Teologia do Processo nega a imutabilidade de Deus e a infalibilidade das Escrituras. A ideia do teísmo aberto é a seguinte: Deus não conhece o futuro. Ele, com certeza, *não* conhece o fim desde o princípio. Ele não sabe o que acontecerá daqui a um ano e pode apenas tentar imaginar o que acontecerá depois de amanhã. Esse tipo de Deus precisa de nossa ajuda e cooperação para fazer as coisas acontecerem agora e no futuro. Ele não tem uma mente própria. O que Ele pensa está ligado a nós. Ele não pode agir sem o nosso auxílio e consentimento. O Deus do teísmo aberto não poderia salvar um Saulo de Tarso; esse tipo de Deus não é poderoso o bastante. Desculpe-me, mas há teístas abertos entre alguns líderes carismáticos que realmente creem nestas ideias subcristãs. Se o teísmo aberto fosse verdadeiro, significaria que Deus pode, de fato, perder no final.

Eu tenho ficado espantado com o número de líderes que tem aceitado esse ensino. Ele é do diabo e deveria ser categoricamente rejeitado. Por favor, nem chegue perto dele. Imagine orar a um Deus que diz: "Eu só posso ajudá-lo se você Me ajudar". Imagine um Deus que não sabe com segurança o que acontecerá a seguir; que espera até ver o que faremos para poder decidir o que fazer.

O Deus da Bíblia é Todo Poderoso — pode fazer todas as coisas — e conhece o fim desde o início (Is 46.10). Mais do que isso, a vitória está garantida! Eu não compreendo o livro de Apocalipse perfeitamente, mas eu sei três coisas: (1) Deus vence, (2) Satanás perde, e (3) um dia todo joelho se dobrará e toda língua

confessará que Jesus Cristo é o Senhor para a glória de Deus Pai. Sim, Deus vencerá!

Hipergraça

Este é o nome dado ao ensino de que o sangue de Jesus cobre todos os nossos pecados quando nos tornamos cristãos. Até aqui, tudo bem. E é justamente nesse ponto que eles nos pegam. Aí, agora, entra o inimaginável: uma vez que somos salvos, não precisamos mais confessar os nossos pecados, nem nos arrepender quando pecamos. Nossos pecados já foram pagos na cruz. Não precisamos confessar, nem nos arrepender. Eles ignoram que é aos *cristãos* que nos é dito: "se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça" (1 Jo 1.9). Para eles, confessar os pecados mostra que você realmente não crê na expiação de Jesus, já que Ele teria lavado todos eles para sempre. Isso não é apenas antinomianismo (contra-lei, iníquo); tal ensino tira qualquer motivação para que os cristãos obedeçam à Palavra de Deus, que andem na luz e se preparem para estar diante de Deus no julgamento de Cristo (II Co 5.10; Rm 14.10). Os defensores desse ensino perigoso ignoram a necessidade de que os crentes reconheçam os seus pecados, e, se dissermos "que estamos sem pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós" (1 Jo 1.8). Não apenas isso, os defensores desse ensino também descartam uma grande parte do Novo Testamento, ao considerá-lo irrelevante — incluindo 1 João e a epístola aos Hebreus. Essa epístola adverte com seriedade aos cristãos que

não persistem na fé. Primeira João faz a mesma coisa. O Espírito Santo não inspirou estes livros, dizem essas pessoas. Portanto, os defensores da hipergraça possuem o seu próprio cânon das Escrituras. Enquanto o cessacionismo considera algumas passagens irrelevantes para os dias de hoje, a doutrina da hipergraça rejeita livros inteiros do Novo Testamento — como Hebreus e 1 João. Esses livros descartam categoricamente tal doutrina.

Os cristãos creem que a Bíblia inteira é a Palavra inspirada por Deus — cada livro do Antigo e do Novo Testamento — e que ela é "útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a instrução na justiça" (2 Tm 3.16).

Universalismo

Isso não é novo, exceto que, infelizmente, tenha surgido entre alguns pentecostais e carismáticos. É a crença de que todos serão salvos. Ninguém irá para o inferno; todos irão para o céu. Eu gostaria que fosse verdade, mas não é. Não haveria necessidade de pregar o Evangelho se isso fosse verdade. A Bíblia ensina que as pessoas necessitam de salvação e que nós devemos levar o Evangelho a elas, caso contrário elas estarão perdidas eternamente. Foi por isso que Cristo morreu: para que não pereçamos, mas tenhamos a vida eterna (Jo 3.16).

Quando eu estava no seminário, eu simpatizei, temporariamente, com os ensinamentos de Karl Barth (1886–1968). Acredito que o pensamento deste homem é o que está bem por trás da doutrina da hipergraça. Foi Karl Barth também quem deu a melhor base

lógica para o universalismo que alguém jamais poderia encontrar. Ele tornou essa doutrina muito atraente e convincente. E não apenas isso. Eu via muitos estudantes assimilando as suas ideias. Quando não voltavam à razão rapidamente, eles acabavam, em grande parte, tornando-se liberais, negando a Bíblia. Barth acabou, em certo ponto, tornando-se conservador demais para esses estudantes. Alguns dos quais abandonaram completamente seus ministérios.

Caráter versus dons

Em quarto lugar, está a ideia de que *os dons são mais importantes do que o caráter*. De todos os ensinamentos estranhos que eu conheci, nos anos recentes, este é o que mais me impressiona. Eu acho algo realmente inacreditável. Porém, há, de fato, muitos que afirmam descaradamente que os dons do Espírito Santo — quer seja de cura, profecia, ou palavra de conhecimento — devem ter prioridade sobre o caráter pessoal de cada um. Não é de se admirar, portanto, a quantidade de escândalos que temos visto entre líderes carismáticos e pentecostais ultimamente. Infelizmente, você pode esperar mais. Porém, ainda assim, dá para entender por que esse ensino é tão atraente. As pessoas, de maneira geral, estão muito mais fascinadas por verem demonstrações espetaculares de palavras de conhecimento — ou de curas — do que a exposição da Palavra. Não há dúvida disso. Tenho visto ministros que têm dons genuínos de palavra de conhecimento ou profecia e tenho observado como os que estão na congregação parecem suportar ou a duras penas tolerar ouvir

a pregação da Bíblia, na espera pela "parte boa" — os milagres. Para eles, assistir televisão é muito melhor do que ouvir a pregação da Palavra, com certeza. Por esta razão, a ideia de que os dons são mais importantes do que a vida pessoal tem superado a necessidade de piedade. A necessidade de uma vida santa foi destruída por essa ideia de que os dons são mais importantes do que o caráter.

Os dons de Deus não são retirados, eles são irrevogáveis (Rm 11.29). Isso explica por que o dom de uma pessoa continua florescendo apesar de sua moralidade pessoal. Nunca se esqueça de que o rei Saul profetizou quando estava a caminho para matar Davi (1 Sm 19.21–24). Algumas pessoas sinceras, porém ingênuas, supõem que se uma pessoa pode fazer milagres, isso só é possível porque o selo da aprovação de Deus está sobre ele ou ela. Errado. Grave erro. Os dons são irrevogáveis; Deus permite que nós permaneçamos com eles. Por isso que o profetizar não prova nada. Falar em línguas não prova nada. Fazer um milagre não prova nada.

Você pode perguntar: Como alguns podem defender uma doutrina assim? Perdão, mas é porque elas são bíblica e teologicamente ignorantes. Elas não estão imersas na Palavra de Deus, mas sim na prática de conseguir "palavras" específicas para as pessoas. É nisto que elas conseguem sucesso. Os seus seguidores só se interessam por essas coisas, é para isto que eles vivem. Alguns até acabam desenvolvendo uma forma bizarra de pensar. Um famoso profeta dos dias atuais disse que o seu anjo pessoal era "Emma" — um anjo de setenta centímetros de altura que estava por ali flutuando sobre o chão. Emma disse que a igreja

não precisa continuar mencionando Jesus, pois "todos já O conhecem", que deveríamos falar sobre anjos. Essas ideias tão estranhas são de domínio público. Eu ouvi, há pouco tempo, de um pregador bastante conhecido, que — segundo foi revelado a ele — o seu anjo da guarda é Bob Hope.

Quando eu retornei para os EUA, em 2002, e comecei a pregar em diversos tipos de igrejas, eu fiquei impressionado com a ausência de oração antes e durante os cultos. Eu já estive em muitos cultos onde as pessoas não fazem nem uma oração. Eu também tenho descoberto que a maioria dos pastores e dos líderes de igrejas não tem um plano de leitura bíblica (eles praticamente só abrem suas Bíblias para conseguir um sermão) — e quase não possuem uma vida diária e pessoal de oração. Não é de se estranhar que deem boas-vindas a Bob Hope.

Ouçam-me. Quando você e eu não estamos fundamentados na Palavra e não somos disciplinados para ter um tempo regular a sós com Deus, ficamos vulneráveis a todos os tipos de ideias estranhas desses dias em que as pessoas se deixam levar por qualquer vento de doutrina.

O caráter deve sempre — *sempre* — governar a vida e o ministério de uma pessoa. É infinitamente melhor ter um caráter transparente e não ter dons do que ter poder de fazer o fogo descer do céu e ter um estilo de vida imoral.

Cada uma dessas quatro doutrinas — teísmo aberto, hipergraça, universalismo e caráter versus dons — com certeza merecem muito mais atenção do que eu serei capaz de dar a elas neste livro. Eu me ajoelharia diante de qualquer pessoa que se sinta atraída a essas heresias e diria: *Por favor, afaste-se disso*. Tentações

intelectuais são como tentações sexuais; você nunca sabe o quão forte é capaz de ser. Sempre que você flerta com uma heresia, Satanás sussurra na sua nuca para fazê-lo cair nela. E ela o destruirá.

Deus julgou imediatamente o primeiro fogo estranho. No entanto, desde aquele acontecimento antigo, relatado no livro de Levítico, Ele tem permitido que o fogo estranho floresça e, aparentemente, permanece em silêncio a respeito disso. O mesmo acontece com os ensinos estranhos. Eu, porém, não posso permanecer calado sobre o assunto.

Eles foram e "fizeram as coisas do jeito deles"
O rei Saul, mais adiante, tornou-se o "homem de ontem" porque não respeitou a ordem explícita sobre quem era qualificado para oferecer holocaustos (parte da lei cerimonial).
Os filhos imitam os pais. É possível que esses dois filhos nunca tenham percebido verdadeiramente a seriedade do grave pecado de seu pai. Mas, pode ser até que eles tenham desenvolvido uma falta de reverência devido à rebelião de Arão.
Eu só sei que o denominador comum desses movimentos hoje não é mais o poder manifesto de Deus; mas, sim, a clara promessa de bênçãos econômico-financeiras se você oferta generosamente para determinados ministérios

Capítulo 6

A POMBA

–

Então João, [o Batista], deu o seguinte testemunho: "Eu vi o Espírito descer do céu como pomba e permanecer sobre ele. Eu não o teria reconhecido, se aquele que me enviou para batizar com água não me tivesse dito: 'Aquele sobre quem você vir o Espírito descer e permanecer, esse é o que batiza com o Espírito Santo'."

— JOÃO 1.32-33

Olhei para Cristo, e a Pomba veio voando. Olhei para a Pomba, e Ele desapareceu.

— CHARLES H. SPURGEON (1834-1892)

Se você leu o meu livro *Sensitivity of The Spirit (Sensibilidade do Espírito)*, talvez recorde essa história:[1] Um casal britânico foi mandado pela sua denominação para ser missionário em Israel alguns anos atrás. Eles receberam uma casa para morar perto de Jerusalém. Depois de estarem ali há algumas semanas, eles notaram que uma pomba havia ido morar no beiral do telhado de sua casa. Eles ficaram emocionados e tomaram aquilo como uma aprovação de Deus sobre a mudança deles para Israel. Eles

também repararam, no entanto, que a pomba voava toda vez que eles batiam a porta ou brigavam um com o outro.

"Como você se sente em relação à pomba?", Sandy perguntou a Bernice.

"Ela é como um selo de Deus em relação à nossa vinda a Israel", respondeu.

"Mas você percebeu que toda vez que batemos a porta ou começamos a gritar um com o outro a pomba vai embora?"

"Sim, e eu sempre tenho medo de que ela não volte mais", ela disse.

"Ou a pomba se ajusta a nós, ou nós nos ajustamos à pomba", concluiu Sandy.

Os dois sabiam que a pomba não iria se ajustar a eles. Então mutuamente fizeram um acordo: eles se ajustariam à pomba. Essa decisão mudou suas vidas. E tudo para manter uma ave em sua casa!

A pomba é uma ave tímida e sensível. Mas o Espírito Santo, retratado como uma pomba em cada um dos quatro Evangelhos (Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22; Jo 1.32), é mil vezes mais sensível do que a mais dócil pomba*.

A pomba não é a única forma que representa, descreve o Espírito Santo no Novo Testamento. Ele pode ser visto, descrito ou simbolizado como fogo, vento, água e, possivelmente, óleo. Mas, por que a pomba? A pomba é, na verdade, uma ave selvagem; ela não pode ser treinada ou domesticada ainda que seja uma ave dócil, amável.

Este livro é sobre Fogo Santo. Muitas pessoas, de maneira compreensível e legítima, oram para que o "fogo caia" sobre elas.

Eu também oro por isso. Porém, depois de ler este capítulo, talvez você se pergunte a si mesmo se a nossa necessidade mais urgente é realmente que a Pomba venha sobre nós. Poderia ser que a nova ordem do dia seja: primeiro a Pomba, depois o fogo?

João, o Batista, sabia que Jesus era o Messias porque lhe haviam dito que estivesse atento à pomba que, pousaria sobre um homem em particular. Há mais. Não somente veria o Espírito descer em forma de Pomba, mas que esta "permaneceria" sobre Ele. De fato, a palavra *permanecer* é mencionada duas vezes em João 1.32–33. Eu mesmo já havia lido essa passagem centenas de vezes sem reparar na palavra *permanecer*. Porém, em uma noite de domingo, na Capela de Westminster, eu pedi ao Dr. Hwell Jones para ler uma porção da Bíblia. Pode ter sido a unção do Espírito — ou o seu encantador sotaque galês, mas eu só me recordo de ter sido tocado pela forma como ele enfatizou a palavra *permanecer* enquanto lia. "Aquele sobre quem você vir o Espírito descer *e permanecer*, esse é o que batiza com o Espírito Santo."

Talvez você saiba o que é o Espírito Santo vindo sobre você. O problema é que Ele não fica. Não permanece. Ele, aparentemente, se vai. Quando o Espírito Santo desce sobre você, não há, praticamente, nada igual no mundo. A paz, a alegria; você quer tempo para parar, estar em silêncio. Não quer ouvir o telefone tocar, nem a campainha da casa ou que alguém bata à porta. Ah, que esse momento dure para toda a vida! Enquanto durar, você se sente calmo e é tomado por uma paz santa e muito profunda. Você se encontra deleitando-se com Deus, tal como Ele é, sem nenhuma queixa pelos momentos em que Ele esconde a Sua face. Quando o Espírito vem sobre você, você se descobre dizendo: "Senhor, eu Te

amo tal como Tu és. Eu não mudaria nada em Ti, mesmo que pudesse".

Porém, essa sensação da Sua presença não parece durar. Isso não significa que o Espírito Santo nos abandone. Ele não faz isso. Jesus prometeu que Ele permaneceria para sempre conosco (Jo 14.16). Então, sejamos claros quanto a isto: O Espírito Santo nunca nos deixa. Eu estou usando a figura da Pomba como uma metáfora. A Pomba, o Espírito, apenas *dá a impressão* de que se foi. Simplesmente *parece* ter ido voando. Ele parece ter subido. É, portanto, a *sensação* de que Deus parece se retirar de nós.

Com Jesus, a Pomba *permaneceu*. O Espírito Santo ficou. Ele não foi embora voando.

Por quê? Porque Jesus nunca entristeceu o Espírito Santo. Quando a Pomba celestial desceu sobre Jesus de Nazaré, Ele, o Espírito Santo, Se sentiu completamente em casa. Foi como se a Pomba dissesse: "Eu gosto daqui. Ficarei aqui". O Espírito Santo sentiu-Se à vontade com o Senhor Jesus.

Vimos anteriormente, que o Espírito Santo pode ser entristecido. Paulo disse: "Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção" (Ef 4.30). Quando você observa esse importante versículo, vê-se tanto boas como más notícias. As boas notícias: o Espírito Santo nunca nos deixa. Estamos "selados para o dia da redenção". Nada pode ser mais claro do que isso. Entristecer o Espírito não nos faz perder a nossa salvação. Podemos agradecer a Deus por isso, pois se não fosse assim, já teríamos perdido a nossa salvação há muito tempo — e muitas vezes! As más notícias: quando a Pomba se vai —

ainda que o Espírito nunca deixe você, a unção diminui. Ou seja, o sentimento da Sua presença se vai.

Entristecer o Espírito Santo é a coisa mais fácil para se fazer no mundo. Em outras palavras, a coisa mais difícil neste mundo é não entristecer o Espírito Santo. Por quê? Porque Ele é muito sensível. Na verdade, podemos dizer reverentemente que Ele é hipersensível. Quando dizemos que uma pessoa é hipersensível, *não estamos* fazendo um elogio. Talvez você diga: "Bem, o Espírito Santo não deveria ser tão sensível!" Lembre-se: Ele é o único Espírito Santo que você tem. Ele não se adaptará a você; é você quem deve se adaptar a Ele. Eu gostaria que isso não fosse verdade: a coisa mais difícil do mundo é não entristecer o Espírito Santo.

Certa vez, quando eu estava pregando em determinado lugar, justamente antes do início de um culto, o pastor me perguntou: "O que um veterano como você tem a dizer a um jovem inexperiente e determinado como eu?"

Eu respondi: "Descubra o que entristece o Espírito Santo e não o faça". Acredite em mim. Estabeleça como alvo, como meta, para os sessenta segundos de cada minuto, os sessenta minutos de cada hora, as vinte e quatro horas de cada dia, os sete dias de cada semana, *não entristecer o Espírito Santo,* e terá o seu trabalho feito.

Quando escrevi o livro *The Sensitivity of The Spirit*, ("A sensibilidade do Espírito") eu perguntei ao editor se o nome do livro poderia ser *The Hipersensitivity of The Spirit* ("A hipersensibilidade do Espírito"). Ele respondeu que isso não funcionaria, pois as pessoas interpretariam o título de maneira

errada. Eu concordei com ele. Mas a ideia é a seguinte: é impossível exagerar quão sensível é a pessoa do Espírito Santo. Algumas pessoas pensam que o título do meu livro é *Sensitivity **to** the Holy Spirit*. ("Sensibilidade **ao** Espírito Santo"). Não. É *The Sensitivity **of** The Spirit*. ("A sensibilidade **do** Espírito"). É uma descrição de uma importante faceta da *personalidade* da terceira Pessoa da Divindade. Resumindo: o Espírito é uma pessoa muito, muito, muito sensível.

Posso dizer de outra maneira? O sentimento do Espírito Santo pode ser ferido com muita facilidade. Novamente, isso não é um elogio para nenhum ser humano. Mas, gostemos ou não, assim é o Espírito Santo de Deus. Ele é ferido com *muita facilidade*.

Quando terminei o manuscrito do meu livro *The Sensitivity of The Spirit*, o enviei ao meu amigo, o Dr. Michael Eaton, que é a pessoa mais culta que eu conheço. Ele já leu praticamente todos os livros da história da Igreja Cristã — desde os pais apostólicos, os pais da Igreja, os escolásticos medievais, os reformadores, os anabatistas, os puritanos, os primeiros metodistas, os teólogos alemães do século XIX, os teólogos neo-ortodoxos do século XX e o que quer que tenha sido lançado recentemente! Eu perguntei a ele: "Alguém já escreveu algo sobre a sensibilidade do Espírito Santo?" A sua resposta? Não. Eu fiquei admirado e, ao mesmo tempo, não fiquei. Não suspeitava que esse fosse o aspecto mais negligenciado da Pessoa do Espírito Santo. Esse fato, tanto evangélicos conservadores quanto carismáticos o sabem muito bem. Nós conhecemos a palavra *entristecer,* mas não temos pensado muito sobre ela.

Este aspecto da Pessoa do Espírito Santo veio sobre mim no início do meu ministério na Capela de Westminster, quando eu tinha o Dr. Martyn Lloyd-Jones ao meu lado cada semana. Eu não apenas me familiarizei com a frase — entristecer o Espírito — mas também busquei viver de tal maneira que nunca O entristecesse. Eu descobri, porém, que isso é impossível.

Há muitas maneiras de entristecer o Espírito Santo — muitas. No topo da lista, porém, está a *amargura*. Logo após dizer: "Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção", Paulo acrescentou, imediatamente: "Livrem-se de toda amargura" (Ef 4.30–31).

Amargura. É uma palavra que inclui ressentimento, raiva, aborrecimento, irritação, ser irritável e até impaciência. E esse sentimento pode brotar em segundos, sem percebermos. Você estava calmo, feliz, em paz. Então, de repente, a Pomba se vai, voa. Pode acontecer quando você está dirigindo. O carro da frente está andando muito devagar. Você, então, demonstra toda a sua irritação. Ou quando você vai com pressa ao supermercado e, quando está na fila para pagar, a pessoa que está na sua frente, não tem pressa. Ela está contando o dinheiro e conversando com o caixa. Você suspira (em voz alta). Você faz isso para a pessoa perceber que você está com pressa. Entenderam. Mas a Pomba também entendeu e, simplesmente se foi voando.

Talvez você diga: "Deus não espera que nos preocupemos com coisas assim, R.T., você está sendo muito legalista, também detalhista, muito cuidadoso com detalhes insignificantes e defendendo um padrão ridiculamente alto demais, que Deus não espera de nós".

Sei que você pensou assim, eu sei o que significa isto. Esta é a maneira como eu me justificava quando me descontrolava. Isso, porém, durou até o dia em que eu me deparei com o ensino sobre a permanência da Pomba. Ele mudou a minha vida, o meu casamento, o meu relacionamento com meus filhos, com os diáconos da Capela de Westminster (pergunte a eles), com os meus amigos e inimigos. Eu jamais fui o mesmo.

Além disso, eu passei a ver coisas na Bíblia que eu nunca havia visto antes. Eu comecei a entender os personagens do Antigo Testamento; a doutrina do Novo Testamento; os ensinos de Jesus; as parábolas; a Carta aos Gálatas; primeira aos Coríntios; segunda aos Coríntios. E eu poderia continuar. E isso não tem nada a ver com a minha inteligência ou educação. Tem *tudo* a ver com a unção.

Qual é, então, a má notícia? A boa notícia é que: nós não perdemos a nossa salvação quando entristecemos o Espírito Santo. A má notícia: nós perdemos a unção. Não permanentemente; mas enquanto estivermos em um estado de irritabilidade. Com uma atitude defensiva, com ressentimento, a Pomba, invariavelmente, se afastará.

Quando a unção do Espírito está sobre você, você começa a ver coisas na Bíblia que nunca havia visto antes. Você sentirá a presença de Deus tão perto como jamais havia sentido. Será mais fácil conviver com você.

Porém, quando a unção se vai, você terá pouco ou nenhum entendimento e iluminação quando lê a Bíblia. Sua mente divagará e você não consegue se concentrar quando ora. Também, não é tão fácil conviver com você.

A razão da conexão entre o Espírito Santo não entristecido e a Bíblia tem fácil explicação. O Espírito Santo escreveu a Bíblia. Ela é a Sua Palavra. Se você quiser conhecer a Sua Palavra, tenha uma boa relação com Ele. O Espírito conhece a Sua própria Palavra por dentro e por fora; Quando Ele habita em você *não entristecido*, Ele faz com que a Sua Palavra torne vida para você. Você passa a ver coisas que não via antes.

Em outras palavras: o Espírito Santo está em você se você é um cristão, se pertence a Cristo (Rm 8.9). Mas o texto bíblico não diz em seguida que o Espírito Santo continua em você sem *ser entristecido*.

O Espírito Santo não mudará as regras para nenhum de nós. Ele não faz acepção de pessoas. Ele não se adaptará a nenhum de nós. Ele não favorece a nenhum ser humano. Somos nós que devemos nos ajustar a *Ele*. Devemos nos ajustar à Sua maneira de agir.

Na Capela de Westminster, eu começava o meu preparo para o sermão de domingo, na manhã de segunda-feira. Houve, porém, uma vez — uma única vez — em que eu estava tão ocupado durante a semana, que não tive tempo de prepará-lo. Eu não havia aberto um livro. Já era sábado de manhã e eu ainda não tinha *nada* para o domingo pela manhã. Eu pedi uma ajuda extra do Senhor e orei para que eu não tivesse nenhuma interrupção durante aquele dia. Às nove horas daquela manhã, Louise e eu tivemos uma discussão. Foi uma grande briga. Eu bati a porta e fui direto para o meu escritório. Ali estavam a minha Bíblia aberta e uma folha de papel em branco. “Senhor, por favor, me ajude. Trate com Louise. Dá-me meu sermão para amanhã”.

Não veio nada. Nada. Às onze da manhã comecei a orar com mais intensidade. “Senhor, por favor, por favor, ajude-me.” Não recebi nada. Nada. Meio-dia. Uma da tarde. Nada. Às duas da tarde, eu disse: “Senhor, eu preciso da Tua ajuda. Tu sabes que o sermão de amanhã será gravado e pode rodar o mundo inteiro. Eu preciso da Tua ajuda”. Não veio nada. Nada. Tudo o que eu tinha era a Bíblia e uma folha de papel em branco.

Às quatro da tarde, finalmente fui até a cozinha (eu estava esperando que minha esposa viesse a mim). Ali estava Louise, em pé, ao lado da geladeira, entre lágrimas. “Querida, eu sinto *muito*. Foi *tudo culpa minha.*” Nós nos beijamos e nos abraçamos. Eu, então, voltei à minha mesa, Bíblia e folha de papel em branco. Dou a você minha palavra de que em quarenta e cinco minutos tinha *tudo* que necessitava para a manhã do domingo. Tudo. As ideias vinham mais rápido do que eu era capaz de escrevê-las. Por quê? A Pomba veio. Podemos realizar mais em cinco minutos quando a Pomba pousa sobre nós do que podemos conseguir, em uma vida inteira, tentando trabalhar algo.

Deus lamentou acerca de Israel, dizendo: “Eles não reconheceram os meus caminhos” (Hb 3.10). Podemos perceber a tristeza de Deus porque Seu próprio povo não conhece os Seus *caminhos*, a Sua maneira de agir. Deus quer que conheçamos os Seus *caminhos*. Que Ele é o Deus santíssimo. Que Ele é soberano e todo poderoso. Que Ele conhece todas as coisas. E que Ele pode ser entristecido.

“Meu povo foi destruído por falta de conhecimento” (Os 4.6). Lembre-se: há duas áreas de conhecimento que Deus tem, especialmente, em mente — a Sua Palavra e os Seus caminhos. A

Sua Palavra é a Bíblia — Sua integridade em jogo. Ele quer que você conheça a Sua Palavra. E, então, o quanto você realmente lê a Bíblia? Perdoe-me por dizer mais uma vez que você precisa ter disciplina para ler a Bíblia diariamente, seguindo um bom plano de leitura. Como eu disse, você chega a conhecer os caminhos de uma pessoa passando tempo com ela. Sendo assim, quanto você realmente ora? Eu repito: não haverá oração no céu. A última estrofe desse querido hino, "Doce hora de oração", aponta precisamente para isso:

Doce hora de oração!
Posso ter o Teu consolo!
Até que do alto do monte Pisga
Eu possa ver a minha casa e alçar meu voo:
Este manto de carne eu vou deixar e subirei,
Para aproveitar o prêmio eterno,
E gritar, ao passar através do ar,
Doce hora da oração!!!
Adeus!!! Adeus!!! [2]

— William Walford (1772–1850).

Hora de oração? Uma hora completa? Quanto tempo diário você dedica a Deus em seu tempo a sós com Ele? Pouco antes de me aposentar da Capela de Westminster, fui convidado a falar a uma centena de ministros em Londres, na Holy Trinity Church, em Brompton. Deram-me dez minutos para falar sobre oração. Eu usei esses dez minutos para encorajar a todos os pastores a passarem pelo menos uma hora todos os dias em oração. Duas horas é ainda melhor.

O QUANTO VOCÊ ORA?

A questão é esta: quando você passa tempo com Deus, você chega a conhecer os Seus caminhos tão bem quanto à Sua Palavra (supondo que você esteja lendo a Sua Palavra). Mais do que isso, você desenvolve uma sensibilidade *ao* Espírito Santo, e finalmente chega a conhecer os Seus caminhos até ao ponto em que você percebe quando está prestes a entristecê-Lo? O problema é que, quando O entristecemos, quase nunca percebemos que fizemos isso! Nós só descobrimos depois. Raramente, porém, você sabe o momento preciso em que isso ocorreu. Sansão contou o seu segredo a Dalila e não sentiu nada. Porém, momentos depois descobriu que não tinha mais a sua força extraordinária. (Veja Juízes 16.20–21).

Eu definiria *espiritualidade* como o espaço de tempo entre o pecado e o arrependimento. Em outras palavras, quanto tempo você leva até se dar conta — ou admitir — que pecou? Que você estava errado? Alguns levam anos. Eles dizem: "Eu *nunca* admitirei que estava errado". E eles são verdadeiros em suas palavras. Alguns, entretanto, depois de um longo tempo se acalmam, ou retomam a razão e dizem: "Bem, talvez eu estivesse realmente errado". É uma pena, porém, que tenha passado tanto tempo! Alguns reduzem o espaço de tempo a meses; outros, semanas; outros a horas (isto é um pouco melhor). Para alguns são minutos, ou até segundos. Se você consegue diminuir esse intervalo a *segundos*, tamanha é a sua sensibilidade ao Espírito

Santo, muitas vezes você é capaz até de sentir a Pomba bater as asas, pronta para voar — e tenta impedir, dizendo a si mesmo: Não termine aquela frase! Não faça aquela ligação! Não escreva aquela carta!

Não vale a pena entristecer o Espírito Santo por qualquer coisa que seja.

Portanto, se você deseja ter uma relação viva, verdadeira, sincera e constante com Deus, com o Seu Filho e com o Seu Espírito Santo, você precisa conhecer os caminhos de Deus. Um dos caminhos do Espírito é que Ele é sensível. Como a pomba.

Você sabia que pombos e rolas são da mesma família? Mas eles não são iguais! Você pode treinar uma rola, mas não pode treinar uma pomba. A rola pode ser domesticada, mas a pomba é um pássaro selvagem. A rola é briguenta. A pomba é amorosa. A rola é violenta. A pomba é gentil. A rola tem mais de um parceiro. A pomba tem um só parceiro por toda a vida.

A rola representa a falsificação do Espírito. O fogo estranho. A pomba representa o Espírito Santo. O Fogo Santo. Considero que há cultos nos quais as pessoas imaginam que "o Espírito Santo desceu sobre nossa igreja"; porém, quando analisamos mais profundamente, percebe-se que pode ter sido *religião rola*. Fogo estranho. Pessoalmente penso que é um momento absolutamente maravilhoso, porém provavelmente raro, quando o autêntico Espírito Santo desce em grande medida. Fogo Santo.

É tão fácil entristecer o Espírito. Muitas pessoas fazem isso a caminho da igreja. Elas gritam umas com as outras no estacionamento. Depois, vão adorar a Deus como se nada de errado tivesse acontecido e se perguntam por que não sentem a

presença do Senhor. Pode acontecer com o pastor quando ele está preparando o sermão. Pode acontecer a qualquer momento. Muitas vezes os únicos culpados pelo nosso comportamento quando perdemos o controle somos nós mesmos; apontamos com o dedo ou falamos de outras pessoas de uma maneira pouco agradável. Porém, também é verdade que o nosso adversário, o diabo, está à espreita procurando uma oportunidade para atacar o nosso ponto fraco. E todos nós o temos.

O Espírito Santo não entristecido, dentro de mim, conectará com o Espírito Santo não entristecido em você. Ao juntar duas ou três pessoas quando todas estão andando com o Espírito Santo sem entristecê-Lo dentro de si, há uma grande riqueza de comunhão. Isso não significa que todos estejam em total acordo teológico ou político, mas a doçura do Espírito estará presente. Imagine só como seria uma congregação de uma dezena de pessoas — ou de mil ou de doze mil onde estivessem *todas — e cada uma —* andando no mesmo Espírito Santo não entristecido! Quem sabe o que ocorreria quando casamentos fossem curados, pessoas começassem a perdoar seus pais, os crentes começassem a falar uns com os outros, ministérios finalmente começassem a interagir entre eles e todos realmente se amassem com franqueza!

Primeiro a Pomba, depois o fogo.

O QUE ENTRISTECE O ESPÍRITO SANTO?

Eu me pergunto quantas pessoas oram para que o fogo caia, mas não se dão conta das suas atitudes pessoais. Eu me pergunto

quantas delas oram pedindo um avivamento, mas sequer examinam a si mesmas. Eu me pergunto quantas se reúnem como igreja para adorar a Deus e ouvir uma pregação, mas não são sensíveis e conscientes acerca de questões pessoais que fazem com que a Pomba fique sufocada (I Ts 5.19). Eu me pergunto quantas vezes nós entristecemos o Espírito e, absolutamente, não sentimos nenhuma convicção de pecado.

Se, portanto, você deseja saber o que entristece o Espírito Santo, leia Efésios 4.30–32.

Amargura

Eu volto a essa questão. Trata-se de um dos sentimentos mais naturais do mundo. E ele também parece correto! Todos nós temos a tendência de nos sentirmos justificados por termos algum sentimento de amargura. Esse sentimento geralmente nasce quando somos maltratados, traídos, magoados, caluniados ou enganados — e, especialmente, quando sentimos que estamos defendendo o que é justo e verdadeiro! Há outro ingrediente presente na amargura: o moralismo ou farisaísmo. Essa é, muitas vezes, a causa mais comum. Por sentirmos que temos razão pode ser que não sintamos a convicção do pecado — *a menos,* está claro, que desenvolvamos uma aguda sensibilidade aos caminhos do Espírito.

A amargura é resultado da falta de perdão. Na conclusão desta seção, sobre entristecer o Espírito Santo, Paulo exorta: “Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoando-se mutuamente, assim como Deus perdoou vocês em Cristo” (Ef

4.32). Perdoar completamente, totalmente, aqueles que nos ofenderam erradica a amargura de nós, (do nosso íntimo). Isso acontece quando você se determina a tomar as seguintes atitudes em relação às pessoas:

1. Nunca dizer a ninguém o que “elas”, as pessoas, fizeram contra nós;
2. Não deixar que elas tenham medo de você ou se sintam nervosas em sua presença;
3. Não deixar que elas se sintam culpadas, mas, em vez disso, passar por cima do que fizeram contra nós; mesmo que não saibam o que fizeram contra nós (lembre-se de como Jesus perdoou na cruz, Lc 23.34);
4. Evitar constrangimentos, não lançando em rosto o que as pessoas fizeram de errado contra nós (assim como José perdoou os seus irmãos, Gn 45.8);
5. Aceitar o padrão do perdão total como um estilo de vida permanente — você faz isso hoje, daqui a um ano e daqui a dez;
6. Abençoá-las. Quando você for capaz de orar com sinceridade para que elas sejam abençoadas (para que sejam bem-sucedidas, e não punidas) — e fizer isso de coração, com certeza não haverá mais, praticamente, nenhuma amargura em você.

O perdão total e a morada do Espírito não entristecido são praticamente a mesma coisa. O perdão garante que a Pomba permaneça e Se sinta em casa conosco.

Ore sempre por convicção de pecado. Por quê? Porque o coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável (Jr 17.9). Para ter certeza de que perdoou totalmente, peça ao Senhor para lhe mostrar alguém a quem você não tenha perdoado totalmente. Eu espero que você queira saber se *não perdoou* totalmente! Quando há convicção de pecado, é um bom sinal de que Deus está atento a você, especialmente se você se sente sinceramente arrependido diante d'Ele por ter alimentado sua autopiedade e justiça própria. Depois que sentir a convicção, o próximo passo é apelar para o bom e antigo versículo de 1 João 1.9 (principalmente para os cristãos): "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça".

Compartilhe com o Senhor até os pequenos sentimentos que perceber. Quando sentir amargura — e a Pomba se afastar de você — volte-se para o Senhor. Lembre-se de 1 João 1.9. Ele é fiel!

O objetivo é ter uma comunhão sem interrupção com o Espírito Santo, para que não deixemos de sentir o Seu sorriso e a Sua presença. Afinal de contas, você quer que a Pomba permaneça.

Ódio e ira

Deus pode mostrar a Sua ira, mas nós não! Parece injusto, não é mesmo? Mas é assim que é. Não importa quanta razão possamos ter, eu e você — inclusive teologicamente —, quando perdemos o controle, estamos errados mesmo que estejamos certos! O fruto do Espírito Santo é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (Gl 5.22–23).

Tudo o que estou dizendo acerca da Pomba, neste capítulo, pode ser resumido nisto: é o fruto do Espírito Santo.

Se eu estiver cheio de ódio e ira e afirmo que o Espírito Santo veio, desceu sobre mim com poder, pode ter certeza: é fogo estranho.

Gritaria e calúnia

Efésios 4.31 fala em gritaria e calúnia (NVI). Gritar significa levantar muito a voz. A sabedoria que vem "de baixo", diz Tiago 3.13–15, é "terrena e demoníaca". Uma disputa de gritos mostra que o diabo está presente, conseguindo executar os seus projetos.

Calúnia é fazer declarações falsas e difamatórias acerca de alguém. Você pode se perguntar: "Mas, e se for verdade?" Eu diria apenas para você ter bastante cuidado. Você pode até estar dizendo a verdade, mas por que motivo você gostaria de prejudicar o nome ou a reputação de uma pessoa?

Toda forma de malícia

Efésios 4.31, na versão SBB, encontramos "toda malícia"; e na NVI, "toda maldade". Isso significa, basicamente, desejar o mal. Longe de desejar o bem a uma pessoa, você quer que ela se dê mal, que seja punida, se embarace, seja exposta, apanhada. Uma motivação como essa tem origem na carne e no diabo. O Espírito Santo nunca o levará a desejar coisas ruins, más a alguém. A vingança pertence a Deus (Rm 12. 19). Se a pessoa que você deseja ver *castigada,* recebendo o que merece, em verdade, é uma má pessoa, deixe-a com Deus. Não toque na situação. Não prive o Senhor de fazer

aquilo que Ele faz melhor, ou seja, trazer vingança e reivindicar. Não tente competir com a experiência dEle.

A lista das coisas que entristecem o Espírito Santo continua em Efésios 5. Não ignore o óbvio, não passe por cima do que está em Efésios 5.1–7.

Imoralidade sexual

Paulo pede que não haja "sequer uma sugestão", que nem se mencione a imoralidade sexual. Isso significa que não tem como sermos cuidadosos demais quando se trata de conduta e tentação sexual. Isso inclui o flerte — dizer algo que você sabe que despertará pensamentos lascivos em relação a você. Quando Tiago fala que uma "pequena fagulha" é capaz de incendiar um grande bosque (Tg 3.5), isso pode acontecer tanto em relação à sua raiva, quanto em relação a tentações sexuais, isto é, por um comentário irrefletido ou fazendo um comentário intencional que tente o outro.

Sejamos francos: a promiscuidade sexual tem sido um grande problema entre líderes evangélicos carismáticos *e* conservadores. O que é surpreendente é que essa questão é muitas vezes varrida para debaixo do tapete. Nada causa maior desonra ao nome de Cristo e da Igreja como o escândalo sexual. O mundo ama isto! A mídia ama isto. As revistas de celebridades e TV igualmente.

O mais triste de tudo é a aberta falta de indignação entre alguns líderes cristãos que têm sido sexualmente imorais e alguns de seus seguidores. Isso é fogo estranho! Isso, sim, que é entristecer o Espírito Santo!

DONS ESPIRITUAIS E FRUTOS ESPIRITUAIS

Muitos que seguem líderes de alto perfil, destacados, renomados, podem ser enganados pelo aparente sucesso contínuo desses líderes — eles oram e pessoas caem; ou realizam aparentes curas; ou atraem grandes multidões. Quando há palavras espetaculares de conhecimento — incluindo curas —, muitos crentes sinceros interpretam isso como um sinal de que Deus ainda está com essa pessoa e que deveríamos apoiá-la sem reservas. Perdoe-me, mas esse é um erro fatal. "Mas como esses pregadores podem ter este poder?" Eu respondo: os dons e o chamado de Deus são "irrevogáveis" (Rm 11.29). Isso significa, em parte, que o dom de cada um *pode* se manifestar independentemente de sua vida pessoal. O rei Saul continuou profetizando quando estava a caminho para matar o jovem Davi (1 Sm 19.23–24).

Portanto, o dom de uma pessoa pode continuar se manifestando independentemente da moralidade pessoal desse indivíduo. Quando, porém, o Espírito é entristecido, significa que a capacidade da pessoa de ouvir Deus se fecha. Você pode perguntar: como recebem, então, essas palavras de conhecimento? Isso não significa que estão ouvindo Deus? Não. Eles não estão. Isso não significa, também, que a Pomba permanece sobre tal pessoa. Significa apenas que os dons irrevogáveis de cura, profecia ou, ainda, a palavra de conhecimento continuam operando.

Por outro lado, tomemos Pedro e João aproximando-se da Porta Formosa do Templo quando, de repente, pararam para curar um homem paralítico. Eles já haviam passado por aquele homem várias vezes. Como souberam para, espontaneamente, dizer àquele homem: “Olhe para nós?” (At 3.4). Resposta: ouviram a voz do Espírito Santo falando diretamente a eles; iam caminhando juntos no poder do Espírito não entristecido. Não havia um espírito de rivalidade entre eles. Não sabiam que isso iria acontecer até aquele exato momento. A Pomba havia permanecido neles.

Um *dom* espiritual — mas não o fruto do Espírito — poderá florescer mesmo quando a pessoa tenha ou não entristecido o Espírito Santo. Porém, a direção, a orientação imediata e direta do Espírito só continua quando Ele não foi entristecido em uma pessoa. Os dons do Espírito são constantes — você os recebe para ficar com eles. Mas o fruto do Espírito não é necessariamente constante. A Pomba pode permanecer ou Se afastar; depende do nosso relacionamento pessoal com Deus. Caminhar em intimidade com Deus é determinado pela nossa obediência cuidadosa à Sua Palavra.

Os dons podem florescer, mesmo você estando envolvido em todo tipo de problemas. O Espírito Santo não entristecido que habita dentro de você o incomodará, o afastará dos problemas e evitará que você desonre o nome de Deus.

Lembre-se, eu devo repetir que nem os evangélicos carismáticos e nem os conservadores estão isentos de escândalos sexuais. O meu próprio histórico é o povo da “Palavra”. Eu coro ao pensar

sobre os reformados que julgam os carismáticos tão forte e duramente.

Deveríamos orar uns pelos outros. No entanto, quando há imoralidade sexual e não há arrependimento, tal pessoa deveria afastar-se do ministério até que haja uma clara evidência de remorso, gerando mudança de vida. Eu escrevi um livro, *God Gives Second Chances* ("Deus dá segundas oportunidades"), demonstrando que uma pessoa pode ser restaurada para o ministério.[3] Porém, uma evidência importante de que essa pessoa está qualificada para retomar seu ministério é o arrependimento genuíno. Afinal, Pedro — que chorou amargamente quando se deu conta do que havia feito ao negar o Senhor (Mt 26.75) — foi restaurado.

Ganância/cobiça

Esse é um desejo excessivo e egoísta pela riqueza ou pelas coisas materiais. Ele também é chamado de *cobiça*. A ganância é uma condição interna, portanto não há maneira de saber se uma pessoa é avarenta ou cobiçosa (Efésios 5.5). Não devemos julgar; mas deveríamos saber se *nós* somos gananciosos, avarentos. E deveríamos, também, querer saber quando estamos sendo cobiçosos.

Somos todos vulneráveis a ela, assim como a todos os outros pecados mencionados anteriormente, que entristecem o Espírito Santo. Todos temos falhado. Todos nós temos pecado. Paulo disse que achava que não tinha pecado, até que assimilou o Décimo

Mandamento — "Não cobiçarás" (Êx 20.17; Rm 7.7–25). Todos temos quebrado o Décimo Mandamento.

O denominador comum que une pentecostais e carismáticos não é mais os dons do Espírito Santo; é o ensino da prosperidade.

Apelar às necessidades ou às ganâncias das pessoas para conseguir apoio financeiro para algum ministério é fogo estranho. Não se pode deixar de sentir, de perceber, que a razão da preponderância do ensino da prosperidade, nos últimos vinte anos, é arrecadar dinheiro. O *evangelho da prosperidade* parece estar à nossa frente, na maior parte do tempo, toda vez que ligamos a televisão em canais e programas evangélicos.

Escrevi um livro chamado *Tithing*[4] ("O dízimo"). Ele continua sendo reeditado, mesmo depois de trinta anos. As igrejas que deram um exemplar dele para cada membro testificaram que tiveram um aumento de trinta por cento em sua receita. O livro foi recomendado por Billy Graham, John Stott e pelo arcebispo de Canterbury. Não há dúvida de que Malaquias apela ao interesse próprio de Israel quando disse que, se dizimarmos, receberemos tantas bênçãos que não teríamos "onde guardá-las" (Ml 3.10). Mas, como eu disse, no capítulo anterior, algo muito equivocado tem surgido nos anos recentes. Alguns pregadores procuram e encontram o ensino da prosperidade em demasiadas passagens da Bíblia, e dão a indubitável impressão de que o principal motivo pelo qual Jesus morreu na cruz foi para que pudéssemos ser prósperos. Isso está errado. Assim como a loteria muitas vezes atrai as pessoas pobres, muitos cristãos pobres apoiam ministérios que estão edificados quase que inteiramente na promessa de prosperidade financeira se lhes dermos dinheiro. Se

Jesus fosse a muitas igrejas dos nossos dias, a primeira coisa que Ele faria seria pegar um chicote de cordas, expulsar os cambistas e virar as mesas, assim como está descrito em João 2.14–15.

A ganância entristece o Espírito Santo, e apelar às necessidades ou à ganância das pessoas para conseguir dinheiro "para Deus" é difamar Seu nome.

Jesus disse: "Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas [comida, abrigo, roupas] lhes serão acrescentadas" (Mt 6.33). Isso significa que devemos nos concentrar em Deus e na Sua justiça e *não* naquilo que recebemos como um subproduto, se o colocarmos em primeiro lugar. O Senhor prometeu suprir todas as nossas necessidades (Fl 4.19). De fato, quando semeamos generosamente, colhemos generosamente — e somos "enriquecidos de várias formas" (2 Co 9.6,11). Se, porém, focarmos naquilo que podemos *receber* e não no próprio Deus, acabaremos por não ganhar nada de verdade. Como disse C. S. Lewis: "vise ao céu e você terá a terra. Vise à terra e você não terá nem um nem o outro". Primeiro, olhamos para Cristo — e mantemos o nosso foco n'Ele — e Deus cuidará de nós. Quando, porém, nos deixamos consumir pelo pensamento "o que eu ganho com isso?", acabamos por perder tudo. Lembremos, mais uma vez, as palavras de Charles Spurgeon: "Eu olhei para Cristo, e a Pomba veio voando. Eu olhei para a Pomba, e Ele desapareceu".

A pomba é uma ave tímida e sensível. Mas o Espírito Santo, retratado como uma pomba em cada um dos quatro Evangelhos (Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22; Jo 1.32), é mil vezes mais sensível do que a mais dócil pomba.

* "turtle-dove" - A **pomba da tartaruga Europeia** *(Streptopelia turtur),* também conhecida como a **pomba da tartaruga,** é um membro da ave da família Columbidae, as pombas e pombos. In https://en.wikipedia.org/wiki/European_turtle_dove.

Entristecer o Espírito Santo é a coisa mais fácil para se fazer no mundo. Em outras palavras, a coisa mais difícil neste mundo é não entristecer o Espírito Santo. Por quê? Porque Ele é muito sensível.
Posso dizer de outra maneira? O sentimento do Espírito Santo pode ser ferido com muita facilidade. Novamente, isso não é um elogio para nenhum ser humano. Mas, gostemos ou não, assim é o Espírito Santo de Deus. Ele é ferido com muita facilidade.

A razão da conexão entre o Espírito Santo não entristecido e a Bíblia tem fácil explicação. O Espírito Santo escreveu a Bíblia. Ela é a Sua Palavra. Se você quiser conhecer a Sua Palavra, tenha uma boa relação com Ele.
Ao juntar duas ou três pessoas quando todas estão andando com o Espírito Santo sem entristecê-Lo dentro de si, há uma grande riqueza de comunhão.
Eu me pergunto quantas pessoas oram para que o fogo caia, mas não se dão conta das suas atitudes pessoais.

Ore sempre por convicção de pecado. Por quê? Porque o coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável (Jr 17.9).

Portanto, o dom de uma pessoa pode continuar se manifestando independentemente da moralidade pessoal desse indivíduo.

Um dom espiritual — mas não o fruto do Espírito — poderá florescer mesmo quando a pessoa tenha ou não entristecido o Espírito Santo.

A ganância entristece o Espírito Santo, e apelar às necessidades ou à ganância das pessoas para conseguir dinheiro "para Deus" é difamar Seu nome.

Capítulo 7

MEU TESTEMUNHO PESSOAL

_

Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu. Porque desde criança você conhece as sagradas letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra.

— 2 Timóteo 3.14–17

Quem não ouve a música, pensa que é louco o que está dançando.

— Anônimo

Eu me converti aos seis anos de idade, na manhã de domingo da Semana Santa, no dia cinco de abril de 1942. Enquanto estávamos nos arrumando para ir à igreja, eu disse aos meus pais que queria ser um cristão. Não sei se o fato de ser aquele domingo teve algo a ver com meu desejo. Recordo-me de que meu pai virou para a minha mãe e disse: "Não precisamos esperar até chegar à igreja. Podemos orar aqui mesmo." Eu, então, ajoelhei-me

ao lado da cama dos meus pais, confessei os meus pecados e pedi ao Senhor que me salvasse. Quanto aos meus pecados naquela época, só me lembro de sentir vergonha pela maneira em que respondi aos meus pais de forma malcriada. Chorei enquanto orava e senti que Deus havia me perdoado. Creio que fui salvo naquela manhã. Vários anos depois, sendo um adolescente, eu senti que fui santificado — o que foi uma segunda obra da graça, conforme me ensinou minha igreja.

Cresci na Igreja do Nazareno, uma denominação pela qual sinto um profundo respeito. Meus pais eram piedosos. Minha primeira lembrança do meu pai é de vê-lo ajoelhado em oração durante meia hora toda manhã, antes de sair para o trabalho. Ele era leigo, não um ministro ordenado, mas seu sonho era ser pregador; era muito fiel à nossa igreja em Ashland, Kentucky. Minha mãe era a organista da igreja. Minha primeira lembrança dela era de vê-la ajoelhada, também em oração, depois que meu pai saía para o trabalho. Quando terminava de orar, ela levantava as mãos para o céu, às vezes, com as lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Ela sempre orava por mim antes de eu ir para a escola. Às vezes, as crianças que passavam por ali queriam entrar para ouvi-la orar por mim — o que me fazia sentir vergonha. Ela faleceu aos quarenta e três anos de idade, no dia oito de abril de 1953, quando eu tinha dezessete anos.

Eu entrei na Trevecca Nazarene College (que hoje é uma universidade) no outono de 1953. Um ano mais tarde, eu senti o chamado para me tornar pregador do Evangelho. Minha igreja em Ashland emitiu, imediatamente, uma licença de pregador enquanto eu ainda era estudante na Trevecca. Preguei meu

primeiro sermão na primeira quarta-feira de dezembro na Calvary Church of the Nazarene, em Nashvile — sobre a "fidelidade de Deus" — tomando como texto-base, Lamentações 3.23. Três meses depois, convidaram-me para pastorear uma pequena igreja nas montanhas do Tennessee, em Palmer. Minha avó me deu um Chevrolet novinho em folha, do ano de 1955 para que eu pudesse ir de Nashville a Palmer nos finais de semana (cerca de 180km de distância). Eu, geralmente ia na tarde de sexta-feira e voltava para casa no domingo à noite.

Após estar trabalhando ali há aproximadamente seis meses, mantendo todas as disciplinas do meu curso na faculdade, enfrentei um período de muita ansiedade. Eu não sei como descrevê-lo de outra maneira. Era uma sensação de solidão, um sentimento de exclusão. Senti como se estivesse entrando em um território completamente novo. Eu me lembro de ir até o dormitório para orar quando tinha uma hora entre uma aula e outra. Nunca me esquecerei do final de semana dos dias vinte e nove e trinta de outubro, quando eu passei um tempo a sós, ajoelhado no altar da minha pequena igreja — apenas orando. Eu sequer sabia pelo que estava orando. Eu apenas sabia que o certo a fazer era passar bastante tempo em oração. Queria passar para outro nível em meu relacionamento com Deus. Sentia que havia algo errado e queria acabar com aquela ansiedade. Eu queria me aproximar o máximo possível do Senhor. Aquela incerteza me fazia colocar de joelhos.

O QUE RELATO AGORA É O QUE ACONTECEU COMIGO

Às seis e meia de uma manhã de segunda-feira — trinta e um de outubro de 1955 — enquanto dirigia de volta à Nashville, eu decidi passar a viagem em oração, em vez de ouvir o rádio. Eu não fazia ideia de que estava prestes a ter a melhor experiência da minha vida até aquele momento. Posso levá-lo ao local exato na antiga rodovia, aos pés do Monteagle Moutain — quando veio sobre mim um fardo muito pesado enquanto orava. Aquela ansiedade retornou, e muito forte. Eu me encontrava em agonia. Clamei ao Senhor e perguntei: "Eu não estou santificado? Será que sequer estou salvo?" Eu não sentia, em absoluto, a presença de Deus. Contudo, dois versículos vieram à minha mente. "Lancem sobre ele toda a sua ansiedade, porque ele tem cuidado de vocês" (1 Pe 5.7) e "Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve" (Mt 11.30). Porém, meu fardo naquela manhã, era pesado. Muito pesado. Pensei, então, que se de algum modo eu conseguisse lançar a minha ansiedade sobre o Senhor, talvez o meu fardo se tornasse leve.

De repente, enquanto dirigia, à minha direita estava Jesus Cristo intercedendo por mim, à direita de Deus. Era tão real quanto qualquer outra coisa que eu já tinha visto com meus próprios olhos. Eu senti como se Ele fosse o meu irmão mais velho, amando-me mais do que eu amava a mim mesmo, e que se importava mais comigo do que eu me importava comigo mesmo. Eu, no entanto, não conseguia saber o que Ele estava dizendo a Deus. O que ficou claro para mim era que Ele estava, à direita do

Pai, e agia como se estivesse colocando em risco o Seu relacionamento com Ele por minha causa — como se dissesse: "Vem resgatá-lo, ou eu renuncio". Eu não O ouvi dizer essas palavras, mas foi essa a impressão que tive enquanto o Senhor Jesus intercedia por mim. Rompi em lágrimas. Parei de orar e passei apenas a observar o que acontecia. Ele assumiu o controle. A próxima coisa de que me lembro, em torno de uma hora depois, enquanto eu dirigia o automóvel, passando por Smyrna, Tennessee, — foi ouvir Jesus dizendo ao Pai: "Ele quer". O Pai respondeu: "Pode dar a ele". Naquele momento, uma onda de *Fogo Santo* invadiu o meu peito. Eu fui purificado. Literalmente senti calor. Também me lembrei de como John Wesley testemunhava que seu coração foi "estranhamente aquecido" durante um estudo bíblico em Aldersgate Street, em Londres. Eu nunca havia sentido uma paz assim em toda a minha vida. Aquela paz não era meramente ausência do medo — a ansiedade havia ido embora — mas a presença de uma sensação de êxtase e descanso em minha alma. Eu continuei dirigindo até Trevecca, que estava, naquela altura, a poucos minutos de distância. Enquanto dirigia, ali estava Jesus olhando para mim. Eu vi o Seu rosto. A visão durou menos de um minuto. Eu estacionei o carro perto do meu dormitório, em Tidwell Hall, barbeei-me rapidamente e fui para a minha primeira aula, às oito da manhã, querendo saber o que havia acabado de acontecer comigo.

O mais importante desses primeiros momentos da manhã daquele dia, foi perceber quão real Deus é e como a Bíblia é verdadeira. As doutrinas básicas da fé tornaram-se vivas, claras, como se estivessem diante dos meus olhos. Eu sabia, por exemplo,

sem sombra de dúvida, que Jesus foi literalmente ressuscitado da morte. Eu pude ver como a Igreja primitiva estava convencida, pelo Espírito Santo, de que Cristo estava vivo. Eu pude ver que Jesus estava realmente assentado à direita do Pai e intercedendo por nós. Eu sabia, sem nenhuma dúvida, que Jesus Cristo havia vindo em carne, que Ele *ainda* tinha um corpo e que Ele foi um *homem* em glória. Eu nunca tive um problema em relação à divindade de Jesus, porém, o que era impactante para mim foi ver que Ele é verdadeiramente humano! A Sua Segunda Vinda tornou-se igualmente real para mim — não que alguma perspectiva escatológica em particular tenha surgido dentro de mim, mas eu soube que Ele, literalmente, virá outra vez! Recebi uma certeza infalível destas coisas — verdades que haviam me ensinado durante toda a minha vida, mas que naquele momento eu estava vendo, por mim mesmo, que eram *muito* verdadeiras!

No mesmo dia em que isso aconteceu, o meu amigo Bill Kerns, que morava no quarto ao lado do meu, disse que notou algo diferente em mim. Ele perguntou: "O que aconteceu com você?"

Eu respondi: "Sinceramente, não sei. Mas algo realmente aconteceu". Eu me perguntava se teria recebido uma terceira obra da graça divina. Os Nazarenos ensinavam que havia duas obras da graça — ser salvo e ser santificado. Eu professava ter recebido as duas. O que aconteceu naquela manhã, no entanto, havia sido algo completamente distinto. Eu disse a Bill:" Se é ou não uma terceira obra da graça, eu não sei; eu só sei que eu *sou* salvo".

E essa foi a principal constatação que observei durante as primeiras horas que sucederam aquela experiência: eu havia, de fato, sido salvo. Eternamente salvo. Devendo ou não, eu contei

isso ao meu companheiro de quarto e amigos, em meu dormitório. Eu disse que sabia que era salvo. Ao que eles responderam: “É claro que você é. Por que está dizendo isso?”

Eu disse: “Porque eu sei que sou eternamente salvo, que não posso me perder”. Eu o soube de maneira total e infalível no dia exato que aquele acontecimento me ocorreu. O meu erro (talvez) tenha sido contar isso aos meus amigos nazarenos, que não tinham nem ideia sobre a garantia ou segurança da salvação. Inclusive disse (talvez com pouca sabedoria): “Eu tenho certeza de que irei para o céu quando morrer, independente do que eu fizer entre o agora e até o final dos meus dias na terra”.

Eles responderam: “John Wesley também pensava assim, mas depois mudou de ideia. O mesmo ocorrerá com você”. Só posso dizer que eu sabia, então, naquele dia, que nunca mudaria de ideia. Foi muito real para mim. A verdade é que eu nunca duvidei da minha salvação eterna a partir daquele dia até agora. Eu sabia que não mudaria de ideia e, de fato, nunca mudei.

Contudo, eu questionava seriamente uma coisa: “Em que lugar da Bíblia eu poderia encontrar uma base sólida para o que havia ocorrido comigo? Eu teria recebido algo novo? Seria, verdadeiramente, uma terceira obra da graça? Foi isso que aconteceu com John Wesley?”

Eu estava transbordando de alegria e paz. Eu desfrutava de um senso, de uma sensação da presença de Deus que não sabia que uma pessoa poderia ter nessa vida.

Antes que aquele dia anoitecesse, eu comecei a ver que o que havia acontecido comigo foi uma obra do Espírito Santo. Eu não poderia ter feito que aquilo acontecesse. A única coisa que fiz foi

anelar ter um relacionamento mais íntimo com Deus naqueles dias. O Senhor havia colocado em mim um desejo de mais dEle. E Ele me respondeu. Simples assim. A semente embrionária da teologia reformada havia sido firmemente implantada em mim e começou a crescer com bastante rapidez. Eu me tornei assistente do decano de teologia — o Dr. William Greathouse (que posteriormente se tornou presidente da Trevecca e superintendente geral da Igreja do Nazareno). Ele me alertou de que eu estava começando a absorver um ensino que "nossa igreja não crê".

Eu respondi: "Então, a nossa igreja está equivocada". Eu, ainda, não havia lido uma linha sequer de Agostinho (354–430), Martinho Lutero (1483–1546), João Calvino ou Jonathan Edwards, a não ser trechos de sua pregação: "Pecadores nas mãos de um Deus irado". Eu me perguntava se havia descoberto algo novo — o que me preocupava.

Durante os próximos meses, comecei a ter visões. Isso nunca havia acontecido comigo antes. Pude ver, claramente, que o meu futuro não seria em minha antiga denominação. E não apenas isso, eu também pude ver que um dia teria um ministério global, algo que parecia extraordinário demais para um nazareno provinciano.

Porém, há mais. Cerca de quatro meses depois — em fevereiro de 1956 — mais uma vez enquanto dirigia meu carro — eu senti uma agitação no meu interior. Parecia estar localizada em meu estômago — como se um poço quisesse brotar de dentro de mim, e a única maneira de deixá-lo brotar era pronunciar o que só posso descrever como sons ininteligíveis. Dessa vez havia outras pessoas no carro. Eu tenho certeza de que elas me ouviram. Senti

vergonha. Recordo que (por alguma razão), baixei o vidro do carro. Eu não disse nada, porque sabia que havia falado em línguas, algo que os nazarenos não faziam. Nunca. Eles eram veementemente contra falar em línguas. Possivelmente eram contra as línguas até mais do que eram contra o Calvinismo. Eu não falei sobre isso com ninguém. *Ninguém*. Guardei para mim durante anos. Uma das primeiras pessoas para quem contei foi o Dr. Martyn Lloyd-Jones, cerca de vinte e um anos depois.

Ao mesmo tempo em que eu falava em línguas, algo mais me aconteceu. Recebi o claro mandato de informar à minha igreja sobre a minha renúncia em Palmer, no seguinte dia 06 de maio, deixando que o dia vinte de maio fosse o meu último domingo. Quando retornei ao meu quarto na faculdade de Trevecca, eu fui checar o calendário para me certificar de que aquelas duas datas caíam, de fato, em um domingo.

Poucas semanas após a minha renúncia — enquanto dirigia o mesmo carro —, eu olhei para o painel. Ele estava completamente diferente. Recebi uma visão do painel de um Chevrolet do ano de 1953. A razão por que eu sabia o ano era porque meu colega de quarto, Ralph Lee, tinha um Chevrolet 1953. Essa visão foi em junho de 1956. Eu senti, por causa daquela visão, que de algum modo eu perderia o meu automóvel. Depois de retornar a Ashland, no Kentucky, duas semanas após, a minha avó pegou o meu carro de volta, sentindo que eu não continuaria sendo um nazareno por muito tempo. Ela deu o carro ao meu pai, que o trocou por um Chrysler novo. O meu pai sentiu que eu havia desonrado tanto a ele quanto à igreja de toda a minha vida. Ele me acusou de “ter rompido com Deus”. Ele, então, passou a exigir que

eu pagasse um aluguel, se fosse voltar a morar em sua casa. No mesmo dia eu recebi uma oferta de emprego da Creamens Quality Cleaners (uma empresa de lavanderia, na rua 29, em Ashland), também me deram um caminhão Chevrolet para dirigir a fim de buscar e entregar as roupas dos clientes. Era um Chevrolet ano 1953. Assim que me sentei no carro, pela primeira vez, reparei naquele painel da visão que havia tido — era exatamente igual. Então eu soube, com certeza, que estava dentro da vontade de Deus.

Eu já havia ouvido o reverendo Henry Mahan várias vezes na rádio. Ele era pastor de uma igreja batista em Ashland. Eu fiquei fascinado com o que o ouvi pregar pelo rádio. Descobri o seu endereço e fui visitá-lo. Eu fiquei nervoso quando ele abriu a porta e perguntei se ele tinha algumas roupas que quisesse mandar lavar. Ele disse que sim e me trouxe um terno. Eu, então, confessei: “Eu não vim até aqui para saber se você queria colocar suas roupas para lavar. Eu tenho escutado as suas pregações no rádio. E creio no que você prega”. Quando contei a ele que eu era nazareno, ele se surpreendeu. Depois de me fazer algumas perguntas e me explicar tudo em que ele cria, ele ficou chocado ao descobrir que eu cria nas mesmas verdades, mas que as havia adquirido apenas da Bíblia, e de nenhum outro livro. Naquele dia, nasceu uma amizade. A sua igreja me ordenou ao ministério anos depois. O meu pai e a minha avó gentilmente compareceram ao culto da minha ordenação. Deve ter sido muito difícil para esses nazarenos tão leais entrar em uma igreja batista calvinista para ver seu filho/neto ser ordenado pastor.

Em 1956, fiz todo o possível para convencer o meu piedoso pai de que eu não estava fora da vontade de Deus para a minha vida, pelo contrário, estava totalmente *dentro* dela. Compartilhei com ele algumas das minhas visões — o que foi, provavelmente, um erro — esperando que ele se impressionasse com elas. Mas isso não aconteceu. Eu sabia que algum dia teria um ministério internacional. Ele tinha uma única pergunta: "Quando?"

Eu respondi: "Dentro de um ano." Ele pediu que eu escrevesse isso em uma folha de papel. Eu o fiz. Esse foi outro erro: tentar com todas as minhas forças ganhar o meu pai. Um ano depois eu nem sequer estava no ministério. Cinco anos depois daquele dia eu ainda estava batendo de porta em porta, vendendo aspiradores de pó.

Em junho de 1958 em me casei com Louise Wallis, de Sterling, em Illinois. A grande evidência de que eu tinha o favor de Deus sobre a minha vida, naqueles anos difíceis, era Louise. Como Deus foi bom e misericordioso por me presentear com uma esposa tão linda, inteligente e fiel. O meu pai parecia aceitá-la mais do que a mim! A nossa primeira casa ficava em Springfield, Illinois. Nós nos mudamos, porém, para Fort Lauderdale, Flórida, em novembro de 1958. Trabalhei como vendedor de seguros para a companhia LIFE and Casualty Insurance durante mais de dois anos e depois voltei a vender aspiradores de pó.

Em julho de 1962, aceitei o convite para ser o pastor da Fairview Church of God, uma pequena igreja em Carlisle, Ohio. Meu pai me telefonou para dizer que iria para me ouvir pregar no domingo seguinte. Eu disse a Louise: "O papai estará usando um terno verde claro. Em algum momento durante o culto, ele caminhará

pelo corredor central, virará à direita e depois retornará ao seu assento". Em 1956, eu tive uma visão do meu pai usando aquele terno verde claro. Quando ele e a sua esposa, minha madrasta, Abbie, chegaram para me ouvir, ele estava, é claro, usando o terno. Após o culto da manhã, ele veio caminhando pelo corredor central, virou à direita e, em seguida, voltou ao seu lugar, exatamente como eu havia visto de forma antecipada. Você pode se perguntar: "E o que isso quer dizer?"

Eu respondo: "Eu sabia que estava totalmente na vontade de Deus". Esses acontecimentos também eram uma prova indubitável para mim de que Deus conhece o futuro perfeitamente, já que eu tinha recebido aquela visão em 1956.

O pastorado, naquela igreja de Ohio, durou por um ano e meio e terminou em fracasso. A minha abordagem bastante intelectual das Escrituras (e a minha interpretação calvinista dela) era demais para os membros daquela congregação. As pessoas daquela pequena igreja pediram para fazer uma votação para que eu deixasse o seu pastorado. Faltou apenas um voto para que eles conseguissem, mas nós saímos mesmo assim, retornando para Fort Lauderdale, em janeiro de 1964. Novamente voltei a vender aspiradores de pó. Durante esse tempo, nasceu nosso filho, Robert Tillman II (nós o chamamos de TR). Também recebi convites para pregar em igrejas presbiterianas de toda a região. O Dr. D. James Kennedy, da igreja presbiteriana Coral Ridge, convidou-me para fazer parte de sua equipe e dirigir um programa de evangelismo que ele estava iniciando. O programa ficou conhecido depois como "Evangelismo Explosivo". Eu não senti paz para fazer isso, mas Jim e eu continuamos sendo bons amigos. No início do ano de 1968,

eu me tornei o pastor da igreja batista Lauderdale Manors. Nossa filha, Melissa Louise, nasceu em agosto de 1970. Mais tarde, nesse ano, eu retornei à Trevecca e me formei em dezembro. Em janeiro de 1971, ingressei no seminário Southern Baptist Theological, em Louisville. Eu também me tornei pastor da igreja batista Blue River, em Salem, Indiana. Eu ia e voltava todos os dias (uma distância de trinta e cinco minutos de carro). Em dezembro de 1972, eu me tornei o primeiro estudante a completar o MDiv (um curso de três anos) em apenas dois anos e obtive o melhor desempenho acadêmico da história da universidade. Eles me recomendaram à Universidade Oxford, na Inglaterra.

No dia primeiro de setembro de 1973, a nossa família se mudou para Headington, Oxford. O meu supervisor, o Dr. B. R. White, da Regent's Park College, Oxford, aceitou-me para fazer pesquisa sobre Puritanismo Inglês. Ele também me recomendou para ser pastor da igreja batista Calvary Southern, em Lower Heyford, Oxfordshire, que era composta, em sua maioria, por militares dos Estados Unidos e suas famílias. Durante aqueles três anos, o Dr. e a Sra. Martyn Lloyd-Jones se tornaram como família para Louise e para mim, embora nenhum de nós imaginasse, o mais remotamente, que eu viria ser pastor na Capela de Westminster. Enquanto esperávamos pelo meu *viva voce* (exame oral) para o Doutorado em Filosofia (DPhil), fui convidado para pregar, pela segunda vez, na Capela de Westminster. Os diáconos me pediram para ficar, durante seis meses, sem nenhuma obrigação de permanecer ali após o término desse tempo. O Dr. e a Sra. Lloyd-Jones vieram nos visitar poucos dias depois, dizendo-nos por que Louise e eu devíamos ficar ali: "Vocês não têm nada a perder.

Terão que sair de Oxford. Vir para cá será uma experiência boa para vocês e para eles". Nós nos mudamos, então, para Londres e começamos o nosso ministério, no dia primeiro de fevereiro de 1977, e nos aposentamos no dia primeiro de fevereiro de 2002.

Aqueles vinte e cinco anos de trabalho na Capela de Westminster foram "os melhores tempos e também os piores". As nossas maiores alegrias, amizades e êxitos aconteceram em Londres. As nossas maiores provas, dores e decepções também aconteceram em Londres.

Em 1978, quando estava em um trem de Edimburgo (Escócia) para King's Cross (Londres), o meu pai — que tinha vindo nos visitar, agora que eu era pastor da Capela de Westminster — disse-me, enquanto entrávamos na estação: "Filho, eu estou orgulhoso de você. Você estava certo; eu estava errado". Certamente foi muito reconfortante ouvir aquilo, mas passaram vinte e dois anos para que ele me dissesse essas palavras, desde quando eu lhe contei sobre as minhas visões, em 1956.

Entre os anos de 1956 e 1977, eu me encontrava algumas vezes em um deserto eclesiástico. Sabia onde estava teologicamente, mas eu não tinha nem ideia para onde ia quando se tratava do ministério. Comecei a pregar para batistas, presbiterianos ortodoxos, presbiterianos do sul, cristãos reformados, a igreja Reformada da América e outros.

Eu desenvolvi um entendimento de várias culturas da Igreja e me perguntava, naqueles dias, para onde o meu ministério estava indo. Tudo isso, entretanto, preparou-me para o que estava por vir. Até hoje eu sou frequentemente apresentado como alguém que fala para diferentes correntes teológicas; ou seja, batistas,

reformados, evangélicos conservadores, pentecostais e carismáticos.

A *única* razão pela qual compartilhei como o Espírito Santo me ensinou a teologia reformada é que, caso você tenha alguma persuasão reformada, possa sentir que sou um verdadeiro amigo e que não se sentirá ameaçado pelo que estou ensinando com respeito ao Espírito Santo.

Percebo que muitas pessoas reformadas são *cessacionistas* e talvez você pense que as doutrinas da graça e o testemunho imediato do Espírito Santo são incompatíveis. Creia-me, não há nenhuma incongruência em sustentar as duas visões. Elas não são opostas entre si, ao contrário, são totalmente complementares. Na verdade, elas não são apenas perfeitamente coerentes, como também confirmam e elucidam-se mutuamente.

Na primavera de 1994 — durante um período em que Louise estava muito enferma —, eu me encontrei a mim mesmo clamando de desespero diante de Deus. Eu estava sozinho no apartamento de um grande amigo e comecei a falar em línguas. Foi a primeira vez que o fazia, desde 1956. Desde então, eu falo em línguas frequentemente. Pessoalmente, estou convencido de que se trata daquilo que Paulo descreveu em Romanos 8.26–27 — quando o Espírito intercede por nós, segundo a vontade de Deus, com "gemidos inexprimíveis", que não podem expressar-se com palavras. Essa passagem se conecta perfeitamente com 1 Coríntios 14.2; quando uma pessoa ora em uma língua que ninguém entende, ela "pelo Espírito fala mistérios". Quando oro dessa forma, de uma coisa tenho certeza: de que estou orando dentro da vontade de Deus.

Nós tivemos um bom ministério na Capela de Westminster. No entanto, o avivamento pelo qual eu sempre esperei, nunca aconteceu. Seria um erro, porém, subestimar os momentos de refrigério que vivemos ali, o número de pessoas que foram salvas, curadas ou abençoadas de diferentes formas em qualquer área da vida. Contudo, eu não escrevo este livro para servir como um exemplo de grande êxito. Se você trabalha no ministério, eu o escrevo esperando que você possa ver em sua vida aquilo que eu não vi. Perto do final do meu tempo na vida ministerial, eu decidi que vinte e cinco anos na Capela Westminster era o suficiente. Foi muito agradável, é claro, quando os diáconos me pediram para continuar por mais cinco anos. Mas, me lembrei do meu herói — Joe DiMaggio, o grande jogador de baseball dos New York Yankees. Ele parou de jogar quando ainda estava no auge, e eu pensei que também deveria me aposentar justamente porque eles ainda me queriam ali! Foi então que eu me perguntei: "O que eu vou fazer? Ninguém me conhece nos EUA." Naquele momento, eu senti uma impressão evidente: "O seu ministério nos EUA será para cristãos carismáticos". "Ah, não!", eu pensei. "Se eu vou ter um ministério em meu próprio país, que seja para igrejas reformadas ou para evangélicos conservadores. Eu tenho as credencias para fazer isso, pois sou um deles. Eu sei como eles pensam. Por que eu não posso ter um ministério orientado para eles?" Mas, não. Seria mesmo para cristãos carismáticos. Em grande parte tem sido assim. A maioria dos convites que recebo tem sido das igrejas carismáticas e pentecostais.

Nossa aposentadoria da Westminster Chapel, no dia primeiro de fevereiro de 2002, foi exatamente vinte e cinco anos depois do dia

em que iniciamos. Nós nos mudamos para Key Largo, na Flórida. Eu assumi um ministério com Jack Taylor e Charles Carin, em que viajávamos por todo o país fazendo as conferências "Word, Spirit and Power". Em julho de 2002, eu fui convidado por Canon Andrew White para conhecer o falecido Yasser Arafat. Surpreendentemente, naquele momento, nasceu uma amizade com o presidente Arafat. Eu o visitei cinco vezes, e nós jantávamos, ríamos, e eu sempre orava por ele, muitas vezes o ungindo com óleo. Eu chorei quando ele morreu. Andrew White também me levou ao Iraque, onde eu preguei na área do palácio do falecido Saddam Hussein e na igreja anglicana de St. George, em Bagdá. Nesse tempo, eu fazia parte do Alexandria Peace Process (Processo de Paz de Alexandria), liderado pelo Lorde Carey, arcebispo de Canterbury. Através disso, eu me tornei amigo do rabino David Rosen. David e eu escrevemos um livro juntos — *The Christian and the Pharisee* ("O cristão e o fariseu") — que foi lançado na Abadia de Westminster.[1] O meu ministério de escrever foi ampliado e eu tive muitas portas abertas nos Estados Unidos, assim como em muitos outros lugares do mundo.

Eu estou no ministério há quase sessenta anos. Louise e eu somos casados há cinquenta e cinco anos (em 2014, quando esse livro foi escrito). Nós temos dois filhos e dois netos. Louise tem viajado comigo para a maioria dos lugares, assim como o nosso filho, T.R., também tem viajado muito comigo. Continuo viajando, pregando e escrevendo livros. Deus tem sido extremamente bondoso comigo.

Escrevi este capítulo a pedido do meu editor, que solicitou que eu compartilhasse o meu testemunho. Meu desejo mais ardente é

que este livro tenha sido uma benção para você até aqui. Eu oro para que ele acenda um fogo em seu coração, e um fervente desejo, cada vez maior, de um caminhar mais íntimo com Deus. Quando aqueles dois homens viram o Senhor ressuscitado na estrada para Emaús, eles não souberam, a princípio, que era Ele, mas perceberam como os seus corações *queimaram* enquanto Ele falava. O Fogo Santo queima! O meu objetivo com este livro é guiá-lo para que você O experimente, por você mesmo, de maneira imediata e direta. Agora que você conhece a minha história e formação, retornemos ao importante tópico do próximo capítulo — o cessacionismo.

A única razão pela qual compartilhei como o Espírito Santo me ensinou a teologia reformada é que, caso você tenha alguma persuasão reformada, possa sentir que sou um verdadeiro amigo e que não se sentirá ameaçado pelo que estou ensinando com respeito ao Espírito Santo.

Capítulo 8

CESSACIONISMO

–

Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre.

— HEBREUS 13.8

Há muitos fluxos, jatos de purificação – a começar pelo sangue de Jesus Cristo! Quero estudar e experimentar todos eles, à medida que Deus trabalha entre nós para libertar, curar e amadurecer o Seu povo.

— JACK HAYFORD

Quando o meu amigo Charles Carrin era pastor de uma igreja (antes de se tornar um ministro itinerante), ele recebeu um telefonema de um desconhecido:

"A sua igreja crê na Bíblia?"

"Sim."

"Você acredita na infalibilidade das Escrituras?"

"Sim, e também cremos na infalibilidade de 1 Coríntios 12 e 14. Cremos que essas passagens são tão infalíveis quanto todo o restante do Novo Testamento."

"Você está se referindo ao dom de falar em línguas?"

"Nós cremos que todos os dons do Espírito, incluindo línguas, estão dentro da infalibilidade das Escrituras e que devemos acreditar neles."

"Bom, eu não acredito."

A conversa citada foi retirada do livreto de Charles Carrin, *On Whose Authority? The Removal of Unwanted Scriptures*[1] (Com que autoridade? A Eliminação de Versículos não Desejados). Charles, que havia sido um ardente cessacionista, calvinista convicto e obcecado pelos cinco pontos por muitos anos, era pastor de uma Igreja Batista Primitiva, Atlanta, Geórgia. Um dia, porém, ele fez uma oração mais ou menos assim: "Senhor, eu quero ser cheio do Teu Espírito Santo, mas tenho três condições: eu não quero gritar, não quero chamar atenção e não quero falar em línguas. Agora, com isso em mente, Tu podes prosseguir". Nada aconteceu. Porém, ocorre que ele era, também, capelão na prisão federal de Atlanta, Geórgia. Foi-lhe encaminhado um homem que havia se convertido e sido cheio do Espírito Santo logo após ser preso.

Embora Charles fosse ministrar para aquele homem semanalmente, foi ele quem começou a ministrar para Charles. Aquela foi uma das inversões de papel mais incríveis que eu já conheci. Aos poucos, Charles começou a ter cada vez mais sede de Deus de uma maneira fresca. A sua história já é conhecida. Em resumo: depois de muito tempo, Charles pediu que aquele preso impusesse suas mãos sobre ele — e os carcereiros assistiram a tudo. Ele convidou o Espírito a descer sobre ele sem impor nenhuma condição. Charles foi cheio do Espírito Santo naquele dia e nunca mais foi o mesmo. Finalmente o obrigaram a renunciar a sua igreja.

Eu não tenho certeza exatamente de quando ouvi a palavra *cessacionista* pela primeira vez. Com certeza foi depois de conhecer alguns ministros reformados, em 1956. Eis o que era curioso. Todos eles me receberam calorosamente como um nazareno que agora recebia a graça soberana de Deus. Eles achavam aquilo incrível! Mas eu também era um enigma para eles. Devido à forma sobrenatural como eu havia recebido, eles lutavam para entender. A minha experiência ia contra as próprias suposições deles acerca de que Deus pudesse fazer coisas sobrenaturais na atualidade.

Eles eram cessacionistas; consideravam que o que eu cria era uma perspectiva não bíblica — ou seja: que há muito tempo, por Sua própria vontade, Deus havia "cessado" de tratar com o Seu povo de uma maneira direta e sobrenatural. Acabaram as curas sobrenaturais, as visões, as revelações diretas. Todos os dons do Espírito Santo deixaram de operar. Acabaram. Quando Deus reteve o Seu poder pela primeira vez? Alguns dizem que foi por volta do ano 70 depois de Cristo (dC). Isso significa que o Espírito Santo só teria trabalhado, atuado poderosamente apenas na primeira geração da Igreja. Outros, porém, pensam que o Seu poder diminuiu perto do ano 100 (com a morte do apóstolo João). Alguns estendem o período de poder sobrenatural até à era de Constantino (ano 337). De qualquer forma, com a definição do cânon das Escrituras liderado por Atanásio (296–373), finalmente todos entraram em acordo. Segundo os cessacionistas, não havia mais necessidade de nenhum poder sobrenatural e que esse tipo de poder foi uma plataforma de lançamento para a Igreja mais primitiva, dando credibilidade à fé cristã e encorajamento. Porém,

em algum momento, os dons do Espírito, incluindo o falar em línguas, curas, profecias e receber revelação direta do Espírito Santo, finalmente cessaram.

Havia um bom número de ministros reformados que iam aos nossos cultos na Westminster Chapel, os quais eram cessacionistas. Alguns deles se tornaram meus amigos. Mas eu poderia perdoá-lo se você pensar que pode haver uma forte semelhança entre o cessacionismo e o ensino do deísmo. O deísmo é uma crença em Deus que parece inofensiva, e até respeitável a princípio. Muitos dos Pais Fundadores da Constituição Americana eram deístas. Eles, no entanto, negam a revelação sobrenatural. Alguns deístas se referem ao Deus deísta como um "relojoeiro ausente". Ele criou o mundo, mas em seguida o deixou funcionando por sua própria conta. Os deístas acreditam na existência de um Deus, mas não podem aceitar o sobrenatural. Os cessacionistas creem no sobrenatural que está presente nas Escrituras, mas não têm expectativa que Deus intervenha sobrenaturalmente hoje, exceto, talvez, através da providência. Mas a ideia dos dons do Espírito em operação hoje, como em 1 Coríntios 12.7–11, está fora de questão.

A ORIGEM DO CESSACIONISMO

Da mesma maneira que vale a pena compreendermos cada cristão, também vale a pena compreendermos quase todos os movimentos da História da Igreja cristã. Os movimentos, às vezes,

são reações aos extremos. Concordemos ou não, Rolfe Barnard — que não era carismático — costumava dizer: "Se nós, batistas, tivéssemos sido o que deveríamos, não teria existido um Exército da Salvação e nem um movimento pentecostal." O Dr. Michael Eaton, sugere que há duas considerações que vale a pena destacar acerca da origem do cessacionismo.

O intelectualismo dos reformados

Não há dúvida de que esta é parte da explicação. Até onde sei, o cessacionismo brotou no século XVI, liderado pelos Luteros e Calvinos deste mundo. A última coisa que estaria em suas mentes, no entanto, era fazer com que brotasse uma doutrina que espalhasse algo que pudesse ser prejudicial ao cristianismo. No imortal hino de Martinho Lutero, "Castelo Forte é o nosso Deus" (*A Mighty Fortress Is Our God*), na versão em inglês, há uma linha que diz: "the Spirit and the gifts are Yours"[2] (o Espírito e os dons são Teus"). Mas não pense apressadamente que ele acreditava que nós deveríamos esperar receber os dons do Espírito. É claro que há exceções, porém os intelectuais sempre suspeitam de qualquer coisa que seja muito emocional. Os intelectuais cristãos, às vezes, tendem a temer qualquer ênfase em experimentar Deus diretamente. A doutrina de Calvino, do testemunho interno do Espírito, não era o que se referia o Dr. Martyn Lloyd-Jones ao falar do testemunho *direto* e *imediato* do Espírito. Para Calvino, o testemunho interno do Espírito significava a "analogia da fé", baseado em Romanos 12.6: profetizar, isto é, pregar, deveria ser feito segundo a "proporção" (no grego, *analogia*) da fé de cada um.

Isso significa comparar Escritura com Escritura. Poucos, se é que houve algum, que tenham superado Calvino na habilidade de expor as Sagradas Escrituras (e ainda assim, o próprio Calvino, nas suas Institutas, referindo-se à unção com óleo para cura, descrita, em Tiago 5.14), disseram que isso se refere "a poderes milagrosos que o Senhor se agradou em dar durante um determinado período".[3] Afirmaram que essa prática foi relevante somente para os apóstolos e "não pertence a nós, a quem tais poderes não foram concedidos".[4]

Os carismáticos do século XVI

Eles também são chamados de místicos. Lutero tentou encontrar ajuda deles e a recebeu durante um tempo. Eles, no entanto, o decepcionaram profundamente. A maneira de eles lerem as Escrituras era alegórica, e não era provável que convencessem a alguém como Calvino, que estava treinado na leitura de textos dentro de seu contexto histórico e com precisão linguística. Os carismáticos e místicos do século XVI eram famosos por sua instabilidade e excentricidade. Assim, pode-se dizer que a tradição reformada herdou certo medo dos cristãos carismáticos.

B. B. Warfield (1851–1921) era um grande adversário do misticismo. Ele não gostava da tendência em seus dias, de se afastar da apologética e confiar mais no testemunho do Espírito. Há cristãos que são, sem dúvida, demasiadamente, intelectuais; e, há, também, aqueles que são anti-intelectuais. Há os que são demasiadamente emocionais, que hoje poderiam ser chamados de

"cabeça de vento"; e há, também, os que são antiemocionais. O Dr. Martyn Lloyd-Jones diria que o homem é composto de coração, mente e vontade. A mente nos foi dada para pensar, o coração para sentir, e por meio da vontade, podemos agir. Nem sempre é fácil manter o equilíbrio, mas nós devemos tentar.

Nunca deveríamos subestimar o amor de nossos amigos cessacionistas por Deus, pelas Escrituras, pela sã doutrina e pela vida santa. Eles são o sal da terra. Alguns deles estão entre as maiores vanguardas da ortodoxia cristã. Repito: eles certamente *aceitam* o milagroso na Bíblia. Contudo, eles simplesmente não creem que Deus se revele a Si mesmo, de maneira *direta* e *imediata*, através da revelação hoje. É claro que Ele *poderia* fazê-lo, dizem. Porém Ele decidiu soberanamente não demonstrar o Seu poder como fazia nos tempos da Igreja primitiva. A ausência de poder, portanto, não se deve à nossa incredulidade, falta de fé, ou expectativa. Deus mesmo decidiu que aquele tipo de poder era para a Igreja primitiva. Nenhuma quantidade de oração, jejum, intercessão e espera em Deus, fará com que Ele manifeste o Seu poder, como na Igreja primitiva. Segundo os cessacionistas, nós não podemos torcer o braço de Deus para que Ele faça o que já decretou que não *irá acontecer*.

Mesmo que tenha sido realmente isso o que aconteceu comigo, não penso que os nazarenos do meu tempo tivessem uma ideia do que é o cessacionismo. Estou contente por não saber o que era, caso contrário, talvez, eu nunca tivesse clamado a Deus por ajuda naquela manhã de segunda-feira. O cessacionismo é, em grande parte, um ponto de vista reformado. Descobri mais tarde o quanto aquela experiência do dia trinta e um de outubro de 1955 irritou a

muitos calvinistas extremistas, e o quanto ia contra a teologia reformada desses homens, cuja teologia recebi! Agora, dou-me conta do quanto foi ingênuo, de minha parte, perguntar durante um tempo, nos dias seguintes à minha experiência, se eu havia descoberto algo novo, ou se seria eu o primeiro, desde Paulo, a ver aquelas coisas. Certamente não se tratava de uma revelação nova — exceto que as coisas que eu vi eram *novas para mim*. Quase nenhum dos meus antigos amigos nazarenos entendeu verdadeiramente o que havia acontecido comigo, nem a teologia que eu estava começando a abraçar. Muitos ministros reformados me aceitaram carinhosamente, mas ficavam perplexos como eu podia ver o ensino quanto à predestinação, a eleição e a segurança eterna do crente sem ter lido João Calvino ou os seus seguidores. Eles haviam mastigado os "cinco pontos do calvinismo" (que são conhecidos mundialmente pela palavra *tulip*, um acróstico popular da língua inglesa: depravação total, eleição incondicional, expiação limitada, graça irresistível e perseverança dos santos). Sabiam que eu não havia recebido isso dos nazarenos. Quando eu contava a eles sobre a minha experiência mencionada anteriormente — incluindo a visão que tive de Jesus — eles me respondiam com um educado silêncio.

SEJA JUSTO COM OS CESSACIONISTAS

Eu posso, sinceramente, simpatizar-me com os cessacionistas. As pessoas que aderem ao cessacionismo, mudariam sua postura, em

linhas gerais, se vissem uma clara evidência de milagres incontestáveis nos dias de hoje. Os cessacionistas não querem dar a impressão de presunçosos ou inacessíveis, eles simplesmente *não creem* nas afirmações dos carismáticos e pentecostais que relatam terem visto milagres. Eles não estão questionando a nossa honestidade; eles acham que somos otimistas demais, talvez ingênuos ou, até mesmo, que estamos sendo enganados. Além disso, os cessacionistas, compreensivelmente, afastam-se ainda mais quando veem alguns evangelistas chamativos, que fazem suas extravagantes afirmações ou aquelas pessoas que dizem que *caem no Espírito*, e se caem de costas, também são supostamente curadas. Certamente essa é a impressão que se dá. Quando, porém, céticos honestos, que querem ir ao fundo diante de tais afirmações, retornam a essas mesmas pessoas para entrevistá-las, os resultados geralmente dão muito que pensar. Frequentemente ocorre que poucas pessoas, ou nenhuma, foram realmente curadas. Essa situação tem se repetido por vezes. É um pouco semelhante à afirmação que fiz anteriormente, quando pessoas dizem: "O Espírito Santo desceu sobre nós", somente para depois descobrir que não era a presença da Pomba, mas rola da religião; fogo estranho, portanto.

Também me é inquietante quando famosos evangelistas de cura proíbem totalmente que pessoas em cadeiras de rodas sejam levadas para a frente do auditório antes do início do culto. Os auxiliares dos cultos recebem instruções expressas de *não* permitir que as pessoas em cadeiras de rodas sejam colocadas perto da plataforma; a atenção se centraliza nelas, especialmente quando as pessoas que têm dificuldades de mobilidade não são

chamadas para orar por elas. Porém, entre os anos de 1949 a 1951, isso era muito diferente. Tenho bons motivos para acreditar que as curas de pessoas paralíticas realmente ocorreram. As pessoas em cadeiras de rodas eram bem-vindas — e quase sempre curadas. Elas, muitas vezes, carregavam de volta suas próprias cadeiras de rodas retornando aos seus carros; e permaneciam curadas. Vou contar por que acredito nisso. Falei pessoalmente com três homens (e outras pessoas que os conheciam bem), muito conhecidos no ministério de curas, na década de 1950. Eles me mostraram fotos, cartas e testemunhos de pessoas que lhes escreveram. Eu estava suficientemente próximo desses homens para saber que eles não estavam inventando nada. O que me convenceu ainda mais foi quando eles também admitiram que as curas, às vezes, paravam de acontecer. Eles se colocaram em uma posição vulnerável o suficiente para me confessar isso, o que me fez sentir que as fotos e cartas eram genuínas. Porém, por alguma razão, as curas milagrosas diminuíram nos anos 1950, ainda que alguns dos evangelistas pusessem todo o seu empenho em prosseguir orando pelas pessoas, como haviam feito antes — mas com menos resultados.

MINHA HIPÓTESE PESSOAL

Cessacionismo é uma hipótese. Não se trata de uma doutrina fundamentada nas Escrituras — como o nascimento virginal, a divindade de Cristo, a ressurreição de Jesus e a salvação pelo

sangue do Filho de Deus. Os cessacionistas *escolheram* crer que Deus não Se revela a Si mesmo de maneira direta e imediata nos dias de hoje. Eu também penso que muitos cessacionistas sinceramente dariam as boas-vindas à cura sobrenatural se eles realmente vissem uma pessoa ser curada, ou se eles mesmos fossem curados (se estivessem dispostos a que orassem por eles), e permanecessem curados. A maioria dos cessacionistas se emocionaria diante de um milagre — se este fosse indubitavelmente genuíno e tivessem os fatos incontestes do *antes* e do *depois* da cura. Às vezes, isso ocorre; então, um cessacionista é convencido de um milagre e muda sua maneira de pensar. Mas isso não é frequente. Por quê? Eu não posso ter certeza.

Porém, tenho a minha própria hipótese: é para provar a fé daqueles que realmente veem o miraculoso, mas precisam desfrutá-lo em uma relativa solidão, sem que seus amigos sejam convencidos. Solidão que, em certo sentido, pode se tornar muito dolorosa — quando a sua integridade é questionada e ao mesmo tempo eles sabem, sem sombra de dúvida, do que Deus fez. É como aconteceu com a Igreja primitiva, quando se convenceu da ressurreição de Jesus —, seja porque viram o Cristo ressurreto, ou pelo testemunho direto e imediato do Espírito Santo —, tão real para eles, mas tão estranho para outros. Retornarei à minha hipótese em breve.

Sei que alguns cessacionistas, compreensivelmente, abrem-se para o miraculoso quando algum de seus entes queridos adoece gravemente. Deus, às vezes usa uma enfermidade crítica para chamar a nossa atenção. Não pretendo ser injusto, mas não há

nada que mude a mentalidade de um cessacionista como a própria doença séria ou fatal, ou a enfermidade grave de um ente querido. Isso geralmente faz com que eles se abram de uma maneira que nunca fizeram antes. O general Douglas McArthur costumava dizer: "Não há ateu nas trincheiras." Assim que, o desespero também é algo que Deus pode usar para chamar nossa atenção.

A causa de alguns cessacionistas se agarrarem às suas ideias não é apenas a falta de evidência clara e sólida, mas também as alegações de milagres de curas muitas vezes rodeadas de dotes teatrais ao estilo de Holywood e ensinos de conteúdo mais do que questionável. Muitos evangelistas de televisão, às vezes, parecem estrelas de cinema que amam ser o centro de atenção. Isso me parece extremamente diferente da humildade demonstrada pelos primeiros apóstolos.

No entanto, o que também me preocuparia é o seguinte: se os cessacionistas se *decepcionariam,* ficariam desapontados, se surgissem evidências irrefutáveis de curas genuínas. Com certeza, não seria nada bom se eles transformassem a hipótese do cessacionismo em um dogma — e, então, ficassem ressentidos se uma pessoa fosse curada milagrosamente. Se ao menos essas pessoas considerassem o cessacionismo como um plano B, no caso em que Deus pudesse intervir e mostrar o Seu poder incontestável.

Voltemos, agora, à minha hipótese pessoal. O que ocorreria se Deus, em alguns casos, *impedisse* que certos céticos vissem o milagroso, mesmo quando eles realmente ocorressem? E se os milagres forem principalmente para aqueles crentes na família de Deus que aceitaram o estigma de estarem "fora do acampamento"

(Hb 13.13)? Afinal, por que o Cristo ressuscitado não apareceu para todos no domingo da ressurreição? Alguém poderia decidir argumentar que esse teria sido o caso, se Deus verdadeiramente quisesse que todos cressem em Seu Filho. Sendo assim, Ele teria aparecido para todas as pessoas. Por que, então, Jesus Se revelou somente para poucos? Por que Ele não bateu à porta de Pilatos na manhã da ressurreição, e disse: "Surpresa!"? Por que Jesus não foi direto da tumba vazia para o palácio de Herodes e disse: "Aposto que não esperava Me ver aqui!"? Ele apareceu somente para uns poucos — àqueles que eram seus fiéis seguidores.

Também suspeito que Deus, às vezes, permite que haja *um pouquinho de dúvida* quando se trata da prova objetiva do milagre. Isso nos mantém humildes. E sóbrios. O pastor Colin Dye do London Kensington Temple, de Londres, expressou-se da seguinte maneira:

> Os milagres sempre deixam um espaço para dúvidas, já que eles não foram destinados para substituir a fé, apenas para revelar o coração. Além disso, o fato de algumas pessoas não terem acreditado nos milagres de Jesus na Galileia mostra que até os maiores desses milagres não foram provas suficientes para as pessoas que são incrédulas e de coração duro; e, rejeitar o seu testemunho é trazer um maior juízo sobre os que os testemunharam e ainda assim rejeitaram. Talvez seja pela Sua própria misericórdia que Deus, Se agrade, às vezes, de retê-los, pelo menos até que seja o tempo oportuno para trazer à luz o verdadeiro estado do coração das pessoas — para fazer entrar os eleitos e revelar os apóstatas.[5]

Talvez você e eu necessitemos de paciência enquanto nossos amigos ou familiares que estão totalmente convencidos de que "não existe nada" quando se trata do miraculoso. Afinal, como Pedro poderia provar que Jesus ascendeu à destra do Pai no Dia de Pentecostes? Ele não poderia. Mas ele creu. E tudo o que os outros poderiam fazer era crer em sua palavra — ou rejeitá-la.

Jesus foi "justificado no Espírito" (1 Tm 3.16) nos dias do Seu ministério terreno. Isso significou que Ele recebeu a aprovação através do Espírito Santo, somente do Pai — não a aprovação das pessoas. Isso também se refere aos Seus seguidores que eram atraídos a Ele em fé, através do Espírito Santo. A fé é um dom de Deus (At 13.48; Ef 2.8–9). Isso significa que aqueles que creram em Jesus foram atraídos a Ele pelo Espírito Santo (Jo 6.44). A justificação de Jesus pelo Espírito Santo continua até hoje. Embora Ele esteja à destra de Deus e sumamente exaltado no céu, os únicos que *creem* nisso são aqueles cujos corações foram atraídos a Ele pelo Espírito Santo.

A minha hipótese, então, é de que o princípio da justificação através do Espírito está em jogo quando se trata do miraculoso. A justificação pelo Espírito é uma justificação *interna*. O Espírito Santo testifica em nosso coração. Além disso, aqueles que são crentes fiéis no poder de Jesus hoje, têm mais probabilidades de ver e experimentar Seus milagres de cura do que aqueles que dizem: "Só acredito vendo." Em outras palavras, assim como Jesus apareceu àqueles que anteriormente foram atraídos a Ele, pode ser que Deus mostre o Seu poder manifesto àqueles que *creram, previamente*, que Ele está disposto a mostrar a Sua glória.

Então, poderia ser que Deus retenha a falta de clara evidência para as pessoas por nossa causa? Se for assim, isso se torna um grande teste para nós. Eis a questão: você e eu continuaremos sendo fiéis, mesmo se nossos amigos cessacionistas continuam sem ver o poder manifesto de Deus por si mesmos? Muitos de nós *amaríamos* ser justificados abertamente, mostrando a todos que estávamos certos. Mas, e se Deus estiver por trás da retenção do Seu poder manifesto em relação aos nossos críticos, para que recebamos nosso reconhecimento, não através da aprovação das pessoas, mas somente através da aprovação do próprio Pai? Isso significaria que também estamos sendo justificados pelo Espírito — Seu testemunho interno — e não pelas provas externas, visíveis e tangíveis do Seu poder.

Deus poderia mostrar o Seu poder de cura em qualquer momento. Alguns anos atrás, eu recebi uma carta muito cortante de um amigo muito próximo. Ele me admoestou, amorosamente, pela minha associação com cristãos pentecostais e carismáticos. No entanto, depois de me mandar aquela carta, a sua própria filha ficou muito doente e esteve à beira da morte. Os próprios carismáticos aos quais ele normalmente não recorreria, oraram por sua filha querida. Ela foi gloriosamente curada. E permaneceu curada desde então. O meu amigo deu um giro de cento e oitenta graus. Anunciou a todos os seus amigos: “Eu sou um batista carismático”.

Mas, “por que Deus não faz isso todo o tempo?”, dirá você. Eu não sei.

Meu ponto é simplesmente este: não vivamos para a justificação de nossas perspectivas teológicas. Deus quer que recebamos o

reconhecimento, nesses casos, que vem somente d'Ele (Jo 5.44). Se fôssemos justificados abertamente em nossa postura de que Deus manifesta Seu poder e Sua glória hoje, através dos dons do Espírito, poderíamos sucumbir ao louvor, aos aplausos das pessoas. Isso pode facilmente acontecer. Todos nós temos egos muito frágeis. Que Deus não permita que isto aconteça conosco — pois começaríamos a dizer aos demais: "Eu avisei".

Os intelectuais cristãos, às vezes, tendem a temer qualquer ênfase em experimentar Deus diretamente.
Sei que alguns cessacionistas, compreensivelmente, abrem-se para o miraculoso quando algum de seus entes queridos adoece gravemente.
Talvez você e eu necessitemos de paciência enquanto nossos amigos ou familiares que estão totalmente convencidos de que "não existe nada" quando se trata do miraculoso.
Meu ponto é simplesmente este: não vivamos para a justificação de nossas perspectivas teológicas. Deus quer que recebamos o reconhecimento, nesses casos, que vem somente d'Ele (Jo 5.44).

Capítulo 9

AS CONSEQUÊNCIAS DO CESSACIONISMO

_

Mas a sabedoria é comprovada pelas obras que a acompanham.

— MATEUS 11.19

Um dia desses aparecerá alguém que pegará uma Bíblia e crerá nela — e assim, envergonhando a todos nós.

— ROLFE BARNARD (1901-1968)

Em minha visão, o cessacionismo extingue, apaga o Espírito Santo (I Ts 5.19). Como vimos, é fácil entristecer o Espírito Santo — através da amargura, da raiva e de não perdoar totalmente aos que nos ofendem. Deus não mudará as regras para nenhum de nós, e se não vencermos a amargura, a Pomba não descerá nem permanecerá sobre nós. Você e eu veremos coisas nas Escrituras, enquanto o Espírito Santo não for entristecido em nós. Tais percepções não virão por causa da nossa educação ou do nosso intelecto; é o próprio Espírito Santo quem nos dará a plena segurança de entendimento (Cl 2.2).

Também é fácil apagar, extinguir o Espírito Santo. Nós fazemos isso, principalmente pela incredulidade ou pelo medo — sendo cautelosos demais para não permitir que o falso assuma o controle. Tal atitude, no entanto, tristemente pode nos levar a passar toda a nossa vida sendo governados pela cautela e sem ver a glória de Deus abertamente revelada.

O Espírito Santo pode, portanto, ser extinto por uma doutrina que não permite que Ele Se manifeste.

A mim me parece que os cessacionistas absorveram, sem crítica alguma, o destacado ensino de B. B. Warfield e J. Gresham Machen (1881–1937) e, assim como tantos outros, transformaram o cessacionismo em um *dogma*. Uma coisa é defender o cessacionismo como uma possível teoria, outra completamente diferente é transformá-lo em um ensino normativo ao qual uma pessoa deve aderir para ser um ministro ou para manter a sua posição na igreja.

Se você é cessacionista, estaria disposto a ir para a fogueira por causa da sua crença cessacionista?

Também, dá-me a impressão de que um dos estragos mais sérios de ser cessacionista é que pode eliminar qualquer expectativa de que Deus atue poderosamente em nosso coração e em nossa vida. A pessoa pode conformar-se com seu mero entendimento intelectual do Evangelho. A consequência disso é que sequer consideraríamos — muito menos esperaríamos — que Deus manifestasse o Seu poder em nossas vidas. Como veremos no capítulo 10 — "O batismo com o Espírito Santo" —, o cessacionismo é coerente com a perspectiva de que todos os cristãos são batizados com o Espírito Santo na conversão. Ao

adotar essa postura, tal cristão nunca espera receber *mais* de Deus depois do momento da sua salvação.

O Dr. Michael Eaton também destaca que há outras áreas em que o ensino cessacionista, tem afetado, e uma delas é *missões*. Até à época de William Carey (1761–1834), muitos cristãos criam que a Grande Comissão — "vão e façam discípulos de todas as nações" (Mt 28.19) — foi somente para a primeira geração dos apóstolos. Esse foi um tipo de cessacionismo que retardou o movimento missionário. Carey expôs o seu caso para alcançar os não crentes do mundo inteiro durante uma reunião ministerial em Northampton, na Inglaterra, em 1786. As famosas palavras de um moderador a Carey foram: "Sente-se, jovem! Quando Deus se agradar de converter os pagãos, Ele o fará sem a sua ajuda ou a minha".[2] Embora o moderador fosse regido, principalmente pela sua própria doutrina sobre a eleição, havia também a tradição, naqueles dias, de que a Grande Comissão não era mais relevante. Carey, portanto, precisou vencer um tipo bastante diferente de cessacionismo, mas assombrosamente, no final, teve êxito. Dito isso, os cessacionistas reformados de hoje, em sua maioria, não acreditam mais que a Grande Comissão estava limitada ao primeiro século. E isso nos mostra que eles podem mudar.

Embora exista mais de um tipo de cessacionismo, conforme veremos mais adiante, alguns cessacionistas sustentam a ideia de que Paulo predisse o cessacionismo quando declarou que as profecias desapareceriam, as línguas cessariam, o conhecimento passaria e que aquilo que era "perfeito" viria (1 Co 13.8–10). Algumas pessoas interpretam o "perfeito" como sendo a Bíblia — quando a Igreja finalmente entrou em acordo sobre o cânon final

das Escrituras. Embora eu também concorde que a Bíblia é perfeita, não foi a isso que Paulo se referiu em 1 Coríntios 13. Ainda que se possa discutir que a palavra "perfeito" aqui se refira a quando estivermos no céu, Paulo seguramente se referia ao "amor perfeito", que o meu livro *Just Love* (Só amor), uma exposição de cada versículo de 1 Coríntios 13 mostra.[3]

Alguns cessacionistas se baseiam no que João declarou no final do livro de Apocalipse — o último livro da Bíblia. Ele deu um solene aviso: "Se alguém tirar alguma palavra deste livro de profecia, Deus tirará dele a sua parte na árvore da vida e na cidade santa, que são descritas neste livro" (Ap 22.19). Como é o último livro na formação do cânon bíblico, eles tomam as palavras "deste livro" para referirem-se a toda a Bíblia, embora João, seguramente, estava se referindo ao próprio livro de Apocalipse, que não devemos acrescentar, nem tirar nada dele.

Alguns cessacionistas também citam Hebreus 2.4, onde Deus "testificou" da nossa grande salvação por meio de sinais, prodígios e vários milagres — como se os milagres fossem somente algo do passado. É muito difícil que essa pudesse ser a posição do escritor da epístola aos Hebreus, uma vez que ele encoraja as pessoas a entrarem na plena segurança e a experimentar Deus diretamente, fazendo-lhes um juramento (Hb 4.1; 6.9–20).

O Dr. Martyn Lloyd-Jones costumava dizer sempre: "A Bíblia não foi dada para substituir o milagroso, mas para corrigir abusos".

Tais abusos, às vezes, surgem nos contextos de visões, sonhos e de perceber uma palavra direta do Espírito Santo. Eu mesmo tenho experimentado visões, sonhos e palavras diretas que creio que provenham do Senhor. Quanto aos sonhos, é um tema vasto,

que merece um tratamento separado, porém cobri-lo está acima do nível de minha competência. Já em relação às palavras diretas de Deus, eu posso dizer que já me ocorreu provavelmente, umas cinco ou seis vezes. O Dr. Lloyd-Jones me contou o que o levou a escrever o seu livro *Spiritual Depression* ("Depressão Espiritual"). Na manhã do domingo em que ele havia planejado começar as suas exposições sobre a Carta aos Efésios, o Espírito Santo falou a ele de maneira direta, enquanto se vestia para o encontro da Igreja. "Quando levantei os meus suspensórios acima dos ombros, de repente me disseram: 'Você não deve começar os seus sermões sobre Efésios. Você deve falar durante as semanas seguintes sobre a depressão espiritual'." Ele me disse que se apressou para ir ao escritório e pegar papel e caneta e escreveu os títulos de cada pregação o mais rápido que podia, conforme lhes eram dados em ordem cronológica. O seu livro *Spiritual Depression* — possivelmente o meu favorito de todos os seus livros — foi publicado anos antes da sua série sobre Efésios e foi uma bênção para milhares de pessoas.

Em suma: a perspectiva cessacionista não é apenas fraca; mas também não tem justificativa bíblica para defender esse ensino. Não há nenhum mandato nas Escrituras que defenda o que é, na melhor das hipóteses, um ensino meramente especulativo. Estas pessoas, cessacionistas, estão apostando tudo, supondo que estão certos acerca da maneira em que veem o milagroso hoje. Às vezes, temo que eles estejam sendo muito levianos ao apostar que é correta essa visão de que Deus não opera mais milagres. Para mim isso é muito grave — e é uma posição muito precária onde se situar, pois exclui categoricamente qualquer possibilidade de

Deus manifestar Sua glória com sinais e maravilhas hoje, excluindo, assim, uma grande parte da Bíblia para a atualidade. Considere o quanto a Bíblia tem a dizer com respeito ao poder de Deus. Curas, sinais e maravilhas. Revelação de verdade através do Espírito Santo. Considere o que sobra nas Sagradas Escrituras, se descartarmos o miraculoso ou os dons do Espírito Santo. Faça o teste: tome uma tesoura e corte todos os versículos referentes a curas, ao poder milagroso e os dons espirituais do Novo Testamento. Veja o que sobra — uma Bíblia feita em tiras, farrapos.

Tome, por exemplo, um novo convertido. Ele ou ela supõem que a Bíblia é verdade, caso contrário essa pessoa não teria recebido Cristo como seu Senhor e Salvador. Essa pessoa assume que se pode crer na Bíblia inteira. Quando uma pessoa se converte e recebe uma Bíblia para começar a lê-la, ela supõe que o Deus da Bíblia é o mesmo Deus que temos hoje; que Jesus Cristo é verdadeiramente o mesmo ontem, hoje e para sempre (Hb 13.8). A menos que o pastor se apresse e diga rapidamente: "Ah, a propósito: quando começar a ler o Novo Testamento, especialmente os quatro evangelhos, o livro de Atos dos Apóstolos e grande parte de 1 Coríntios — não comece a pensar que aquelas coisas descritas ali podem acontecer atualmente", o nascido de novo assumirá que a Bíblia é para ser crida e praticada. Que decepção, possivelmente desilusão, quando dizem ao novo crente: "Não espere ver ninguém ser curado. Ignore aquela parte de 1 Coríntios que fala acerca dos dons do Espírito. Essa parte da Bíblia só foi relevante há dois mil anos. Também não ande por aí ungindo as pessoas com óleo. Tudo isso acabou".

Felizmente, a perspectiva cessacionista não chegou ao chamado Terceiro Mundo antes que o Evangelho alcançasse a América Latina, América do Sul, África ou Indonésia. Ou Singapura, Malásia e China. O cristianismo invadiu esses países com uma explosão extraordinária de poder nas décadas recentes. Praticamente todos eles são carismáticos ou pentecostais e praticam os dons do Espírito Santo sem obstáculos. Devemos pensar que é fogo estranho que brotou nessas nações? É ou não é fogo santo?

O DEUS QUE OCULTA A SUA FACE

O ponto de vista cessacionista tem, basicamente, um propósito: explicar por que não acontecem milagres. Por certo, tem-se como fato que os milagres nem sempre acontecem. Eles não ocorreram sempre, nem mesmo durante a era apostólica. Paulo disse a Timóteo para não beber água, mas sim um pouco de vinho para seu estômago, devido às suas frequentes enfermidades (1 Tm 5.23). Por que Paulo não orou para que ele se restabelecesse ou pediu ao próprio Timóteo para orar pedindo a sua cura? Paulo disse que deixou Trófimo "doente" em Mileto (2 Tm 4.20). Por quê? Isso foi durante o tempo em que os milagres não haviam *cessado*. É sabido que houve uma *aparente* diminuição de poder e milagres antes dos tempos de Agostinho e de Atanásio. Por quê?

Posso tentar dar uma resposta da razão por que Deus nem sempre cura e por que Ele pode manifestar o Seu poder durante uma geração e pular a próxima. É porque uma das prerrogativas

soberanas de Deus é ocultar a Sua face. “Verdadeiramente tu és um Deus que se esconde, ó Deus e Salvador de Israel” (Is 45.15). (Na Nova Bíblia Viva [NBV], que é uma nova tradução, está: *De fato, ó Deus de Israel, ó Salvador, o Senhor cumpre os seus planos de maneiras misteriosas*). Ele disse que teria misericórdia de quem quisesse ter misericórdia (Rm 9.15). Jesus, quase que com certeza, passou várias vezes pela porta do templo chamada Formosa, diante da qual era colocado um homem paralítico de nascimento. Jesus passou por ali provavelmente dezenas de vezes. O mesmo ocorreu com os discípulos após o Pentecostes. Porém, certo dia, de repente, Pedro e João disseram ao homem paralítico: “Olhe para nós”, e ele foi curado instantaneamente (Atos 3.1–8).

O que teria acontecido se, durante centenas de anos, não tivessem existido grandes pensadores como Agostinho ou Atanásio? Nós nos veríamos obrigados a dizer: “Deus não mais usa grandes intelectos?” Esse é o princípio no qual o cessacionismo está baseado: Como **ocorreram tão poucos milagres após o cânon das Escrituras ter se completado, algumas** pessoas concluíram que não necessitamos mais dos milagres porque já temos a Bíblia completa. Da mesma forma, seguindo esse raciocínio, não precisaríamos mais das mentes brilhantes tampouco! Nós, contudo, necessitamos deles, e devemos agradecer ao Senhor quando Ele levanta pessoas como Atanásio, ou Jonathan Edwards. Os cessacionistas construíram uma doutrina para justificar a ausência de milagres, insinuando, até mesmo, que nunca foi intenção de Deus que os sinais, maravilhas e milagres se estendessem para além de um determinado período. Como consequência desse ensino, os cessacionistas se sentem

muitas vezes forçados a negar qualquer coisa que pareça com o sobrenatural. Sei de alguns que estão tão na defensiva por seu cessacionismo, que decidem chamar de demoníaco qualquer manifestação sobrenatural! Isso é algo que eles já admitiram a mim. Muitos reconhecem, sem nenhuma dificuldade, as manifestações demoníacas, mas não as manifestações do Espírito Santo! *Se forem milagrosas ou sobrenaturais, devem ser de Satanás, porque Deus não faz milagres hoje*, afirmam! Estou certo de que deve haver exceções, mas os cessacionistas que eu conheço sequer acreditam que a Igreja pode expulsar demônios, pois isso seria um milagre. Em suma: o diabo tem poder e tem liberdade para demonstrá-lo; mas a Igreja, não. Deus, proposital e estrategicamente algemou as mãos dos Seus servos, para que eles não orem pelos enfermos, não expulsem demônios ou ouçam uma palavra diretamente do Espírito Santo.

Eu jamais me esquecerei de quando o Dr. Martyn Lloyd-Jones tratou este assunto na comunidade Westminster. Aquela igreja tinha o costume de se reunir na primeira segunda-feira de cada mês na capela Westminster para abordar uma questão que um dos ministros propunha. Em uma dessas reuniões, a questão levantada foi o cessacionismo. Estavam presentes alguns que sustentam isso. Uns haviam sido influenciados por B. B. Warfield, o famoso teólogo da Universidade de Princeton, e por J. Greshman Machen, o principal fundador da Igreja Presbiteriana Ortodoxa. Eram grandes homens. Eu agradeço a Deus por suas vidas. Eles foram chamados a serem fortes crentes das Sagradas Escrituras e a lutar contra os erros que existiam em seus dias. Warfield havia observado o extremismo e a superficialidade na última parte do

ministério de Charles Finney (1792–1875), e Warfield sentiu a obrigação de produzir um ensino para combater a propagação do fanatismo. O Dr. Lloyd-Jones, contudo, não concordava com esses grandes homens quando se tratava da questão do cessacionismo. “Eu devo crer”, disse o Dr. Lloyd-Jones, naquela manhã, “que as possessões demoníacas ainda existem e nós não podemos agir contra elas?”

MAIS DE UM TIPO DE CESSACIONISTAS

Alguns cessacionistas creem que Deus ordenou a ação miraculosa só para uma geração (a corrente mais forte), enquanto outros acreditam que a era se estendeu até os dias de Constantino. Alguns cessacionistas acreditam que os milagres cessaram com a Igreja estabelecida (como no Ocidente), mas que Deus pode operar milagres em áreas que ainda não foram evangelizadas (como em regiões subdesenvolvidas, por exemplo) para autenticar o Evangelho. Há indicações deste ponto de vista em Martinho Lutero e João Calvino. Também há outros cessacionistas que acreditam que Deus pode operar através da Providência sobrenatural e dar uma direção ou orientação milagrosa. Alguns, inclusive poderiam permitir a existência de algumas curas ocasionais, desde que elas não sugiram uma nova revelação.

O Dr. Martyn Lloyd-Jones gostava de falar sobre o relato, bem-documentado, do genro de John Knox (1514 — 1572), que foi ressuscitado da morte! Ninguém parecia contestar esse

acontecimento naquele tempo. Para saber mais sobre o assunto, leia *Surprised by the Power of the Spirit*[4] (*Surpreendido pelo Poder do Espírito*, publicado em português pela CPAD), de Jack Deere.

Há muitos líderes de igrejas que estão abertos ao Espírito Santo e já tiveram um gostinho dos dons espirituais. Há um número cada vez maior de pastores desse tipo. Eles desejam ver a Palavra e o Espírito operando juntos. E há, em contrapartida, líderes tão cautelosos, que tendem a rejeitar praticamente qualquer mover do Espírito que venha a acontecer. Esses, na verdade, estão abertos ao sobrenatural e miraculoso apenas teoricamente — pois mantêm os cintos de segurança firmemente presos! Eu compreendo. Não os critico, apenas temo que, em sua cautela, talvez (apenas talvez), apaguem, extingam, inadvertida ou involuntariamente, o Espírito Santo, e, portanto, percam tudo que Deus pode fazer atualmente. O meu velho amigo, Rolfe Barnard, referia-se constantemente a Jonathan Edwards, que nos ensinou que a tarefa de cada geração é descobrir em que direção o Redentor Soberano está se movendo, para, então, mover-se nessa direção. Como podemos descobrir em que direção o Redentor Soberano está se movendo? Eu creio que é necessário que sejamos vulneráveis ao Espírito e deixemos de nos preocupar com o que os outros pensarão de nós. Eu o encorajaria a jogar a sua cautela, nesse caso, ao vento e a se tornar mais vulnerável.

Não há porque perder as bênçãos do Espírito Santo por causa de nossos medos. As pessoas reformadas dos dias atuais costumam aplaudir o ministério e o êxito de alguém como George Whitefield (1714–1770) — a quem Deus usou poderosamente na Inglaterra e na Nova Inglaterra. Mas eu me pergunto o que teriam pensado

se estivessem vivos naquela época e visto alguns dos resultados das suas pregações — quando as pessoas riam, choravam, gritavam e ladravam como cães! Muitos cessacionistas dos dias de hoje teriam denominado o ministério de George Whitefield como *fogo estranho*.

John Wesley (1703–1791) criticou Whitefield ferozmente por ele ter permitido fanatismo na reação das pessoas enquanto pregava. Whitefield reconheceu que nem tudo o que ocorria sob o seu ministério era de Deus; e que algumas coisas eram nascidas da carne, sem dúvida. "Expulse, então, tudo o que provém da carne, tudo o que é falso", disse Wesley.

"Porém", dizia Whitefield, "se acabares com a carne, acabarás também, com o que é real" (Nota do Editor: "Não podemos jogar fora o bebê junto com a água do banho"). Você tem que deixar fluir o que ocorrer. É parte do estigma dos verdadeiros avivamentos. Nada nessa vida é perfeito. Em outras palavras, quando Deus vem em poder, devemos *esperar* ver coisas que nos surpreendam ou nos envergonhem. Porém, não devemos deixar que isso nos impeça de dar boas-vindas ao Espírito Santo com os braços abertos — mesmo que o diabo também esteja envolvido. Espere que isso aconteça. Os avivamentos simplesmente não chegam em um pacote bonito e impecavelmente arrumado.

A decisão pública mais corajosa que já tomei foi a de convidar Arthur Blessitt (que carrega uma cruz ao redor do mundo — ele é o dono do recorde do Guinness Book da caminhada mais longa), para pregar na Capela Westminster, nos meses de abril e maio de 1982. Foi a melhor decisão que tomei em meus vinte e cinco anos de ministério ali. Porém, o meu coração se contraiu uma e outra

vez durante aquelas semanas. Antes de aceitar o meu convite para estar conosco durante todo o mês de maio, ele perguntou: “Você irá me tolher ou deixará que eu seja eu mesmo? ”

Eu, então, respondi: “Prometo que deixarei você ser você mesmo!” Eu cumpri a minha palavra e ele realmente ficou à vontade! Morri mil vezes ao ver as coisas tão incomuns que aconteceram e fui pessoalmente confrontado com duras lições de obediência. Foi o cenário do que aconteceu entre Wesley e Whitefield, descrito anteriormente, o que ocorreu durante aquelas semanas. Quase perdi o meu trabalho por tê-lo ali, mas nunca lamentei. Tal experiência me abriu a porta para recordar-me que a minha reputação não era tão importante e me ajudou a entrar de corpo e alma para o que Deus quer fazer.

Nós, finalmente, também nos abrimos ao tipo profético de ministério. Isso era totalmente novo para todos nós. Embora eu tenha, mais tarde, decepcionado-me com a conduta da vida pessoal de alguns, nós como igreja, melhoramos ao convidar pessoas desse tipo. Também começamos a oferecer para ungir com óleo e a convidar as pessoas a virem à frente para orar por elas, caso não estivessem bem. (Veja Tiago 5.14–16). No início, havia pouca indicação se alguém tinha sido curado ou não. Então, em certo dia, recebi uma carta de um homem da Escócia, dizendo que dois anos antes, quando esteve em Londres, foi à Capela Westminster. Ele nunca havia estado em uma igreja onde oferecesse unção com óleo, então ele resolveu ir à frente, já que ninguém ali o conhecia — o que teria a perder? Ele havia padecido de um problema de vertigem, durante vários anos, inclusive precisava se deitar por três ou quatro horas, diariamente, em uma

cama dobrável que guardava em seu local de trabalho. Quando retornou a Glasgow, na segunda-feira seguinte, ele percebeu que não estava mais com nenhuma tontura durante o dia. Nem no dia seguinte. Nem na outra semana. Seis semanas depois, ele tirou a cama que guardava em seu escritório e nunca mais precisou dela. Ele esperou dois anos para me contar isso!

Lentamente, começamos a ouvir outros testemunhos de pessoas que haviam sido curadas. Em um domingo à noite, uma senhora do Chile veio até mim e disse, com seu inglês limitado: "Ore pelo meu marido. Na semana passada você me curou, agora cure ele".

Eu respondi: "O quê? Eu curei você?"

"Sim, eu fui mordida por uma serpente há muitos anos no Chile. A minha perna direita ficou muito inchada — muitíssimo. Você orou por mim no domingo passado à noite. Na segunda feira de manhã, a minha perna estava do mesmo tamanho da outra. Sem médico. Sem medicamento. Agora, cure o meu marido."

Eu, então, perguntei a ele: "Qual é o seu problema?"

"Eu não consigo dormir", ele respondeu. "Eu não tenho uma noite inteira de sono há vinte e cinco anos. Os espíritos ficam me chutando para fora da cama." (Nós descobrimos mais tarde que a mãe dele era bruxa).

Chamei um diácono para se unir a mim enquanto iríamos ungi-lo com óleo. Suponho que algumas pessoas me aconselhariam a expulsar o demônio. Nós, no entanto, o ungimos com óleo. No domingo seguinte, ele voltou para dizer: "Eu dormi três noites inteiras nessa semana, pela primeira vez, em vinte e cinco anos. Poderia orar outra vez?" Nós oramos por ele mais uma vez. Na semana seguinte, ele disse que dormiu "como um bebê" todos os

dias. Ele ainda estava dormindo como um bebê até o dia em que eu me aposentei.

Se eu não tivesse corrido certos riscos em 1982, provavelmente teria continuado esperando indefinidamente que Deus Se movesse com Seu poder para chacoalhar todas as pessoas em nossa congregação. Estou muito contente por não termos esperado esse tempo todo. Jesus disse que quem é fiel no pouco, também é fiel no muito (Lc 16.10).

Os membros da Westminster Chapel se lembram muito bem de uma tosse grave que minha esposa, Louise, teve. Durou quase três anos. Foi horrível. Ela dormia em outro quarto cinco dias da semana, para que eu pudesse dormir um pouco. Esperávamos que o ar limpo da Flórida resolvesse o problema, quando fomos para lá em nossas férias de verão. Mas não resolveu. O nosso médico local finalmente a encaminhou ao Brompton Hospital (especialista em coração e pulmão), em Londres. Não adiantou coisa alguma. Certa vez Louise foi parar na emergência do St. Thomas Hospital, em Londres, com um problema em um olho que havia sido causado pela tosse. O oftalmologista disse que se ela não parasse de tossir, acabaria com um descolamento de retina. Foram dias terríveis. Preocupava-me que talvez tivesse que deixar o meu ministério e retornar para os Estados Unidos.

Havíamos orado por Louise muitas vezes. Porém, um homem que eu mal conhecia se ofereceu para orar por ela. Ele e a sua esposa foram amavelmente à Capela Westminster em uma manhã de sábado para orar por ela. Louise havia passado quase a noite inteira acordada devido à tosse, mas disse: “Eu quero que aquele homem ore por mim”. Ela mal conseguia se manter acordada, mas

conseguiu se arrumar para ir à igreja. Não houve nenhum tipo de publicidade, nem adoração ou alerta dizendo: “Você tem que crer”. Nada disso. Ele e a esposa somente oraram por ela durante cerca de cinco minutos, impondo as mãos sobre ela (e orando em línguas). Isto foi tudo.

Louise foi curada instantaneamente. Isso aconteceu em dezembro de 1994. Foi a sua cura que nos facilitou prosseguir em nossa insistência pelas coisas do Espírito na Capela de Westminster. Todos sabiam que havia sido algo genuíno. Aquela tosse horrível nunca mais voltou e a sua visão está ótima. Mais do que isso, aquele acontecimento mudou a própria vida de oração de Louise. Ela passou a desejar passar cada vez mais tempo com o Senhor e com a Sua Palavra — uma hora ou mais por dia, sempre que podia.

A notícia do ocorrido se espalhou por muitos lugares. Uma médica cujo marido era o curador de uma proeminente igreja anglicana se aproximou de mim, em uma recepção, para perguntar sobre Louise. Depois que contei o ocorrido, ela olhou para mim, entre lágrimas, e disse: “Eu daria qualquer coisa no mundo para que esse tipo de coisa acontecesse comigo”. Isso me surpreendeu, e ao mesmo tempo não deveria ter-me surpreendido.

O que é considerado “ala lunática”, no cristianismo dos Estados Unidos, é praticamente o normal na Grã-Bretanha. Dois destacados arcebispos de Canterbury, nos últimos anos, eram considerados carismáticos. E, na maioria das vezes, é a classe alta da sociedade da Inglaterra que tem estado mais aberta à obra imediata do Espírito Santo.

Ainda assim, nós recebemos a carta de um médico de Yorkshire, alguns meses após a cura de Louise, dizendo que queria que soubéssemos que o que havia acontecido com ela foi inteiramente psicossomático — que tinha sido o poder da sugestão da mente que havia causado a sua cura! Louise estava quase entrando em estado de coma na manhã em que foi curada. Ela mal estava acordada e apenas ficou sentada enquanto aquele casal orava por ela. "Eu não tinha fé alguma", Louise disse diversas vezes. E, quanto ao porquê de ela não ter sido curada através do nosso próprio ministério semanal de unção com óleo, eu não faço a menor ideia. Talvez tenha sido para abrir a nossa congregação para pessoas com perspectivas mais amplas, em vez de manter a sua mentalidade fechada. Mas nós nunca olhamos para trás, recordamos somente para sempre agradecermos a Deus pelo que Ele fez por nós.

Cito mais uma vez Rolfe Barnard, legendário evangelista reformado, o qual ministrou por todos os EUA, que costumava dizer: "Um dia desses aparecerá alguém que pegará uma Bíblia e crerá nela — e assim, envergonhando a todos nós".

O Dr. Martyn Lloyd-Jones costumava dizer sempre: "A Bíblia não foi dada para substituir o milagroso, mas para corrigir abusos".

A menos que o pastor se apresse e diga rapidamente: "Ah, a propósito: quando começar a ler o Novo Testamento, especialmente os quatro evangelhos, o livro de Atos dos Apóstolos e grande parte de 1 Coríntios — não comece a pensar que aquelas coisas descritas ali podem acontecer

atualmente", o nascido de novo assumirá que a Bíblia é para ser crida e praticada.

"Eu devo crer", disse o Dr. Lloyd-Jones, naquela manhã, "que as possessões demoníacas ainda existem e nós não podemos agir contra elas?"

Capítulo 10

O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO

_

Pois João batizou com água, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo. Então os que estavam reunidos lhe perguntaram: Senhor, é neste tempo que vais restaurar o reino a Israel? Ele lhes respondeu: Não lhes compete saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade. Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra.

— Atos 1.5-8

Se agimos apenas de acordo com as nossas capacidades, nós recebemos a glória; se agimos de acordo com o poder do Espírito que habita em nós, Deus recebe a glória.[1]

— Henry T. Blackaby

O ensino no Novo Testamente a respeito do batismo com o Espírito Santo tem sido sempre imerso em controvérsias, principalmente durante o último século. Para começar, devemos chamar batismo *no* Espírito Santo, *pelo* Espírito, ou *com o* Espírito Santo? E deveríamos falar do batismo *do* Espírito Santo? A minha

opinião é que isso não é problema. As controversas históricas, na maioria das vezes, giram em torno de termos que podem causar divisões desnecessárias. A primeira referência, no Novo Testamento ao batismo com o Espírito Santo é a de João, o Batista, que contrasta o seu batismo na água com o batismo de Jesus com o Espírito e com fogo: "Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Mt 3.11; Lc 3.16). O relato de Marcos (Mc 1.8) omite "com fogo". João, o Batista, também disse: "Aquele sobre quem você vir o Espírito descer [como pomba] e permanecer, esse é o que batiza com o Espírito Santo" (Jo 1.33). Embora o evangelho de João seja o que mais tem a dizer sobre o Espírito Santo, as palavras de João, o Batista, são a única referência explícita a ser batizado com o Espírito no quarto evangelho. A referência seguinte ao batismo com o Espírito Santo é quando Lucas cita Jesus justamente momentos antes de Sua ascensão ao Céu: "Pois João batizou com água, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo" (At 1.5).

Quando Jesus pediu a João o Batista que o batizasse, João tentou dissuadir o Senhor: "Eu preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim? Respondeu Jesus: 'Deixe assim por enquanto; convém que assim façamos, para cumprir toda a justiça'" (Mt 3.14–15). João consentiu. Assim que Jesus foi batizado, "os céus se abriram, e ele viu o Espírito de Deus descendo como pomba e pousando sobre ele" (v.16). Foi nesse momento que o próprio Jesus recebeu o Espírito Santo sem medida (Jo 3.34) e Se tornou totalmente consciente de quem Ele era. "Então uma voz dos céus disse: 'Este é o meu Filho amado, em quem me agrado" (Mt 3.17).

Essas referências mostram que o batismo com o Espírito Santo é algo que Jesus faz no céu, onde Ele está assentado à destra de Deus. A experiência de pessoas sendo batizadas com o Espírito Santo é óbvia em, pelo menos, cinco passagens do livro de Atos:

1. "Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava" (At 2.4);
2. "Então Pedro e João lhes impuseram as mãos, e eles receberam o Espírito Santo" (At 8.17);
3. "Então Ananias foi, entrou na casa, impôs as mãos sobre Saulo e disse: 'Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que lhe apareceu no caminho por onde você vinha, enviou-me para que você volte a ver e seja cheio do Espírito Santo'. Imediatamente, algo como escamas caiu dos olhos de Saulo e ele passou a ver novamente" (At 9.17–18);
4. "Enquanto Pedro ainda estava falando estas palavras, o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a mensagem" (At 10.44). Nós podemos entender isso como o batismo com o Espírito Santo, porque Pedro, ao lembrar esse acontecimento aos outros discípulos, disse: "Então me lembrei do que o Senhor tinha dito: 'João batizou com água, mas vocês serão batizados com o Espírito Santo'" (At 11.16);
5. "Quando Paulo lhes impôs as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e começaram a falar em línguas e a profetizar" (At 19.6).

Embora essas referências citadas indiquem um batismo *inicial* com o Espírito Santo, poder-se-ia argumentar que o mesmo fenômeno poderia acontecer com as mesmas pessoas novamente:

“Pedro, cheio do Espírito Santo, disse-lhes...” (At 4.8). Ainda que esse versículo possa muito bem ser usado para descrever Pedro naqueles dias, alguns eruditos creem que Pedro recebeu um enchimento fresco do Espírito, de uma maneira nova, naquele momento, enquanto ele se dirigia às autoridades e aos mestres da Lei. Se for assim, isso também aconteceu com Paulo: “Então Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, olhou firmemente para Elimas...” (At 13.9). Além disso, depois de uma grande reunião de oração em que o lugar “tremeu”, os discípulos “ficaram cheios do Espírito Santo e anunciavam corajosamente a Palavra de Deus” (At 4.31). Esses foram, possivelmente, batismos frescos com o Espírito, mesmo que o fenômeno pentecostal do vento e do fogo não tenha se repetido.

Jesus também usou o termo *batismo* de uma maneira totalmente diferente. Ele perguntou aos discípulos: “Podem vocês beber o cálice que eu estou bebendo ou ser batizados com o batismo com que estou sendo batizado?” Seus imaturos discípulos responderam apressadamente: “Sim. Podemos” (Mc 10.38–39). Eles não sabiam o que estavam dizendo. Jesus estava falando sobre uma prova que não estava longe de acontecer — quando Ele beberia o cálice que o Pai havia preparado para Ele. Depois Ele orou no Getsêmani: “Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice” (Mt 26.39). Jesus estava falando de um batismo de sofrimento incalculável, que traria dor física, rejeição, injustiça e a pior agonia possível — a da cruz. “Mas tenho que passar por um batismo, e como estou angustiado até que ele se realize!” (Lc 12.50).

A palavra *batizar* significa, tecnicamente, "ser imerso ou encharcado". Ao mesmo tempo, a Bíblia diz, também, que o Espírito *cai* ou *desce* sobre as pessoas (At 8.16; 10.44). Os discípulos deveriam ser revestidos "do poder do alto" (Lc 24.49), o que significa que o Espírito desce do céu. Algumas pessoas insistem que o batismo com o Espírito é uma experiência inicial e única, ou seja, que ocorre uma só vez e para sempre; outros (como o Dr. Martyn Lloyd-Jones) creem que pode ocorrer outra e outra vez. A mim me parece que não há algo que proíba que o Espírito Santo caia sobre uma pessoa repetidas vezes, independentemente de ela já ter sido batizada, ou encharcada, com o Espírito Santo.

Há, pelo menos, dois movimentos que surgiram no início do século XX que usavam frequentemente o termo *batismo com o Espírito Santo*. O mais conhecido é o que surgiu principalmente, da Azusa Street Mission, em Los Angeles, na Califórnia, em 1906. O Espírito Santo caiu sobre esse grupo com grande poder, e falar em línguas tornou-se proeminente. O pentecostalismo clássico deve a sua existência às reuniões da Rua Azusa. O batismo com o Espírito Santo tornou-se, então, sinônimo de falar em línguas. O segundo movimento foi o Primeiro Movimento de Santidade, que deu lugar ao nascimento da igreja do Nazareno, em 1908. Enraizados no perfeccionismo wesleyano, a Igreja do Nazareno ensinava que o batismo com o Espírito Santo estava ligado à sua doutrina da santificação completa. Os nazarenos ensinavam que a santificação era uma experiência que deveria ser recebida, mas que não tinha absolutamente nada a ver com o falar em línguas. Realmente, até o seu nome original, Igreja Pentecostal do Nazareno foi mudado para apenas Igreja do Nazareno, porque eles queriam ter certeza

de que ninguém os confundiria com o "Movimento de Línguas", como ele era chamado.

Há, portanto, pelo menos, três visões com respeito ao batismo com o Espírito Santo. Primeiro, é a prevalecente perspectiva evangélica conservadora que argumenta que o batismo com o Espírito Santo é um acontecimento inconsciente que todo crente tem no momento da conversão. Essa seria também a perspectiva reformada quanto ao batismo com o Espírito. O apoio bíblico usado por muitos para essa corrente, como defendia o falecido Dr. John R. W. Stott (1921–2011), baseia-se, quase completamente, em 1 Coríntios 12.13: *"Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito".* Para os evangélicos conservadores, esse versículo é definitivo, claro e final. O batismo com o Espírito faz parte do pacote que a pessoa herda quando se converte, é regenerada ou recebe a fé salvadora. Em Cristo, "vocês foram enriquecidos em tudo". Portanto, "não lhes falta nenhum dom espiritual, enquanto vocês aguardam que o nosso Senhor Jesus Cristo seja revelado" (1 Co 1.5,7). Alguns diriam que isso ocorre no batismo com água. Outros ensinam que a fé salvadora significa que pessoa foi batizada com o Espírito Santo. De qualquer forma, segundo a maioria dos evangélicos conservadores, todos os cristãos foram batizados com o Espírito Santo. Para eles qualquer menção de que *também* deveriam receber o batismo com o Espírito Santo, não é considerada, já que isso seria redundante. Estas pessoas aprenderam e ensinam que "se recebe tudo" na conversão. Nem todos aqueles que ensinam que todos os cristãos são batizados

com o Espírito Santo no momento da conversão são cessacionistas; mas todos os cessacionistas, certamente, creem que o batismo com o Espírito se recebe na conversão.

Já fiz referência às duas outras correntes, a saber, a visão pentecostal de que o batismo com o Espírito Santo é caracterizado pelo falar em línguas; e a corrente da Santidade (Wesleyana), a qual inclui o Exército da Salvação, de que o batismo com o Espírito Santo é a santificação total, mas que não tem nada a ver com as línguas. Para os nazarenos, aquele entendimento quanto ao batismo com o Espírito Santo se tornou a norma, padrão, desde 1928 até a década de 1970, quando vários eruditos argumentaram que o próprio John Wesley não cria nisso. Ao que parece, portanto, os nazarenos estavam se afastando de sua postura tradicional de que a santificação era uma experiência do batismo com o Espírito Santo. De qualquer forma, tanto a perspectiva pentecostal, quanto a nazarena tradicional têm em comum a crença de que o batismo com o Espírito é (1) consciente e (2) posterior ao novo nascimento.

O SIGNIFICADO DE 1 CORÍNTIOS 12.13

O que significa, então, 1 Coríntios 12.13 quando diz: "Todos fomos batizados em um só Espírito"? Eu respondo: ser batizado pelo Espírito em 1 Coríntios 12.13 certamente (1) se refere à conversão inicial da pessoa; (2) descreve a cada crente; (3) é o que ocorre objetivamente, a cada cristão; (4) é inconsciente; (5) é

um acontecimento, não uma experiência. Há muitas referências ao batismo com água, mostrando que este é o primeiro ato de obediência de uma pessoa após ter crido (At 2.41; 8.12–13; 16.33; 9.18; 19.3–4,5; 22.16; 1 Co 1.13–16). Paulo, portanto, pode estar se referindo, indiretamente, ao batismo deles na água, e mostrando que o Espírito *também* imerge ou encharca todo aquele que crê. Seja como for, Paulo está dizendo que todos os cristãos têm o Espírito Santo, como está em Romanos 8.9: "E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo". Sem dúvida, todos os que creram e foram batizados com água, receberam o Espírito Santo, pois creram e se arrependeram primeiro.

Contudo, superpor o uso que Lucas faz do batismo com o Espírito Santo (no livro de Atos), a I Coríntios 12.13, e afirmar que todos os cristãos automaticamente experimentam o mesmo que a Igreja primitiva experimentou é *incongruente*, impróprio. Paulo não está dizendo que todos os cristãos recebem o batismo com o Espírito Santo na conversão (como descreve Lucas no livro de Atos). Certamente não. Primeira Coríntios 12.13 não está descrevendo uma experiência; o texto se refere a um acontecimento objetivo e inconsciente. Não é, portanto, uma referência ao batismo com o Espírito, como descreve o livro de Atos. Tampouco é um versículo que diz que você *recebe tudo* no momento da conversão. E, para aqueles que afirmam que 1 Coríntios 12.13 mostra que você *recebe tudo* no momento da conversão e se apoiam em 1 Coríntios 1.7 ("não lhes falta nenhum dom espiritual") para argumentar, eu pergunto: Por que, então,

Paulo insiste com os coríntios, na mesma carta, a desejar os melhores dons espirituais (1 Co 12.31)?

É, sem dúvida, um fato *aceito* que os discípulos foram regenerados antes da vinda do Espírito no Dia de Pentecostes. Jesus afirmou que eles estavam "limpos". "Vocês estão limpos, mas nem todos" (Jo 13.10). Na última parte dessa afirmação, Jesus está se referindo a Judas Iscariotes, que O trairia. Ele repete: "Vocês já estão limpos, pela palavra que lhes tenho falado" (Jo 15.3). No Cenáculo, no dia de Sua ressurreição, Jesus soprou sobre Seus discípulos e disse: "Recebam o Espírito Santo" (Jo 20.22–23). Estou seguramente convencido, de que algo aconteceu com aqueles homens, embora não tenha certeza do que foi. Talvez eles tenham recebido uma medida maior do Espírito e um nível mais alto de preparação para o que viria em poucos dias. Não devemos, porém, nos desviar deste versículo para debater quanto ao que houve com eles naquele momento, mas, de qualquer modo, podemos supor que os discípulos já haviam sido salvos antes de Pentecostes, independentemente da falta de entendimento preciso, naquele momento. Foi o batismo com o Espírito Santo que esclareceu tudo para eles.

Meu ponto é este: a experiência que os discípulos tiveram do batismo com o Espírito Santo, no Dia de Pentecostes, portanto, demonstra que foi algo consciente e que veio a eles depois de terem crido, ou seja, depois de se tornarem crentes.

Qual é o significado do fogo, quando diz que Jesus batizaria com o Espírito Santo e com fogo? As propriedades do fogo incluem, pelo menos, três coisas: poder, iluminação e limpeza (Veja o apêndice: Fogo.). A primeira coisa que Jesus mencionou ao prometer o Espírito foi "poder" (Lc 24.49; At 1.8). Foi esse poder que capacitou os discípulos a evangelizar com eficácia e sem medo. Em segundo lugar, o fogo também proporcionou iluminação. Foi o que permitiu aos discípulos *verem* por que Jesus havia morrido e ressuscitado da morte. O batismo com o Espírito Santo proporciona uma grande clareza em relação à garantia, ou segurança da salvação e da sã doutrina. Terceiro, o fogo limpa; o batismo com o Espírito Santo limpa o coração — purificando-o (At 15.9). O fogo não erradica a natureza pecaminosa, mas permite que o coração enfoque com mais clareza naquilo que honra e glorifica a Deus.

Por que será que alguns cristãos ficam desconfortáveis com a ideia de que talvez haja *mais* para eles depois da conversão? É algo sobre o que eles não querem pensar? Seria algo que desafiaria a sua teologia? Ou que apenas feriria o seu orgulho? Será que a ideia do batismo, ou selo com o Espírito, após a conversão, sugere, para eles, sair de sua zona de conforto? Ou eles não consideram uma possibilidade emocionante o fato de sermos capazes de experimentar o poder, a paz e a alegria provenientes do testemunho imediato do Espírito Santo?

Quando os samaritanos aceitaram e receberam a Palavra de Deus, Pedro e João foram para vê-los. Os novos discípulos daquela cidade desejavam mais. Pedro e João oraram "para que eles

recebessem o Espírito Santo, pois o Espírito ainda não havia descido sobre nenhum deles; tinham apenas sido batizados em nome do Senhor Jesus. Então, Pedro e João lhes impuseram as mãos, e eles receberam o Espírito Santo" (At 8.14–17). O contexto revela, indubitavelmente, que aquelas pessoas em Samaria — algumas das quais haviam sido curadas e outras libertas de espíritos imundos (At 8.7) —verdadeiramente haviam crido na palavra de Filipe e já estavam convertidas. Então, eles já não tinham o Espírito Santo? É claro que O tinham! Se não tivessem o Espírito, não teriam a Cristo (Rm 8.9). Ninguém pode dizer que "Jesus é Senhor" a não ser pelo Espírito Santo (1 Co 12.3). Todos eles foram batizados pelo mesmo Espírito (1 Co 12.13). Porém, eles queriam mais. O que lhes faltava? O batismo consciente com o Espírito. É isso o que significam as palavras "O Espírito ainda não havia descido sobre nenhum deles", embora eles já tivessem sido batizados (na água). Tudo isso demonstra que o batismo com o Espírito Santo é uma experiência consciente e que geralmente ocorre depois de haver crido.

Saulo de Tarso foi convertido quando estava a caminho de Damasco, entretanto Ananias recebeu o mandato para ir ao seu encontro "para que você volte a ver e seja cheio do Espírito Santo" (At 9.17–19). Este é o padrão normal dos crentes: primeiro, a regeneração ou a fé salvadora; segundo, o recebimento ou o batismo com o Espírito Santo. Resumindo: O enchimento de Paulo foi (1) posterior à sua conversão; (2) foi uma experiência consciente.

Vemos um padrão similar mais tarde, quando Paulo chegou a Éfeso. Ele encontrou ali alguns discípulos e perguntou-lhes:

“Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?” (At 19.2). Por que Paulo fez essa pergunta? Em primeiro lugar, ele estava falando acerca do batismo com o Espírito quando mencionou o fato de receber o Espírito. Afinal, se eles já haviam crido, já teriam o Espírito Santo. Não podemos crer separadamente do Espírito Santo (Jo 6.44). Paulo pôde ver que uma obra genuína de regeneração havia sido iniciada neles. Em segundo lugar, se eles tivessem “recebido” o Espírito, eles saberiam; eles se lembrariam. Receber o Espírito Santo é uma experiência consciente. Embora seja uma experiência passiva, ela é consciente. Em terceiro lugar, Paulo aceitou o fato óbvio de que eles eram verdadeiros crentes. Ele não estava questionando se eles eram crentes ou não; o que ele estava questionando era se eles haviam recebido ou não o batismo com o Espírito Santo. Paulo dá como *certo* o fato de que eles já haviam crido. Eles haviam sido regenerados. É o que João Calvino chamou de “fé implícita”: quando o seu entendimento estava limitado, porém o seu coração totalmente aberto ao que haviam ouvido. Calvino chama a fé implícita de fé verdadeira. Foi assim que ele descreveu a mulher samaritana que havia recebido Jesus totalmente, mas tinha pouco entendimento (Jo 4). Esse era exatamente o estado daquelas pessoas em Éfeso. Elas eram crentes. Elas haviam sido regeneradas, porém, tinham muito a aprender. Elas não haviam recebido o batismo com o Espírito Santo. Estavam famintas. Abertas. Desejosas. A prova disso foi quando Paulo lhes disse qual deveria ser o passo seguinte e elas aceitaram a sua palavra sem reservas. “Quando Paulo lhes impôs as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo, e começaram a falar em línguas e a profetizar” (At 19.6).

AS "LÍNGUAS" SÃO UM SINAL DO ESPÍRITO SANTO?

Isso nos leva ao assunto sobre o fato de falar em línguas ser um sinal necessário de que uma pessoa foi batizada com o Espírito Santo. Falar em línguas caracterizou os discípulos em Pentecostes (At 2.4), Cornélio (At 10.46) e os doze homens em Éfeso (At 19.6). Não é mencionado nada sobre falar em línguas quando Pedro e João oraram pelas pessoas de Samaria (At 8.17) ou quando Paulo recebeu o Espírito (At 9.18). Isso não significa, no entanto, que os samaritanos não falassem em línguas. A maioria dos pentecostais e carismáticos diria que eles falaram, mesmo quando a Palavra não afirma isso explicitamente. Também não significa que Paulo não falou em línguas quando Ananias orou por ele. Pode ser que ele tenha falado. Sabemos com certeza que depois ele falou em línguas (1 Co 14.18). A maioria dos pentecostais e carismáticos crê que o batismo com o Espírito é sempre acompanhado de falar em línguas. Segundo eles, se você não fala em línguas, então não foi cheio do Espírito Santo. Os termos *cheio do Espírito* são uma expressão que frequentemente carismáticos e pentecostais usam para as pessoas que falam em línguas.

Devo, contudo, dizer com toda a honestidade e sinceridade, que quando fui batizado com o Espírito Santo, no dia trinta e um de outubro de 1955, eu não falei em línguas. Isso ocorreu vários meses depois. Charles Carrin testifica que, no dia em que aquele presidiário orou por ele e o Espírito desceu em poder e o libertou

de todo tipo de lixo, ele não falou em línguas; ele só falou vários meses depois. Eu digo isso porque penso ser um erro dizer que as *línguas* são a prova de ter recebido o Espírito. Há cristãos sinceros que talvez não falam em línguas. Uma coisa é certa: se uma pessoa se forçar ou for forçada para falar em línguas, ela provavelmente o fará. Mas isso *é real, é autêntico*? Sempre existirá a dúvida. Às vezes é real, mas nem sempre. Creio que meus amigos pentecostais e carismáticos teriam mais influência e teriam mais êxito com os não carismáticos se os respeitassem mais, se não atacassem tanto os que não falam em línguas. Eu também conheço cristãos sinceros que tentaram falar em línguas, mas não conseguiram.

O Dr. Martyn Lloyd-Jones diz o seguinte sobre o batismo com o Espírito Santo:

Ele é consciente;

Normalmente é posterior à pessoa ter crido;

É a mais alta forma de garantia, de segurança.

Ele gostava da experiência de D. L. Moody, que ia andando pelas ruas do *Brooklyn*, em Nova York, quando um dia, inesperadamente, o Espírito de Deus desceu sobre ele. A experiência foi tão poderosa que ele pensou que iria morrer. Disse: "pedi a Deus que deixasse Sua mão", para que ele não morresse ali mesmo. Foi tão poderoso assim. Deus certamente pode fazer isso por você também.

O QUE FAZER AGORA?

Pode-se apressar a vinda do Espírito? Alguns dirão que sim. Estes, inclusive incentivarão você a planejar e trabalhar para que aconteça. Alguns até poderiam ter êxito, porém, com o passar do tempo e, em momentos de prova, o inimigo pode fazer a pessoa duvidar e até se desesperar. Você, com certeza não quer receber o fogo estranho. O que aconteceu comigo foi passivo, surgiu do nada. Talvez não tenha sido assim com outras pessoas. Pode ser que você tenha que buscar; ou talvez tenha que esperar. Eu, pessoalmente, detestaria fazer qualquer coisa que pudesse incentivar o surgimento de algum tipo de imitação ou falsificação. O batismo com o Espírito Santo é real; você não precisa trabalhar para obtê-lo. Quando alguém busca a Deus com todo o seu coração, O encontrará. "Vocês me procurarão e me acharão quando me procurarem de todo o coração" (Jr 29.13–14). "E não nos cansemos de fazer o bem, pois no tempo próprio colheremos, se não desanimarmos" (Gl 6.9).

Deus nunca Se atrasa e nem Se adianta, Ele sempre age na hora certa.

Há duas coisas que quase sempre antecedem a vinda do Espírito. Primeiro, uma fome profunda. Um anseio. Um anelo. Um desejo de que o Espírito Santo venha. É a maneira que Deus usa para testá-lo e ver o quão importante Ele é para você. Segundo, embora eu não queira levar isso longe demais, não se surpreenda se esse processo envolver um pouco de sofrimento — apenas o suficiente para fazê-lo se colocar de joelhos na presença do Senhor. Essa é, muitas vezes, a forma que Deus usa para chamar a nossa atenção. Eis um versículo que tem significado muito para mim quanto a essa conexão: "O Deus de toda a graça, que os chamou para a sua

glória eterna em Cristo Jesus, *depois de terem sofrido durante um pouco de tempo*, os restaurará, os confirmará, lhes dará forças e os porá sobre firmes alicerces. A ele seja o poder para todo o sempre. Amém" (1Pe 5.10 — ênfase acrescentada).

As controversas históricas, na maioria das vezes, giram em torno de termos que podem causar divisões desnecessárias. Algumas pessoas insistem que o batismo com o Espírito é uma experiência inicial e única, ou seja, que ocorre uma só vez e para sempre; outros (como o Dr. Martyn Lloyd-Jones) creem que pode ocorrer outra e outra vez.
Meu ponto é este: a experiência que os discípulos tiveram do batismo com o Espírito Santo, no Dia de Pentecostes, portanto, demonstra que foi algo consciente e que veio a eles depois de terem crido, ou seja, depois de se tornarem crentes.

O Dr. Martyn Lloyd-Jones diz o seguinte sobre o batismo com o Espírito Santo:
Ele é consciente;
Normalmente é posterior à pessoa ter crido; É a mais alta forma de garantia, de segurança.

DONS DO ESPÍRITO SANTO

_

Há diferentes tipos de dons, mas o Espírito é o mesmo... A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum".

— 1 Co 12.4,7

Não se regozije com o chamado de Deus ou com Seus dons. Regozije-se apenas com o próprio Jesus Cristo.[1]

— LIU ZHENYING (CONHECIDO COMO IRMÃO YUN)

Muitos anos atrás, quando eu era pastor de uma pequena igreja em Carlisle, Ohio, um homem que havia saído na revista Time, como o líder do movimento de glossolalia, estava naquela região. (O que agora é chamado de movimento carismático, era denominado, na época, de glossolalia — do grego *glossa* que significa língua). Ele estava lá para falar acerca do batismo com o Espírito Santo. Aconteceu que eu me sentei na frente dele, na mesma mesa. Ele me disse que as três coisas mais importantes que aconteceram em sua vida foram se converter, ser batizado com o Espírito Santo e se tornar um calvinista. Ele era, na época, pastor da Reformed Church of America (Igreja Reformada da

América). Esse fato chamou a minha atenção. Ele orou por mim para que eu recebesse o dom de línguas. Como ele afirmava ser reformado, eu me senti seguro em permitir que ele orasse por mim. Lembro-me de que disse ao Senhor: "Se isso vem de Ti, que aconteça; se não, impeça de acontecer". Eu estava aberto para o que pudesse ocorrer. Quando ele orou, nada aconteceu. Ele, então, disse: "Tome o versículo literalmente: 'Faça um som alegre diante do Senhor'".

Eu perguntei: "O que você quer dizer?"

Ele respondeu: "Faça um som de alegria." Eu disse que ainda não havia entendido o que ele queria dizer. Ele, então, respondeu: "Apenas faça um som. Diga: 'Ah'".

Eu disse: "Ah." Não aconteceu nada. Ele me disse que isso sempre havia funcionado com ele.

Há, pelo menos, dois movimentos que surgiram nos anos recentes, que tem causado grandes divisões dentro das igrejas. Um deles é caracterizado por ser muito entusiasta em relação ao dom de línguas; o outro é por ser demasiadamente zeloso em relação ao calvinismo. As pessoas que são muito entusiastas junto a essas posturas e movimentos fazem deles uma prioridade, tornando-se mais entusiasmados pelas línguas ou pelo calvinismo, do que pelo próprio Evangelho ou a levar as pessoas ao conhecimento salvador de Jesus Cristo. Esses dois movimentos, por vezes, fazem mais mal do que bem.

Dito isso, há muitos crentes sinceros que não querem saber nada quanto aos dons do Espírito por causa de irmãos que podem ser que tenham o dom de línguas, mas não o *dom da palavra de sabedoria*. Não tenho encontrado muitos que sejam zelosos para

orar a fim de que as pessoas recebam o dom de sabedoria, mas há muitos que estão ansiosos por conseguir que as pessoas orem em línguas.

Entretanto, neste capítulo, devo defender, também algumas destas pessoas. Se você é um evangélico conservador, eu compreendo bastante bem como se sente. Porém, tente entender o que digo. Não há dúvida de que alguns desses cristãos têm sido incrivelmente abençoados com o dom de línguas. Às vezes, o dom de línguas é chamado de *linguagem de oração*. Eles oram a Deus, mas não sabem o que estão dizendo. Você poderá dizer: "Isso é uma tolice, uma estupidez". Paulo, no entanto, diz que é assim, tal como está em I Co 14.14,15. Mais ainda, ele diz que tal pessoa "se edifica a si mesma" — (1 Co 14.4). Realmente, algumas pessoas são tão edificadas ao orar em línguas, que desejam que seus amigos também disso desfrutem. E não apenas isso, por mais estranho que possa parecer, Deus muitas vezes honra esse desejo. Sim, estou reconhecendo que algumas pessoas recebem o dom de línguas, da forma exata como eu mesmo havia rejeitado, como disse anteriormente. A sugestão para que uma pessoa diga palavras ininteligíveis — palavras sem sentido — para começar a falar em línguas, às vezes, conduz a um verdadeiro dom de línguas. Eu sei, também, que ao permitir esta possibilidade, eu dou munição aos céticos-cínicos que procuram uma boa razão para descartar categoricamente o falar em línguas.

Admito que alguns aprendem a falar em línguas com outra pessoa que os ajude. Não é sempre o poder da autossugestão, embora, em alguns casos, ele não deva ser descartado completamente. A verdadeira razão porque, às vezes, funciona é

devido ao grande desejo da pessoa de falar em línguas; e eu estou certo de que o Senhor pode honrar muito esse desejo. No entanto, é porque Deus, também, honra a nossa vulnerabilidade e disposição de ser como uma criança. Ou de sermos vistos como néscios, tolos. É algo lindo quando uma pessoa sofisticada, culta, entendida e teologicamente preparada está disposta a agir dessa maneira. Jackie Pullinger é um bom exemplo disso. Ela é uma mulher inglesa de classe alta, muito bem educada que estava, certa vez, em uma reunião de oração, em uma casa, em Croydon, Surrey, e ouviu alguém dizer algo sobre o falar em línguas — a última coisa no mundo pela qual britânicos refinados poderiam estar interessados. "Quando ouvi isso pela primeira vez, soube que era para mim.", ela me disse.

Eu a conheci em Hong Kong no final dos anos 1980. Eu havia tido muitíssimo preconceito em relação a ela. Já havia ouvido gravações de seus sermões e me parecia que ela sempre queria falar das línguas. E ainda assim, queria conhecê-la. Contaram-me que ela viria me ouvir pregar na Convenção Keswick em Hong Kong. Ela me convidou para ir à sua casa em Kowloon no dia seguinte. Eu não estava preparado para ver o que vi ali. Havia dezenas e dezenas de chineses recém-convertidos, que eram, antes, viciados em drogas, cantando e orando em línguas durante horas e horas. Isso era praticamente tudo o que eles faziam durante aquelas reuniões. Eu assisti e ouvi aquilo completamente maravilhado. Lembro-me de ver e ouvi-los cantar "Give thanks to the risen Lord" ("Dai graças ao Senhor ressuscitado"). Eu conhecia bem essa canção, embora eles estivessem cantando em cantonês.

Eles estavam fazendo algo sobre o que eles não tinham nenhum conhecimento prévio, e nunca antes imaginaram poder fazer.

Eu perguntei: “O que está acontecendo?” E Jackie me explicou que o seu ministério era voltado quase totalmente aos viciados em heroína das ruas de Hong Kong. O método usado por ela era contar àquelas pessoas que Jesus era o Filho de Deus que morreu na cruz pelos seus pecados e ressuscitou da morte, que Ele é o Filho de Deus e que eles necessitavam recebê-Lo. Segundo ela, alguns deles estavam tão perto da morte, que mal conseguiam falar. Isso, porém, não a deteve. Ela lhes dava o Evangelho e pedia que eles cressem em Jesus Cristo — que Ele é o Filho de Deus. Assim que eles faziam a oração para receber Jesus, ela lhes dizia: “Agora comece a falar em uma linguagem que não seja a sua. Eles não tinham preferência por nenhum tipo de língua e obedientemente faziam exatamente o que ela mandava — e começavam a falar em uma linguagem desconhecida. Eles falavam em línguas para se livrar da heroína. Todos os dias.

Louise e eu fomos à antiga cidade murada em Hong Kong, no dia seguinte**,** para ver Jackie ministrar aos viciados em drogas. Enquanto estávamos na cidade murada, alguns daqueles novos convertidos pediram para orar por Louise — em poucos minutos ela começou a falar em línguas. Aquelas eram pessoas ex-drogadas, que agora oravam por cristãos que vinham de todo o mundo para ver o ministério de Jackie. Louise não conseguia acreditar que aquilo havia realmente acontecido com ela. Porém, ela estava entusiasmada, mas temia que perdesse o dom na manhã seguinte. Ela acordou, no meio da noite, temendo que tudo tivesse sido falso. Ela, então, começou a orar e pronto: sua nova

linguagem de oração se ativou! Ela não havia perdido o dom! Desde então, Louise tem orado em línguas privadamente todos os dias.

Preguei para Jackie no domingo seguinte à tarde. Conheci pessoas que haviam se convertido há pouco e também outras que já eram salvas há anos. Lembro-me de que não conseguia conter as lágrimas, que vinham sem nenhuma razão específica, apenas por estar sentado na reunião. Eu nunca havia experimentado algo parecido.

A cidade de Hong Kong finalmente ofertou a Jackie alguns alqueires de terra para ela realizar o seu trabalho missionário. Eles reconheceram que ela era a única pessoa que conseguia ser bem sucedida em tirar das ruas aquelas pessoas viciadas. Ela fazia o que os hospitais, psiquiatras e psicólogos não conseguiram. Os êxitos hospitalares eram insignificantes em comparação ao ministério de Jackie. Seu êxito era extraordinário. Alguns dos que fizeram uma profissão de fé recaíram sim, porém um alto percentual deles perseverou e se livrou inteira e completamente da heroína. Ganharam peso, conseguiram empregos e foram reintegradas à sociedade que fazia o bem. Jackie, pela graça de Deus, alcançou tudo isso literalmente tirando os convertidos da droga, mediante falar em línguas.

É por isso que eu disse anteriormente que, às vezes, sinto-me obrigado a defender o que anteriormente havia criticado.

Fogo estranho? Creio que não. Conheci um bom número desses convertidos. Eram tão impressionantes. Não havia a menor dúvida em minha mente de que essas pessoas haviam se convertido genuinamente. Também é importante ressaltar que Jackie está

nesse ministério há mais de trinta anos. Ela se tornou uma lenda. A cética rede de televisão BBC fez um documentário sobre ela e descobriu que o seu trabalho era genuíno e o que ouvia dos seus resultados não era nada exagerado. Jackie também recebeu o cobiçado prêmio OBE (Ordem do Império Britânico) de sua majestade, a rainha da Inglaterra.

Parece-me que há **dois níveis de abertura ao Espírito Santo** quando se trata do dom de línguas. O **primeiro** é quando alguém diz: "Eu estou disposto a falar em línguas, se Deus o der a mim. Se Ele quer que eu fale em línguas, que Ele o faça". Creio que essa era, em parte, a minha atitude quando aquele pastor reformado, que citei anteriormente, orou por mim. Afinal, orar espontaneamente em *línguas* foi algo que ocorreu comigo, no início de 1956; mas eu não estava orando por isso. Aconteceu de maneira passiva e inesperadamente, enquanto eu dirigia o meu automóvel. Portanto, eu sei, por experiência própria, que esse tipo de coisas acontece. Pode ser, porém, que nunca aconteça com aqueles que dizem: "Eu estou disposto a falar em línguas, mas jamais vou soletrar a palavra *banana* de trás para frente para que isso ocorra comigo". Eu me identifico com essa posição. Eu jamais sugeriria que uma pessoa começasse a repetir as marcas dos automóveis japoneses rapidamente ("Mitsubishi Mazda Isuzu Honda"), para acionar o dom de línguas! Esta forma de fazer com que uma pessoa fale em línguas cheira a fogo estranho. Contudo, eu também creio que certamente é possível que o dom de línguas possa vir sobre aqueles que estão dispostos a parecer tolos e passar um pouco de vergonha. Embora tenha chegado a mim de maneira espontânea, sem que eu sequer pensasse nele, eu tenho que admitir, desde

então, que, às vezes, ocorre com aqueles que desejam ardentemente recebê-lo. Eu sempre digo que o dom de línguas pode estar no final da lista de Paulo em 1 Coríntios 12.7–12, mas que nós devemos estar humildemente dispostos a começar de baixo. Comece de baixo, poderá ocorrer que você suba até alcançar os dons que lhe pareçam mais desejáveis.

FALAR EM LÍNGUAS SEMPRE CUSTARÁ MUITO A VOCÊ

Então, há um **segundo nível**: um desejo ardente para a abertura ao dom. Esse nível de motivação pode parecer estranho para alguns, mas não para todos. É quando uma pessoa está tão faminta por mais de Deus, que ela se dispõe a fazer praticamente qualquer coisa para ter um relacionamento mais íntimo com Ele. Assim era Margaret — a esposa de um dos nossos diáconos em Westminster Chapel. Ela era uma das pessoas mais respeitadas da nossa Congregação, naquela época e, provavelmente, a menos apropriada para falar em línguas. Ela nunca havia falado em línguas. Porém, estava cada vez mais desejosa de ter o máximo de Deus que pudesse receber. Quando soube que Jackie Pullinger falaria em nosso banquete anual, Margaret pediu para conhecê-la. Jackie orou com Margaret, que saiu da sala em que estavam com um brilho e uma enorme alegria; ela não podia acreditar no que havia acontecido com ela — Margaret começou a falar em línguas e faz isso até hoje. No entanto, por alguma razão, isso não aconteceu com o seu esposo. “Falam todos em línguas?”,

perguntou Paulo (1 Co 12.30). A resposta óbvia é *não*. Todos nós precisamos nos lembrar disso.

Há alguns que creem que qualquer pessoa pode falar em línguas. Eu não creio assim. Qualquer um pode ter o dom de curas? Se o dom de línguas viesse através dos nossos próprios esforços, então sim, talvez todos pudessem. Mas como saberíamos, com certeza, de que ele é verdadeiro? De acordo com Paulo, os dons do Espírito são dados de forma tão soberana como é a salvação. Todos os dons são distribuídos "individualmente, a cada um, como [o Espírito Santo] quer" (1 Co 12.11). Ele sopra aonde quer.

Ressalto, sempre, o fato de que o dom de línguas está no nível mais baixo da lista de Paulo a respeito dos dons do Espírito. A sabedoria é, sem dúvida alguma, o dom mais importante. Então, por que deveria dedicar tanto tempo neste capítulo acerca das línguas? Eu respondo. Em primeiro lugar, porque é aí onde está o estigma em relação aos dons espirituais. Em segundo lugar, se você quer o dom de sabedoria — ou outros dons, como o de cura, eu repito: Você está disposto a começar de baixo? Paulo disse que devemos "buscar com dedicação", ambicionar, procurar com zelo os melhores dons (1 Co 12.31). Eu não creio que você tenha que falar em línguas para ser um bom cristão, um bom crente discípulo de Jesus Cristo. O meu próprio pai não o fazia, e ele era um homem de oração e o homem mais piedoso que eu já conheci. A minha piedosa mãe também não falava em línguas. Porém, creio que você *deve* estar *disposto* a fazer isso se verdadeiramente deseja ter o máximo possível de Deus em sua identidade. Afinal, Paulo disse aos coríntios (que pensavam que as línguas eram tudo): "Dou graças a Deus por falar em línguas mais do que todos

vocês" (1 Co 14.18), depois de ter dito "gostaria que todos vocês falassem em línguas" (v.5). Ele, porém, também, disse que o dom de profecia era mais necessário (v.5). Contudo, eu nunca esquecerei que Paulo não se envergonhava de dizer que ele falava em línguas.

Se falar em línguas, também, era mal visto, um estigma — ofensa — nos dias de Paulo, eu não sei; mas hoje certamente é. As línguas são o único dom do Espírito que desafia o seu orgulho, como destaca Charles Carrin. Às vezes, penso que alguns líderes de igrejas estariam dispostos a deixar de lado a sua postura teológica de que os dons *cessaram*, se línguas não estivessem incluídas na lista dos dons espirituais. O termo *estigma* se resume a uma palavra: constrangimento. Foi isso que Jackie Pullinger disse. Ela o achava constrangedor, embaraçoso. Ela também me fez outra observação. Jackie já estava em Hong Kong, durante dois anos, sem nenhum resultado positivo ou sucesso. Ela decidiu, então, certo dia, começar a orar em línguas durante quinze minutos por dia, *marcados no relógio* (essas foram suas palavras exatas). Quinze minutos, todos os dias, contados no relógio. "Eu não sentia nada", ela me disse. Absolutamente nada. "Porém, foi a partir de então que comecei a ver conversões dos viciados nas ruas". Ela, então, uniu as duas coisas. E as conversões continuaram aumentando a partir daquele momento em diante. Eu creio que Deus honra os que estão dispostos a carregar tal estigma.

Em todos os casos, provavelmente, falar em línguas sempre custará caro para você.

Voltemos, agora, aos dons do Espírito tal como está em 1 Coríntios 12.8–11. Um comentário geral: embora talvez algumas pessoas possam ter dois ou mais dos dons seguintes, outras podem ter somente um deles. Além disso, pode ocorrer que um dom apareça somente uma única vez — e nunca mais se repita. Às vezes, porém, um dom do Espírito pode residir permanentemente em uma pessoa.

Sabedoria

Esse é o maior dos dons do Espírito Santo. Ele encabeça a lista de I Coríntios 12. A **sabedoria** é a presença da mente/mentalidade do Espírito. É saber o que fazer a seguir. Revela o passo seguinte a dar quando não sabemos o que fazer. É ter uma visão prospectiva 20/20 (visão completa). Parece que todos temos uma visão retrospectiva 20/20, sabendo tarde demais o que deveríamos ter feito. Mas a **sabedoria** é visão prospectiva (20/20), ou seja, mostra o que dizer e o que fazer *agora*. É um dom que impede de cometer erros. Que impede ter que lamentar pelas decisões. Que me impede de fazer papel de tolo.

Você já se perguntou alguma vez por que o livro de Provérbios (parte da antiga literatura hebraica) fala tanto sobre pureza sexual nos primeiros capítulos? Vá e leia os sete primeiros capítulos e observe quanta atenção é dada ao adultério e à infidelidade sexual. Por quê? Porque a pureza sexual é uma das primeiras qualificações necessárias para ter sabedoria. Essa é a

última coisa que algumas pessoas querem ouvir. É a primeira enumerada (na lista dos dons em I Coríntios 12). Porém, é a de que menos se fala e, muitas vezes, a que menos se quer e menos é evidente ou tratada na Igreja atual. O Dr. Lloyd-Jones sempre dizia que estamos vivendo em um período como o do livro de Juízes — "cada um fazia o que lhe parecia certo" (Jz 21.25).

Se você deveria ambicionar ou procurar zelosamente os melhores dons — e sente que alguns deles estão fora do seu alcance — não se esqueça de que Tiago disse que sempre podemos orar pedindo por sabedoria. "Se algum de vocês tem falta de sabedoria (não nos falta a todos?), peça-a a Deus" (Tg 1.5). Existem dois tipos de sabedoria: *uma é de baixo*. Ela é reconhecida através da amarga inveja e da ambição egoísta. A sua origem? A carne e o diabo. E há a sabedoria que *vem do alto* — da qual Paulo está falando neste DOM que encabeça a lista. Ela é "antes de tudo pura; depois, pacífica, amável, compreensiva, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sincera" (Tg 3.17). O dom de sabedoria, como Tiago descreve, entre os dons espirituais, é o que mais se assemelha ao fruto do Espírito.

Palavra de conhecimento

A expressão "palavra de conhecimento" é a tradução KJV (Versão King James — Brasil). A NVI (New International Version), em inglês, registra "message of knowledge/ mensagem de conhecimento". A ESV (English Standard Version) diz "utterance of knowledge/declaração de conhecimento". Na Nueva Traduccion Vivente — Espanhol — traz "mensaje de conocimiento especial/mensagem de conhecimento especial". A

expressão “palavra de conhecimento” tem se tornado, praticamente, a maneira deste dom do Espírito ser definido, embora seja menos claro do que realmente significa. Poderia se referir a alguém de alto conhecimento — como meu amigo Dr. Michael Eaton. Mas, não é a forma comumente aceita.

Esse dom provavelmente se refere a um conhecimento especial necessário em alguma crise. Se for assim, ele é muito próximo ao dom de sabedoria. Pode dizer respeito, também, a um conhecimento sobrenatural acerca de alguém que se encontra em uma crise particular, ou da realidade da pessoa. Se for esse o caso, ele se aproxima do dom de profecia. Uma palavra de conhecimento pode revelar a enfermidade, a preocupação ou a necessidade específica de alguém. Recebemos um pregador, na Capela Westminster, que chamou uma mulher que estava profundamente preocupada quanto à salvação do seu marido, que havia falecido recentemente. O pregador se dirigiu a ela — dizendo o seu nome e o seu endereço: “Elizabeth, o Senhor lhe mostrou algo em seu apartamento recentemente que você temeu que realmente não fosse de Deus. Você precisa saber que *era, sim,* de Deus.” Isso foi tudo o que ele disse. Ela rompeu em lágrimas, pois sabia exatamente ao que ele se referia. O próprio pregador convidado que lhe deu essa palavra não sabia a que ela se referia. Louise sabia. Elizabeth havia contado a Louise que alguns dias antes ela havia orado e pedido que Deus que lhe mostrasse se o seu esposo, Samuel, havia sido realmente salvo e se ele estava no céu. Ele havia feito a sua profissão de fé apenas dois dias antes de falecer, e Elizabeth temia que ele não soubesse o que estava fazendo porque estava sob efeitos de muitos medicamentos que

ele havia tomando. Ela abriu a Bíblia que estava em sua mesinha de café e os seus olhos foram às palavras: "O Senhor estava com Samuel." Isso a tranquilizou. Depois, no entanto, ela se deu conta de que aquela era uma Bíblia para crianças e novamente temia que o que havia lido não fosse realmente válido. Ela voltou, então, à estaca zero, sem saber se o seu marido, Samuel, verdadeiramente havia sido salvo. Quando, porém, o nosso pregador convidado (que não tinha como saber quem ela era ou o que a estava preocupando) confirmou a Elizabeth que aquilo que ela temia que não tivesse vindo do Senhor, *era*, sim, realmente do Senhor, ela ficou estupefata (como dizem na Inglaterra) e nunca mais duvidou da salvação do seu marido.

Fé

Sempre tenho pensado que é estranho que a fé esteja enumerada como um dom do Espírito, uma vez que nós somos justificados pela fé; somos salvos pela graça mediante a fé. Portanto, parece redundante que a fé esteja listada como um dom do Espírito para pessoas que já são salvas. Porém, obviamente, aqui não está falando da salvação.

Esse dom também se refere a uma situação de crise. Às vezes, parece mais fácil crer que Deus o levará para o céu do que para crer que o ajudará a superar seu dia difícil! Como eu disse, uma pessoa pode receber um dom do Espírito que pode se manifestar só uma vez, ou poderia residir em outra pessoa indefinidamente. O grande George Muller (1805–1898) foi famoso por sua fé extraordinária. Entretanto, paradoxalmente, ele insistia que não

tinha o dom da fé! Porém se ele não o tinha, então não sei quem o teria tido! Ele confiou em Deus para cuidar de centenas de órfãos, vivendo a realidade de cada dia e *sem nunca dizer a ninguém o que necessitava para o suprimento diário*. Muitas e muitas vezes não havia sequer comida em suas mesas. Dezenas de crianças sentadas à mesa com seus pratos e talheres. Eles agradeciam a Deus pela comida que não estava ali. Antes que terminassem de orar, alguém batia à porta e trazia a quantidade exata de comida de que eles necessitavam. Isso aconteceu repetidas vezes. Ele era um fenômeno em Bristol, na Inglaterra.

Durante o avivamento de Gales, havia um homem que tinha um ministério para mendigos. Segundo o Dr. Lloyd-Jones, no auge do avivamento, o homem ouvia a voz do Espírito Santo, na noite anterior, que lhe dizia exatamente quantos mendigos apareceriam para ser alimentados na manhã seguinte. Um dia eram "dezenove". No outro, "quatro", em seguida, "vinte e dois", e assim sucessivamente. Mas também recebia a quantidade necessária de comida para todos os mendigos — nem um pouco mais, nem menos. No entanto, quando o avivamento abrandou, as revelações cessaram.

Cura

Quem não gostaria de ter esse dom? Quem o tem? Suponho que aqueles que veem muitas pessoas serem curadas quando oram pelos enfermos, assumem que têm esse dom. Eu tenho visto pessoas serem curadas, mas não muitas. Creio que o dom de cura vem de maneira soberana, e que o fato de alguém tê-lo todo o

tempo é algo extremamente raro, ou seja, que alguém tenha esse dom o tempo todo. O falecido Oral Roberts foi o mais famoso deles. Tive o privilégio de reunir-me com ele, em três ocasiões, em sua casa na Califórnia. Em uma delas, ele me contou de uma vez em que o Senhor falou a ele, poderosamente, na entrada de sua casa, alguns dias antes. "Era a minha antiga unção", ele disse. Ele deduziu — a partir desta afirmação — que a sua *antiga unção* havia sido retirada dele. Realmente, nos anos de 1952 a 1954, ele e outros pastores presenciaram muitas curas extraordinárias. Você pode ver algumas delas no YouTube. A manifestação do dom da cura pode ir e vir. Ninguém pode obrigar Deus a fazer qualquer coisa.

Poderes milagrosos

Qual é a diferença entre cura e poderes milagrosos? Alguns dizem que a cura é gradual, enquanto um milagre é imediato. O que aconteceu quando o homem paralítico de nascimento, que estava com mais de quarenta anos de idade (At 4.22), foi milagrosa e instantaneamente curado na Porta Formosa? Foi um milagre? Com certeza. Mas, também, foi chamado de cura (At 3.16). Assim como os dons de palavra de conhecimento e de profecia muitas vezes se sobrepõem, assim ocorre também com os dons de milagres e de cura. Talvez seja o dom de milagres que opera quando uma pessoa é liberta de demônios. Nós, porém, somente ungimos com óleo aquele homem do Chile, mencionado anteriormente, que não conseguia dormir bem, durante vinte e cinco anos, pelo fato de que sua mãe era uma bruxa. Não

dissemos: “Saia dele.” Apenas o ungimos com óleo. Aquilo foi uma cura ou um milagre?

No entanto, ministrei a um homem possuído por um demônio, só uma vez. Porém, quando o fiz, segui a sabedoria do Dr. Lloyd-Jones. Certa vez ele compartilhou comigo a história seguinte. Conforme o melhor de minha memória, é isto exatamente o que ele disse:

Havia uma igreja no País de Gales na qual eu pregava todos os anos. Certa feita, após o culto, eu perguntei ao pastor local: “Onde está o Sr. Fulano esta noite?” “Ah, eu me esqueci de lhe dizer, doutor. Ele telefonou para explicar por que não poderia vir. A sua esposa está gravemente enferma. Na verdade, ela tem se comportado de maneira muito estranha.” O pastor nem havia terminado de contar-me quando o telefone tocou. Era exatamente aquele homem, pedindo para falar comigo. Ele me disse: “Doutor, a minha esposa está se comportando de uma maneira muito estranha. Eu nunca vi nada igual. Não pude levá-la à igreja”. Depois que ele desligou, eu disse ao pastor: “Esse é um claro caso de possessão demoníaca. Você precisa chamar um dos seus anciãos e ir até a casa desse homem e expulsar o demônio”. O pastor respondeu: “Ah, por favor, doutor, vá você. Eu não saberia o que fazer”. Eu respondi: “Se eu for, as pessoas dirão que o problema dela é médico e que qualquer cura que ocorra foi resultado de medicamentos e da minha experiência médica. Eu não irei, mas você é capaz de fazer isso. Você e o presbítero devem orar por sua própria proteção antes de entrar na casa — para que o sangue de Cristo cubra vocês. Assim que a virem, comecem a repetir as palavras: ‘Jesus Cristo veio em carne. Jesus Cristo veio em carne. Jesus Cristo veio em carne.’

Continuem dizendo isso e se preparem para uma reação violenta. Então, falem diretamente ao demônio: 'Em nome de Jesus Cristo, saia dela e vá para o seu lugar designado'". O pastor, então, foi em busca do ancião enquanto eu fiquei esperando o retorno deles. Aproximadamente uma hora depois, ele voltou. Estava branco como algodão. O pastor disse: "Doutor, aconteceu exatamente como o senhor falou. Nós fizemos o que o senhor orientou, e quando repetimos 'Jesus Cristo veio em carne' várias vezes, ela caiu no chão e gritou. Quando, então, expulsamos o demônio, ela relaxou". Essa senhora, que eu conhecia havia anos, estava na igreja a cada domingo, sentada na primeira fileira, com um sorriso radiante no rosto.

Eu guiei um homem chamado Tony ao Senhor, em Londres. Ele voltou, na semana seguinte, para me dizer que havia algo em seu estômago que parecia cortá-lo como uma navalha afiada. Ele também disse que havia frequentado missas negras (satânicas) antes de orar para receber a Cristo. Ainda que ele tivesse recebido o Senhor Jesus, no sábado anterior, senti que ele estava possuído por um demônio, lembrando-me do entendimento do Dr. Lloyd-Jones de que um cristão verdadeiro pode ter um demônio (a senhora descrita acima era cristã, disse o doutor). Eu segui, então, a sabedoria dele e disse ao Tony: "Olhe para mim. Jesus Cristo veio em carne, Jesus Cristo veio em carne" — repetindo essa frase várias vezes. O rosto de Tony começou a se contorcer e ele começou a produzir sons estranhos. Eu ordenei: "Em nome de Jesus Cristo, saia dele". Ele ficou exaurido. Eu o deixei sozinho durante vários minutos. Então, ele disse: "Eu não sei o que você fez, mas eu me sinto muito bem por dentro". Já não sentia mais a

dor em seu estômago nem a sensação de lâmina cortante. Ele se tornou um membro fiel da nossa congregação.

Profecia

Quando Paulo instou aos coríntios a ambicionar (perseguir, buscar com dedicação) os dons espirituais, mas "principalmente o dom de profecia" (1 Co 14.1), ele não estava insinuando que eles poderiam virar uma espécie de Elias ou Isaías. Tampouco, profetizar, necessariamente, significa pregar. Ele estava falando acerca de exortações de encorajamento, de ânimo, e talvez, também cautela, porém não de predições magistrais ou pronunciamentos. Eu também não estou seguro de que aqueles coríntios pudessem se transformar em Ágabos, embora as suas predições acerca de que Paulo iria a Jerusalém não tenham sido totalmente corretas (Veja At 21.10–11 e depois acompanhe o que aconteceu exatamente com Paulo). Há níveis de profecia, mostrando que os profetas canônicos ou escritores bíblicos — o nível mais alto — não se repetirão jamais, já que a Escritura é final e completa.

O que devemos evitar, a qualquer preço, é a pessoa que diz: "Assim diz o Senhor", ou "O Senhor me disse". Falar dessa maneira não é apenas altamente presunçoso, como também é tomar o nome do Senhor em vão. É simplesmente desnecessário citar o nome de Deus quando pensamos que temos uma palavra profética para alguém. Fazer isso é usar o nome de Deus, o pior caso de menção de nomes que possamos usar, para aumentar a nossa própria credibilidade. Você não está pensando na credibilidade do

Senhor, mas na sua própria quando usa o nome Dele. A prática irresponsável de profetizar tem causado muitos danos ao tema dos dons espirituais. Como leitura complementar, procure *The Gift of Prophecy in the New Testament and Today* (O Dom de Profecia do Novo Testamento e na Atualidade) e *Systematic Theology* (Teologia Sistemática), de Wayne Grudem[2]. (Ambos estão editados em português — editoras VIDA e VIDA NOVA).

Discernimento de espíritos

Esse dom é uma capacidade dada por Deus para o discernimento entre o verdadeiro e o falso — reconhecendo o Espírito Santo e também o demoníaco. Muitas pessoas pensam só no demoníaco quando se trata deste dom. É mais importante discernir a presença do Espírito Santo do que do demoníaco. E é, igualmente, importante discernir a *ausência* do Espírito Santo quando alguém está fazendo afirmações acerca da presença de Deus.

Falando em línguas

Cobri o falar em línguas, de certa maneira, sem entrar na discussão de como 1 Coríntios 14.2 (falar a Deus em línguas, às vezes chamado de "linguagem de oração" se relaciona com Atos 2.4 quando os discípulos foram cheios com o Espírito Santo e começaram a falar em línguas). Em minha opinião, essas duas passagens não se referem, necessariamente, à mesma coisa. Falar em línguas é o dom, no qual muitos pensam, quando surge a discussão dos "dons do Espírito". Digo outra vez que se não fosse pelo *estigma* deste dom em particular, devido à notoriedade que

ele recebeu, eu creio que os dons do Espírito não seria um assunto tão controverso.

Interpretação de línguas

Esse, talvez, seja o dom mais raro de todos. Há uma diferença sutil entre interpretação e tradução, mas é preciso que as pessoas que possuem esse dom sejam absolutamente íntegras, especialmente quando elas exercitam o dom interpretando a sua própria "língua". Seria muito mais impressionante se outra pessoa interpretasse, não a própria. Mais ainda, se a interpretação pudesse ser validada por uma segunda pessoa que interprete sem ter ouvido a interpretação da primeira. Mas se a interpretação estiver totalmente correta, ela pode trazer um grande testemunho para a glória de Deus (1 Co 14.25).

Paulo disse duas vezes que nós devíamos "procurar com zelo" os dons espirituais (1 Co 12.31; 1 Co 14.1). Agora, somos nós os responsáveis para demonstrar o quanto queremos aderir às Escrituras, desejando e buscando com dedicação os dons do Espírito Santo.

Há alguns que creem que qualquer pessoa pode falar em línguas. Eu não creio assim. Qualquer um pode ter o dom de curas? Se o dom de línguas viesse através dos nossos próprios esforços, então sim, talvez todos pudessem.
As línguas são o único dom do Espírito que desafia o seu orgulho, como destaca Charles Carrin.

O dom de sabedoria, como Tiago descreve, entre os dons espirituais, é o que mais se assemelha ao fruto do Espírito.

Esse dom provavelmente se refere a um conhecimento especial necessário em alguma crise.
A manifestação do dom da cura pode ir e vir.

A INCONTESTÁVEL PROVA DO ESPÍRITO SANTO

_

Pois Deus não nos deu espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio.

— 2 TIMÓTEO 1.7

Eu gosto do seu Cristo, mas não gosto de seus cristãos. Seus cristãos são tão diferentes do seu Cristo![1]

— MAHATMA GANDHI (1869-1948)

Por alguma razão, eu sempre fui fascinado pela cidade de Nova York. Eu não sei por que, como um garoto do Kentucky, eu sempre quis ver, entre outras coisas, o edifício Empire State com meus próprios olhos e ver o meu herói, Joe DiMaggio, jogando no Yankee Stadium. Quando tinha dez anos de idade, meus pais me levaram a Nova York. Eu jamais me esquecerei do momento em que vi, pela primeira vez, o Empire State. Era noite. Eu já havia visto fotos dele, mas quando o vi com todas as luzes, ele me pareceu tão diferente daquilo que eu esperava. Tudo o que eu queria era ficar ali, olhando para ele, não queria ir para nenhum

outro lugar. Eu estava, na verdade, olhando para o edifício mais alto do mundo! Um ou dois dias depois, nós entramos nele e precisamos pegar três elevadores para chegar ao centésimo segundo andar. E eu sabia que aquilo estava realmente acontecendo.

Os New York Yankees não estavam jogando nos dias em que eu estava na cidade. Porém, uns vinte anos depois, estávamos morando em Fort Lauderdale. Fui assistir a um jogo de treinamento do time. De repente, eu ouvi sussurros da multidão, dizendo: "Lá vem Joe DiMaggio". Ele já estava aposentado do beisebol, foi conduzido ao Ball Parx para ajudar a treinar os jogadores mais jovens. Caminhei na direção do seu carro e fui o primeiro a apertar a sua mão. Olhei fixamente para ele, e ele olhou para mim e me disse: "Obrigado". Embora eu já estivesse com trinta anos, eu estava tão emocionado quanto se tivesse dez. Isso foi o que ocupou os meus pensamentos durante dias. Finalmente eu tinha conhecido Joe DiMaggio.

Não há nenhuma placa no noroeste do Arizona para garantir que você não está sendo enganado, dizendo: "Esse é verdadeiramente o Grand Canyon". Não há uma placa no Canadá que diga: "Você está olhando para as Cataratas do Niágara". Como podemos ter certeza de que não estamos sendo enganados? Como podemos saber que estamos realmente olhando para a Montanha Jungfrau, quando se está em Interlaken, na Suíça? Ou no Table Montain, na Cidade do Cabo? Ou para o Mar da Galileia, em Israel? Eu me fascino pelo Muro das Lamentações, em Jerusalém, recordando das histórias de que às vezes uma pomba voava sobre ele. Quando fui lá pela primeira vez, eu estava muito atento para descobrir se

eu veria alguma pomba. Sim! Lá estava ela! Eu tirei uma foto. Porém, ao aumentar a imagem, eu percebi que se tratava de uma rola!

Como podemos reconhecer o Espírito Santo? Como saber que não estamos sendo enganados? Eu sei o que é ser enganado, decepcionado, desiludido e traído por aqueles aos quais amava e em quem confiava. Tais experiências são suficientes para transformar uma pessoa em um cínico profissional. Mas eu sobrevivi.

Nos Estados Unidos, por vezes, usa-se a frase "negócio verdadeiro" quando uma pessoa é realmente verdadeira e genuína. Ouro puro. Porém, como podemos saber se uma peça de metal é ouro? Como saber se o dinheiro que temos nas mãos é verdadeiro ou falso?

Ninguém quer ser enganado. Além disso, eu não quero enganar ninguém, inclusive com o conteúdo deste livro. Como você, leitor, pode ter certeza de que tudo o que tenho declarado aqui é verdade?

QUATRO COISAS QUE DEMONSTRAM QUE VOCÊ TEM O ESPÍRITO SANTO

Há quatro coisas que nos dão uma indicação bastante segura se estamos sendo testemunhas ou não do Espírito Santo. São elas: destemor, poder, amor e autocontrole.

Talvez você se lembre de que Jonathan Edwards disse que uma coisa que Satanás não pode produzir em nós é amor pela glória de Deus. Ele pode produzir muitas coisas, mas não isso. Ele escreveu isso quando estava lutando para demonstrar se os afetos de uma pessoa estavam realmente ancorados ou não em *Deus,* e se esses sentimentos estavam motivados pelo *Espírito Santo*, e não pela carne. Assim, pois, disse Edwards, um amor pela glória de Deus é algo que *Satanás não é capaz de produzir em uma pessoa*. Só Deus pode fazer que isso aconteça.

Assim, também, quando se trata do Espírito Santo, há quatro coisas através das quais você pode saber que não o enganaram. Para alguns de nós talvez exista sempre essa pequena dúvida. Pode ser que sempre exista um receio de que, de repente, possamos ser pegos desprevenidos e acabarmos confundindo uma rola com uma pomba. O que quero apresentar agora é o que considero o mais próximo que você pode chegar para saber, com certeza, que não foi enganado por um fogo estranho.

Destemor

Deus não nos deu "espírito de medo", escreveu Paulo ao medroso jovem Timóteo (2 Tm 1.7). Algumas versões bíblicas traduzem como "espírito de timidez", o que creio fazer perder o seu real significado. Uma pessoa pode ter uma personalidade com tendência a ser tímida ou acanhada — e provavelmente sempre o será. Paulo não está falando de uma tendência da personalidade. O Espírito Santo não muda o nosso temperamento básico. Se você era uma pessoa extrovertida ou sanguínea quando se converteu,

continuará sendo extrovertida depois da conversão. O mesmo ocorreria com a pessoa melancólica, colérica ou fleumática.

A palavra grega traduzida como "medo" é *phobos* — de onde obtemos a palavra *claustrofobia* (medo de estar em local fechado), por exemplo. Segunda Timóteo 1.7 pode ser colocado ao lado de Romanos 8.15: "Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente terem medo, mas receberam o Espírito que os adota como filhos, por meio do qual clamamos: 'Aba, Pai'". Paulo, aqui, contrasta o espírito de escravidão — que vem em decorrência de se viver sob a lei Mosaica — com o nosso amoroso Pai celestial. Não precisamos ter medo do nosso Pai celestial, ou medo de não correspondermos aos Seus padrões. O nosso Pai nos aceita como somos, e não temos que provar nada a Ele, diferentemente muitos temos medo de não correspondermos aos nossos pais terrenos.

De qualquer modo, o *espírito* de medo é incompatível ao Espírito Santo. O Dr. Lloyd-Jones costumava dizer: "Deus nunca nos oprime." É Satanás quem faz isso. O espírito de medo é uma ansiedade perpétua que governa uma pessoa — fazendo com que ela sempre se preocupe se algo dará errado ou se ela desagradará alguém. Ela está sempre olhando por cima dos ombros. As pessoas que são controladas pelo espírito do medo têm um pavor constante da desaprovação. O sentimento se resume a isto: o medo do homem. "Quem teme ao homem cai em armadilhas" (Pv 29.25).

Se você é obcecado pelo que as pessoas pensam sobre você, esse é o espírito do medo; segundo Paulo, ele não provém de Deus. Aparentemente, Timóteo estava governado por um espírito de

medo (1 Co 16.10). Paulo não lhe deu repreensão moral por causa disso, mas simplesmente mostrou que tal sentimento e atitude não vinham do Espírito Santo. Todos temos atitudes que provêm da carne, e não do Espírito Santo. Até mesmo Paulo, certa feita, estava tão deprimido que "perdeu a esperança da própria vida" (2 Co 1.8). Não há nenhum de nós que não tenha tido algum momento de "apagão" em que morreríamos mil mortes pelo fato de as pessoas terem nos visto daquele jeito. O ponto é que tais sentimentos não vêm do Espírito Santo de Deus. Lembremo-nos sempre disso. Com certeza, tais situações não significam, necessariamente, que não sejamos cristãos; nem sequer significa que não somos "espirituais" ou que não estamos agradando a Deus, de uma maneira geral. Se Deus escondesse a Sua face de nós — mesmo que fosse por apenas cinco minutos, a maioria de nós, talvez, teríamos todos os tipos de pensamentos e atitudes que fariam os anjos ficarem "vermelhos de vergonha".

Destemor não é o mesmo que coragem. Certamente parecemo-nos corajosos quando não há nenhum medo. Mas você pode ter coragem inclusive estando morrendo de medo. Basta estar sob pressão. Temos razões suficientes para acreditar que Martinho Lutero foi tomado por grande ansiedade quando se apresentou diante da Dieta de Worms em 1521. Ele disse: "Aqui estou eu. Eu não posso fazer outra coisa. Deus me ajude". Ele estava mostrando coragem.

Ausência de medo é quando, simplesmente, não há medo. Eu gostaria de sentir isso todos os dias. Mas, às vezes, eu tenho conhecido isto. Não há nada igual. É quando a Pomba desce e todo o panorama muda. É como o nascer do sol que revela o que a noite

escondia. Destemor. Como diz o hino "Like a River Glorious" (Como um Rio Glorioso), na segunda estrofe:

Escondido na palma de Sua abençoada mão,
Nenhum inimigo ou traidor pode me alcançar;
Nenhuma onda de preocupação, nem tom de ansiedade
E nem um sopro de pressa pode ali tocar meu espírito.
— Frances R. Havergal (1836–1879)

Destemor é um estado mental que só pode ser alcançado através do Espírito Santo. Você não pode produzir isto. Você *pode* se esforçar para ser corajoso, mas não pode fazer com que você mesmo não sinta medo. Se você tem medo, admita-o e simplesmente diga: "Estou com medo. Estou ansioso. Estou nervoso. Não sei o que está acontecendo." Não é desonra se sentir assim. Porém, quando o Espírito desce sobre nós, *todo o medo se vai*. Pelo menos durante aquele momento. Talvez não dure para sempre. Quando, no entanto, essa calma se instalar, você saberá que Deus está ali. É real. Só o Espírito Santo pode produzir isso.

Um dos motivos pelos quais o diabo não pode produzir a **ausência de medo é** porque ele próprio é **cheio de medo.** Ele é a personificação do medo. Ele sente medo o tempo todo: **sessenta segundos a cada minuto, sessenta minutos a cada hora.** Ele sabe que o seu tempo é curto (Ap 12.12). A próxima vez que Satanás **lembrá-lo** do seu passado, lembre-o do futuro dele. Todos aqueles que se opõem a nós — pode escrever — são os que estão com medo. "Não temam aquilo que eles temem, não fiquem amedrontados" (1 Pe 3.14). Portanto, se você recebeu a graça **do**

destemor, você possui uma força interior que não tem uma explicação natural **(**ver Efésios 6.10).

Ausência total de medo foi o que Pedro teve no Dia de Pentecostes. Nada de medo. Os milhares de judeus intimidadores que o rodeavam, alguns deles da alta hierarquia, não o inquietavam nem um pouco. Foi o mesmo que ele sentiu mais tarde quando disse aos saduceus: "Julguem os senhores mesmos se é justo aos olhos de Deus obedecer aos senhores e não a Deus. Pois não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos" (At 4.19–20). Foi isso também que Pedro e João sentiram quando se retiraram da presença do Sinédrio regozijando-se por serem considerados dignos de sofrer pelo nome de Jesus (At 5.41). Foi o que Elias sentiu quando Deus lhe fez um juramento: ele sabia que não choveria, a menos que o Senhor ordenasse (1 Rs 17.1–2). Foi o que ele experimentou no topo do monte Carmelo quando zombava do desespero dos falsos profetas (1 Rs 18.27).

Quando não há medo, não é necessário erguer a voz. Não entramos em pânico quando pensamos que estamos perdendo uma argumentação ou quando não conseguimos encontrar as palavras exatas para dizer algo. A maior liberdade que existe é não ter que provar nada a ninguém. Tal liberdade — ausência de medo — só pode ser produzida pelo Espírito Santo. Quando esse destemor se estabelece, você sabe que é o Espírito Santo e não você. E quando se der conta de que o medo está governando você, aceite a plena verdade: Deus *não* deu esse medo a você.

A carne ou o diabo nunca podem fabricar este destemor.

Dito tudo isto, precisamos entender também que a palavra *medo* pode ser traiçoeira nessa discussão. Nos dias que se seguiram ao

Pentecostes, todos estavam cheios de temor ou assombro (At 2.43). Por mais estranho que pareça, o mesmo Espírito Santo que produz um profundo destemor em uma pessoa, pode, simultaneamente, produzir um surpreendente temor a Deus. Na verdade, quanto maior for a medida do Espírito em nós, maior será o nosso genuíno temor a Deus. Você respeitará a Deus e a Sua Palavra, reverentemente e com liberdade reverente, mais do que nunca. Nunca se esqueça de que o "evangelho eterno" é um mandamento: "Temam a Deus e glorifiquem-no" (Ap 14.6–7). Quanto mais amo a Deus, mais temor tenho a Ele; quanto maior for a minha medida do Espírito Santo que infunde calma e alegria, maior será a medida do meu desejo de glorificar a Deus.

Poder

Poder é o que Jesus prometeu aos discípulos em Pentecostes (Lc 24.49; At 1.8). Poder-se-ia argumentar que a primeira e principal evidência do Espírito Santo é o poder. A palavra grega é *dunamis*, de onde vem a palavra *dinamite*. Podemos dizer que há pelo menos duas coisas que estavam operando em Pedro, no Dia de Pentecostes: o destemor e a presença de poder. A ausência de medo não havia sido suficiente. Não teria sido suficiente se Pedro estivesse exultante diante dos que estavam ao seu redor e dissesse: "Adivinhem só — eu não tenho absolutamente nenhum medo de todas estas pessoas que estão aqui". E daí? Ele ainda precisava do *poder*.

O poder de Pedro em Pentecostes consistia em duas coisas:

1. As palavras exatas a serem ditas. Elas manifestaram, claramente, que aquele dia era um cumprimento perfeito da promessa de Jesus, de que não devemos nos preocupar sobre o que dizer, pois nos será "dado" o que dizer. Será o "Espírito do Pai que falará por meio de vocês" (Mt 10.19–20);
2. O Espírito Santo operando eficazmente em Seus ouvintes. Quando Pedro terminou de pregar, as multidões não estavam mais discutindo com ele. Não havia mais ninguém zombando ou rindo. Elas tinham apenas uma pergunta: "Irmãos, que faremos?" (At 2.37). Elas estavam preparadas para fazer qualquer coisa que Pedro sugerisse. E ele lhes disse o que fazer: "Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado" (v.38). Três mil pessoas se converteram naquele mesmo dia (v.41).

Pedro não teve tempo de organizar os seus pensamentos antes de se dirigir à multidão no Dia de Pentecostes. Ele não teve tempo de preparar um sermão. Ele não fazia ideia do que teria que falar. Porém, quando o Espírito desceu e as multidões se reuniram, ele soube o que devia falar. Soube, também, exatamente o que dizer. O Espírito Santo o lembrou de tudo o que ele deveria dizer (Jo 14.26). Esta é a unção do Espírito. Não é algo que você pode produzir, planejar ou ter como objetivo. Ou ela está em nós, ou não está.

E pode ser que *não* dure para sempre. De fato, alguns anos depois, quando Pedro não queria que o vissem com os gentios — se afastava deles quando via que os judeus se aproximavam — o velho e covarde Pedro se mostrou. "Pois, antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios. Quando, porém, eles chegaram, afastou-se e separou-se dos gentios,

temendo os que eram da circuncisão" (Gl 2.12). Esse não foi o melhor momento de Pedro. Paulo o repreendeu diante de todos (v.11). O mesmo Pedro que havia negado Jesus diante de uma serva, a menina da Galileia (Mt 26.69–70) ressurgiu, de certa forma, naquele momento. Algo parecido aconteceu com Elias, que demonstrou um extraordinário poder no monte Carmelo, mas correu fugindo quando foi ameaçado pela rainha Jezabel no dia seguinte (1 Rs 19.2–3).

Não importa o nível do poder que nos seja concedido para um momento de necessidade. Que ninguém pense, ele ou ela, que já *chegando* a esse nível, sempre terá tal poder e ousadia. Todos somos tão débeis como gatinhos diante das pessoas se Deus não nos suprir com o Seu poder! E é Ele quem decide se o concede, ou não. Ele pode conceder misericórdia, ou não. "Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão" (Rm 9.15). Isso significa que Deus estava mostrando misericórdia e compaixão a Pedro no Dia de Pentecostes. E isso não foi por causa de Pedro, mas pela expansão do Evangelho. Sempre que Deus nos usa poderosamente ou decide mostrar a Sua autoridade em nós; não é para nós que Ele o faz. É por causa daqueles que estão ao nosso redor e que necessitam do que temos a dizer. Isso deveria nos guardar de nos tornarmos presunçosos e farisaicos. No momento em que pensamos que alcançamos determinado nível e que temos uma irrevogável unção de *dunamis* (poder) —, Deus nos olhará do céu e dirá: "É mesmo?", e nos deixará mostrar toda a nossa fraqueza, envergonhando-nos diante das pessoas e diante do céu.

Este poder (do Espírito Santo) pode ser em grande, ou pequena medida. Pedro o recebeu em grande medida durante bastante tempo, não apenas durante Pentecostes, mas também diante dos saduceus dias depois. Após o homem paralítico de nascimento ter sido curado instantaneamente, Pedro usou a plataforma, não para chamar atenção para si mesmo, mas para pregar o Evangelho (At 3.1–26). Outras milhares de pessoas se converteram. Esse poder foi visto quando Pedro advertiu severamente Ananias e Safira antes que eles caíssem mortos por mentir ao Espírito Santo (At 5.1–10). O poder do Espírito resultou, mais tarde, em uma visão bastante estranha que Pedro recebeu em Jope, a qual levou Cornélio à conversão e fez com que Pedro recebesse uma perspectiva extraordinariamente nova com respeito aos gentios (At 10). Poder — claramente fora do alcance de Pedro — ocorreu mais uma vez quando ele escapou, milagrosamente, da prisão com a ajuda de anjos que iam diante dele abrindo portas de ferro (At 12.6–10).

Todos os dons do Espírito Santo mostram o poder de Deus — quer seja a palavra de sabedoria, a cura ou a profecia. É o mesmo Espírito Santo. Ele pode fazer qualquer coisa que parece extraordinário demais para nós. Para Ele, curar um câncer é tão fácil quanto curar uma dor de cabeça.

Embora não possamos imitar, com êxito, o destemor, é possível que alguns ministros desonestos e inescrupulosos imitem o que para alguns poderia parecer com o poder espiritual. É por isso que alguns famosos curadores pela fé não querem que pessoas em cadeiras de rodas sejam colocadas na frente do palco, diante de todos — para não deixar o evangelista exposto, caso tais pessoas

não sejam curadas. Eles preferem orar por pessoas com enfermidades menos aparentes e fazê-las cair de costas — algo que pode parecer impressionante para aqueles que não sabem discernir. A pessoa que cai pode ter sido curada ou não, embora quase sempre se afirme que são curadas. As pessoas aplaudem e gritam: "Glória ao Senhor", sem pensar duas vezes. O dom de discernimento é necessário quando se trata de pregadores que afirmam ter poder, porque as pessoas podem ser muito ingênuas. Eu temo isso quanto a mim mesmo, sendo esta uma das razões pelas quais eu mesmo já fui enganado algumas vezes. Uma rola pode se parecer com uma pomba.

O poder manifestado no livro de Atos não deixava dúvida alguma. "Que faremos com esses homens? Todos os que moram em Jerusalém sabem que eles realizaram um milagre notório que não podemos negar" (At 4.16). No entanto, tristemente, a maioria das afirmações que são feitas atualmente de curas extraordinárias têm maneiras de se ocultarem debaixo de uma nuvem. Quando se vai a fundo sobre o que de fato aconteceu — quer seja um canal de televisão fazendo uma investigação para o seu noticiário, ou cristãos sinceros buscando descobrir o que realmente aconteceu, quase sempre *não* é o que afirmavam os curadores pela fé.

Eu sinceramente não penso que isso sempre foi assim. Eu tenho razões para acreditar que entre os anos de 1949 — 1951, as pessoas eram curadas de forma milagrosa e sobrenatural. Eu assisti a vídeos de Oral Roberts, do início dos anos 1950, que verdadeiramente mostram curas extraordinárias. Elas, porém, foram diminuindo, até praticamente desaparecer. Como eu disse no capítulo anterior, Oral Roberts se referiu à sua *antiga unção*, a

qual desde então se ocultou atrás de uma nuvem, talvez esperando outro dia no qual Deus fizesse algo diferente.

É compreensível que as pessoas se empolguem ao ouvir informações de pessoas caindo no chão e rindo sem parar. Mas, talvez, ríssemos um pouco menos se tivéssemos estado presentes durante os momentos de clímax do Grande Despertamento, ou do avivamento de Cane Ridge, para não mencionar o que ocorreu no Dia de Pentecostes quando as pessoas foram acusadas de estarem embriagadas. A minha primeira reação pessoal ao ver pessoas caindo e rindo na Holy Trinity Brompton Church of England, em Londres, foi: "O que é isto?" Eu não acreditava que aquilo podia vir de Deus. Esse tipo de coisas me parecia ofensivo até a medula. E para ser totalmente honesto, eu não queria que aquele fenômeno estranho fosse de Deus, porque se *verdadeiramente* fosse de Deus, teria chegado primeiro à Capela Westminster! Mas não havia chegado lá. O que o *Sunday Telegraph* chamou de "A bênção de Toronto" se estendeu até Londres, e encontrou sua casa na prestigiosa Igreja Holy Trinity Brompton. Eu alertei a minha congregação a respeito daquele fenômeno. Porém, mais tarde, tive que retratar-me.

Isto foi — em parte — o que aconteceu. Ken Costa, diretor da Igreja Holy Trinity Brompton (Igreja da Inglaterra), e um dos banqueiros mais respeitados de Londres, pediu para se encontrar comigo. Alguns anos antes, ele havia declarado que o meu livro *God Meant it for Good* (Deus o tornou em bem) o havia impactado bastante.[3] Portanto, nós já nos relacionávamos. Sabendo o que estava acontecendo em sua igreja, eu enviei a ele quatro sermões que eu havia pregado sobre 1 João 4.1 e 4 (sobre provar os

espíritos para ver o que é de Deus e o que é falso), pensando que isso poderia ajudá-lo a solucionar sua grave preocupação sobre "algo bastante estranho que ocorrera em sua igreja (Holy Trinity) e para o qual necessitava de orientação". Encontrei-me com ele para o almoço, estava preparando para enquadrá-lo em relação ao que decidi que certamente era fogo estranho o qual havia surgido em sua igreja anglicana.

Eu não estava preparado, entretanto, para o que aconteceu a seguir. Ken havia lido os meus sermões sobre 1 João 1–4. Obviamente ele não estava preocupado agora, e tampouco tinha desejo de me convencer de nada. Ele só queria a verdade. Enquanto me preparava para colocá-lo em ordem, comecei a sentir que era eu quem necessitava que alguém me orientasse. Eu sabia que ele tinha uma grande estatura entre as autoridades do Parlamento e os principais empresários e banqueiros de Londres, e discerni que obviamente ele estava preparado para perder sua reputação diante deles. Eu pude ver, com meus próprios olhos, que Ken Costa obviamente havia recebido um toque muito profundo de Deus. O fogo estranho não teria sido capaz de fazer aquilo. A sua vida tinha mudado. Raras vezes havia conhecido um leigo com um coração conforme o coração de Deus como o desse homem. Ele não chamava o que havia acontecido em sua igreja de *avivamento*, mas somente como a *pluma de Deus* — um leve toque.

O espírito de Ken me deixou rígido. Pela primeira vez, comecei a temer que fosse eu quem estava do lado equivocado do assunto. Ele estava cheio de alegria e com a mais profunda reverência pelas Sagradas Escrituras. Eu telefonei imediatamente para Louise e pedi que ela orasse por mim. "Eu tenho uma sensação de que me

equivoquei com respeito a este assunto", disse a ela. Eu não posso expressar o sentimento tão grande de temor de Deus que me sobreveio, — de que eu estava abominavelmente na mesma tradição daqueles que se *opuseram* ao Grande Despertar dos tempos de Jonathan Edwards e ao Avivamento de Gales. Eu passei dias considerando sobriamente o que ouvi. Eu não queria estar do lado equivocado. Sugeri, então, que os nossos diáconos fossem comigo para ter um tempo de oração, no meio da semana, na Holy Trinity Brompton. Alguns foram apenas para observar, enquanto outros se ofereceram voluntariamente para que orassem por eles. O Espírito de Deus começou a tocar alguns deles! Eu fiz, então, a única coisa honrável que me ocorreu: publicamente, diante da Capela Westminster, retirei minha opinião quanto ao que havia dito; e disse que estava equivocado. A minha reputação nunca voltaria a ser a mesma depois disso, mas nunca olhei para trás. Depois de um tempo, a Holy Trinity Brompton se tornou uma igreja irmã da Westminster Chapel.

Paralelamente à influência de Ken Costa, ocorreu também outro incidente que eu não conseguia afastar do meu pensamento. Bob Cheeseman, um pastor que eu não conhecia, pessoalmente, havia acabado de voltar de Toronto. Ele estava na Capela Westminster para uma reunião de pastores. O brilho em seu rosto me fez pedir que ele orasse por mim. Porém, um dos meus melhores amigos — um pastor batista reformado — também veio ao meu gabinete para tomar um café. Eles dois já se conheciam — eram pastores em Richmond, um subúrbio de Londres. Quando Bob começou a orar por mim, o meu amigo batista reformado se aproximou e disse: "Deixarei que ele ore também por mim." Isso é significativo:

meu querido amigo não tinha nem ideia do que havia ocorrido em Toronto. Se ele soubesse, certamente com toda probabilidade não teria deixado que aquele homem orasse por ele. Quando Bob começou a orar, o meu amigo Gerald Coates bateu à porta. Eu o convidei a também unir-se à oração. Enquanto Bob e Gerald oravam por mim, sinceramente não senti nada. Mas meu amigo, sem saber o que estava acontecendo com ele, caiu, com o rosto no tapete vermelho do meu antigo gabinete. Ele permaneceu ali caído durante quase dez minutos. Aquilo me trouxe paz, mesmo não entendendo.

Aqui estão duas passagens bíblicas que me vêm à mente: (1) os caminhos de Deus são mais altos do que os nossos caminhos (Is 55.8–9), e (2) Ele escolhe os néscios do mundo para confundir os sábios (1 Co 1.27–28). É fácil ironizar, zombar, rir de coisas como essas. Uma advertência com amor: não faça isso. Você não faz nem ideia do que poderia estar criticando. Nunca se esqueça de que ninguém imaginou, nos tempos de Jesus, que o fato de Ele ter morrido naquela cruz, numa sexta-feira, era a forma como Deus salvaria o mundo (cf. Hb 12.2,3 e Is.53). A Sua crucificação foi vista de algum modo como algo tão desagradável, horrível, repugnante e ridículo na época, tal como hoje se podem ver pessoas caindo de costas e rindo em razões de toques do Espírito Santo da verdade. Gostemos ou não, parece que Deus gosta de aparecer de uma maneira que encontra os mais doutos e sofisticados desprevenidos.

O poder do Espírito Santo não pode ser imitado exitosamente. Se uma pessoa é mudada sobrenaturalmente e recebe um amor pela glória de Deus, foi *Deus* quem o fez. Se uma pessoa é

verdadeiramente curada — *Deus* o fez, independentemente de quem tenha orado pela cura. Além disso, se Deus dá palavras que estão tão cheias de verdade que a oposição não pode contradizer ou contestar, como ocorreu através dos inimigos de Estevão: "Esses homens começaram a discutir com Estevão, mas não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que ele falava..." (Atos 6. 9,10), isto é o poder do Espírito Santo operando.

Sempre que o poder desafiar uma explicação natural de algo que liberta as pessoas, *não* é obra da carne ou do diabo.

Amor

A terceira coisa que Paulo mencionou a Timóteo é que Deus nos deu um espírito de amor, e não de medo. O perfeito amor expulsa o medo (1 Jo 4.18). Assim como a luz faz a escuridão desaparecer, o amor lança fora o medo. De acordo com a lista de Paulo, em Gálatas, o primeiro fruto do Espírito é o amor (Gl 5.22–23). Penso que se pode argumentar que se você verdadeiramente tem o fruto genuíno do amor, os demais frutos se seguirão: alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio.

Esse é *amor ágape*, que se dá a si mesmo e é desinteressado, que se preocupa com os demais. Ele é lindamente descrito com detalhes, em 1 Coríntios 13. Esse amor é totalmente contrário à nossa natureza. Quando somos feridos, caluniados ou traídos, o sentimento mais natural do mundo é vingar-se, ver a outra pessoa ser punida. O perfeito amor expulsa o medo; o medo tem a ver com o castigo (1 Jo 4.18). Você quer jogar o livro em seu ofensor.

Isso é o que alguns salmos imprecatórios nos incentivam a fazer, não é mesmo? Jesus, porém, vem ao nosso ouvido e nos diz: "Amem os seus inimigos, façam o bem aos que os odeiam, abençoem os que os amaldiçoam, orem por aqueles que os maltratam" (Lc 6.27–28).

O amor *ágape* é tão contrário à nossa natureza quanto é o poder do *Dunamis*. Quando há, porém, um verdadeiro amor *ágape*, sem dúvida, é uma prova de que o Espírito Santo está em nós (Cf Rm 5.5). A carne não pode demonstrar o amor *ágape*. O coração é mais enganoso do que qualquer outra coisa e perverso; sua doença é incurável (Jr 17.9). O diabo não pode manifestar amor *ágape*. Ele é cheio de ódio, é um assassino desde o princípio (Jo 8.44). Só o Espírito Santo é capaz de amar. E, como nós temos o Espírito Santo, podemos amar. Temos a responsabilidade de demonstrar a existência desse amor àqueles que estão a nossa volta, desejosos de ver os cristãos agindo dessa maneira; comportando-se assim.

O amor "não guarda rancor", "não faz registros de ofensas recebidas" (N.T.V.) disse Paulo (1 Co 13.5). Por que nós guardamos recibos? Para provar que pagamos as nossas contas. Por que guardamos registros das ofensas recebidas? Para usá-los contra um inimigo — ou contra o cônjuge — quando for apropriado. O amor rasga esse registro de ofensas para que o seu mau comentário acerca do seu ofensor ou do ato praticado contra você, nunca volte a ser mencionado. Uma das estatísticas mais tristes que surge, em anos recentes, é que a proporção de casamentos de cristãos (crentes) que acabam em divórcio é pouco diferente à dos casamentos onde os integrantes não são cristãos.

Que testemunho tão vergonhoso para a fé cristã — pelo menos nos EUA.

Sempre que estou em Durban, na África do Sul, eu me pego pensando sobre Mahatma Gandhi, que viveu ali por um bom tempo. É muito sabido que Gandhi considerou seriamente o cristianismo como uma forma de vida para ele. Quanto mais lia os ensinos de Jesus, mais intrigado ele ficava — até que começou a reunir-se com os cristãos daquela área. O mundo nunca saberá o que poderia ter acontecido — se, ao menos, Gandhi tivesse se encontrado com cristãos cheios do Espírito Santo, que demonstrassem perdão total e orassem pelos seus inimigos. Era isso que Mahatma Gandhi estava procurando. A sua famosa frase quase me faz chorar: "Eu gosto do seu Cristo, mas não gosto de seus cristãos. Seus cristãos são tão diferentes do seu Cristo".

Suspeito que haja uma ausência horrível do tipo de vida cristã necessária em nossos dias para que os casamentos permaneçam unidos. O amor *eros* pode fazer com que um homem e uma mulher desejem se casar, mas não é esse amor que sustentará o casamento. O amor *ágape* deve ir paralelo (não substituir) ao amor *eros* o quanto antes em um casamento, ou o casamento estará destinado ao fracasso. Se quisermos que os nossos casamentos sobrevivam, e sejam duradouros, certamente devemos ter um amor que não guarda rancor, que nos impeça de carregar registros das ofensas.

Deus não nos deu um espírito de medo, mas de amor — o que significa que todo cristão tem ao seu alcance a necessidade de perdoar: *totalmente*. O perdão total é um ato da vontade. Não precisamos esperar que Deus nos atire ao solo (o "cair no

espírito"). Obedeça aos ensinos (mandamentos) de Jesus. *Simplesmente faça o que Ele diz.* Quando Paulo diz que Deus nos deu esse amor, significa que não temos desculpa. Eu sinto muito, mas é nossa responsabilidade e algo que qualquer cristão é capaz de cumprir. Todos nós podemos fazer isso. Talvez seja a coisa mais difícil de fazer no mundo (e é), mas está ao nosso alcance porque temos o Espírito Santo (Rm 8.9).

Essas quatro evidências do Espírito que Deus nos deu — destemor, poder, amor e autocontrole — estão equitativamente divididas. As duas primeiras somente Deus pode fazer com que ocorram: destemor e poder. As duas últimas, amor e domínio próprio, estão ao nosso alcance. A evidência do Espírito Santo é *igualmente* amor e autocontrole. Todas *demonstram* que o Espírito Santo está atuando em você.

Tenho vergonha de admitir que passei muitos anos — mais da metade da minha vida cristã — até que o meu amigo romeno, Josif Tson me dissesse: "R.T., você tem que perdoá-los totalmente. Enquanto você não perdoar totalmente, viverá acorrentado". Foi a palavra mais importante que alguém jamais havia me dito. Essas palavras me transformaram. Porém, foi algo que eu tive que fazer acontecer. Não era só questão de dizer: "Senhor, me dê graça e eu os perdoarei." Não. Essa é uma das maiores desculpas e a razão por que tantos cristãos hoje estão cheios de amargura e irão para o túmulo assim. Isso não significa que eles não sejam salvos. Significa que serão salvos "como alguém que escapa através do fogo" (1 Co 3.14–15), mas perderão qualquer recompensa que poderia ter sido deles.

Você tem esse amor? Só Deus pode concedê-lo. Mas você precisa mostrá-lo. O perdão total é uma escolha, uma decisão pessoal — e ato da vontade.

Como eu posso saber que perdoei totalmente? Quando não conto a ninguém o que fizeram comigo. Quando eu paro de fazer com que as pessoas que me rodeiam se sintam nervosas ou temerosas. Quando paro de apontar com o dedo e faço com que os outros se sintam culpados. Quando eu libero as pessoas e não lanço em rosto o que elas fizeram conta mim. Quando eu as protejo de seus segredos mais escondidos. Quando eu prosseguir fazendo essas coisas, dia após dia, e inclusive ano após ano, finalmente o perdão total terá alcançado o seu auge — e sua máxima expressão — quando eu for capaz de orar sinceramente pela pessoa que me fez injustiça. Não é simplesmente dizer: "Amado Senhor, eu a entrego a Ti". Não. É quando você ora do fundo do seu coração para que Deus a abençoe, a faça prosperar, impeça que algum mal lhe aconteça e proteja-a de ser pega. Oh céus, é muito difícil! Eu sei, mas esse é o perdão total. (Para aqueles que queiram saber disto com mais profundidade, vejam o meu livro *Total Forgiveness*[4] — (**Perdão Total**, publicado no Brasil, pela Editora Urbana Ltda — www.matrixeditora.com.br).

Você não quer esperar até o dia do Juízo de Cristo (Cf II Co 5.10) para ver como o próprio Deus irá administrar isso? Eu não perderia por nada, assim como também não quero fazer nenhuma besteira ao tentar me vingar nessa vida.

Quando você fizer estas coisas, você estará demonstrando evidências do Espírito Santo.

Autocontrole

A palavra grega traduzida em 2 Timóteo 1.7 por moderação, equilíbrio, domínio próprio, sobriedade é *sophronismou*[*]. Ela também é traduzida como "mente sã" na versão King James. É mais apropriado, no entanto, usar a tradução "autodisciplina ou autocontrole". Em último lugar (mas não menos importante), da sua lista do fruto do Espírito, em Gálatas 5.23, Paulo usa a palavra *egkrates* — autocontrole, autodisciplina (Há versões em português que traduzem por domínio próprio, temperança). No mundo helenístico antigo, ela se referia ao poder ou ao senhorio que uma pessoa tinha sobre si mesma. Significava superioridade sobre qualquer desejo, especialmente em relação à comida, ao sexo e ao uso da língua.

O autocontrole — assim como o amor — é um ato da vontade. A pessoa desejaria muito que o fruto do Espírito garantisse alegria, paz, paciência e os demais de modo espontâneo, mas não é assim que acontece. Deus não nos deu um espírito de medo, mas de autocontrole. Na verdade, a evidência de que temos o Espírito Santo, não é o exercício dos dons do Espírito, mas do domínio próprio. Nossa responsabilidade é demonstrar que temos o Espírito Santo, não porque falamos em línguas, mas porque temos o domínio sobre nossos desejos ou corpos.

Comida. Nós moramos no Tennessee — o coração do Cinturão Bíblico, mas também o segundo estado americano com o maior número de obesos. É escandaloso. Muito parecido com os cristãos que não fazem questão da sua amargura e falta de perdão, assim faz também um número alarmante de cristãos que tem um

enorme sobrepeso. Eu ainda não encontrei nenhum pastor que tenha abordado esse problema. Em certa ocasião, ouvi a pregação de um pastor, cujo título era: "Cristãos gordos". Pensei: "Finalmente". O assunto, porém, era sobre cristãos que estão muito bem alimentados espiritualmente, mas não ganham almas para Cristo. Foi um bom sermão, mas não abordou a questão da obesidade.

Domínio próprio ou autocontrole é o que temos no Espírito Santo. Nós, no entanto, precisamos exercitá-lo. Significa prestar atenção na quantidade de comida e bebida que estamos ingerindo — não apenas por uma questão de saúde pessoal, mas também pelo nosso testemunho. Quando eu estava na Capela de Westminster, permitimos que um coral dos Estados Unidos nos desse um concerto. Eram grandes cantores. Porém, a primeira coisa que os nossos membros notaram (e quase a única coisa) foi a obesidade das pessoas que estavam cantando. Embora a obesidade esteja crescendo rapidamente na Inglaterra, a primeira pergunta que surgiu na cabeça de muitos dos nossos membros, foi: "Essas pessoas não têm o mínimo de autocontrole?"

Sexo. Não existe nada que cause tanta desonra ao nome do nosso Salvador quanto o adultério dentro da Sua Igreja. Infelizmente, isso ocorre todo o tempo. Semanalmente, ouvimos acerca de ministros demonstrando a sua falta de autocontrole em relação ao sexo em quase todas as denominações. Eu gostaria de poder dizer que a teologia de uma pessoa e a sua fundamentação teológica têm um efeito direto na vida pessoal do indivíduo. Contudo, tendo cruzado várias linhas denominacionais e teológicas muitas vezes, posso afirmar, com segurança e tristeza, que não há correlação

alguma entre a doutrina de uma pessoa e o seu autocontrole. As igrejas reformadas têm a mesma proporção de pastores que caíram em adultério que as igrejas carismáticas e pentecostais. Poderíamos até supor que esses últimos deveriam ter um número menor de escândalos sexuais, uma vez que eles afirmam ser cheios do Espírito Santo. Não é isso, no entanto, que acontece. Os escândalos entre os ministros, pastores de televisão, demonstram que não estão cheios do Espírito Santo, mas falta-lhes bastante domínio próprio.

O batismo com o Espírito Santo — não importa como você o defina — certamente nos dá um ímpeto para glorificar a Deus e viver uma vida santa. E nos dias seguintes após a experiência gloriosa de ter sido inicialmente cheio do Espírito, talvez nos tornemos realmente menos vulneráveis à tentação. Porém, mais cedo ou mais tarde, todos descemos da montanha de glória e nos enfrentamos com a nossa natureza pecaminosa. É, portanto, *através do domínio próprio*, do autocontrole, que nós demonstramos que temos o Espírito Santo.

Controle da língua."Todos tropeçamos de muitas maneiras", disse Tiago. Foi muito bom ele ter falado isso; faz-me sentir melhor. "Se alguém não tropeça no falar, tal homem é perfeito, sendo também capaz de dominar todo o seu corpo" (Tg 3.2). A verdade é que não somos perfeitos; ninguém é e jamais será nesta vida. A glorificação é para a vida que há de vir.

Porém, Tiago, dá-nos uma lista de comprovação através da qual podemos saber a diferença entre a sabedoria do "alto" e a sabedoria de "baixo". A sabedoria de baixo abriga a inveja amarga e ambição egoísta no coração, o que nos leva, mais uma vez, à

questão do amor *ágape*. De certa forma, passamos por um círculo completo. Embora a ausência de medo e o poder estejam fora de nosso alcance — somente Deus pode fazer com que isso ocorra, — o amor e o domínio próprio estão firmemente depositados em nossas mãos. Eles nos foram confiados juntamente com o Espírito Santo. Se Ele permanece em nós sem ser *entristecido,* nós podemos ter certeza de que não desagradaremos ao Senhor e nem traremos desonra ao nome de Cristo. A sabedoria que vem do alto, portanto, "é antes de tudo pura; depois, pacífica, amável, compreensiva, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sincera" (Tg 3.17).

O autocontrole honra e dá glória a Deus. Além disso, as pessoas admiram essa qualidade. Ninguém admira uma pessoa cheia de amargura, incapaz de controlar a sua língua, o seu apetite ou os seus desejos sexuais. Se alegamos ter o Espírito Santo — e queremos que Ele receba o respeito que Lhe é devido — deveríamos nos preocupar com Ele o suficiente para disciplinar a nossa língua e o nosso corpo.

É claro que eu não sei por quanto tempo ainda pregarei e escreverei livros. Mas, de uma coisa sei: eu quero terminar bem. Se eu praticar aquilo que preguei neste livro, conseguirei isso. E você também.

Durante meus anos na Capela Westminster, quase temia retornar aos EUA sem ter tido um êxito fenomenal, como os meus antecessores, o Dr. G. Campbell Morgan e o Dr. Martyn Lloyd-Jones. Eu temia não ter nenhum ministério por aqui, sabendo como sei o muito que os americanos se impressionam com o sucesso. Contudo, tenho sido grandemente abençoado neste país,

tendo recebido um ministério que já deu a volta ao mundo. Quase do mesmo modo, tenho tido certa apreensão ao escrever este livro, pois sei que haverá alguns leitores que poderiam se inclinar mais para correr o tipo de risco que eu correria se tivesse tido o êxito fenomenal que tanto desejava. Mas esperemos que esta seja uma motivação superficial, inclusive mundana para você.

As minhas palavras de conclusão para você, portanto, são estas: se o seu coração anseia por Deus mais do que qualquer outra coisa no mundo, não desista. E se você perceber qualquer oportunidade de demonstrar a coragem dos seus desejos, aproveite-a completamente. *Não espere que Deus derrube você com o Seu poder*. "Deleite-se no Senhor, e ele atenderá aos desejos do seu coração" (Sl 37.4). Eu posso dizer a você honestamente que não lamento nada em relação ao meu ministério na Capela Westminster durante aqueles vinte e cinco anos. Nada. Eu voltaria a tomar cada decisão outra vez, tal e como as tomei. Por quê? Porque segui o princípio de João 5.44: *não buscar a própria glória, mas a de Deus*. Estou decepcionado por não ter tido mais êxito? É claro que sim. Eu queria ter visto avivamento. Mas esse fenômeno não está em minhas mãos. Não há possibilidade de uma decepção final, quando o seu maior objetivo é saber que você agradou ao Pai.

De qualquer modo, o* espírito *de medo é incompatível ao Espírito Santo.

Destemor não é o mesmo que coragem. Certamente parecemo-nos corajosos quando não há nenhum medo.

Destemor é um estado mental que só pode ser alcançado através do Espírito Santo.

Este poder (do Espírito Santo) pode ser em grande, ou pequena medida. Pedro o recebeu em grande medida durante bastante tempo, não apenas durante Pentecostes, mas também diante dos saduceus dias depois.

A terceira coisa que Paulo mencionou a Timóteo é que Deus nos deu um espírito de amor, e não de medo.

*2 Tm 1.7 **moderação**, sophronismos; Strong 4995: uma combinação de *sos*, "seguro" e *phren*, "a mente"; portanto, "pensar seguramente". A palavra denota bom julgamento, padrões de pensamento disciplinados e capacidade de compreender e tomar decisões certas. Inclui as qualidades do autocontrole e da autodisciplina. In **Palavra-chave**, na Bíblia de Estudo Plenitude — SBB)

O perdão total é uma escolha, uma decisão pessoal — e ato da vontade.

Eu ainda não encontrei nenhum pastor que tenha abordado esse problema.

Semanalmente, ouvimos acerca de ministros demonstrando a sua falta de autocontrole em relação ao sexo em quase todas as denominações. Eu gostaria de poder dizer que a teologia de uma pessoa e a sua fundamentação teológica têm um efeito direto na vida pessoal do indivíduo.

O autocontrole honra e dá glória a Deus.

Capítulo 13

ISAQUE

–

E Abraão disse a Deus: "Permite que Ismael seja o meu herdeiro"! Então Deus respondeu: "Na verdade Sara, sua mulher, lhe dará um filho, e você lhe chamará Isaque. Com ele estabelecerei a minha aliança, que será aliança eterna para os seus futuros descendentes. E no caso de Ismael, levarei em conta o seu pedido. Também o abençoarei; eu o farei prolífero e multiplicarei muito a sua descendência.

— GÊNESIS 17.18–20

Quando a Palavra e o Espírito se unirem, produzirá o maior movimento do Espírito Santo que esta nação e, sem dúvida, o restante do mundo já viram".

— SMITH WIGGLESWORTH (1859–1947)

Quando eu era pastor da Igreja do Nazareno em Palmer, no Tennessee (aos dezenove anos), nunca me esquecerei do dia quando o meu pai me ouviu pregar pela primeira vez. Eu havia preparado, cuidadosamente, um sermão sobre profecia e escatologia. Eu detalhei tudo — os sinais dos tempos, o Arrebatamento, a Grande Tribulação, o anticristo, a marca da besta, o milênio e como as coisas terminariam no juízo final. Eu estava ansioso para ver a reação do meu pai àquele fantástico sermão que eu havia acabado de pregar. Silêncio. Algumas horas

depois, ele me disse: “Filho, deixe-me lhe dar alguns conselhos que recebi do homem de quem você herdou seu nome. O Dr. R. T. Williams sempre dizia aos pastores e pregadores: ‘Jovens, mantenham-se afastados do tema da profecia. Deixem que os mais velhos lidem com essa questão, pois eles não estarão mais aqui para verem como erraram’.” Aquilo me colocou em meu devido lugar.

Mas, agora que estou velho, estou liberado para tratar com os assuntos que direi neste capítulo! Eu, contudo, acredito de todo o coração que meus prognósticos, neste capítulo, são verdadeiros e se cumprirão.

Em outubro de 1992, nós fizemos a primeira conferência Word and Spirit (Palavra e Espírito), no centro de conferências de Wembley, em Londres. Lyndon Bowring presidiu a reunião. Graham Kendrick apresentou o novo hino que ele escreveu: “*Jesus Restore to Us Again*” (Jesus restaura-nos de novo) — mostrando a necessidade de unir a Palavra e o Espírito. Eu fiz uma exposição que me causou mais problemas do que qualquer outro sermão que eu já havia pregado até então. Talvez eu devesse ter previsto que isso aconteceria, mas não imaginei. Eu não fazia ideia de que seria algo tão polêmico.

Alguns dias antes daquela conferência, eu perguntei a um amigo da Inglaterra o seguinte: “Se te perguntassem qual dos dois é o movimento carismático: Ismael ou Isaque, qual você diria?”.

Ele refletiu por uns instantes e respondeu: “Isaque”.

Eu, então lhe perguntei: “E se eu lhe dissesse que acredito que o movimento carismático é Ismael?”

“Ah, não, eu espero que não”, ele disse.

Eu disse a ele que a sua reação havia sido a mesma de Abraão, quando ele soube que Isaque, e não Ismael, seria o filho da promessa. "Permite que Ismael seja o meu herdeiro!", pediu Abraão a Deus (Gn 17.18).

Ismael fazia parte do plano de Deus. Quando ele nasceu, Abraão supôs que era isso o que Deus deveria ter em mente. Ele era filho de Abraão, sua carne. Era varão. "É verdade que ele não veio de Sara, mas se era isso o que Deus tinha em mente, tudo bem", pensou Abraão.

O movimento pentecostal e carismático fazem parte do plano de Deus. A sua influência no mundo é incalculável. Porém, assim como Ismael era o precursor de Isaque, da mesma forma esse grande movimento, que tem enfatizado a pessoa e a presença manifesta do Espírito Santo, está preparando o cenário para o que virá depois.

ISAQUE ESTÁ VINDO

Durante treze anos, Abraão verdadeiramente acreditou ser Ismael *o* filho da promessa que havia sido prometido a ele. Tudo começou quando Abraão se preocupou por não ter descendência. "Ó Soberano Senhor, que me darás, se continuo sem filhos e o herdeiro do que possuo é Eliézer de Damasco? (...) Tu não me deste filho algum! Um servo da minha casa será o meu herdeiro!" Então, o Senhor deu-lhe a seguinte resposta: "Seu herdeiro não será esse. Um filho gerado por você mesmo será o seu herdeiro".

Levando-o para fora da tenda, disse-lhe: “Olhe para o céu e conte as estrelas, se é que pode contá-las”. E prosseguiu: “Assim será a sua descendência” (Gn 15.2–5). Abraão poderia ter dito: “Isso é absurdo. O Senhor realmente espera que eu acredite nisso? Eu não acredito”. Mas, não. “Abraão creu no SENHOR” (v.6). O resultado de Abraão ter crido é que ele foi contado como JUSTO aos olhos de Deus. Foi o próprio Deus quem fez a declaração. Esse relato se tornou a principal ilustração de Paulo acerca da sua doutrina de justificação somente pela fé (veja Romanos 4).

Porém, à medida que Abraão foi envelhecendo, e Sara aparentemente era estéril, ela sugeriu que Abraão dormisse com a sua serva, Hagar, para ajudar no cumprimento da promessa. Ele fez isso, e nasceu Ismael (Gn 16.15). Abraão estava com oitenta e seis anos quando Hagar deu à luz a Ismael. Tudo se encaixava com a promessa. Como eu disse, Ismael era um filho varão de Abraão, portanto, até aí tudo ia bem. Não. Não era exatamente isso que Abraão entendeu e esperava quando ouviu, pela primeira vez, a promessa do Senhor. Ele cria que Sara seria a mãe do seu filho. Como, porém, Ismael nasceu e era seu filho, ainda que Hagar fosse a mãe natural e certamente sua própria descendência, Abraão aceitou aquilo e viveu com isto durante os treze anos seguintes acreditando que a promessa havia se cumprido.

Então, certo dia, Deus irrompeu na vida de Abraão com o que parecia, naquele momento, ser uma notícia indesejável: Ismael *não* é o vínculo com a semente que será tão numerosa quanto as estrelas do céu. Sara, que agora estava com noventa anos, conceberia e daria a Abraão o filho com o qual o pacto era estabelecido. Porém, não há por que se preocupar; Ismael, sem

dúvida, era parte do plano de Deus e ele também seria abençoado. Mas o pacto seria estabelecido com Isaque (Gn 17.21).

Quando Abraão ouviu esta palavra pela primeira vez, ele prostrou-se com rosto em terra e riu (v.17). Quando Sara, posteriormente ouviu a notícia, ela também riu (Gn 18.12). Dentro de um ano, Sara ficaria grávida em sua velhice (aos noventa anos), e daria a Abraão um filho com idade de cem anos. Abraão chamou o filho de Isaque, que significa "riso", ou "ele ri".

Eu usei essa história como base para a mensagem que preguei no Centro de Conferências em Wembley. O ponto que estabeleci foi: *Isaque está vindo*, e será uma demonstração do que ocorre quando a Palavra e o Espírito se unem. Essa combinação simultânea terá como resultado uma combustão espontânea. Creio que o que está vindo será maior do que qualquer outro mover do Espírito Santo desde Pentecostes. Esse acontecimento atravessará fronteiras denominacionais, culturais, teológicas e geográficas. A glória do Senhor cobrirá a terra assim como as águas cobrem o mar. Assim como a promessa em relação a Isaque era cem vezes maior do que a promessa feita a Ismael, o que está por vir será centenas de vezes maior do que tudo o que já vimos até agora. Em relação a Ismael, nós ainda não sabemos o que Deus fará com a sua semente. Eu acredito que milhões de muçulmanos se converterão antes do fim.

Sinceramente cria que essa mensagem seria bem recebida naquela conferência em Wembley. Mas não foi o que aconteceu. Ao terminar, o silêncio era tão grande que daria para ouvir um alfinete caindo no chão. Muitos líderes carismáticos presentes se sentiram ofendidos. A mensagem também ofendeu os evangélicos

não carismáticos, porque eu disse que, com algumas exceções, "a maioria das igrejas da Inglaterra que faziam a diferença eram carismáticas". Além disso, os grandes hinos desta geração foram escritos, em sua maioria, por reconhecidos carismáticos — como Graham Kendrick, Chris Bowater, e outros. De fato, eu tinha (segundo alguns) coisas boas até demais para falar sobre os carismáticos naquela noite.

Certamente que eu compreendo por que alguns líderes carismáticos se ofenderam com a minha palavra. Alguns ainda estão, de alguma forma, doloridos, pois deram as suas vidas e reputações a um movimento que tem sido amplamente desprezado pelas igrejas tradicionais. Eu não os culpo. Penso em meu amigo, Charles Carrin, que não apenas perdeu a sua igreja, a sua confortável renda e sua bela casa em uma das melhores regiões de Atlanta, como também perdeu as suas credenciais e a sua aposentadoria — tudo por causa do movimento carismático.

Dito isto, o futuro para os pentecostais e carismáticos é mais brilhante do que nunca. Eles deveriam ser os principais beneficiários do mover vindouro do Espírito Santo, um mover que creio será o maior da História da Igreja cristã. Eu falo dessa maneira, porque predigo que inumeráveis evangélicos conservadores igualmente serão parte do grande avivamento que virá. É quando a Palavra e o Espírito se unem.

Não se esqueça de que Ismael também recebeu uma grande promessa — de que a sua semente seria de milhões. Duvido que muitos teriam sonhado que o que começou na Rua Azusa, em 1906, o qual no princípio ficou mais conhecido como o Movimento de Glossolalia, cresceria tanto e se transformaria no que se

transformou. Considere o êxito do movimento carismático. Veja o cristianismo no terceiro mundo. Observe os ministérios de rádio e televisão. Quase todos são pentecostais ou carismáticos.

O GRITO NA METADE DA NOITE

"O Reino dos céus, pois, será semelhante a dez virgens que pegaram suas candeias e saíram para encontrar-se com o noivo. Cinco delas eram insensatas, e cinco eram prudentes. As insensatas pegaram suas candeias, mas não levaram óleo consigo. As prudentes, porém, levaram óleo em vasilhas juntamente com suas candeias. O noivo demorou a chegar, e todas ficaram com sono e adormeceram.

À meia-noite [no grego, na metade da noite], ouviu-se um grito: 'O noivo se aproxima! Saiam para encontrá-lo!' Então todas as virgens acordaram e prepararam suas candeias. As insensatas disseram às prudentes: 'Deem-nos um pouco do seu óleo, pois as nossas candeias estão se apagando'.

Elas responderam: 'Não, pois pode ser que não haja o suficiente para nós e para vocês. Vão comprar óleo para vocês'. E saindo elas para comprar o óleo, chegou o noivo. As virgens que estavam preparadas entraram com ele para o banquete nupcial. E a porta foi fechada.

Mais tarde vieram também as outras e disseram: 'Senhor! Senhor! Abra a porta para nós!' Mas ele respondeu: 'A verdade é que não as conheço!' Portanto, vigiem, porque vocês não sabem o dia nem a hora!"

— Mateus 25.1–13

Jesus contou essa parábola por diversos motivos. Em primeiro lugar, para descrever a condição da Igreja, de uma maneira geral, nos últimos dias — que a Igreja estará adormecida. Em segundo lugar, que a Igreja, em geral, estará composta de basicamente dois tipos de pessoas: os que são sábios, prudentes, que perseguem, buscam a sua herança tomando óleo com as suas lâmpadas; e os néscios, insensatos, que desprezam a sua herança ao não levarem óleo extra para as suas lâmpadas. Em terceiro lugar, haverá um grito no meio da noite (não meia noite, o horário, mas sim no meio da noite, quando as pessoas estão dormindo): "O noivo se aproxima! Saiam para encontrá-lo"!

O que penso é que o grito no meio da noite dará início ao próximo e final grande mover de Deus na Terra. É quando a Palavra e o Espírito se unirão simultaneamente. Essa mensagem acordará o prudente e o insensato, os sábios e os néscios. Toda a Igreja se despertará. Porém, os insensatos, néscios, não poderão desfrutar do grande mover de Deus.

Jesus baseia esta parábola nas antigas cerimônias de casamento do Oriente Médio, que eram muito diferentes dos casamentos de hoje. O casamento não era realizado em uma sinagoga ou igreja, mas na casa do noivo. O noivo ia até à casa da noiva e a levava para a sua casa. A noiva, no entanto, não sabia, nem fazia ideia de quando o noivo chegaria e a chamaria. Por mais estranho que possa parecer para nós, às vezes, o noivo ia à casa da noiva no meio da noite. Jesus dá a entender, nessa parábola, que o grito será dado quando a Igreja estiver dormindo profundamente. Porém, há uma regra quando se trata das parábolas: não tente

interpretá-las em suas minúcias, foque na questão principal. Para leitura complementar, leia meu livro *The Parables of Jesus*.[2]

Eu creio que a Igreja está adormecida no presente momento. Não sabemos que estamos dormindo até acordarmos. Fazemos coisas, em nossos sonhos, que não faríamos estando totalmente acordados. Da mesma forma, a Igreja está envolvida em coisas que não estaria fazendo se estivesse totalmente acordada. Além disso, os insensatos, os néscios, detestam o som do despertador; mas os sábios, os prudentes, recebem o seu toque agradavelmente.

Eu creio que esse grito no meio da noite seja um mover do Espírito Santo — chame-o de Isaque — *antes da* segunda vinda de Cristo. O assunto principal é este: eu creio que um grande mover do Espírito Santo está vindo. Acredito que acontecerá, muito, muito em breve. Eu espero estar vivo quando acontecer. Se, no entanto, eu morrer antes, eu prometo a você: o último e grandioso mover do Espírito Santo está vindo!

Quando preguei essa mensagem no Centro de Convenções em Wembley, em 1992, eu não fazia ideia de que quarenta e cinco anos antes — em 1947, apenas três meses antes de falecer — Smith Wigglesworth (1859–1947) profetizou sobre isso. Embora ele esteja falando em um contexto britânico, o que ele diz se encaixa igualmente com o mesmo período e desenvolvimento dos EUA. Eis o que ele disse:

> Durante as próximas décadas, haverá dois tipos de movimentos do Espírito Santo por toda a Igreja na Grã-Bretanha. O primeiro mover afetará todas as igrejas que estiverem abertas para recebê-lo, e ele será caracterizado por uma restauração do

batismo e dos dons do Espírito Santo. O segundo mover do Espírito Santo terá como resultado pessoas deixando suas igrejas históricas para plantar novas igrejas. Na duração de cada um desses movimentos, as pessoas envolvidas dirão: "Este é o grande avivamento". Mas o Senhor diz: "Não, nenhum dos dois será o grande avivamento, mas ambos serão passos que levarão a ele". Quando a nova fase da Igreja estiver em seu declínio, se evidenciará, nas igrejas, algo que, ainda, não se viu: uma união daqueles que enfatizam a Palavra com aqueles que enfatizam o Espírito. Quando a Palavra e o Espírito se unirem, produzirá o maior movimento do Espírito Santo que esta nação, e sem dúvida, o restante do mundo já viram. Isso marcará o início de um avivamento que ofuscará tudo o que já foi testemunhado nos avivamentos anteriores, até mesmo o Wesleyano e Galês. O derramamento do Espírito de Deus fluirá por todo o Reino Unido até toda a Europa, e daí começará um mover missionário até os confins da Terra.[3]

Sendo assim, vem, Espírito Santo.

Que a bênção de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo repouse sobre você, agora e para sempre. Amém.

O movimento pentecostal e carismático fazem parte do plano de Deus. A sua influência no mundo é incalculável. Porém, assim como Ismael era o precursor de Isaque, da mesma forma esse grande movimento, que tem enfatizado a pessoa e a presença manifesta do Espírito Santo, está preparando o cenário para o que virá depois.

Assim como a promessa em relação a Isaque era cem vezes maior do que a promessa feita a Ismael, o que está por vir será centenas de vezes maior do que tudo o que já vimos até agora. O que penso é que o grito no meio da noite dará início ao próximo e final grande mover de Deus na Terra. Eu creio que esse grito no meio da noite seja um mover do Espírito Santo — chame-o de Isaque —* antes da *segunda vinda de Cristo.

Apêndice*

FOGO

–

E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles.

— ATOS 2.3

É como se um fogo ardesse em meu coração, um fogo dentro de mim. Estou exausto tentando contê-lo; já não posso mais!

— JEREMIAS 20.9

Recebemos a ordem para fazermos nossas luzes brilharem, e se elas o fizerem, não precisamos contar a ninguém. Faróis não disparam canhões para chamar atenção para a sua luz; eles apenas iluminam.

— D. L. MOODY (1837-1899)

Há, basicamente, quatro tipos de fogo na Bíblia: fogo natural, fogo sobrenatural, fogo estranho e o fogo simbólico, poético. A palavra *fogo* aparece 520 vezes na Bíblia. Todos os fogos mencionados na Bíblia, exceto o fogo estranho, ou não autorizado, são fogos santos. Inclusive o fogo natural usado nos sacrifícios (holocaustos) era para honrar a Deus.

O profeta Elias foi levado até o topo de um monte na presença do Senhor, porque o Senhor estava prestes a passar por ali. Então, veio um vento fortíssimo e poderoso que abriu as montanhas e esmigalhou as rochas, "mas o Senhor não estava no vento. Depois do vento houve um terremoto, mas o Senhor não estava no terremoto. Depois do terremoto houve um **fogo**, mas o Senhor não estava no **fogo**" (I Rs 19.11–12).

Parece bastante surpreendente o fato de o Senhor não estar no fogo. Afinal, o fogo era a maneira mais comum pela qual Deus Se manifestava nos tempos antigos, até aqueles dias, inclusive com Elias. Deus nunca havia se manifestado através de um terremoto até então. Ele, no entanto, já havia usado o vento para trazer julgamento e mostrar o Seu poder — três vezes (Êx 10.13; 14.21; Nm 11.31). Ele já havia usado o fogo diversas vezes. Seria, portanto, de se esperar que Ele aparecesse novamente através do fogo. Mas, em vez disso, Deus Se manifestou através de uma "brisa suave" (I Rs 19.12). Isso demonstra que Deus é previsivelmente imprevisível. Quando alguém pensa que sabemos exatamente como Ele Se manifestará, descobrimos o quanto estávamos enganados.

A primeira vez em que a palavra *fogo* aparece na Bíblia é em Gênesis 19.24. É um fogo sobrenatural e Deus o usou para punir

Sodoma e Gomorra pela sua decadência: “Então o Senhor, o próprio Senhor, fez chover do céu **fogo** e enxofre sobre Sodoma e Gomorra” (Gn 19.24). A última vez que a palavra *fogo* aparece nas Escrituras, também se trata de fogo sobrenatural e, também, refere-se à punição. “Mas os covardes, os incrédulos, os depravados, os assassinos, os que cometem imoralidade sexual, os que praticam feitiçaria, os idólatras e todos os mentirosos — o lugar deles será no lago de **fogo** que arde com enxofre. Esta é a segunda morte” (Ap 21.8).

A primeira referência ao fogo natural na Bíblia é quando Abraão estava preparado para oferecer Isaque como sacrifício. “Abraão pegou a lenha para o holocausto e a colocou nos ombros de seu filho Isaque, e ele mesmo levou as brasas para o **fogo**, e a faca” (Gn 22.6). Esse fogo não tinha nada de sobrenatural. Era fogo natural, antecipando também o fogo que seria usado no sistema mosaico de sacrifícios, cerca de quatrocentos anos depois. No entanto, não é tão fácil de saber a última vez em que aparece o fogo natural no Novo Testamento. Depende, em parte, da interpretação de cada lugar que aparece no livro de Apocalipse. A grande prostituta, por exemplo, é queimada com fogo natural, ou fogo sobrenatural: “e o **fogo** a consumirá, pois poderoso é o Senhor Deus que a julga” (Ap 18.8)?

Há múltiplos usos do fogo natural. Os usos básicos são óbvios. O fogo consome. Ele provê calor e luz. O calor também purifica, queimando as impurezas; ele pode, até mesmo, testar a autenticidade da prata ou do ouro. Paulo disse que, no último dia, o **fogo** sobrenatural provará a qualidade da obra de cada um (I Co

3.11–15). Deus usa o fogo sobrenatural para demonstrar a Sua justiça e vingança.

PURIFICAÇÃO E FOGO NATURAL

Por que Abraão levou fogo com ele quando estava se preparando para sacrificar Isaque? Foi porque Deus disse a Abraão que oferecesse o seu filho como holocausto (Gn 22.2). A intenção de Abraão era realmente sacrificar seu filho e, em seguida, oferecê-lo como holocausto. Mais tarde, sob o sistema de sacrifícios, um animal era sacrificado e o seu sangue era utilizado para expiação. Mas, por que era necessário o *fogo* depois que o sacerdócio levítico foi instituído? Era, em parte, para garantir que não havia sobrado nem um pouco de sangue no caso em que os sacrifícios fossem comidos. Porém, às vezes, eles eram completamente consumidos e simplesmente entregues a Deus.

O fogo natural, com referência a todos os sacrifícios, era sempre para a purificação. Ele queimava tudo o que era desnecessário. Em poucas palavras: o fogo era necessário, quer o sacrifício fosse servir de alimento, quer ele fosse para ser oferecido totalmente ao Senhor. Na noite de Páscoa, Moisés ordenou que todas as pessoas tomassem um cordeiro sem defeito e passassem um pouco do seu sangue nas laterais e nas vigas superiores das portas das casas onde fossem comer o animal. Eles deveriam comê-lo assado no fogo naquela mesma noite. Se até o amanhecer sobrasse um pouco da carne, ela deveria ser queimada (Êx 12.8–10). Deus, então,

enviou o anjo da morte que mataria todos os primogênitos para trazer juízo sobre todos os deuses do Egito. Então, veio uma das palavras mais importantes e memoráveis de todas as Sagradas Escrituras: "O sangue será um sinal para indicar as casas em que vocês estiverem; *quando eu vir o sangue, passarei adiante*" (Êx 12.13 — destaque acrescentado).

O FOGO E A VINGANÇA DO SENHOR

Quando Arão, nesciamente, guiou os filhos de Israel a construírem um bezerro de ouro, Moisés ordenou queimá-lo. Moisés ficou muito indignado quando desceu da montanha e descobriu o que eles haviam feito. "Pegou o bezerro que eles tinham feito e o destruiu no **fogo**; depois de moê-lo até virar pó, espalhou-o na água e fez com que os israelitas a bebessem" (Êx 32.20).

Deus ordenou ao povo de Israel, quando eles entraram em Canaã, dizendo: "e derrubareis os seus altares, quebrareis as suas colunas, queimareis a **fogo** os seus aserins, abatereis as **imagens** esculpidas dos seus deuses e apagareis o seu nome daquele lugar" (Dt 12.3 SBB). Esse mandamento foi honrado gerações depois quando o rei Josias ordenou que o sacerdote Hilquias retirasse do Templo todos os utensílios feitos para Baal e Aserá. "Ele os queimou fora de Jerusalém, nos campos do vale de Cedrom" (2 Rs 23.4).

Três hebreus, chamados Sadraque, Mesaque e Abede-Nego — desafiaram o decreto do rei Nabucodonosor quando se recusaram

a se prostrar e adorar a imagem que ele mandou erguer (Dn 3.16–18). Eles foram jogados na fornalha aquecida sete vezes mais do que de costume. Os três homens foram jogados na fornalha em chamas que eram tão quentes que mataram até os soldados que os jogaram nela. Apesar dos três terem sido "amarrados de pés e mãos", eles foram vistos *andando* pelo fogo "desamarrados e ilesos" com um quarto homem que havia se juntado a eles. Foi um fogo natural; somente a corda que os amarava se queimou (Daniel 3.25). O fogo serviu para vindicar os três hebreus.

O PODER E A PRESENÇA DE DEUS NO FOGO SOBRENATURAL

O fogo sobrenatural era uma manifestação visível do poder de Deus. Quer fosse no monte Carmelo, no monte Sinai, ou quando as línguas de fogo apareceram sobre os discípulos no dia de Pentecostes, mostrou a presença manifesta de Deus e o Seu poder. O fogo sobrenatural sempre produziu reverência nos corações das pessoas, onde quer que ele se manifestasse. Ele revelava a glória de Deus. Era, também, a clara indicação de que era o próprio Deus — e não um espírito falso — que estava operando. O fogo sobrenatural demonstrava, de igual modo, que Deus estava defendendo o Seu povo, enviando um sinal convincente de que algo muito importante estava para acontecer. No entanto, o fogo sobrenatural também, muitas vezes, indicava a ira de Deus, mostrando o Seu castigo para o pecado, fosse no Sinai ou na retribuição do fogo estranho. Deus não desperdiça as aparições do

fogo sobrenatural. Quando se manifesta, o fogo sobrenatural, não é por pequenas coisas.

Anjos

"(...) que fazes dos ventos teus mensageiros, dum **fogo** abrasador os teus ministros" (Sl 104.4 SBB). Essa passagem é citada em Hebreus 1.7. Deus usa os anjos para criar fogo sobrenatural. Os anjos são a explicação para os exemplos de fogo sobrenatural mostrados a seguir:

A sarça ardente

Um dia, quando Moisés estava pastoreando o rebanho, apareceu para ele um anjo do Senhor em chamas de fogo que saía do meio de uma sarça. Esse não era um fogo natural; era sobrenatural. Moisés percebeu que, embora estivesse em chamas, a sarça não era consumida pelo fogo (Êx 3.2). Deus ordenou que ele tirasse as sandálias, pois estava em terra santa (v.5).

As pragas do Egito

Outra ocasião em que o poder sobrenatural foi usado: durante as pragas que Deus enviou ao Egito quando Faraó endureceu o coração.

> E Moisés estendeu a sua vara para o céu, e o Senhor enviou trovões e saraiva, e **fogo** desceu à terra; e o Senhor fez chover saraiva sobre a terra do Egito. Havia, pois, saraiva misturada com

fogo, saraiva tão grave qual nunca houvera em toda a terra do Egito, desde que veio a ser uma nação.

— Êxodo 9.23—24 SBB

A coluna de fogo

Naquele momento, apareceu o que seria uma das manifestações mais maravilhosas, apaixonantes, gloriosas e reconfortantes da glória de Deus no Antigo Testamento. Enquanto os filhos de Israel se preparavam para atravessar o Mar Vermelho em terra seca — com os egípcios os perseguindo — "Durante o dia o Senhor ia adiante deles, numa coluna de nuvem, para guiá-los no caminho; e de noite, numa *coluna de* ***fogo****, para iluminá-los*, e assim podiam caminhar de dia e de noite. A coluna de nuvem não se afastava do povo de dia, nem a coluna de **fogo**, de noite" (Êx 13.21–22, ênfase acrescentada). Esse fogo sobrenatural deu a Israel, tanto uma direção infalível, quanto uma proteção total do inimigo. Quando eles atravessaram o Mar Vermelho, durante a última vigília da noite, "De madrugada, o Senhor olhou da coluna de **fogo** e de nuvem para o exército dos egípcios e causou uma grande confusão entre eles" (Êx 14.24– NBV). Esse fenômeno se tornou o testemunho padrão pelos próximos quarenta anos em que Deus esteve ao lado de Israel.

Coisas gloriosas são faladas a seu respeito,
Sião, cidade do nosso Deus!
Ele, cuja palavra não pode ser quebrada,
Lhe formou para a Sua própria habitação...

Pairando sobre cada morada,
Veja a nuvem e o fogo aparecer!

Para glória e proteção,
Mostrando que o Senhor tem poder...[1]

— John Newton (1725–1817)

Monte Sinai

Moisés preparou os israelitas a fim de que estivessem prontos para ver Deus aparecer. Eles tinham que se consagrar, porque o Senhor prometeu dizendo "e fiquem prontos no terceiro dia, porque no terceiro dia o Senhor descerá sobre o monte Sinai, a vista de todo o povo" (Êx 19.11). Eles também foram advertidos a não subir o monte nem no pé do monte. Houve trovões e raios, uma densa nuvem cobriu o monte e uma trombeta ressoou fortemente. Todos tremeram de medo. O povo que estava no pé do monte, que estava coberto de fumaça "Saía fumaça do monte Sinai, porque o Senhor tinha descido sobre ele no meio de labaredas de **fogo**. Subia fumaça como de uma fornalha" (Ex 19.18). Moisés, mais tarde, recordou ao povo que o "monte ardia em chamas, que subiam até o céu" e que os Dez Mandamentos haviam sido entregues a eles "do meio do **fogo**" (Dt 4.11–13; 33;35). Isso produziu um grande temor de Deus. O povo "tinha medo do fogo" (Dt 5.5). "Este grande **fogo** por certo nos consumirá. Se continuarmos a ouvir a voz do Senhor, o nosso Deus, morreremos. Pois, que homem mortal chegou a ouvir a voz do Deus vivo falando de dentro do **fogo**, como nós o ouvimos, e sobreviveu?" (Dt. 5.25–26). A maior consequência foi que o povo disse: "Nós ouviremos e obedeceremos" — uma promessa de fazer tudo o que Deus disse (v.27). O autor da epístola aos Hebreus se referiu a esse acontecimento, porém observando que os cristãos hoje não subiram a um "monte que estava em chamas"

(Hb12.18). Ainda assim, Ele os admoestou a adorar a Deus com "reverência e temor" (v.28). Pois, como Moisés já havia dito no princípio, "Deus é **fogo** consumidor" (Dt 4.24; Hb 12.29).

Fogo sobrenatural que consumiu Nadabe e Abiú

Esses dois homens haviam oferecido um fogo estranho ou não autorizado ao Senhor, contrário ao Seu mandamento. "Então, saiu **fogo** da presença do Senhor e os consumiu. Morreram perante o Senhor" (Lv 10.2).

Quando o povo reclamou

Os israelitas reclamaram do Senhor pelas suas duras privações. "Aconteceu que o povo começou a queixar-se das suas dificuldades aos ouvidos do Senhor. Quando ele os ouviu, a sua ira acendeu-se e **fogo** da parte do Senhor queimou entre eles e consumiu algumas extremidades do acampamento. Então, o povo clamou a Moisés, este orou ao Senhor, e o **fogo** extinguiu-se. Por isso aquele lugar foi chamado Taberá, porque o **fogo** da parte do Senhor queimou entre eles" (Nm 11.1–3). Pouco depois do evento mencionado anteriormente, da rebelião de Coré e seus seguidores, contra a liderança de Moisés, este foi vingado quando: "veio **fogo** da parte do Senhor e consumiu os duzentos e cinquenta homens que ofereciam incenso" (Nm 16.35). Esses acontecimentos são uma triste lembrança do muito que Deus abomina, detesta as murmurações, reclamações, queixas contra Ele. Paulo advertiu: "E não murmureis" (1 Co 10.10— SBB).

Um sinal para Gideão

Um anjo do Senhor apareceu a Gideão. Quando Gideão estava preparando uma refeição, "**fogo** subiu da rocha, consumindo a carne e os pães. E o anjo do Senhor desapareceu de seus olhos" (Jz 6.21). Esse sinal indicava que Gideão havia sido escolhido para guiar Israel em um momento crítico.

Um sinal para o rei Davi

Quando Davi comprou a terra na qual se encontrava a eira de Ornã/Araúna, o jebuseu (I Cr 21.18), ele edificou um altar ao Senhor. Ali sacrificou os holocaustos e os sacrifícios de comunhão. Ele invocou o Senhor. O Senhor lhe respondeu "com **fogo** que veio do céu sobre o altar de holocaustos" (I Cr 21.26). Esse foi um sinal de que o pecado de Davi, de recensear o povo, havia sido perdoado.

Um selo no templo de Salomão

A construção de um templo para o Senhor havia sido ideia de Davi. Mas ele não recebeu permissão para construí-lo. Esse privilégio e responsabilidade recaíram sobre Salomão. A sua oração de dedicação é uma das grandes orações das Escrituras (Veja II Crônicas 6.12–42). Quando o rei Salomão terminou de orar, "desceu **fogo** do céu e consumiu o holocausto e os sacrifícios, e a glória do Senhor encheu o templo" (II Cr 7.1). O fogo foi um selo da aprovação de Deus para o templo. Os sacerdotes não puderam entrar no templo porque a glória do Senhor o encheu. "Quando todos os israelitas viram o **fogo** descendo e a glória do

Senhor sobre o templo, ajoelharam-se no pavimento, chegando o rosto ao chão, adoraram e deram graças ao Senhor, dizendo: “Ele é bom; o seu amor dura para sempre” (II Cr 7. 1–3).

Elias e o fogo sobrenatural

Nós vimos, no início deste capítulo, que, quando o Senhor prometeu mostrar-Se a Elias no monte, “... houve um **fogo**, mas o Senhor não estava nele” (I Reis 19.12). Ele não estava no fogo (1Rs 19.12). Às vezes, Deus Se repete; outras vezes, não. De qualquer forma, o melhor momento de Elias foi quando ele confrontou os profetas de Baal e fez uma proposta: o Deus que respondesse com fogo seria o Deus verdadeiro. Os falsos profetas concordaram. Eles não puderam fazer descer fogo mediante os tolos rituais e gritos. Quando se renderam, Elias orou. Assim que ele começou a orar, “o **fogo** do Senhor caiu e queimou completamente o holocausto, a lenha, as pedras e o chão, e também secou totalmente a água na valeta. Quando o povo viu isso, todos caíram prostrados e gritaram: ‘O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!’ ” (1 Rs 18. 38–39).

Em outra ocasião, Elias fez uma proposta parecida, dessa vez com um capitão: que se Elias fosse verdadeiramente um homem de Deus, o **fogo** desceria do céu e a consumiria e também seus cinquenta soldados! No mesmo instante, desceu fogo do céu e consumiu o oficial e seus soldados (II Reis 1. 10–15). Isso ocorreu uma segunda vez. Mas quando poderia ter acontecido uma terceira vez, um capitão se prostrou de joelhos diante de Elias e

rogou que isso não acontecesse e não mais voltou a cair fogo do céu (versos 13–14).

Finalmente, quando chegou o dia em que Elias seria levado, Eliseu (sucessor escolhido de Elias) implorou por uma "porção dupla" do espírito de Elias. Este concordou, sob a condição de que Eliseu o visse quando ele fosse tomado. Enquanto iam caminhando e conversando, "apareceu um carro de **fogo**, puxado por cavalos de fogo, que os separou, e Elias foi levado aos céus num redemoinho" (II Rs 2.11).

Fogo sobrenatural como proteção

Eliseu orou para que o seu servo visse que não havia nada que temer. O seu servo estava com medo do rei da Síria, inimigo de Israel. "O profeta respondeu: 'Não tenha medo. Aqueles que estão conosco são mais numerosos do que eles' E Eliseu orou: 'Senhor, abre os olhos dele para que veja'. Então o Senhor abriu os olhos do rapaz, que olhou e viu as colinas cheias de cavalos e carros de **fogo** ao redor de Eliseu" (II Rs 6.16–17).

Um anjo disse ao profeta Zacarias que Jerusalém seria uma "cidade sem muros", devido ao grande número de habitantes e rebanhos que havia nela. "Eu mesmo serei para ela um muro de **fogo** ao seu redor', declara o Senhor, 'e dentro dela serei a sua glória'" (Zc 2.4–5). Eu sempre tomo essas expressões quando oro por proteção para a minha família ou pelos que sinto que necessitam especialmente deste tipo de apoio.

O fogo do Espírito Santo

João, o Batista, disse que Jesus batizaria com o Espírito Santo e "com fogo". "Ele traz a pá em sua mão e limpará sua eira, juntando seu trigo no celeiro, mas queimará a palha com **fogo** que nunca se apaga" (Mt 3.11–12; veja também Lc 3.16–17). Quando o Espírito Santo desceu, no Dia de Pentecostes, eles "viram o que parecia línguas de **fogo**, que se separaram e pousaram sobre cada um deles" (At 2.3). Pedro citou Joel para explicar o que estava ocorrendo, acrescentando: "Mostrarei maravilhas em cima no céu e sinais em baixo, na terra, sangue, **fogo** e nuvens de fumaça" (Jl 2.30; At 2.19).

Fogo sobrenatural na Segunda Vinda de Jesus e no Juízo final

Assim como Isaías profetizou a morte do Messias de Deus (Is 53), ele também previu a Segunda Vinda do nosso Senhor. "Vejam! O Senhor vem num **fogo**, e os seus carros são como um turbilhão! Transformará em fúria a sua ira e em labaredas de **fogo**, a sua repreensão. Pois com **fogo** e com a espada o Senhor executará julgamento sobre todos os homens, e muitos serão os mortos pelo Senhor" (Is 66.15–16). Como disse Paulo, o Senhor Jesus será "revelado dos céus, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder em chama de **fogo**, e tomar vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus; os quais sofrerão, como castigo, a perdição eterna, banidos da face do senhor e da glória do seu poder, quando naquele dia ele vier para ser glorificado nos seus santos e para ser admirado em todos os que

tiverem crido (porquanto o nosso testemunho foi crido entre vós)" (II Ts 1.7–10 SBB).

Como observamos nessa passagem, Paulo disse que o Dia do Julgamento mostrará se um cristão receberá uma recompensa naquele dia, — "sua obra será mostrada, porque o Dia a trará à luz; pois será revelada pelo **fogo**, que provará a qualidade da obra de cada um. Se o que alguém construiu permanecer, esse receberá recompensa. Se o que alguém construiu se queimar, esse sofrerá prejuízo; contudo, será salvo como alguém que escapa através do **fogo**" (I Co 3.13–15 NVI).

Pedro disse que "os céus e a terra atuais "estão reservados para o **fogo**, guardados para o dia do juízo e para a destruição dos ímpios" (II Pe 3.7). Ele acrescentou também que no dia de Deus "os céus serão desfeitos pelo **fogo**, e os elementos se derreterão pelo calor" (v.12). Algumas pessoas acreditam que Pedro estava falando de uma guerra nuclear; se for verdade, ele não está falando de fogo sobrenatural.

O fogo do inferno

"... E qualquer que disser: 'Louco!' corre o risco de ir para o **fogo** do inferno." (Mt 5.22). "... É melhor entrar na vida mutilado ou aleijado do que, tendo as duas mãos ou os dois pés, ser lançado no fogo eterno. E se o seu olho o fizer tropeçar, arranque-o e jogue-o fora. É melhor entrar na vida com um só olho do que, tendo os dois olhos, ser lançado no **fogo** do inferno" (Mt 18.8–9). "No Hades (inferno), onde estava sendo atormentado, ele olhou para cima e viu Abraão de longe, com Lázaro ao seu lado. Então,

chamou-o: 'Pai Abraão, tem misericórdia de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo na água e refresque a minha língua, porque estou sofrendo muito neste **fogo**'" (Lc 16.23–24). "... A língua é um **fogo**; é um mundo de iniquidade. Colocada entre os membros do nosso corpo, contamina a pessoa por inteiro, incendeia todo o curso de sua vida, sendo ela mesma incendiada pelo inferno" (Tg 3.6).

O livro de Apocalipse

Nem sempre é fácil saber o que é simbólico e o que é sobrenatural neste livro. O fogo que está conectado ao castigo parece ser sobrenatural. "... E será atormentado com **fogo** e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre ..." (Ap 14.10,11— Revista e Corrigida SBB). "... Os dois foram lançados vivos no lago de **fogo** que arde com enxofre" (Ap 19.20). "O diabo, que as enganava, foi lançado no lago de **fogo** que arde com enxofre, onde já haviam sido lançados a besta e o falso profeta. Eles serão atormentados dia e noite, para todo o sempre" (Ap 20.10). "Então a morte e o Hades (inferno— SBB) foram lançados no lago de **fogo**. O lago de f**o**go é a segunda morte. Se o nome de alguém não foi encontrado no livro da vida, este foi lançado no lago de fogo" (Ap. 20.14–15). Perto do início deste capítulo, nós vimos que "os covardes, os incrédulos... o lugar deles será no lago de **fogo** que arde com enxofre. Esta é a segunda morte" (Ap 21.8).

O cântico de Moisés

Porque um **fogo** se acendeu na minha ira, e arderá até ao mais profundo do inferno, e consumirá a terra com a sua novidade, e abrasará os fundamentos dos montes.

— Deuteronômio 32.22 (SBB)

Os Salmos

Sobre os ímpios ele fará chover laços, **fogo**, enxofre e vento tempestuoso; eis a porção do seu copo.

— Salmo 11.6— SBB

Das suas narinas subiu fumaça; da sua boca saíram brasas vivas e **fogo** consumidor.

— Salmo 18.8— NVI

No dia em que te manifestares farás deles uma fornalha ardente. Na sua ira, o Senhor os devorará, um **fogo** os consumirá.

— Salmo 21.9— NVI

A voz do Senhor separa as labaredas do **fogo**.

— Salmo 29.7— SBB

A voz do Senhor corta os céus com raios flamejantes.

— Salmo 29.7— NVI

Nosso Deus vem! Certamente não ficará calado! À sua frente vai um **fogo** devorador, e, ao seu redor, uma violenta tempestade.

— Salmo 50.3 — NVI

Fogo vai adiante dele e devora os adversários ao redor.

— Salmo 97.3— NVI

Isaías

Quando você atravessar as águas, eu estarei com você; e, quando você atravessar os rios, eles não o encobrirão. Quando você andar através do **fogo**, você não se queimará; as chamas não o deixarão em brasas.

— Isaías 43.2— NVI

Jeremias

É como se um fogo ardesse em meu coração, um **fogo** dentro de mim. Estou exausto tentando contê-lo; já não posso mais!

— Jeremias 20.9— NVI

Ezequiel

O profeta Ezequiel menciona o **fogo** mais de cinquenta vezes, em muitas delas dá a impressão de serem visões simbólicas. Eis um típico exemplo: “Olhei e vi uma tempestade que vinha do norte: uma nuvem imensa, com relâmpagos e faíscas, e cercada por uma luz brilhante. O centro do **fogo** parecia metal reluzente, e no meio do **fogo** havia quatro vultos que pareciam seres viventes”.

— Ezequiel 1.4,5 — NVI

Daniel

Enquanto eu olhava, tronos foram postos no lugar, e um ancião se assentou. Sua veste era branca como a neve; o cabelo era branco como a lã. Seu trono ardia em **fogo**, e as rodas do trono estavam todas incandescentes.

— Daniel 7.9 — NVI

O seu corpo era como o berilo, e o seu rosto como um relâmpago; os seus olhos eram como tochas de **fogo**, e os seus braços e os seus pés como o brilho de bronze polido; e a voz das suas palavras como a voz duma multidão.

— Daniel 10.6 — SBB— Revista e Corrigida

A profecia concernente João o Batista

Eu enviarei o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim. E então, de repente, o Senhor que vocês buscam virá para o seu templo; o mensageiro da aliança, aquele que vocês desejam, virá, diz o Senhor dos Exércitos. Mas quem suportará o dia da sua vinda? Quem ficará de pé quando ele aparecer? Porque ele será como o **fogo** do ourives e como o sabão do lavandeiro.

— Malaquias 3.1,2 — NVI

O apóstolo Paulo

Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de **fogo** sobre a sua cabeça.

— Romanos 12.20 (Veja, também, Prov. 25.21–23 — SBB) — Revista e Corrigida

Jesus descrito no livro de Apocalipse

Sua cabeça e seus cabelos eram brancos como a lã, tão brancos quanto a neve, e seus olhos eram como chama de **fogo**. Seus pés eram como o bronze numa fornalha ardente e sua voz como o som de muitas águas.

— Apocalipse 1.14,15 - NVI

Vi o céu aberto e diante de mim um cavalo branco, cujo cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro. Ele julga e guerreia com justiça. Seus olhos são como chamas de **fogo**, e em sua cabeça há muitas coroas e um nome que só ele conhece, e ninguém mais.

— Apocalipse 19.11,12 - NVI

Fogo no livro de Apocalipse

Dou-lhe este aconselho: Compre de mim ouro refinado no **fogo**.

— Apocalipse 3.18

Então o anjo pegou o incensário, encheu-o com **fogo** do altar e lançou-o sobre a terra; e houve trovões, vozes, relâmpagos e um terremoto.

— Apocalipse 8.5

Os cavalos e os cavaleiros que vi em minha visão tinham este aspecto: as suas couraças eram vermelhas como o **fogo**, azul-escuras, e amarelas como o enxofre. A cabeça dos cavalos parecia

a cabeça de um leão, e da boca lançavam fogo, fumaça e enxofre. Um terço da humanidade foi morto pelas três pragas de **fogo**, fumaça e enxofre que saíam das suas bocas.

— Apocalipse 9.17—18

Então vi outro anjo poderoso, que descia do céu... suas pernas eram como colunas de **fogo**.

— Apocalipse 10.1

Se alguém quiser lhes causar dano, da boca deles sairá **fogo** que devorará os seus inimigos.

— Apocalipse 11.5

E realizava grandes sinais, chegando a fazer descer **fogo** do céu à terra, à vista dos homens.

— Apocalipse 13.13

E ainda outro anjo, que tem autoridade sobre o **fogo**, saiu do altar.

— Apocalipse 14.18

Vi algo semelhante a um mar de vidro misturado com **fogo**.

— Apocalipse 15.2

O quarto anjo derramou a sua taça no sol, e foi dado poder ao sol para queimar os homens com **fogo**.

— Apocalipse 16.8

Eles a levarão à ruína e a deixarão nua, comerão a sua carne e a destruirão com **fogo**.

— Apocalipse 17.1

Portanto, as tristezas da morte, do pranto e da fome a alcançarão num único dia, e ela será completamente devorada pelo **fogo**; porque o Senhor Deus que a julga é poderoso.

— Apocalipse 18.8

O temor do Senhor

O propósito que está por trás do uso do fogo era inculcar um temor interno do Senhor quando se tratava da adoração a Deus. Sempre que o fogo natural era utilizado, havia um temor santo ao Senhor. Quando ele pareceu diminuir — como no caso da oferta do fogo não autorizado, o fogo estranho, Deus intervinha para avivar o temor de Deus para com as coisas santas (Lv 10.3-20). Um dos resultados imediatos do pecado de Nadabe e Abiú ao oferecer fogo estranho diante do Senhor, é que foi ordenado a Moisés, *ensinar* o temor do Senhor a todo o restante do povo de Israel.

O fogo sobrenatural seja — para mostrar a vingança de Deus ou simplesmente o Seu poder — quase sempre produzia esse temor, sem ter sido necessário ensiná-lo. No entanto, o escritor de Hebreus lembrou ao povo de que **o próprio Deus é um fogo consumidor**, os alertando a nunca se esquecerem disso. Não deviam nunca, jamais se esquecer de se aproximar de Deus a não ser com reverência e temor.

Devemos *orar* para que o fogo de Deus caia sobre nós hoje. Porém, devemos igualmente ser fiéis em *ensinar* que o temor de Deus seja instilado em nós hoje.

Em minha opinião, a maior ausência/carência da igreja nos dias de hoje é o temor de Deus.

* Neste apêndice, os editores em português, colocaram a palavra FOGO em negrito todas as vezes que a mesma está no texto bíblico transcrito.

NOTAS

–

Da *Apresentação* do **Dr. Jack Hayford**

1. "Para entender o significado desse fenômeno, é importante saber que Dr. R. T. Kendall abraça a tradição doutrinária e posições da Teologia Reformada. Muito embora ridicularizado por alguns colegas de seu círculo, devido à sua abertura e comprometimento com o ensinar, pregar e ministrar a verdade conforme a experiência e o estilo de vida dos líderes e crentes no Novo Testamento — em Atos e nas Cartas —, ele se posiciona com firmeza no testemunho Carismático/Pentecostal. Assim como muitos outros da tradição teológica reformada (bem como de outros setores da Igreja ao redor do mundo), ele chegou a um nível de entendimento que reconhece e assume a verdade de que "Jesus Cristo é o mesmo, ontem, hoje e para sempre" (Hb 13.8) significa, verdadeiramente, *agora*.

2. "Eu quero recomendar insistentemente que o *Fogo Santo* seja lido, estudado, e utilizado por nós que lideramos; que consideremos o livro como um testemunho gentilmente escrito e

comunicado amorosamente como provisão para nossos colegas que servem na liderança. Muitos que têm sido influenciados a afastarem-se da busca pela verdade de Jesus como nosso "batizador com o Espírito Santo" podem ser ajudados a renovar suas convicções e zelo. Outros que têm sido intimidados ou mal informados (ou até mesmo ofendidos pela arrogância ou negligência bíblica de carismáticos fariseus), estão cada vez mais "famintos e sedentos de justiça". Eles estão buscando nos poços fundos do poço onde os ***rios de água viva*** fluem com o Espírito Santo – fonte de pureza e poder. Este momento da História da Redenção, no qual estamos todos agora imersos, é um tempo que está despertando um número cada vez maior de companheiros, servos de Cristo, para a nossa necessidade desesperadora pelo poder do Novo Testamento.

Essa realidade está esquadrinhando as raízes do medo e do orgulho e começando a desarraigar a vaidade nascida das concepções incompletas e da teologia preconceituosa concernentes ao poder e ministério do Espírito Santo *na Igreja e através dela*. Minha experiência é que um crescente mover do Espírito está novamente começando a remexer aqueles que agem com seriedade suficiente para superar o medo, o fatalismo e a passividade. Uma nova vanguarda de jovens líderes está agora começando a viver e liderar à luz desse fato atemporal: as obras incessantes de poder, amor e ministério de Jesus, o qual é imutável para e através de Seu Povo hoje (cf 1 Pe 2.5, 9, 10), estão disponíveis quando e onde o Espírito Santo é bem-vindo e irrestrito na vida dos crentes, na adoração e no ministério de Congregações"!

3. “É crucial observar como em qualquer setor da Igreja, algumas vezes, líderes impiedosos e totalmente indignos, levantam-se e ganham seguidores. Desde pastores locais a notáveis ministros de mídia, podemos encontrar vergonhosas violações da Palavra, e personalidades sendo enaltecidas como “ungidas”, que ignoram os padrões bíblicos relacionados à moralidade, responsabilidade financeira e integridade bíblica. Temas da cultura popular que comprometem a *totalidade da verdade* da Palavra de Deus nas matérias relativas à degradação humana, finanças, estilo de vida e atitudes desonestas são frequentemente desfilados em nome do ‘*carismático’*. Este comportamento é um trágico desvio do significado de uma palavra cuja raiz (*charismata*), na Bíblia, tanto tem a nos dizer positivamente. Também é uma vergonhosa rejeição do estilo de vida carismático modelado pelos próprios ministérios dos apóstolos do primeiro século, cujo estilo de vida em nada comprometia a verdade, tendo o caráter, a conduta, o comportamento e moralidade destituídos de qualquer sentimento de servir-se a si mesmo.

Que seja conhecido e afirmado aqui: tais líderes biblicamente incoerentes, sejam homens ou mulheres, que violem a Palavra de Deus – e qualquer que os seguem – não são e não devem ser (não importa quais ‘sinais os sigam’, afirmados por eles) vistos ou entendidos como uma definição válida do que é uma vida ou uma liderança carismática ou Pentecostal”.

“É angustiante para todos que buscam viver e caminhar em humildade e santidade como membros de uma comunidade de crentes cheios do Espírito, quando existem evidências de transigência doutrinária, eclesiástica, moral ou econômica em um

líder, e ao mesmo tempo, não poder confrontar tal liderança e nem submetê-la a alguma disciplina. Contudo, a verdade é que esse não é o caso dentre a vasta maioria daqueles pertencentes à Comunidade Pentecostal e Carismática. Em sua maior parte, denominações e redes não denominacionais estruturadas existentes hoje ministram correção e disciplina, assim como uma recuperação dirigida, que inclui programas de recuperação e restauração nos quais o arrependimento é mostrado pela pessoa que errou ou caiu".

"Os casos de violência e negligência mais flagrantes de disciplina ocorrem nas instâncias glamorosas em que muitos líderes independentes, autodirigidos, autogovernados, e autolegislados movem-se.

A ausência de estruturas que requerem prestação de contas a líderes companheiros bem como o 'nepotismo' de alguns que se juntam, mas também formam pequenos círculos de ministros igualmente errantes que se 'medem por seus próprios conceitos' (2 Co 10.12) e presunçosamente exercem uma tolerância e gentileza autoafirmativa que recusa as avaliações e confrontações são traços da mesma natureza daqueles que a Carta de Judas identifica como '*sonhadores'* que '*contaminam o próprio corpo, rejeitam as autoridades e difamam os seres celestiais*' e tendo ido, '*seguiram o caminho de Caim, buscando o lucro caíram no erro de Balaão, e foram destruídos na rebelião de Corá...para as quais estão reservadas para sempre as mais densas trevas*' (Judas 4-13 NVI)".

Além disso, é um exercício odioso de falta de amabilidade quando cargos destacados ou "táticas de votar contra", nos

mesmos moldes das instituições humanas, unem-se contra os carismáticos, como se todos fossem indiferentes com respeito à interpretação da Bíblia ou às imprudências morais. Até mesmo aqueles que diferem em sua teologia sabem perfeitamente bem que um tratamento tão genérico contra todos os carismáticos é uma violação de fatos – que uns poucos que agem incorretamente não caracterizam nem nos valores, nem o estilo de vida de muitos carismáticos que amam ao Senhor, honrando-O e vivendo para Cristo, o Senhor de ambos – tanto dos carismáticos quanto dos que creem diferente dos carismáticos. Que Deus extermine o incenso violador oriundo do "fogo estranho" oferecido pelas vozes de líderes nos altares de ambos os grupos; e que Seu "fogo santo" batize-nos a todos com um batismo fresco de Seu amor unificador, mesmo com nossas diferenças doutrinárias.

INTRODUCTION

1. C. S. Lewis, *The Lion, the Witch and the Wardrobe* (New York: HarperCollins Publishers, 2002).

CHAPTER ONE — DISCERNING THE TIMES

1. The details of the M'Cheyne Bible Reading Plan are available at: http:// www.esv.org/assets/pdfs/rp.one.year.tract.pdf.

2. William Cowper, *Poems,* vol. II (England: Manning & Lorring and E. Lincoln, 1802). Viewed online at Google Books.
3. Matthew D. Green, *Understanding the Fivefold Ministry* (Lake Mary, FL: Charisma House, 2005), 161.
4. "And Can It Be?" by Charles Wesley. Public domain.
5. "When I Survey the Wondrous Cross" by Isaac Watts. Public domain.
6. "God Moves in a Mysterious Way" by William Cowper. Public domain.
7. "How Sweet the Name of Jesus Sounds" by John Newton. Public domain.
8. "O for a Heart to Praise My God," by Charles Wesley. Public domain.

CHAPTER TWO — WHAT EVERY CHRISTIAN SHOULD KNOW ABOUT THE HOLY SPIRIT

1. D. James Kennedy, *Evangelism Explosion,* 4th edition (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1996).
2. "Glorify Thy Name" by Donna Adkins. Copyright © 1976, 1981 Maranatha! Music, CCCM Music (Maranatha! Music). Permission requested.
3. "Holy Spirit, Truth Divine" by Samuel Longfellow. Public domain.
4. "Holy Ghost, Dispel Our Sadness" by Paul Gerhardt. Public domain.

5. “Lord God, the Holy Ghost” by James Montgomery. Public domain.
6. “Spirit of God, Descend Upon My Heart” by George Croly. Public domain.
7. R. T. Kendall, *Why Jesus Died* (Oxford, England: Monarch Books, 2011).
8. “Oh, for a Thousand Tongues to Sing” by Charles Wesley. Public domain.

CHAPTER THREE — THE IMMEDIATE AND DIRECT TESTIMONY OF THE HOLY SPIRIT

1. This is a typical phrase used by Jack Taylor, with whom I preach often.
2. Oxford University’s Doctor of Philosophy degree.
3. John Calvin, Institutes of the Christian Religion, 1536 Edition trans. Ford Lewis Battles (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1995). Institutas ou Tratado da Religião Cristã (4 volumes) CEP – Casa Editora Presbiteriana, São Paulo, SP.
4. John Cotton, A Treatise of the Covenant of Grace . . . 1662 (Ann Arbor, MI: EEBO Editions, ProQuest, 2011).
5. As quoted in John Norton, Memoir of John Cotton (Boston: Perkins and Marvin, 1834).
6. D. Martyn Lloyd-Jones, God’s Ultimate Purpose: An Exposition of Ephesians 1 (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1978). O

Supremo Propósito de Deus – Exposição de Efésios 1.1-23 – PES: Publicações Evangélicas Selecionadas, São Paulo – SP (A obra completa são oito volumes).
7. Ibid., 271.
8. Ibid., 275.
9. Ibid., 267.
10. Ibid., 268.
11. Ibid., 269.
12. Ibid., 248–249.
13. Ibid., 269.
14. Ibid., 274.
15. Ibid., 271.

CHAPTER FOUR — THE OATH AND THE STIGMA

1. R. T. Kendall, *These Are the Days of Elijah* (Grand Rapids, MI: Chosen Books, 2013).

CHAPTER SIX — THE DOVE

1. R. T. Kendall, *The Sensitivity of the Spirit* (Lake Mary, FL: Charisma House, 2002).
2. "Sweet Hour of Prayer" by William Walford. Public domain.
3. R. T. Kendall, *God Gives Second Chances* (Lake Mary, FL: Charisma House, 2008).
4. R. T. Kendall, *Tithing* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1983).

Chapter Seven — My Personal Testimony

1. R. T. Kendall and David Rosen, *The Christian and the Pharisee* (New York: FaithWords, 2007).

Chapter Eight — Cessationism

1. Charles Carrin, On Whose Authority? (Boyton Beach, FL: Charles Carrin Ministries, n.d.). Copies available through Charles Carrin Ministries at: www.CharlesCarrinMinistries.com.
2. "A Mighty Fortress Is Our God" by Martin Luther. Public domain.
3. John Calvin, Institutes of Christian Religion (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, Inc., 2008), 958. Viewed online at Google Books. (As Institutas ou Tratado da Religião Cristã [4 volumes], CEP – Casa Editora Presbiteriana – São Paulo – SP).
4. Ibid.
5. These remarks from Colin Dye were included in a personal letter to the author.

Chapter Nine — The Consequences of Cessationism

1. This statement from Rolfe Barnard is from a sermon the author has heard many times.

2. As quoted in J. I. Packer, Evangelism and the Sovereignty of God (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2012), 37. Viewed online at Google Books.
3. R. T. Kendall, Just Love (Lake Mary, FL: Christian Focus, 1969).
4. Jack Deere, Surprised by the Power of the Spirit (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996). Surpreendido Pelo Poder do Espírito (CPAD –Rio de Janeiro, RJ).

CHAPTER TEN —THE BAPTISM WITH THE HOLY SPIRIT

1. Henry T. Blackaby and Melvin D. Blackaby, *Experiencing the Spirit* (Colorado Springs, CO: Multnomah Books, 2009).

CHAPTER ELEVEN — GIFTS OF THE SPIRIT

1. Brother Yun and Paul Hattaway, *The Heavenly Man* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2009). O HOMEM DO CÉU (Editora Betânia).
2. Wayne Grudem, The Gift of Prophecy in the New Testament and Today (Wheaton, IL: Crossway, 2000); Systematic Theology (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995). O Dom de Profecia do Novo Testamento e nos Dias Atuais –Editora Vida – São Paulo, SP; Teologia Sistemática (Editora Vida Nova – São Paulo, SP).

Chapter Twelve — The Ultimate Proof of the Holy Spirit

1. This quote is widely attributed to Mahatma Gandhi, but no direct source is available.
2. “Like a River Glorious” by Frances R. Havergal. Public domain.
3. R. T. Kendall, *God Meant It for Good* (St. Louis, MO: Morningstar Publishers, 2009).
4. R. T. Kendall, *Total Forgiveness* (Lake Mary, FL: Charisma House, 2007).

Chapter Thirteen — Isaac

1. Smith Wigglesworth gave this prophecy in 1947.
2. R. T. Kendall, *The Parables of Jesus* (Peabody, MA: Chosen Books, 2008).
3. Smith Wigglesworth gave this prophecy in 1947.

Appendix — Fire

1. “Glorious Things of Thee Are Spoken,” by John Newton. Public domain.

Este livro foi impresso em Agosto de 2015,
pela Sermograf para a Faz Chover Produções.
Composto nas tipologias Adobe Garamond Pro e Warnock Pro.
O papel do miolo é Offset 75 g/m2
e o da capa é Cartão Supremo 250 g/m2.